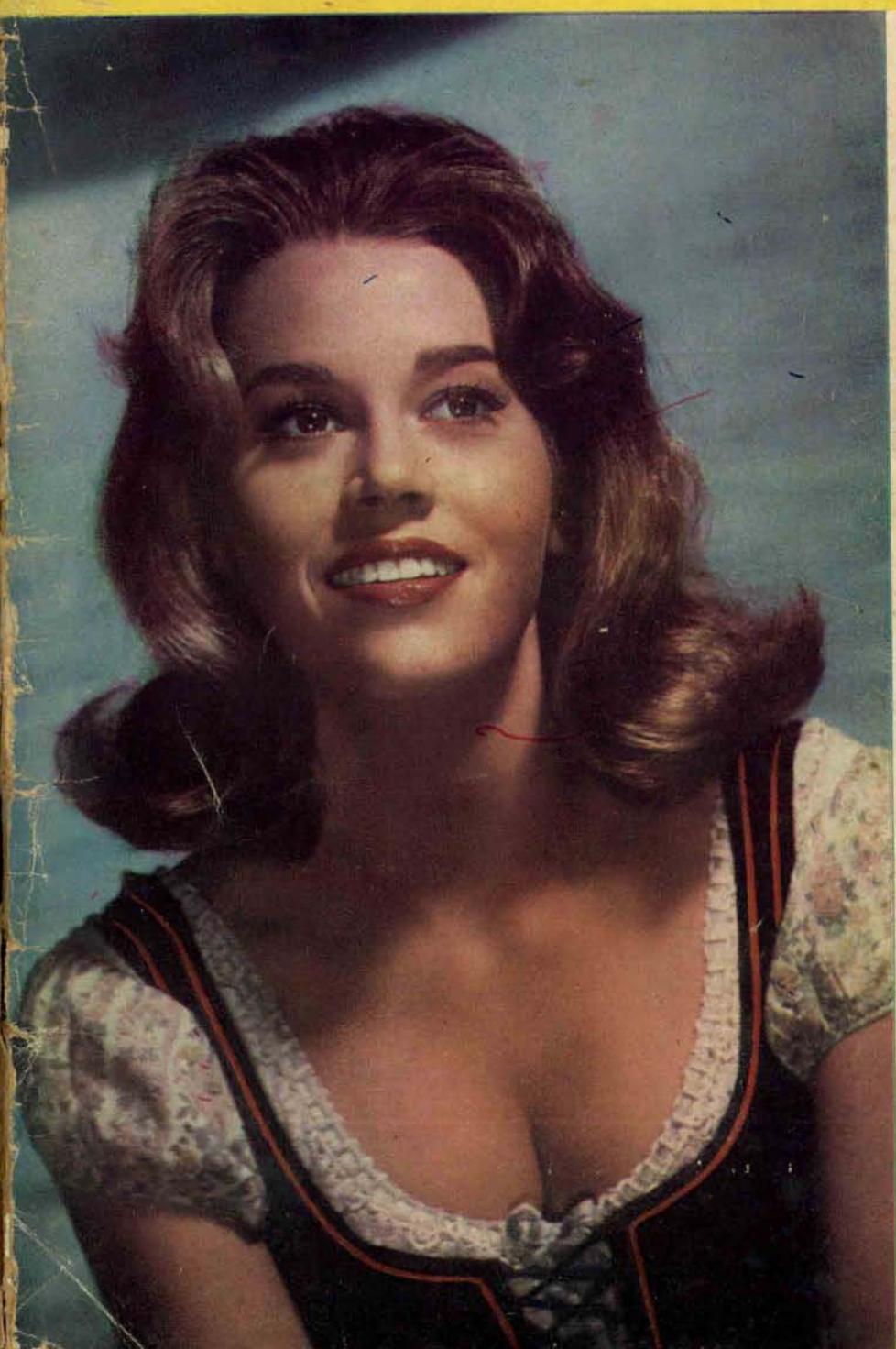


ALTEROSA

MAIO • 1960

Cr\$ 15,00



A VIDA
EM COMUNA
CHINESA

VIÓLEOS
versus
MOCINHOS

NEVERS:
SANTUÁRIO DE
BERNADETTE

WINGATE,
ESTRANHO
GUERREIRO
DAS SELVAS

De Paris:
Siluetas 1960



**NO TRICÔ
QUE EXIGE
BOM-GÔSTO**

NÃO DISPENSE A QUALIDADE DAS FAMOSAS

LÃS
SANTISTA
100% LÃ PURA



APCBH // C.16/X-51
1960 - 05

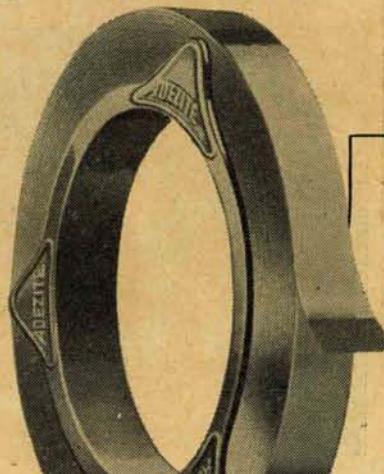
— para
fechamento
perfeito
das latas de
BISCOITOS
CARDOSO —
ADEZITE

ADEZITE S.A.

produtos adesivos

— fabricantes de fita transparente, fita crepe, fita gravada, colorida e isolante.

Rua Marconi, 107 - Tel.: 37-9505 - (P. B. X.)
Caixa Postal 297 - São Paulo - Filial: Rua
Assembléia, 52 - Tel.: 31-0805 e 31-0638
Rio de Janeiro



ESCREVA-NOS! Se o Sr. deseja um estudo completo sobre aplicações de Fitas Adesivas em sua indústria escreva, sem qualquer compromisso, para o nosso Departamento de Assistência Técnica.

**Da próxima vez...
use
Parker Quink!**



As tintas comuns são responsáveis pelos entupimentos, que desgastam e inutilizam as canetas. Por isso, seja qual for a sua caneta, use sempre PARKER QUINK, a única tinta que contém solv-x. Limpa e protege à medida que escreve.

PREÇOS

59 cm3 - Cr\$ 30,00
473 cm3 - Cr\$ 130,00
946 cm3 - Cr\$ 210,00



Distribuidores exclusivos para todo o Brasil:

COSTA PORTELA

INDÚSTRIA E COM^o S. A.

Av. Presidente Vargas, 435 8º - Rio

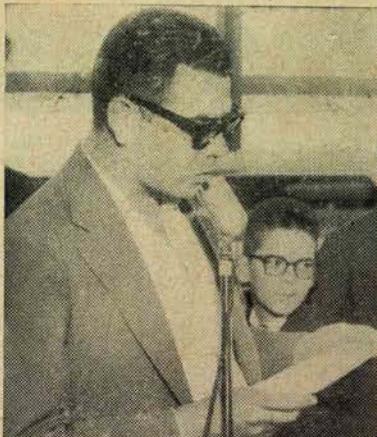
Sub-Agente em Minas Gerais

JOSÉ HARRY LEITE

Rua dos Caetés, 652-1º

Belo Horizonte

STB - 1020



FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO PUBLICITÁRIA

*João D'Angelo
saúda os publicitários.*

PROSSEGUINDO na série de solenidades comemorativas do seu 25º aniversário, «O Diário» reuniu, no Retiro das Pedras, cerca de duzentos publicitários do Rio, São Paulo e Belo Horizonte, numa festa que, pela beleza e cordialidade de seu transcurso, ficará memorável na história da imprensa mineira.

Durante o grande almoço, foram homenageados o Sr. Francisco Teixeira Orlando, da J. Walter Thompson, de São Paulo, como o decano dos publicitários presentes, e os Srs. Tito Guimarães Júnior, Carlos Rodrigues e o escritor Milton Amado, pela excelente cooperação que vêm prestando ao jornal no setor da propaganda.

Saudando os publicitários do Rio, São Paulo e Belo Horizonte, em nome de «O Diário», discursou o chefe do seu departamento de publicidade, Sr. João D'Angelo, que ressaltou a importância daquele magnífico encontro de elementos destacados da propaganda nacional, aos quais qualificou de «carautas do progresso e inspiradores do desenvolvimento» do Brasil, e expressou a alegria com que toda a classe publicitária re-

cebria a honrosa visita dos seus colegas cariocas e paulistas. Falaram a seguir os Srs. Ennus Marcus de Oliveira Santos, diretor-gerente de «O Diário», focalizando a significação da festa para a família católica do seu jornal, Carlos Martins de Castro, da J. M. M. Publicidade, em nome dos departamentos de mídia presentes, Major Flósculo Santiago Ramos, representante da sucursal de «O Globo», e Décio Vomero, da J. Walter Thompson, do Rio. Falou, também, em nome da mulher publicitária, numa bela saudação a «O Diário», Diana Monteiro, da McCann Erickson, do Rio.

O agradecimento dos visitantes foi feito pelo Prof. Manuel de Vasconcelos, diretor da revista PN, do Rio, que proferiu brilhante oração, focalizando a nobre existência jornalística de «O Diário», cujo elevado conceito público decorria da irrepreensível linha moral e espiritual que caracteriza os seus vinte e cinco anos, devotados todos às causas justas do povo mineiro.

A festa de «O Diário» foi, em síntese, acontecimento inesquecível, constituindo merecido prêmio aos esforços de seus dirigentes.



Aspecto parcial do grande almoço no Retiro das Pedras.



ULTRAGAZ

ULTRA CONFORTO

na entrega automática de gás

ULTRALAR

ULTRA ECONOMIA

na compra de utilidades domésticas

Têm o prazer de comunicar às donas de casa e ao povo em geral de Belo Horizonte, a inauguração de sua loja e o começo de seus serviços nesta cidade.



FOGÕES

MÁQUINAS DE COSTURA
GELADEIRAS • TELEVISORES
ASPIRADORES • BATERIAS DE
COZINHA • COPAS AMERICANAS
BICICLETAS • MÁQUINAS DE
LAVAR ROUPA • ENCERADEIRA
APARELHOS ELETRO-DOMÉS-
TICOS EM GERAL

ULTRAGAZ

LHE OFERECE:

- Garantia da "Entrega Automática" ULTRAGAZ!
- Assistência técnica permanente!
- Fogões testados individualmente!
- Padrão de serviço ULTRAGAZ!



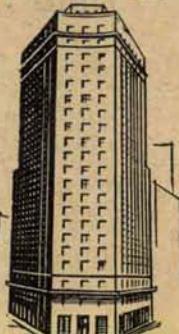
ULTRALAR

SERVE BEM PARA SERVIR SEMPRE

RUA DOS CARIJÓS, 571... a 100 passos do Obelisco!

em São Paulo...
- o mais tradicional:

Hotel SÃO PAULO



PRAÇA DAS BANDEIRAS, 15 - TEL. 32-6111
END. TEL.: CONFORTÁVEL



O CAMPEÃO DA AVENIDA, o Campeão das Sortes Grandes, vendeu, em 8 de abril da Loteria Mineira:

7.681 — 1 milhão

Em 23 de abril, da Federal :

2272 — 200 mil

Sortes Grandes ?

CAMPEÃO DA AVENIDA

e... não se discute

Avenida 770 — Avenida 612

Caixa Postal 225

Belo Horizonte

PICADEIRO

Continuação da pág. 11

EDNA LOTT: QUEREMOS LIBERTAR O POVO DO DOMÍNIO ESTRANGEIRO

EM suas andanças por todo o Brasil, a serviço da candidatura de seu ilustre pai, Edna Lott esteve alguns dias em Belo Horizonte. Professora primária no Rio de Janeiro, viúva, ainda moça e simpática, a filha do marechal Lott declarou que não é candidata a nenhum cargo eletivo ou burocrático, esclarecendo que decidiu empenhar-se na atual campanha sucessória por dois motivos: amor à pátria e candidatura de seu pai.

Lamentou o analfabetismo que ainda grassa no País em larga escala, a exploração do povo pelos trusts estrangeiros, a miséria do nordeste, a discriminação racial na África do Sul, o abandono em que vivem os trabalhadores do campo. Revelou que Natal, no Rio Grande do Norte, lhe pareceu a cidade mais lotista de quantas já visitou até agora e afirmou que, se eleito, seu pai será um continuador da obra do presidente Kubitschek, cujo prestígio ela diz que aumenta à medida que se aproxima a data de ele deixar o governo.

Quando lhe perguntaram como recebeu, como católica praticante, o apoio dos comunistas ao nome de seu pai, D. Edna saiu-se habilmente com esta resposta:

— Não indago a ideologia de ninguém, de sorte que não podemos nos prender a ideologias. Sou nacionalista, meu pai é o candidato nacionalista.

JÂNIO FULMINANTE

O deputado Salvador Lossaco, da bancada trabalhista de São Paulo, apontado como comunista, lançou contra o Sr. Jânio Quadros uma gravíssima acusação. Teria o candidato popular depositado no Banco de Zurique (Suíça) cinco milhões de dólares (cerca de 1 bilhão de cruzeiros), dinheiro que teria recebido das firmas estrangeiras Shell, Vicker Armstrong e Swispar.

A reação de Jânio não se fez esperar. Compareceu em cartório e passou uma procuração ao presidente da Câmara dos Deputados, dando-lhe plenos e irrevogáveis poderes para em seu nome, levantar todos e quaisquer depósitos

existentes em bancos suíços, entregando os valores levantados ao seu acusador Salvador Lossaco, para que este os ofereça à direção do Partido Comunista Brasileiro ou faça melhor uso. Em seguida, Jânio enviou a procuração ao presidente Ranieri Mazili, com o seguinte bilhete:

"A V. Ex^a, meu adversário político mas presidente da Câmara, exerto a que, com os poderes que lhe confiro, verrume o requisitório nauseante, escalpando quem mal agiu. Se lossacos há muitos, e os há para os mais tristes mistérios, a honra é uma só. Sei que V. Ex^a zelará pela minha, a de um deputado, como se fosse a sua própria honra."

Ciente, por outro lado, de que os nobres deputados Aurélio Viana e Anísio Rocha manifestaram intenção de requerer sessão secreta para debate do assunto, impetrou a V. Ex^a no uso de suas atribuições, interceder junto aos aludidos parlamentares para que emprestem caráter público aos debates".

(Continua na pág. H)



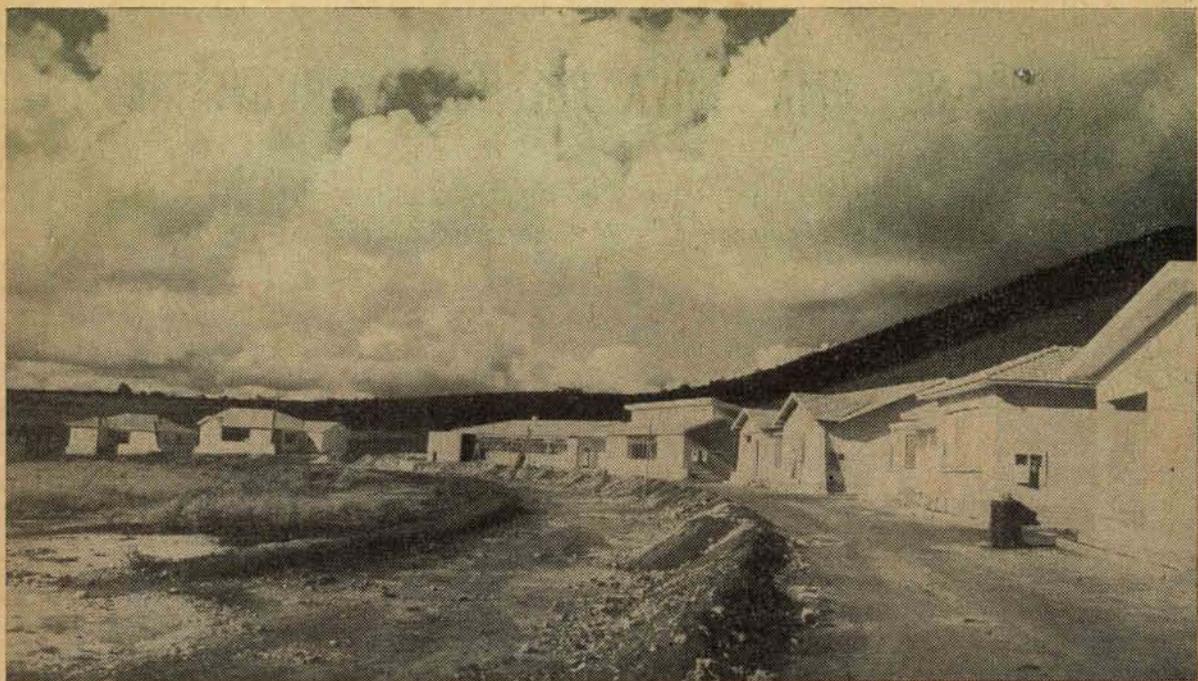
deixa sua pele
"RESPIRAR"

A expressão é exatamente esta. Sua pele precisa "respirar", através de poros limpos, livres de cravos, espinhas, panos, manchas e outras imperfeições. Só assim você terá uma cutis suave, aparentando um vigor permanente... um frescor juvenil... o brilho de uma pele bem cuidada. Para manter sua pele imaculada, experimente o Creme de Alface Brilhante. Em poucos dias, você notará a diferença. Para seu encanto de mulher fascinante use o



Creme de
ALFACE
Brilhante

LABORATÓRIO ALVIM & FREITAS



Um detalhe da nova cidade que a CSN está construindo em Casa de Pedra e que está transformando completamente a fisionomia urbana desse núcleo extractivo encravado é o "Quadrilátero Ferrífero" de Minas Gerais.

A CSN E A ECONOMIA NACIONAL

RECENTE documento divulgado pela Companhia Siderúrgica Nacional — o Relatório Anual do ano de 1959 — presta-se a uma oportuna análise da repercussão econômica da Usina de Volta Redonda sobre inúmeros e diferentes setores do país. Sob o aspecto nitidamente financeiro é conhecida a expressão dos recolhimentos que a CSN faz aos cofres públicos, por exemplo no tocante a impostos diversos e à previdência social, cujo montante global, aliás, alcançou, no último ano, à elevada quantia de 3,2 bilhões de cruzeiros. Outrossim, como retribuição pelo transporte de mercadorias consumidas e produzidas por Volta Redonda, a CSN pagou, em fretes, também no exercício findo, 1,3 bilhões de cruzeiros, cabendo à Central do Brasil mais de 1 bilhão.

Todavia, no campo das atividades econômicas é onde se faz sentir, com plenitude, a benéfica influência da CSN. Desde a formação de incontáveis empresas que surgiram pelo Vale do Paraíba, à sombra do gigante siderúrgico, até o incentivo direto à expansão da economia de certos Estados, como Santa Catarina, — onde o carvão produzido ou adquirido pela CSN representa apreciável fonte de renda para aquela unidade federal — o papel de Volta Redonda, como multiplicador de riquezas, reflete-se, igualmente, e com acentuada intensidade, na própria criação e ampliação de empresas industriais de alta categoria, com, por exemplo, a Usiminas, a Simca, a Cosipa, a Sotelca, a Ferro e Aço de Vitória, a Cemig, a Cobrasma, além de muitas outras, nas quais não sómente fortes injetões de capital, mas, inclusive, apurada técnica da CSN têm contribuído para que essas unidades econômicas reforcem sua

estrutura e colaborem, ainda mais, para o desenvolvimento econômico do país.

Um problema surgido mais agudamente o ano passado — a escassez de chapas de aço no mercado interno brasileiro — propiciou à CSN, atendendo a uma determinação do próprio presidente da República, revelar o quanto é imprescindível a sua presença no conjunto da vida econômica nacional. Precisamente em meio à grave ameaça de colapso de muitas importantes atividades fabrís que dependem daquela matéria-prima, a CSN interveio com o sistema de importações maciças de chapas, conseguindo, a um só tempo, regularizar o fornecimento do produto às indústrias que dela careciam, como, igualmente, fixar um preço médio entre a mercadoria estrangeira e a sua própria, à base do qual a Companhia Siderúrgica Nacional contribuiu decisivamente, para que se verificasse uma baixa ao mínimo possível nas cotações para venda desses produtos aos consumidores.

Uma referência ao trabalho da CSN em outros campos de atividade mais diversificada, como é o caso da indústria de construção civil, permite observar que, também aí, o seu papel é dos mais relevantes. Ainda há pouco, foi entregue aos proprietários a estrutura metálica de maiores dimensões na América Latina, a de um edifício no coração do Rio, fabricada pela Siderúrgica Nacional, através de sua unidade produtora daquelas estruturas. Obras outras de idêntica expressão, distribuídas por vários pontos do país, atestam que, em qualquer setor, estão sempre presentes o aço ou a técnica de Volta Redonda, forjando, com decisão, a grandeza desse país.

IMPÕE-SE UMA NOVA POLÍTICA FERROVIÁRIA

Considerações oportunas à margem do último relatório divulgado pela Rêde Ferroviária Federal.

ADIVULGAÇÃO do relatório relativo ao ano de 1959 da Rêde Ferroviária Federal, entidade que controla 16 empresas ferroviárias do país e a que está subordinado cerca de 80% do tráfego ferroviário nacional, constituiu documento sério que merece, pela honestidade de seus dados e acurada análise dos elementos que o compõem, a atenção dos responsáveis pelo transporte no Brasil.

O relatório, focalizando, conscientemente, a evolução e o comportamento dos variados setores do transporte ferroviário brasileiro, se transforma numa grave previsão — caso continue a prevalecer a atual política ferroviária — quanto à condenação desse ramo de transporte a um deficit contínuo. Reflete o relatório, na realidade, a desesperança quanto à qualquer possibilidade de eliminação do fantasma deficitário, embora deixe entrever sua problemática redução em níveis relativamente diminutos.

O deficit da Rêde Ferroviária Federal, em 1959 — menciona o relatório — representa, se considerarmos todas as subvenções e os auxílios prestados pela União, cerca de 50% do deficit do orçamento federal nesse mesmo ano, refletindo que a magnitude dos deficits da RFFSA é melhor compreendida quando se coteja a expressão dos seus resultados negativos com outros valores. Daí considerar-se que, com a importância de 15 bilhões de que se constituíram aquelas subvenções e os auxílios oficiais, a União poderia ter pavimentado quatro mil quilômetros de rodovias ou construído uma usina hidrelétrica de 50 mil kw. Considere-se, ainda,

a contingência deficitária sem remédio da Rêde Ferroviária, recebendo do governo, como complemento imprescindível ao custeio de seus serviços, um cruzeiro e vinte centavos para cada cruzeiro recebido pela empresa de seus usuários, proporção que é, como se avalia, desesperadora para o Tesouro Nacional...

Mas, quê impede, na realidade, à Rêde Ferroviária Federal reduzir seu deficit operacional? Observaram-se, sem dúvida, em 1959, sensíveis progressos nos resultados da empresa. Comparado ao movimento de 1958, o volume de ton - Km de mercadorias transportadas registrou o aumento de 19,7%, percentagem cuja progressão irá depender, nos próximos anos, em grande parte, da manutenção de volumosos investimentos. Impõe-se, então, esta pergunta: será aconselhável a continuação de investimentos ferroviários elevados, provocando o desnível das contas públicas? Ainda mais quando a lenta melhoria dos serviços da Rêde não permite obter tão cedo o equilíbrio financeiro na empresa? Há outro aspecto a considerar: a necessidade imperiosa da modificação de vários critérios básicos que ainda prevalecem na política ferroviária do país. São os cacos dos ramais anti-econômicos e da manutenção irracional de preço de fretes e passagens a um nível inferior a seu custo. Porque, na realidade, enquanto perdurarem êsses problemas de imprescindível reajustamento, dificilmente a Rêde Ferroviária Federal terá possibilidade de reduzir seu desequilíbrio e prescindir das vultosas contribuições anuais da União, já sob os violentos impactos no defi-

cit do orçamento federal e na aceleração do processo inflacionário nacional.

Haveria outro processo que comportaria a racionalização dos serviços, diminuindo o número de empregados e aumentando os preços dos fretes ferroviários. Mas, esse processo de racionalização, encerrando duas hipóteses, se nos afigura inexequível pelos obstáculos que se lhes antepõem, intransponíveis. E que a legislação atual obsta a redução do pessoal, cuja grande maioria já adquiriu estabilidade, inexistindo a possibilidade da transplantação desses servidores para outros setores, ainda mais considerando-se a complexidade da fixação familiar. Quanto ao aumento dos fretes, limita-o a concorrência do transporte rodoviário. A extraordinária série de vantagens do transporte rodoviário — entrega domiciliar, custos operacionais que dispensam investimentos imobilizados excessivos e um preço favorecido no combustível — limita consideravelmente a possibilidade da ampliação das tarifas ferroviárias. Daí considerarmos residir a melhor solução no aumento significativo da densidade de transportes em determinadas linhas e substituir por transporte rodoviário os ramais anti-econômicos, bem como a revisão de certas tarifas que ainda gozam de regalias sem justificativa econômica.

Resumindo, o relatório da Rêde Ferroviária Federal — constituindo honesto depoimento da realidade do transporte ferroviário — se nos afigura séria advertência para a imediata revisão de nossa política em bases realísticas e patrióticas.



Ela saí e: **Ele volta mais depressa
voando nos novíssimos Super-Convair da Real**

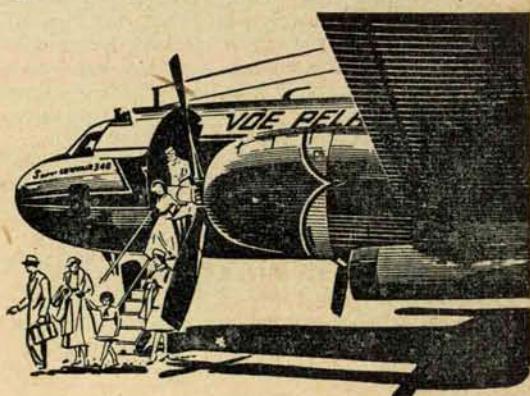
... E chega mais descansado, também, para os abraços da família! Os novíssimos Super-Convair especialmente construídos para a sua Real oferecem o máximo em conforto e precisão de vôo. São aviões ultra-modernos que têm: 1) mais força nos motores do que 3 locomotivas Diesel que puxam 30 vagões; 2) Cabine pressurizada para evitar diferenças de pressão; 3) Hélices de passo reversível e trem de aterrissagem com rodas duplas, para maior suavidade nos poucos.

Sempre presente quando Minas precisa de seus serviços.



AZZÉ WWA

Rua Espírito Santo, 647 - Tel. 4-8200



- 7 vôos diários para o Rio
- 2 vôos diários para São Paulo
- 2 vôos semanais para Salvador e Recife

AOS ASSINANTES DE «ALTEROSA»

TENDO em vista a mudança da periodicidade desta Revista, conforme justificamos na página 1 desta edição, tornou-se necessário, por motivos óbvios, a retificação dos vencimentos das assinaturas contratadas ainda na vigência da periodicidade quinzenal de ALTEROSA.

Na impossibilidade de proceder a uma revisão de todas as fichas em vigor (cerca de 32 mil), uma por uma, o que demandaria tempo excessivo para a equipe de nosso Departamento de Circulação, procuramos e encontramos uma norma geral para essa retificação, de modo a tornar mais simples o nosso trabalho, protegendo, ao mesmo tempo, o interesse dos nossos estimados assinantes. Assim é que, para essa retificação, adotamos a fórmula que comunicamos agora aos nossos assinantes, pedindo que façam em suas requisições a devida anotação:

- As assinaturas anuais iniciadas antes de setembro de 1959 não sofrerão nenhuma alteração em seus vencimentos. As que tiveram inicio a partir do n.º 313 (1.º de setembro de 1959), terão seu vencimento fixado para o 20.º número após o inicio da remessa.
- As assinaturas bienais iniciadas antes de julho de 1959 também não sofrerão nenhuma alteração em seus vencimentos. As que começaram a partir do n.º 309 (1.º de julho de 1959), terão o seu vencimento fixado para o 36.º número após o inicio da remessa.
- As assinaturas semestrais, em vista de seu número muito reduzido, não serão objeto de nenhuma retificação, desde que tenham sido iniciadas na vigência da periodicidade quinzenal.

Para as assinaturas que ainda estão chegando do interior de todo o País, para inicio com a nossa próxima edição de junho (n.º 330), mas que foram ainda recebidas pelas condições antigas, estamos fazendo a necessária atualização, na forma seguinte:

BIENAIAS	28 números
ANUAIS	14 números
SEMESTRAIS	7 números

Qualquer dos nossos prezados assinantes que fizer a conta da importância paga e do preço dos exemplares avulsos que receberá ao todo — tanto na fase quinzenal como na mensal — verificará facilmente que a norma adotada para a retificação do prazo de vigência da sua assinatura lhe é sempre favorável, pois que são mantidos, e até mesmo ampliados, os descontos usualmente concedidos para assinaturas.

Doravante, em sua periodicidade mensal, os preços para assinaturas de ALTEROSA estão fixados da seguinte forma:

BIENAL (24 números)	Cr\$ 500,00
ANUAL (12 números)	275,00
SEMESTRAL (6 números)	150,00

Essa tabela vigora para todo o Brasil e para Portugal e Espanha, assim como para todos os demais países do continente americano.

A DIREÇÃO

DR. GLAUCO FERNANDES LEÃO
CLÍNICA DE CRIANÇAS — NUTRIÇÃO
Consultório: Rua Carijós, 244 — 10º andar — Sala 1004
Fone: 2-1394 — Residência: 2-0161
BELO HORIZONTE

PICADEIRO

Continuação da pág. D

CLASSES PRODUTORAS VERSUS PREFEITO

BELO HORIZONTE assiste, no momento, a um espetáculo sem precedentes em toda a sua história política: uma luta aberta das classes produtoras contra o seu Prefeito. O motivo dessa luta que se transformou numa verdadeira batalha publicitária pela imprensa, pelo rádio, pela TV, e através de cartazes, folhetos e circulares, é o malcriado Código Tributário, votado a toque de caixa na última legislatura municipal.

As classes produtoras, reunindo a unanimidade de suas agremiações representativas — Federação das Indústrias, Federação do Comércio, Associação Comercial, União dos Varejistas etc. — procurou fazer sentir ao prefeito Amintas de Barros a impraticabilidade daquele instrumento fiscal, em face da sua flagrante inconstitucionalidade e das injustiças contidas nos seus dispositivos. Fizeram ver o agravamento do custo de vida que resultaria da incidência das alíquotas daquele Código, onde os tributos municipais sofrem majorações que vão até 1.800%, quando, pela Constituição do Estado, o limite para essas majorações, de um ano para outro, está fixado em 20%. Fizeram-se relatórios, gráficos, demonstrações, conferências, reuniões. Pediram, solicitaram, imploraram.

Mas o prefeito A. de Barros, do alto da sua importância, não admitia críticas, não aceitava opiniões, não transigia.

Resultado: a luta foi aceita. E agora a situação financeira da Prefeitura tende a se agravar, com o retraimento quase total dos contribuintes que se recusam a pagar os impostos devidos ao município, devidamente amparados por suas entidades de classe e por uma eficiente campanha de publicidade promovida pela Comissão Pro-Justiça Tributária, emanada dos líderes da indústria e do comércio de Belo Horizonte.

MANGA: SEM PREFEITURA E SEM COMARCA

OS leitores já conhecem a história da sangrenta luta política que vem-se ferindo em Manga, populoso município do norte mineiro, onde o PR arrebatou o poder ao PSD local. As divergências políticas entre republicanos

(Continua na pág. 104)

ALTEROSA EM NOVA FASE

HÁ muito, vimos sentindo os efeitos do impacto inflacionário no custo de ALTEROSA, com perigosos reflexos no resultado de seus balanços.

A nova Lei de Tarifas, que passou o papel de imprensa da categoria de dólar-oficial (Cr\$ 18,82) para o dólar-custo (atualmente Cr\$ 100,00), acarretou o aumento de 450% no custo da nossa principal matéria-prima. O mesmo instrumento legal retirou todos os favores cambiais que eram concedidos à importação de materiais de consumo da Imprensa, provocando, com isso, uma elevação entre 500% e 600% nos preços dos filmes fototécnicos, zinco, produtos químicos e demais artigos essenciais à feitura de uma revista.

Um quilo de papel acetinado sueco, que chegava a Belo Horizonte por 7 cruzeiros, custa agora 33. Uma caixa de 25 fôlhas pequenas de filmes fototécnicos, que custava 700 cruzeiros, não se compra hoje por menos de 3.200 cruzeiros. Uma chapa de zinco para clichês, que se obtinha por menos de 150 cruzeiros, custa agora mil. E assim por diante.

Por outro lado, todos sabem o que tem sido a elevação dos níveis salariais, provocada pela constante ascenção do custo de vida, onerando sensivelmente a produção nacional, especialmente numa indústria como ALTEROSA, onde entra, em larga escala, a mão-de-obra especializada, além de um volume apreciável de colaboração artística e intelectual de alto preço.

E' de tal modo grave o desequilíbrio orçamentário provocado por essas violentas majorações, que os jornais e revistas mantidos exclusivamente com as fontes normais de receita da imprensa livre — venda avulsa, assinaturas e publicidade — só podem encontrar um caminho para solucionar o problema: enquadram-se, com urgência, na nova realidade econômica. Ou isto, ou o desaparecimento, como já ocorreu com muitos jornais e revistas nestes últimos meses.

Após meticulosos estudos em busca da solução mais conveniente para ALTEROSA, chegamos à conclusão de que, mantida a sua periodicidade atual, a simples majoração de seu preço para o leitor não resolveria o problema. E isto porque essa majoração teria de ser excessivamente onerosa, dificultando a sua circulação, que se processa de modo mais acentua-

do na classe média, a maior vítima da inflação brasileira.

Mesmo ao preço de 25 cruzeiros, que consideramos o teto para que uma revista, no momento, permaneça ao alcance de todas as classes sociais, ALTEROSA não pode, sem desequilibrar seu orçamento, continuar circulando duas vezes por mês. Este preço, deduzido o custo de distribuição (embalagem, porte e comissões de revendedores), é ainda muito inferior ao custo, produzindo um «deficit» de circulação para cuja cobertura a publicidade atualmente encaminhada a esta Revista não é bastante.

Deste modo, vimo-nos diante dessa alternativa: manter a Revista em sua periodicidade quinzenal, subindo o preço ao leitor para 35 cruzeiros, ou limitar este preço ao teto desejado — 25 cruzeiros — circulando, entretanto, em periodicidade mensal. Optamos pela última alternativa, já que não desejamos colocar ALTEROSA em nível de circulação restrito, ao alcance somente das classes mais favorecidas.

Pesaram, ainda, em nossa decisão, outros fatores de substancial importância para uma Revista que se propõe manter a característica de circulação nacional. Sua permanência nas bancas por mais tempo, inegavelmente facilitará maiores tiragens, especialmente levando-se em conta as conhecidas dificuldades de comunicação com o interior, sobretudo com o norte e o nordeste brasileiros. O prazo de trinta dias para confecção de cada número nos permitirá realizar trabalho mais cuidadoso, tanto na preparação intelectual e artística, como na feitura gráfica da Revista, apresentando-a, ainda, com maior número de páginas, contendo mais leitura, o que representará substancial compensação ao leitor pelo aumento de custo. Custo este que, diga-se de passagem, não será propriamente majorado, já que o leitor de ALTEROSA vai dispender, por mês, apenas 25 cruzeiros, quando na periodicidade quinzenal, a leitura assídua desta Revista lhe traz um dispêndio mensal de 30 cruzeiros.

Com esta edição, portanto, ALTEROSA encerra o ciclo de sua periodicidade quinzenal, voltando a circular em 1º de junho, já em sua característica mensal, ao preço de 25 cruzeiros em todo o Brasil, e a 8 escudos em Portugal e colônias. — A Direção.

ALTEROSA

A revista da família brasileira

ANO XXII

Nº 329

Propriedade da

SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.

Rua Rio de Janeiro, 926 — 3º pavimento
Fones 2-0652 e 2-4251 — Cx. Postal 279 —
End. Teleg.: "Alterosa" — Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil

* * *

DIREÇÃO: N. M. Castro e Miranda e Castro, diretores.

REDAÇÃO: Jorge Azevedo, secretário; Afrâncio Cardoso, Cristiano Linhares, Ernesto Rosa Neto, Euclides Marques Andrade, Garry C. Myers, Gibson Lessa, Gilberto de Alencar, Leonor Telles, Maria Lysia, Neusa Batista e Oscar Mendes.

REPORTAGEM: André F. de Carvalho, Aristides Roriz, Dário Carrera Justo, José Inácio, José Nicolau da Silva, Nally Burnier Coelho, Nivaldo Corrêa, Oswald Projeta, Pepito Carrera, Ponce de Leon, Roberto Drumond e Wilson Frade.

REVISÃO: Cléa Dalva M. Ramos, chefe; Eunice C. Pinto Coelho, assistente.

ARTE: Adão Pinho, Álvaro Apocalypse, Euclides L. Santos, J. C. Moura, Jardim Juarez Antunes e Jerônimo Ribeiro.

CORRESPONDENTES: Olga Obry, em Paris; Orlani Cavalcanti, em Hollywood; Gastão Fernandes dos Santos, em Roma; e Sérvelo Tavares, em Madrid.

SERVICO INTERNACIONAL: Camera Press, King Features Syndicate, Odhan Press, Opera Mundi, Reuter, Transworld e United Overseas Press.

OFICINAS GRÁFICAS E FOTOGRAVURA: Wilson Manso Pereira, gerente geral; assistentes técnicos: Delvair H. dos Santos, João Tibúrcio Pessoa, José Fernandes Coelho, Juarez Droschic e Oldemar Almeida.

PUBLICIDADE

BELO HORIZONTE: Oscar de Oliveira, chefe; Moacir de Castro Oliveira, assistente.

RIO: Ulysses de Castro Filho — Rua da Matriz, 108 — conj. 503 — Fone 26-1881.

SAO PAULO: Newton Feitosa — Rua Boa Vista, 245 — 3º andar — Fone 23-1432.

ASSINATURAS

2 anos	Cr\$ 500,00
1 ano	275,00
1 semestre	150,00

Esses preços valem para todo o continente americano, Portugal e Espanha. Para outros países: US\$ 3,00, para 2 anos; US\$ 2,00, para 1 ano; US\$ 1,00, para um semestre.

VENDA AVULSA

Em todo o Brasil	Cr\$ 25,00
Número atrasado	30,00
Portugal e colônias	Esc. 8,00

* * *

A redação não devolve originais de fotografias ou colaborações não solicitadas.

* * *

Os conceitos emitidos em artigos assinados não são de responsabilidade da direção da Revista.

LEITOR AMIGO

Sinceramente: estamos satisfeitos à receptividade que este bilhete informal vem merecendo em todo o País. Sentimos que, através de cartas amáveis, o leitor amigo comprehende o nosso esforço diário — diurno e noturno — para que esta Revista lhe proporcione entretenimento são e mereça estar ao alcance das mãos de suas filhas. Porque o nosso propósito é cooperar, humildemente, na educação popular, levando a todos, através de nossas páginas, algo que lhes possa ser útil além de agradável.

Nesta edição, temos matéria variada, e a variedade deve ser uma constante de publicações destinadas a todas as camadas populares, atingindo a todos os gostos, você não acha?

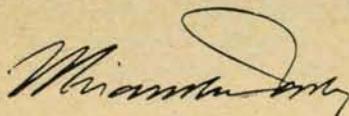
Pioneiro entre indígenas é a reportagem inicial, que mostra um desses heróis de que o Brasil está cheio e o povo desconhece. Carecas é uma vitrine repleta de crânios ilustres depilados — assunto deveras curioso. Vilões versus Mocinhos é uma movimentada reportagem do escritor M. A. Camacho, mostrando-nos a violência teatral dos artistas das lutas livres, capazes das maiores interpretações...

Você vai conhecer, nesta edição, a vida numa comuna chinesa, através de fotos expressivas e texto curto, verificando que, no ambiente familiar, tanto aqui como lá, boas fadas há...

Quanto aos artigos desta edição, poderíamos destacar Nevers, Santuário de Bernadette, doce evocação da privilegiada jovem de Lourdes, e Wingate, estranho gênio guerreiro das selvas, original relato das façanhas de um dos mais extraordinários soldados ingleses.

As seções você já as conhece; apresentam-se, nesta edição, à altura da atenção que têm merecido de leitores de gostos diferentes mas sempre recomendáveis, gente boa cuja compreensão representa para nós grande e necessário estímulo.

Até a próxima edição, se Deus quiser.



CAPA

JANE FONDA, a encantadora filha de Henry Fonda, agora sob contrato com os estúdios da Warner's, é objeto de uma reportagem neste número, enviada de Hollywood pela nossa correspondente Orlani Cavalcanti.

CONTOS

Meu Automóvel	30
Os Melhores Beijos	42

SUMÁRIO

A pétala azul

ELAS morreram esta noite. Lilian, as rosas. Sómente as estrélas velaram por elas. Apenas a brisa, roçando as folhagens, chorou despedidas no pranto do orvalho. Contudo, Lilian, elas nasceram ontem. Meus olhos abençoaram sua beleza. Seu perfume alegrou minha alma. Sua presença engendrou o encanto. Eu dormia, Lilian, enquanto elas — mágica dos anjos — saíam das mãos da natureza. E quando acordei, — ressaibos de sonho nos olhos, novas esperanças desportando, — elas já me esperavam e glorificavam o meu dia.

Elas morreram esta noite. Eu dormia e sonhava. Tu, não sei em que distâncias infinitas, talvez também dormisses e sonhasses. Dentro de nosso egoísmo, Lilian, não há mais lugar para elas, para as rosas santas que recamaram o jardim de minha casa e aromaram a minha tristeza.

As pétalas — tão rubras ontem, tão vermelhas ontem — não estão mais aqui, sob a minha janela; foram-se, no fúretro dos ventos, para a necrópole dos astros.

Lembras-te das cartas que me escrevias? Falavas tanto em rosas... Rosas brancas. Rosas vermelhas. Rosas côn-de-rosa. E eu, no meu arroubo de adolescente, imaginei as rosas azuis... E te falava delas com tanto entusiasmo, tão seriamente, que tu, também, às vezes,

nas linhas que me mandavas, te referias a elas... E creio, mesmo, que acreditavas que eu as vira...

Uma vez me mandaste uma pétala alvincente: «É de uma rosa que colhi ontem; guarda-a, como lembrança de minha pureza, que te pertence toda, com meu amor».

Guardei-a, sim, num caderno de notas. Quase o tinha esquecido. Procurei-o, ontem, ao ver tantas rosas no jardim. Achei a pétala que me enviaste. Era tão menina naquele tempo! Mas o caderno recebeu a umidade das noites e dos dias, e a tinta azul manchou a pétala branca, invadiu a pétala branca, e a pétala branca é uma pétala quase azul. Uma pétala azul. De uma rosa azul.

Elas morreram esta noite, Lilian, as rosas. Eu queria tanto que a pétala que me enviaste ainda fosse branca! Ela jaz aqui, entre as folhas do caderno, como uma asa de anjo, mas não é branca. É azul. Queria substitui-la, mas não há nenhuma no meu jardim. Desejava iluminar-me vendo outra, porém sei que seria impossível. O azul da que me deste tolda a brancura do meu sonho e da minha lembrança, a cônica lembrança que almejavas.

A pétala branca morreu. As rosas morreram esta noite, Lilian, e as pétalas revoaram nos ventos.

MILTON COSTA

ARTIGOS E REPORTAGENS

Pioneiro entre indigenas	12
Carecas	18
A Vida na China	22
Assombrado	28
Vilões Versus Mocinhos	34
Santuário de Bernadette	46
Wingate	50
Siluetas 1960	54
Homem de Bom Coração	58

Mendonça Quer Dizer	60
Cruzeiro, Campeão	98

CRONISTAS

Milton Costa	3
Dinah Silveira de Queiroz	8
Gilberto de Alencar	96

SEÇÕES PERMANENTES

Cartas	4
A Voz do Brasil	6
Picadeiro	10
Fuga	16
Quitandinha	26

Crianças	40
----------	----

Humor	41
-------	----

Fonte Viva	52
------------	----

Saúde	64
-------	----

Bazar Feminino — a partir da	66
------------------------------	----

Aquarela	74
----------	----

Livros e Letras	78
-----------------	----

Palavras Cruzadas	81
-------------------	----

Teatrinho	82
-----------	----

Cinema	84
--------	----

Poesia	89
--------	----

Panorama — a partir da	90
------------------------	----

Companheiras DE TODOS OS MOMENTOS



- Bons programas
- Melhores locutores
- A melhor música
- nos céus de Minas



rádio
MINAS

rádio
PAMPULHA

Direção de
RAMOS DE CARVALHO

Dep. Comercial
Edifício Acauá — 14º andar —
Salas 1420/21 — Fone: 2-9711 —
Belo Horizonte

Representantes no Rio e São Paulo:
M. A. Galvão & Cia. Ltda.
RIO — Av. Erasmo Braga, 227 — 2º
andar — Tel. 42-2020
SAO PAULO — Rua Sete de Abril,
342 — 1º andar — Tel. 33-6965



O belo conjunto arquitetônico da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade do Paraná. (Fotografia gentilmente oferecida pela Rádio Marumby).

CARTAS

Crônica Radiofônica

ESTAMOS remetendo, com prazer, cópia do nosso **COMENTÁRIO DAS DOZE E TRINTA**, apresentado nesta data por esta emissora. Reconhecedores da excelência de ALTEROSA, gráfica e leterariamente, consignamos nossas felicitações aos nossos irmãos mineiros, por possuírem verdadeira joia na sua imprensa.

• *Sentimo-nos, como não? E sensibilizados pela delicadeza de seu comentário, que reflete a generosidade do povo paranaense através de seus radialistas, que o prezado Confrade tão bem representa. Transmita a Júlio Gimbert e sua equipe, nossa gratidão pela cooperação publicitária que tivemos e que esperamos continuar a merecer.*

Amigo da Onça

Gostando de ALTEROSA, como gosto, porque é uma revista bem temperada, sem enjoativas iguarias e onde estão presentes do quiabo com angu ao caviar russo, para todos os gostos, tornei-me um leitor crônico e, assim, cada número fica velho em minhas mãos antes que me dê por satisfeito da sua leitura. Pois nesse interminável folhear vou observando tudo, farejando na caça de um senão qualquer para reclamar. Mas, ou ando sem faro ou não existe mesmo aquilo que procuro.

A não ser quanto às ilustrações, vez por outra. Bem, mas poderá criticar a Arte quem não a cultiva nem senso artístico possui? Aquêle índio e aquela onça, ilustrando um conto de ALTEROSA... Supunha que o índio brasileiro não tivesse aquela compleição. E a onça? Acho-a obesa, carente de esbelteza, com a parte anterior lembrando um sapo, o que muito depõe contra a respeitabilidade de um felino da espécie.

PEDRO RAMOS NOGUEIRA —
BELO HORIZONTE — MG

• *Gostamos de sua crítica dosada de bom humor, e lamentamos não haver espaço para transcrever toda a sua carta. Quanto ao índio e a onça, temos índios fortes, sim senhor, e onças bem alimentadas. A obsessão provém da velhice, que até nos bichos é implacável... Conforta-nos, enfim, sua atenção para com ALTEROSA, o nosso índio e a nossa onça, da qual se revelou, positivamente, um amigo... O nosso abraço.*

«Juiz de Fora, Sala de Visitas de Minas»

Gostaria de saber o motivo da ausência da anunciada reportagem sobre Juiz de Fora (destaque na capa do n.º 324 — 2.ª quinzena de fevereiro). É claro que a mesma saiu no número imediato, mas isto não justifica, pois não deram nenhuma satisfação a seus leitores, e se desejo saber o motivo unicamente pela razão de ser ardoroso defensor dessa distinta revista.

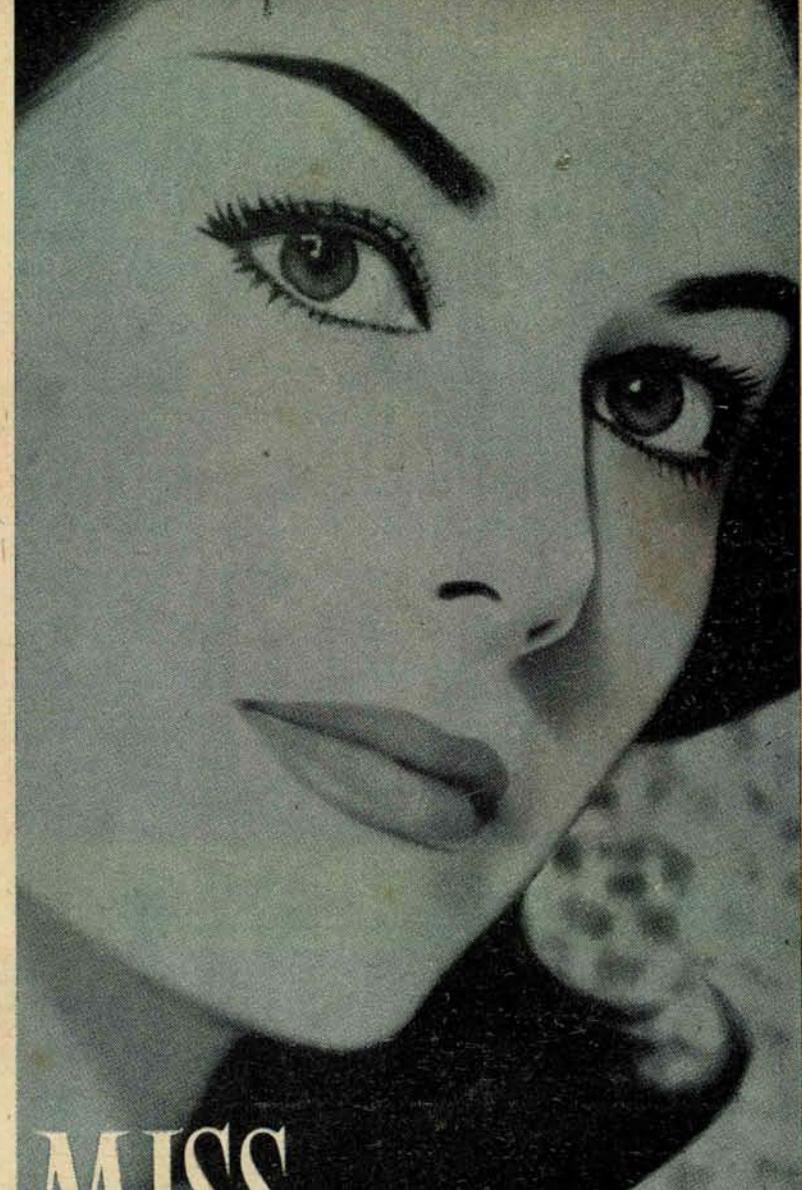
CLÓVIS SAMPAIO —
SÃO PAULO — SP

• Na edição da primeira quinzena de abril último, explicamos, nesta mesma seção, o motivo: a falta decorreu da necessidade que tivemos de transferir a reportagem, quando a capa da edição em que seria apresentada, e que a anunciamos, já estava impressa. Fatos como esse são comuns na imprensa. Ainda há pouco, uma grande revista nacional anunciou, na capa, uma reportagem e, por imposição de acontecimentos mais palpítantes, transferiu-a. E veja: na mesma edição da primeira quinzena de abril, anunciamos, na capa, uma reportagem sobre comunas chinesas, mas, à última hora, recebendo reportagem sobre a chegada de "Ike no Brasil", fomos obrigados a transferi-la. Claro que tais contingências não nos agradam, motivo por que evidaremos esforços no sentido de que esses fatos não se repitam. E receba nossos agradecimentos pela sua atenção, que muito nos honra.

Retificando Teste

Leitor assíduo de sua revista, tenho acompanhado, com interesse, as séries de boas reportagens que esse magazine vem apresentando. Tenho, porém, uma correção a fazer, no que concerne à 12.ª pergunta do teste «Quem inventou o quê?». A resposta à pergunta «quem inventou o avião a jato?», é dada como sendo o engenheiro italiano Gianni Caproni, e não Caponi como aparece. O avião do eng. Caproni, o CC-1, voou em novembro de 1941, sendo seu motor do tipo convencional, (Issota - Fraschini de 90 HP) que girava uma turbina e um compressor (motor do tipo moto-jato). Mas, nessa época, já haviam voado o jato (motor turbo-jato) inglês e o jato alemão (Heinkel He-176, o motor foguete) sendo este último o primeiro avião a jato a voar (1.º voo em junho de 1939) tendo sido desenhado por Herr Hans Regner. Seu motor foi desenhado e aperfeiçoado pela equipe da base de Peenemünde dirigida pelo engenheiro W. Von Braun. Note-se que o primeiro avião turbo-jato era

(Continua na pág. 33)



MISS FRANCE

fragrância
irresistível..
feminina como
Você mesma!



MINAS - MF 41

ATKINSONS

criadores de

ARABESQUE — MIRAGE — ENGLISH LAVENDER

A VOZ
DO BRASIL

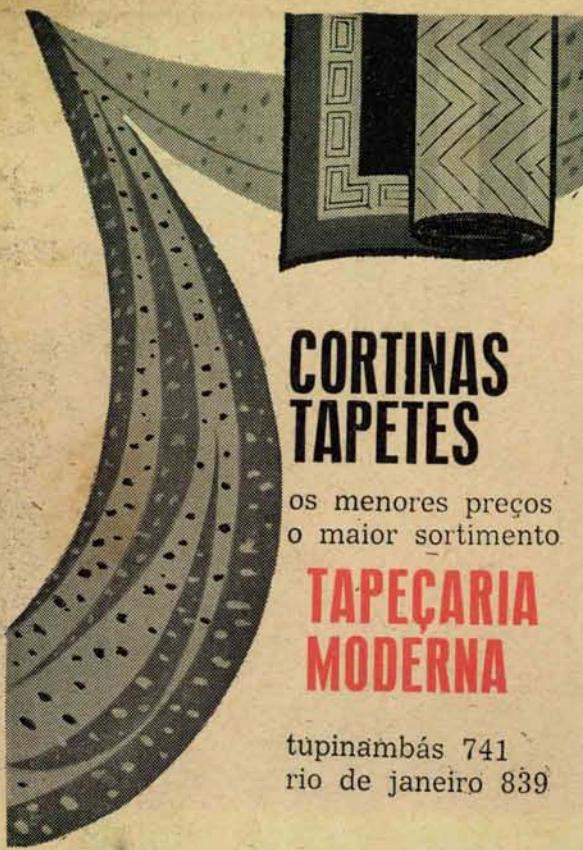
Compilação de Afrânio Cardoso

CORTINAS TAPETES

os menores preços
o maior sortimento

TAPEÇARIA MODERNA

tupinambás 741
rio de janeiro 839



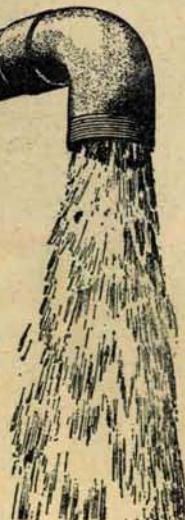
Á

ÁGUA DO SUB-SOLO

Perfuração de poços
tubulares profundos
para captação de
água subterrânea.



Possuímos má-
quinas e pes-
soal habilitado para
trabalhar em qual-
quer ponto do País.



SECÇÃO DE ENGENHARIA



CIA. T. JANÉR COMÉRCIO E
INDUSTRIA

RUA CAETÉS, 1042 — FONE 4-0020
CAIXA POSTAL 615 — BELO HORIZONTE

• A batalha nacionalista está acima de nomes e interesses de grupos, é superior a homens e partidos políticos. Pela primeira vez no Brasil formamos um movimento — o Nacionalista — em que o interesse geral e ideológico se sobrepõe ao personalismo tradicional. Fazendo um apostolado sincero em defesa dos legítimos interesses populares e nacionais, combatemos o Governo, quando necessário, ao mesmo tempo que nos solidarizamos com a oposição, quando sincera e objetiva, dela divergindo quando sistemática e pessoal. Somos uma frente de luta, não contra o capital estrangeiro, mas de oposição ao capital colonizador.

SUL DO ESTADO — CACHOEIRO — ES

• O Presidente Campos Sales restaurou as finanças do Brasil, durante seu período de governo. O câmbio estava ótimo: libra a 12,00, dólar a 4,00. E o povo numa miséria louca. Os homens da classe média só vestiam roupas de algodão e as mulheres vestidinhos de chita. Só os ricaços se davam ao luxo de vestir roupas de sarja ou casemira. Porque estas fazendas só nos vinham do estrangeiro. De 15 anos para baixo, todo o mundo andava descalço. Hoje o câmbio está ruim, mas o Brasil fabrica tudo, existe serviço por toda parte, todos ganham dinheiro.

O ALFENENSE — MG

• Informaram os jornais a grande resistência por parte dos congressistas e magistrados, a respeito da mudança da capital para Brasília. Não queriam ir. Lei é lei. Tem que ser cumprida. Como os Congressistas que a votaram e os magistrados que têm a obrigação de zelar pela sua perfeita execução podem rebelar-se contra ela? Congressistas e magistrados são servidores do povo, que os paga. E um pequeno sacrifício, por pouco tempo, parece que não é nada de mais. Os servidores do País precisam ter algum espírito de dedicação. Ou não?

DIARIO DA TARDE — JUIZ DE FORA — MG

• O caso do Sr. San Tiago Dantas é difícil de ser explicado. Em Minas, deram-lhe a chefia do partido dito «dos trabalhadores» e, ainda, guindaram-no a candidato ao segundo alto posto do Estado — o da vice-governadoria. No Rio, não o quiseram para ministro porque o PTB considera o Sr. San Tiago Dantas perigoso entreguista. Quem será capaz de entender o PTB?

DIARIO DE MINAS — BELO HORIZONTE

• Ao deputado Carlos Lacerda, que fala em apartamentos que são «apartamentos», lembra que nós, do interior, quando candidatos a deputado federal, não indagamos se no Rio de Janeiro, haveria apartamentos ou apartamentos. Recordo o caso, neste instante, de um deputado de Alagoas, Aluísio Nonô, homem pobre que aqui chegou e reside num quarto de pensão. Em Brasília, residirá em qualquer apartamento, porque somos candidatos do povo, candidatos a deputado e não candidatos a uma nova classe; nunca candidatos à fortuna, ao prazer,

ao conforto. Somos candidatos a servir ao país.

Dep. Abelardo Jurema (Líder do PSD)
DISCURSO NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

- A Prefeitura do Distrito Federal, no lapso de tempo de três meses, lavrou 571 nomeações — provocando a despesa mensal de 6 milhões de cruzeiros. 72 milhões por ano. Além destas nomeações, fez mais 150 indicações de funcionários para exercerem a função de fiscal de barreiras, representando 9 milhões ao ano. As nomeações agora praticadas devem ter obedecido ao critério do dilúvio. Que importa o empreguismo descabelado, as nomeações em massa, se o Distrito Federal passará a Estado, e se os Estados costumam ter rendas infinitas para pagarem a seus servidores? As máscaras precisam cair, ainda que sob rumor das cataratas de emprêgos.

JORNAL DO BRASIL — RIO

- Quase todas as opiniões de economistas, homens de negócios e industriais são unâmes em apontar Minas Gerais como o Estado que mais progresso deverá experimentar na década dos 60. Motivos: a transferência da capital da República para Brasília, tornando Minas o corredor natural para os que demandarem a nova capital, vindos de São Paulo ou Rio de Janeiro, e as obras de vulto que, incluídas nos programas das metas, se realizam no território mineiro, como Furnas e Três Marias. Basta lembrar que Minas terá a maior quantidade de água representada no Brasil, além de abundante energia elétrica.

REVISTA "PN" — RIO

- Antigamente, quando Fernão Dias tinha a seu favor sómente a intuição das estradas e a luz das estrelas, a penetração para o interior brasileiro se fazia sem subvenções e sem gratificações consoladoras: o pioneirismo tinha, realmente, uma significação real, substantiva. Como os tempos mudaram, é claro que mudaram também os costumes, tanto na área do Executivo quanto na do Legislativo: vejam-se as vantagens que os chamados representantes do povo se outorgaram a si mesmos, para enfrentarem a ingente tarefa de se deslocarem para Brasília. E as vantagens são concedidas sem forma legal correta, em expediente corrido, sem maiores cautelas legiferantes.

CORREIO PAULISTANO — SP

- O bom senso indica que mudança não é oportunidade para que ninguém se avantaje em concessões de toda ordem. Isto no reino paradisiaco das idéias: aqui na vida real, o que há é mesmo a ajuda de custo e mais outras achegas para os que deixam o Rio de Janeiro: ajuda de custo de 132 mil cruzeiros, e mais 120 mil cruzeiros para o transporte da mobília para a nova Capital. Passagens para familiares e dependentes (de avião, como querem os novos tempos) — tudo isto pago direitinho, para consolidar o pioneirismo legislativo.

A PLATÉIA — SANT'ANA DO LIVRAMENTO — RS

- Verdade que as greves continuam, protestando os grevistas contra os salários baixos; porém, não reivindicando baixa de preços, o que seria mais interessante. Aquilo que é oferecido não vale a metade do preço pedido; e o que é procurado tem que ser pago pelo que for impingido. Mas, esta corrida viciosamente circular terá um fim, não há mal que sempre dure. Vamos pacientes, humildes, combalidos, alimentando (?) as frouxas esperanças de melhores tempos, de fartura e bem-estar geral. E até lá, caro leitor, vá fazendo mais uns furinhos na cinta, se ainda for possível.

A CIDADE — SÃO CARLOS — SP



NOVO ARNO

Nova concepção estrutural — da tampa até a base!

Nova jarro — liquidificação mais rápida!

Nova base — mais prática... mais estável, maior aproveitamento da força do motor!

Nova alça — inquebrável!

— A MARCA DIZ TUDO!



Roteiro do Sertão

O Bandido e a Mulher-Homem

Dinah Silveira de Queiroz (Do "Diário de Notícias")



E E' ESTE O ÚLTIMO EPISÓDIO de uma vida fãnhuda. Quando falavam no indivíduo, era do jeito natural com que se fala de uma onça:

— «Pois é: aqui ele matou um — aleijou outro no sítio vizinho, depois subiu a serra, pegou um desgraçado que deixou viúva e dois filhos...»

Era, na verdade, mais que um bandido — que muitos lá têm feitos heróicos e até nobres, em meio às degradações. Era uma calamidade humana desencadeada. Pertencia a essa espécie a que até certas mulheres rezadeiras se referem:

— «Com êstes o Governo não devia gastar dinheiro. A gente trabalha, paga impôsto e fica sustentando êsse lixo humano na cadeia. Se eu fosse soldado...»

Se elas fôssem soldados — mas muitos, hein! — quando o pegassem, diriam, de qualquer maneira, que ele havia resistido à prisão. E passavam fogo.

Era mais ou menos isto que o Delegado de Polícia pensava. O diabo do assassino vivia em sua cidade, volta e meia, desgraçando gente. Fazia até que tinha parte com o Diabo. Sumia e, quando chegava, era fazendo crueldade, como o fizera com um débil mental:

— «Você tá me espiando? Que é que tem minha cara?»

E vai, que nem um gato, mete a pata (que mão de fera é assim que se chama) num zás-tráz no ôlho do pobre imbecil. E o ôlho inteiro espirrou longe, igual à espremida polpa de uma fruta.

O Delegado reuniu os seus soldados — recebeu uma ordem que lhe esquentara os miolos — e disse:

— «Nós já estamos abaixo de cachorro, com êsses desgraçados. Vamos pegar êsse tipo de qualquer jeito! E vivo ou morto! Estamos garantidos. O negócio é na violência, mesmo que a gente tem que dar uma satisfação à Sociedade. Vocês não viram o jornal? Diz que vocês só não estão engordando, porque suas mulheres põem vocês lavando roupa e ajudando a cozinhar. E quando acabam êste serviço — vocês vão cer-
zir meias!»

Não se sabe se foi êste incisivo discurso ou se foi o azar do assassino, a verdade é que dois dias depois ele foi preso. E de que modo! Estava aproveitando a bondade de seu almôço, debaixo de uma tamareira. Não teve nem tempo de passar a mão na arma. Foi levado, estúpido, estremunhado, espantado de ser caçado assim à tona. O sol estava esquentando, como a glória que subia à cabeça do sargento que comandava a escolta. Um triunfo, a entrada na cidade, com o criminoso como fera desestocada! Foi êle quem deu o exemplo. Começou com empurrões no preso que resmungava.

— «Você não é homem, você é bicho traíçoeiro! Está me abusando porque tenho as mãos presas, hein?»

— «Mais respeito! — gritou o sargento. E mandou o cano do rifle nas costas do homem que urrou de dor.

A essa altura, já na estrada apareciam algumas pessoas. E aquilo fêz sucesso.

— «Se a gente bate em criança, se até mulher apa-

nha, quando sai da linha, por que — me digam vocês — um criminoso não deve apanhar?»

Era o que pensava um velho barbudo que açulou os soldados:

— «Corta êste diabo! Ele merece ser cortado!»

O sargento fez que não estava vendo e um soldado meteu o facão nas costas do assassino, mas de leve, como unhada de gato.

— «Meu São Francisco do Canindé! Valei-me!» gritava o criminoso. Mas seus gritos de nada valiam. Ia empurrado a rifle, riscado a facão, todo ensanguentado, enquanto os soldados sentiam em si a ânsia da glória daquela prisão sensacional.

Quando chegaram à Praça, já quase ao fim do caminho para a Delegacia, o homem estava de dar dó. Pedia misericórdia de Deus, gemia, chorava, todo moído de pancada e arranhado de facas. E foi então que a mulher do médico do lugar deu com aquela cena. Diziam que era uma corajosa parabá, sim senhor, que ninguém, nem o marido, levantava a fala para ela:

— «Que vergonha! — gritou para os soldados, colocando-se à frente. «Isto é uma indecência! Martirizando o preso desse modo! Vamos acabar com isso, hein? Vocês não são soldados! Vocês são uns assassinos piores do que êle!»

A dona era importante. O sargento deu explicações:

— «Nós temos ordem de levar o homem, vivo ou morto! Sorte a dêle de estar vivo!»

A senhora vibrava no auge da indignação:

— «Só uma revolução, para acabar com essa Polícia que é uma corja de bandidos!»

O sargento ficou com sangue fervendo:

— «E... estou ouvindo isso só de... burro... Tivesse passado fogo, viesse com êsse assassino morto numa rãde e até gente como a senhora era capaz de me elogiar e de me dar parabéns. Pois é assim! Vamos, vamos embora!»

E o rifle mandou sua fôrça nas costas do assassino, que lançou um urro enorme.

Nunca desespere, a senhora gritou:

— «Eu protesto! Eu não permito a violência, a degradação!»

O sargento estava louco de raiva:

— «Vamos acabar, então, com essa sujeira! E vivo ou morto! O Delegado diz que não faz diferença — e já perdi a paciência! Liqüida-se o homem! Está acabado!»

Então o preso, todo sujo de sangue, cabelos revoltos, rasgado, também perdeu a paciência. Ele sabia que aquilo era ainda o melhor que lhe podia acontecer, aquele tratamento. E com os olhos injetados, a voz difícil pela perda de dois dentes que os soldados rebentaram, disse, muito decidido:

— «Olhe aqui, dona. Não se meta. Não se meta porque assim vai bom! Assim está direito! Não se meta, que a senhora está me atrapalhando. Deixe que assim vai bom!»

trio maravilhoso

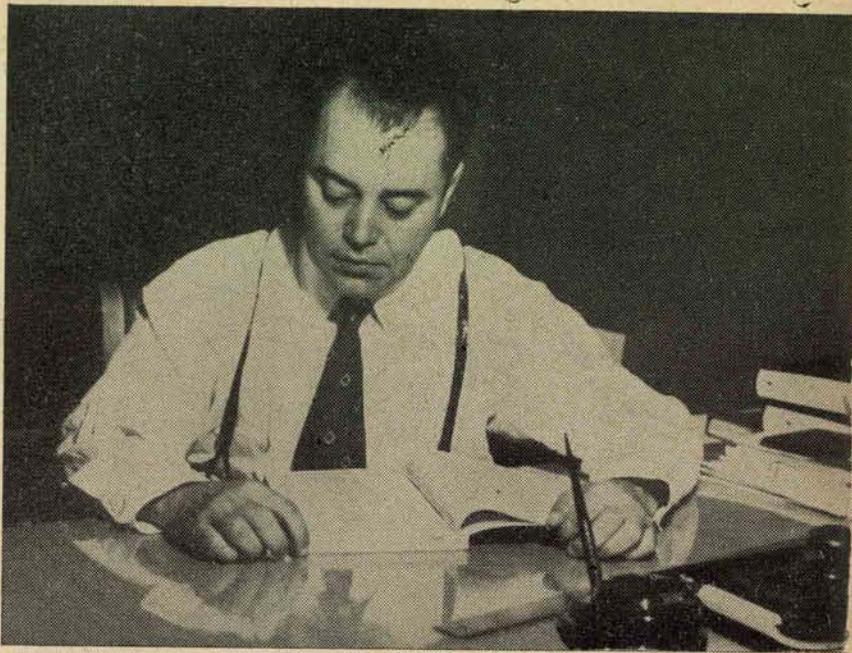


Deliciosamente perfumada... como você deseja... uma suave fragrância de Água de Colônia, Talco e Sabonete envolvendo você o dia inteiro... a suave fragrância do Trio Maravilhoso Regina. Nunca você imaginou tão perfeita harmonia em três produtos!

COLÔNIA • TALCO • SABONETE

Regina

Crise Udenista Superada



PREFEITO A. DE BARROS
Ameaça de caos à municipalidade.

O DEPUTADO Carlos Lacerda, que se manteve em vila-
tura na Europa durante tó-
da a campanha do Sr. Jânio Qua-
dros, regressou disposto a pro-
vocar — e de fato provocou — uma
nova crise na área udenista in-
vestindo contra a direção parti-
ária, e sobretudo contra o presi-
dente Magalhães Pinto, denunciando
a todos de desdém na condução
da campanha, desinteresse pela vi-
tória e, até mesmo, de acomodação
com os poderosos do dia, em de-
trimento dos objetivos eleitorais do
candidato popular. De acordo com
o seu conhecido estilo, Lacerda foi
logo aos extremos do escândalo,
entrando no terreno das retaliações

pessoais e agredindo o Sr. Magalhães Pinto pelas colunas do seu jornal, em artigos nos quais atribuía ao presidente nacional da UDN objetivos excusos na forma pela qual vem conduzindo a campanha janista. Segundo o deputado carioca, Magalhães estaria empenhado em poupar o atual go-
verno da União em virtude dos grandes interesses financeiros que representa nos meios bancários e industriais do País, e ainda porque teria receio da ação anti-inflacionária prometida por Jânio Quadros, pelos reflexos que essa política poderia provocar na área dos inter-
esses econômicos do ilustre pre-
sidente nacional da UDN.

A réplica de Magalhães foi imediata e enérgica, refutando as acusações de Lacerda e demons-
trando a sua improcedência com argumentos e fatos, que tiveram larga repercussão em toda a im-
prensa nacional. A polêmica, como sempre muito bem aproveitada pe-
la imprensa adversária de Jânio — enquanto o candidato popular se aprontava para iniciar sua proveitosa excursão pelo Rio Grande do Sul — poderia dividir o partido, embora a esmagadora maioria se colocasse ao lado do seu presidente, devido à ameaça de Lacerda de arrastar os seus amigos e com elas fundar uma nova agremiação

REGISTRO

*Imprensa". Eis o seu pronunciamento, recolhido por um vespertino cario-
ca, em plena ebullição da recente crise udenista : "O Sr. Carlos Lacerda foi a única voz da Oposição que se calou, ausentando-se do País apesar das responsabilidades específicas que lhe cabiam como um dos principais promotores do retorno da candidatura Jânio Quadros à presidência da Repú-
blica. Quanto às insinuações do deputado Lacerda relativamente à direção do partido, procurando, inclusive, atingir na sua honra pessoal um homem como o Sr. Magalhães Pinto, não podemos deixar de lembrar que todo o partido e toda a Nação têm juízo firmado sobre a pessoa que dignamente conduz nossa agremiação".*

• Os fatos que interessam à imprensa tendenciosa ou pouco esclarecida nunca são expostos ao leitor em to-

*dos os seus ângulos. Como exemplo, mencionamos o faturamento da indústria automobilística nacional, que já teria atingido 70 bilhões, superando de muito a produção nacional de café. E' um fato que está sendo mencionado a cada dia, pela imprensa oficiosa. Mas o que essa imprensa não diz é o volume de dólares que o café produz para sustentar a economia nacio-
nal, e muito menos o volume de dólares que se gasta ainda com essa indústria automobilística, no retorno anual de lucros por dividendos e por "royalties".*

• Um dos jornais oficiais de Belo Horizonte fazia, há pouco, severas críticas ao governador Carvalho Pinto, por ter declarado que vai lutar pela vitória de Jânio Quadros em seu Estado. Esse mesmo jornal, em suas notas políticas, informava dias após, textualmente : "Em Minas, tudo ca-

• O deputado Aluísio Alves, secretário geral da UDN, foi companheiro de trabalho do Sr. Carlos Lacerda durante muitos anos, como diretor-gerente do jornal "Tribuna da



CARLOS LACERDA
Conseguirá melhorar a campanha udenista?

política de oposição radical ao situacionismo dominante.

Instado a se pronunciar sobre o *entrevero* ainda em excursão eleitoral pela terra gaúcha, o Sr. Jânio Quadros excusou-se peremptoriamente declarando que o assunto era "da alçada exclusiva da UDN, sendo-lhe vedado, na qualidade de candidato extra-partidário, fazer qualquer pronunciamento sobre a contenda". Essa manifestação do candidato popular, logo seguida de pronunciamentos do governador Juraci Magalhães e outros líderes udenistas categorizados em prol da unidade partidária, parece que influiu na decisão tomada pelo diretório nacional, em sua primei-



EDNA LOTT E TANCREDO
E' realmente gritante o grau de analfabetismo do nosso País.

ra reunião após a deflagração da crise, no sentido de chegar-se a uma fórmula apaziguadora, que foi logo encontrada e unanimemente aprovada: a destituição da comissão diretora da campanha jânista, até então verdadeiramente inoperante e a sua substituição por outra comissão de três membros, integrada por Carlos Lacerda, Bilac Pinto e padre Calazans.

Contribuiu para esse desfecho o espírito conciliador do presidente Magalhães Pinto que, tendo recebido do diretório nacional a incumbência de indicar os nomes que deveriam formar a nova co-

missão, incluiu o deputado Carlos Lacerda, transferindo-lhe, assim, as responsabilidades pelos resultados que possam advir da mudança que se espera na orientação da campanha. Conciliadora e, sobretudo, hábil a decisão de Magalhães Pinto pois dessa forma ele demonstrou que sabe colocar a unidade partidária acima de suas divergências pessoais ao mesmo tempo em que se eximiu desde logo das consequências desfavoráveis que possam advir para a candidatura Jânio Quadros, como resultante da nova orientação que venha a ser dada, à campanha udenista.

(Continua na pág. D)

minha calmo. O grande eleitor do marechal Lott, de dentro do Palácio da Liberdade, vai mexendo os pausinhos da sua habilidade política com visível proveito. O eleitorado paulatinamente crescendo e o nome do candidato, marechal Lott, ganhando terreno em todas as camadas sociais".

• A convite dos seus conterrâneos, reunidos no IV Congresso dos Trabalhadores Metalúrgicos, em Caxias, o candidato da Oposição ao Palácio da Liberdade, Sr. Magalhães Pinto, esteve naquela cidade, pronunciando uma palestra na qual enunciou os seguintes pontos de seu programa: manutenção do monopólio estatal do petróleo, política capaz de tornar as empresas estrangeiras menos gananciosas, reforma agrária que signifique amparo ao dono da terra e aos que nela trabalham, liberdades demo-

cráticas, relações comerciais com todos os países, paz entre os povos, direito de greve, medidas urgentes de contenção da alta do custo de vida, autonomia sindical e reforma imediata da Previdência Social.

• O governador Bias Fortes foi aposentado, com vencimentos de aproximadamente noventa mil cruzeiros mensais, no cargo de Oficial do Registro de Santa Cruz, no ex-Distrito Federal, cargo este que exerceu, segundo se informa, apenas durante seis dias, tendo contado, para efeito da aposentadoria, o tempo em que cumpriu mandatos eleitorais no Estado e na República, assim como diversos cargos administrativos durante a sua vida pública.

• No período de pouco mais de um ano, o secretário-candidato Sr. Tancredo Neves, aumentou duas vezes

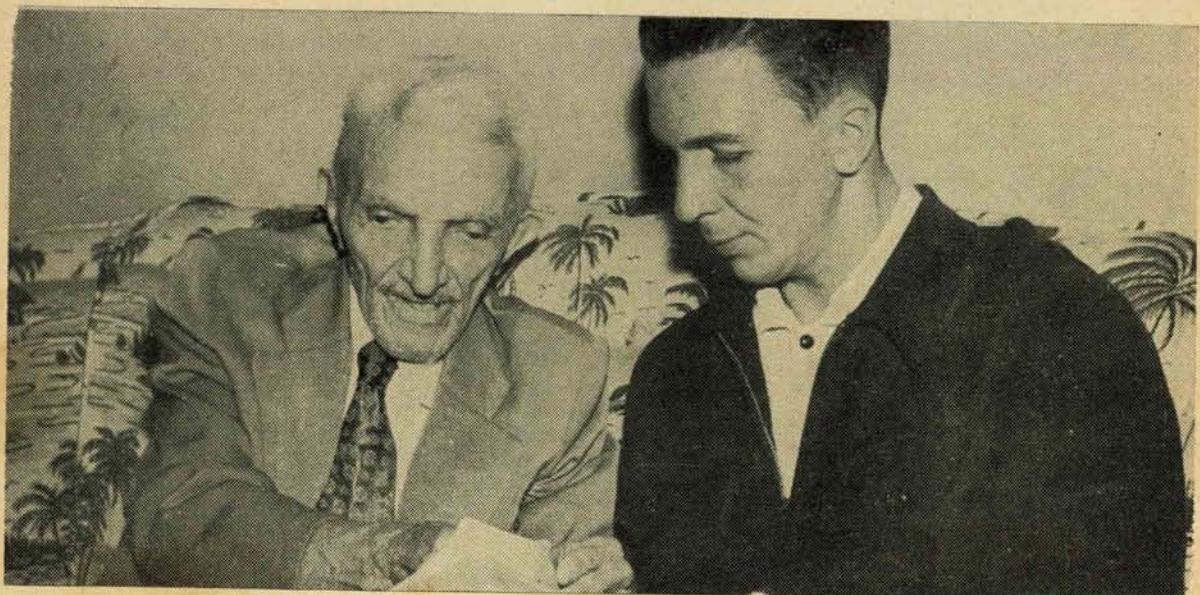
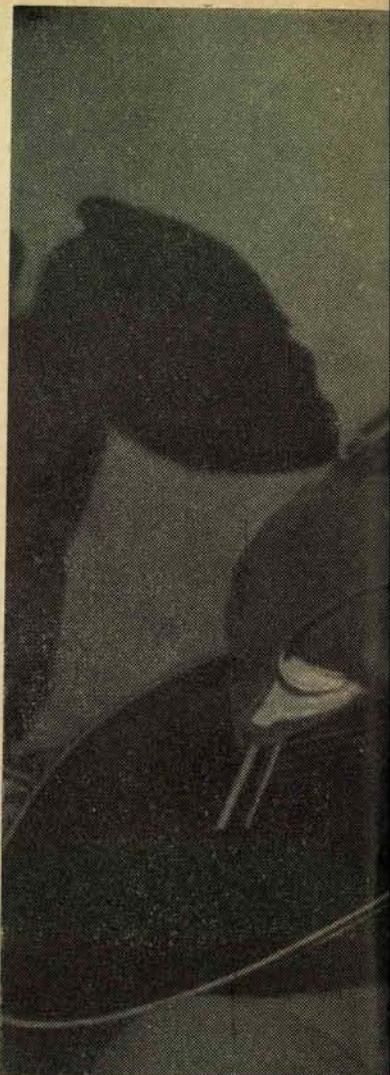
os impostos estaduais, para elevar em cerca de 4 bilhões a receita do Estado. Motivo: regularizar o pagamento do funcionalismo. No mesmo período, foi pedida, e obtida, a licença para um empréstimo de 6 bilhões. Motivo: regularizar a dívida flutuante. Resultado geral: o funcionalismo continua atrasado (cerca de 3 meses na Capital e 6 meses no interior) e os credores do Estado continuam esperando...

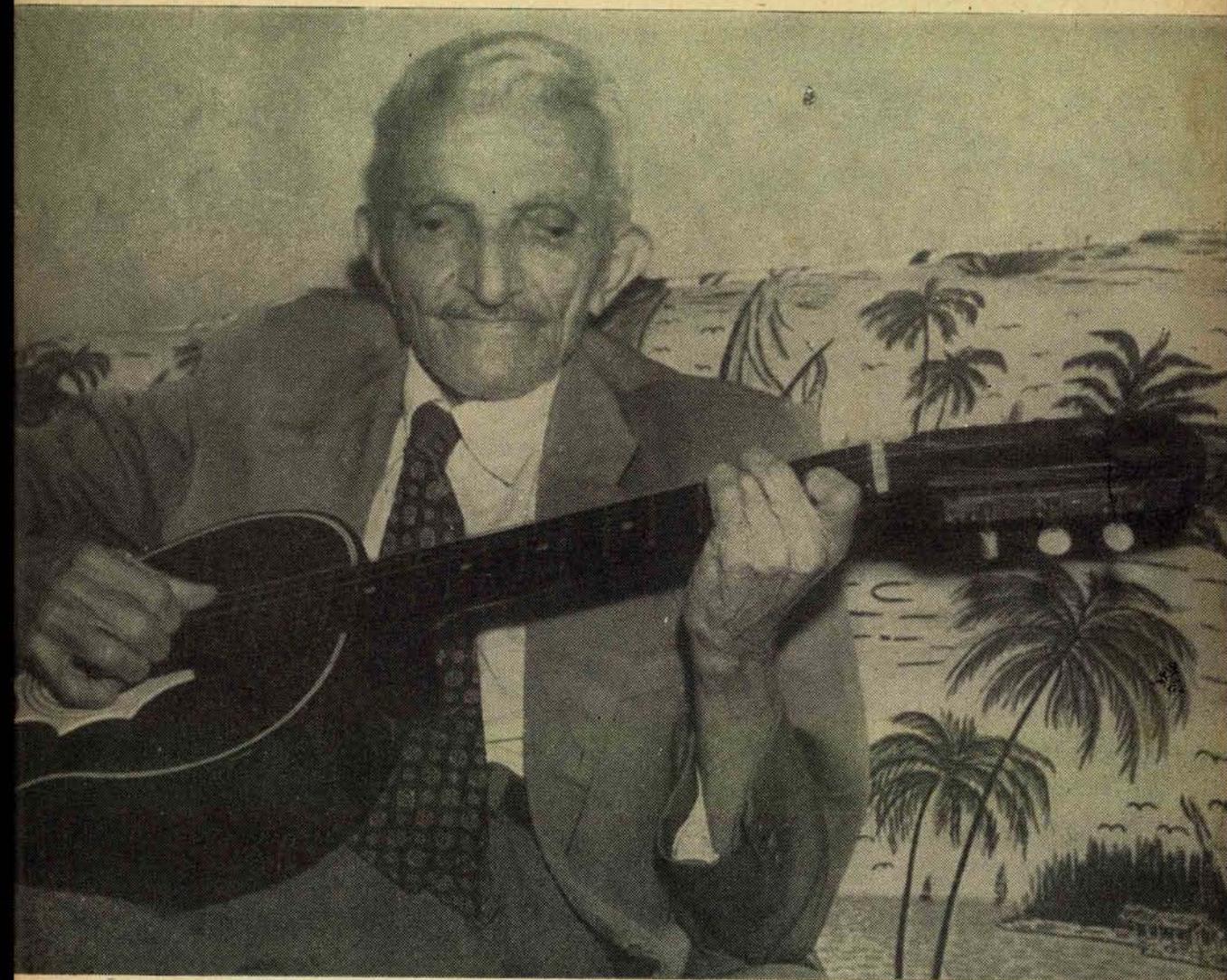
• O famoso protocolo entre o PSD e o PR, segundo informam os jornais, está assinado desde o dia 13 de abril último. Mas as cúpulas partidárias não o revelaram, não o confirmam, nem o desmentem. Será reação da reação do PTB? Ou simples questão de escrúpulo para com os pessimistas e republicanos que vão decidir as eleições nas urnas do interior?

Professor Benedito Odilon Profeta

PIONEIRO ENTRE INDÍGENAS

Reportagem de
Moacyr de Castro Oliveira
Fotos de Leibnitz S. Calazans





O autor de «Igapitanga» recorda-se dos velhos tempos nas selvas de Mato Grosso e Goiás, quando, com saudades do lar, dedilhava «o pinho sofredor». Apesar de visivelmente alquebrado pelos anos e pela moléstia que o ataca, o Professor executou para a reportagem a música que sempre faz o seu coração vibrar: o Hino Nacional.



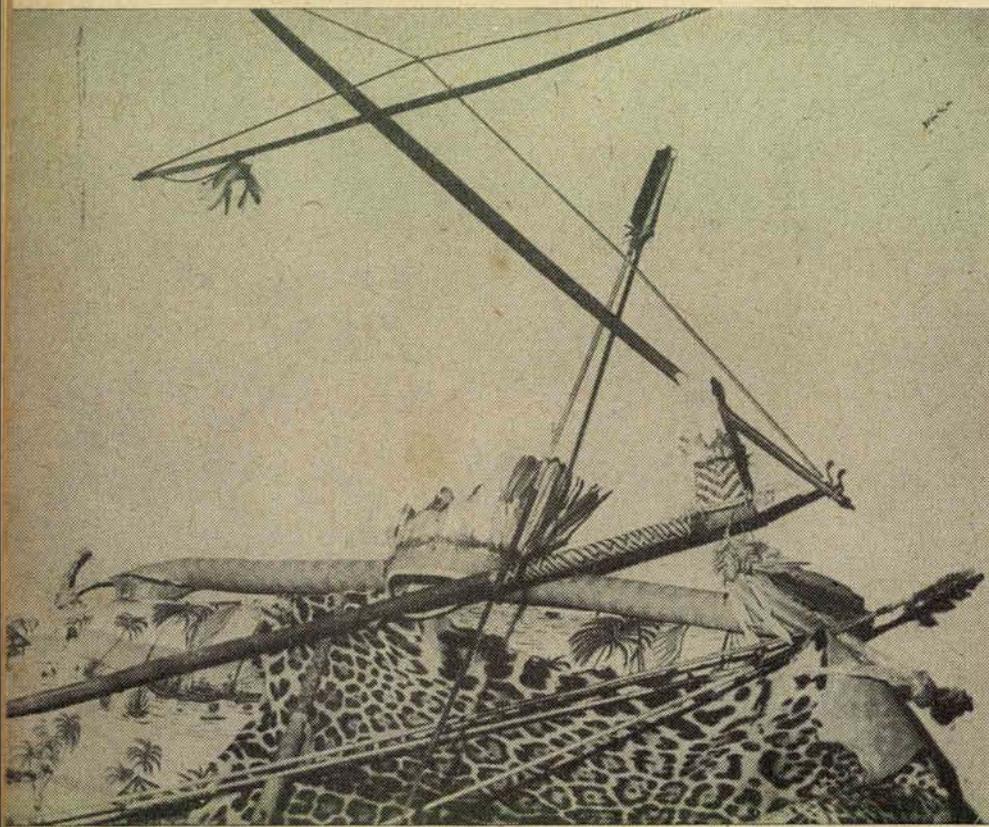
O pioneiro e escritor Benedito Odilon Profeta mostra à reportagem uma de suas obras, um relato de sua expedição a Goiás e Mato Grosso, em 1923, e, ao mesmo tempo, um profundo estudo sobre os indígenas. O livro é «O Indígena Brasileiro».

PROFESSOR — quando criança — então caçador, poeta, arqueólogo, missionário, escritor, e depois professor outra vez, entre os índios, Benedito Odilon Profeta (neto de português) é um nome que poderia, com justiça, se juntar à galeria dos benfeiteiros da pátria, ao lado do índio-marechal Cândido Mariano da Silva Rondon. Fôssemos relatar, nesta simples entrevista, tôda a história, mesmo que abreviada, do professor Odilon Profeta, e preencheríamos centenas de páginas plenas de lirismo sertanejo, aventuras, anedotas e relatos pitorescos que caracterizaram o homem que, no alvorecer do século, se embrenhou nas matas agrestes de Goiás e Mato Grosso com uma finalidade sómente: humanizar — no sentido cristão da palavra — os seus «irmãos indígenas», defendendo-os contra os chamados «civilizados». Pro-

fundo conhecedor do idioma tupi-guarani, sociólogo inato, o Professor — era assim que o chamavam por onde andava — não mediou sacrifícios nem se atemorizou com os constantes perigos que teve de enfrentar para levar uma mensagem de amor e igualdade aos selvagens do *hinterland* brasileiro. E com a mensagem, roupas, medicamentos e outras utilidades. Habitou nas anti-higiênicas «tabas» durante muito tempo, observando e corrigindo os maus costumes daqueles nossos patrícios das selvas. E depois de muita retutância, pois eles não queriam deixá-lo voltar aos seus, regressou ao seio da família, abatido e doente.

Após esse primeiro contato, voltou a Goiás várias vezes, e para manter-se, ensinava em Natividade, cidade próxima às aldeias. Nessa cidade, fundou uma Escola Normal que deixou em vias

PIONEIRO ENTRE INDÍGENAS



«O silêncio era profundo. Lá por volta da meia noite senti o chapéu de uma pisada macia e cautelesa. Apercebi-me. Engatilhei o clavinet e afrouxei o facão da bainha, pendente do punho da rede e...» Considerado o melhor caçador do norte de Goiás durante os quinze anos que ali viveu, o Professor iniciou a narrativa de uma das suas inúmeras aventuras, começando como todo caçador. A foto de Calazans mostra armas e ornamentos carajás e cherentes que repousam sobre um couro da «pin-tada».

de ser oficializada pelo governo do Estado; e em outras plagas, do norte, do centro e do sul, alfabetizou milhares de outros brasileiros. Autor de várias obras literárias abrangendo sociologia, religião, filosofia, ficção, poesia, etc., alguns dos seus livros alcançaram êxito e repercussão. «O Indígena Brasileiro», produto de uma sua expedição entre as tribos da Ilha do Bananal e norte de Mato Grosso é, segundo entendidos, um profundo estudo sobre índios, compreendendo teorias de evolução etnológica, exemplos relacionados à questão de quantidade de raças, hipótese de cataclismas geológicos, etc. «O Igapitanga», publicado e laureado em 1922, e cujos direitos autorais esta revista adquiriu, é um romance escrito *in-location*, que conta, em tom delicioso e no colorido exuberante do diálogo indígena, a história um tanto verídica de dois jovens carajás da Ilha do Bananal, Goiás, que se amaram num encontro casual de caçada, mas não puderam casar-se... E outras obras de edição esgotada, como: «Sublime Mensagem», «O Suicida», «O Luxo e a Moda»; e outras, inéditas: «O Brasil Central», «Psicologia dos Animais», «Problemas Nacionais», «O Apóstolo», etc.. E as mais re-

centes — que ainda não foram publicadas por dificuldades financeiras: «Zé Bofaça» (a biografia satírica do sertanejo-intelectual, o «sabe-tudo») e «A Minha Filosofia», que segundo o autor é obra com que encerrará a sua «carreira sobre a face da terra».

Minucioso nas explicações que dá, e de extraordinária memória, o Professor responde sem titubear:

— Nasci na Missão da Saúde (ou Vila do Itapicuru) nordeste do Estado da Bahia. Fica na divisa com Sergipe. Meu primeiro contato com os índios teve lugar em 1903, em Alagoinhas, quando um grupo de índios carajás, de Goiás, por ali passou em demanda do Rio de Janeiro a fim de queixar-se ao presidente da República, Dr. Rodrigues Alves, contra invasores de suas terras no Araguaia.

— Que experiência humana mais o impressionou, no contato com os selvagens?

— O que mais me impressionou, com relação aos nossos irmãos indígenas, especialmente os da tribo Carajá, foi a noção de família e de moral que revelam na sua etologia. De índole pacífica, todavia, pedem contas aos que transviavam uma de suas filhas virgens; bem assim aos que cometem

(Conclui na pg. 80)



Empunhando um arco chavante e alguns cocares carajás, (presente dos próprios selvagens), diz o indianista baiano : «O que mais me impressionou, com relação aos nossos irmãos indígenas, foi a noção de família e de moral que revelam na sua etologia».



Com 78 anos, bem vividos, o velho indianista e escritor baiano vive hoje entre os filhos — na foto, Osias e Osvaldo — que vigiam a sua saúde e cuidam de sua obra.

Não suplico, Senhor, em festa e riso mudeis o meu quinhão de mágoa e pranto, ou torneis minha vida um paraíso excluso de amargura e desencanto.

Da fortuna não peço o áureo friso refulja e enfeite meu singelo manto; não rogo suavizeis o chão que piso nem me brindeis ventura sem quebranto.

Eu nada imploro, nada meu Senhor, pois tudo recebi de vossa Amor num bem que vale o céu alto e profundo. Humildemente, apenas agradeço: «Graças, mil vezes pelo bem sem preço que é Mamãe — a melhor Mãe do mundo...» (Gracielle Salmon)

De Antoine Saint-Exupéry — A coisa melhor, mais pacífica, mais amiga que já conheci é o pequeno fogareiro do quarto de cima, em Saint-Maurice. Jamais alguma coisa me deu tanta segurança na vida. Quando eu acordava à noite, ele roncava como um pião e projetava sombras boas na parede. Não sei porque eu pensava num cão fiel. Este pequeno fogareiro nos protegia de tudo. As vezes, você subia, abria a porta e nos encontrava cercados de um bom calor. Você o es-

LEONOR TELLES

fuga

«Mas fique certa, maezinha, que você povou minha vida de ternura, como nenhuma pessoa poderia fazer...»

cutava roncar a toda velocidade e descia de novo... Mamãe, você se debruçava sobre nós, sobre esses anjos que partiam, e para que a viagem fosse tranquila, para que nada agitasse nossos sonhos, você desmanchava esta dobra do lençol, esta sombra, esta onda, pois tranquilizava-se um leito como, com um dedo divino, o mar...

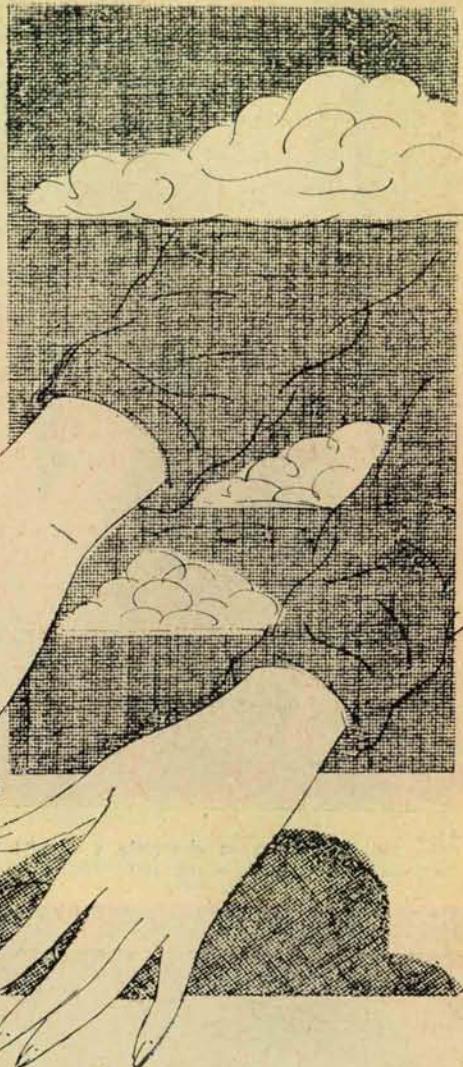
Bendita sejas, Mãe! Que eu te consagre uma oração filial mesmo sem brilho exaltando teu místico milagre de perpetuar a Vida no teu Filho.

És humana. Por nós tu sofres entre mil cuidados no insone amor profundo e és divina também, pois, no teu ventre, o Senhor fez-se carne e veio ao mundo... (Menotti del Picchia)

Patente prova da sabedoria divina é a dor inicial da maternidade, que adverte claramente a mulher do seu próprio destino. Ser mãe é destruir-se para erguer um porvir melhor. Nesse sacrifício está a mais alta sublimidade e a mais pura beleza da mulher... (Vigil)

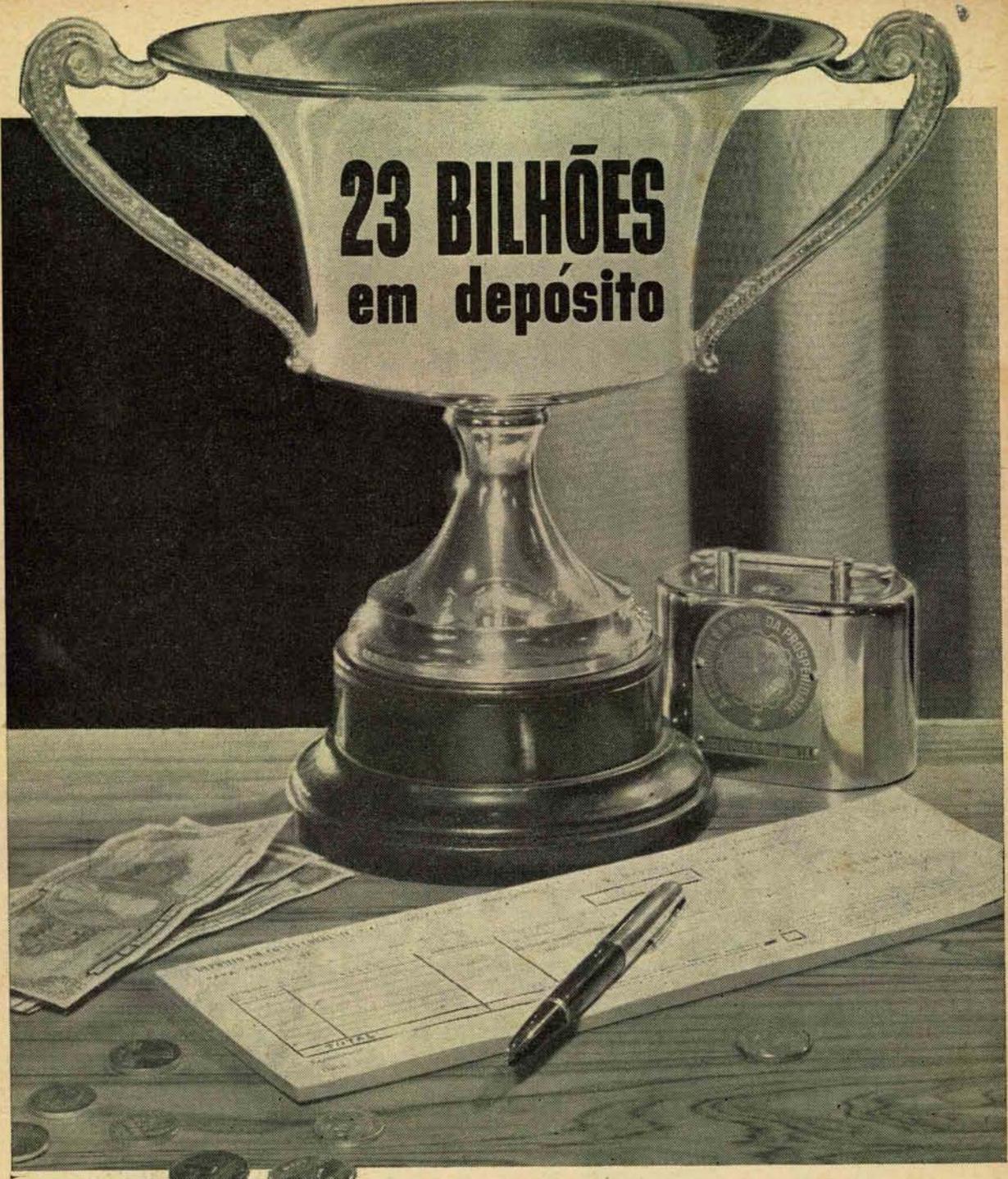
De Franca Lenardon — As mães sonham sempre que seus filhos hão de ser os melhores, porque os geram com o coração; todos os sonhos que para elas sonham lhes parecem possíveis, uma vez que crêem guardarem para elas tudo quanto é mau e doloroso...

Uma simples mulher existe que, pela imensidão de seu amor, tem um pouco de Deus, e, pela constância de sua dedicação, tem muito de anjo; que,



sendo moça, pensa como uma anciã, e, sendo velha, age com as forças todas da juventude; quando ignorante, melhor que qualquer sábio, desvenda os segredos da vida, e, quando sábia, assume a simplicidade das crianças; pobre, sabe enriquecer-se com a felicidade dos que ama e rica, empobrecer-se para que seu coração não sangre ferido pelos ingratos; forte, entretanto estremece ao chôro de uma cincinha, e, fraca, entretanto se alteia com a bravura dos leões; viva, não lhe sabemos dar valor porque à sua sombra todas as dores se apagam, e, morta, tudo o que somos e tudo o que temos dariamos para vê-la de novo, e dela receber um áperto de seus braços, uma palavra de seus lábios. Não exijam de mim que diga o nome dessa mulher, se não quiserem que ensope de lágrimas este álbum, porque eu a vi passar no meu caminho. Quando crescerem seus filhos, leiam para eles esta página; elas lhes cobrirão de beijos a fronte, e dirão que um pobre viandante, em troca de suntuosa hospedagem recebida, aqui deixou para todos o retrato de sua própria MÃE... (Don Ramon Anjel Jara)

Coração que sepulto em silêncio reposa,
A morte vem, os dias rápidos se somem...
Adora a tua mãe sobre todas as coisas!...
(Alphonsus de Guimaraens)



23 BILHÕES
em depósito

Uma vitória que é também de cada um
de nossos 918.984 depositantes...



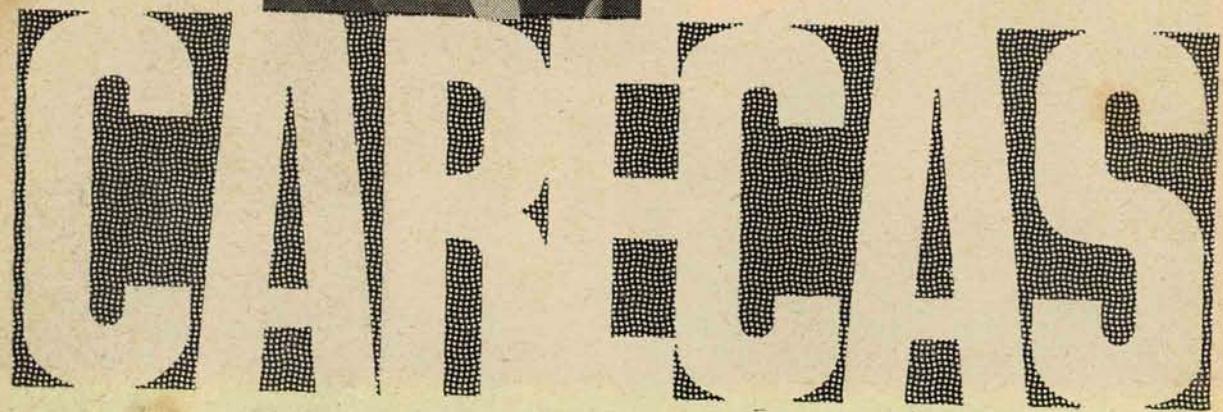
Banco da Lavoura
DE MINAS GERAIS, S.A.

A MAIOR ORGANIZAÇÃO BANCÁRIA PARTICULAR DA AMÉRICA LATINA



TEXTO DE

wilson frade



O PROBLEMA da perda do cabelo é assunto que interessa a muita gente. Afeta a maioria dos homens que têm perdido o cabelo com maior ou menor intensidade. Esses homens, com certeza, haviam de preferir ter sempre a cabeça protegida do que tê-la exposta às intempéries, numa exibição permanente do couro liso. O careca é sempre alvo das brincadeiras e troça dos outros, ou fica obrigado a andar com o chapéu na cabeça ou então a deixar crescer um farto bigode ou mesmo a barba, para compensar e disfarçar...

A literatura popular diz que a calvície sendo herdada é incurável, mas quem a possuir parcial pode curar-se. Daí o grande número de remédios vendidos no comércio que «garantem» a cura da calvície e evitam a queda do cabelo.

SO' HOMENS CALVOS

O aumento assustador na incidência da calvície, nestes últimos anos, mesmo em homens bem jovens, tem preocupado os cientistas de todo o mundo. Os cientistas tão perturbados estão com o problema, que já começaram a encarar a perspectiva da raça humana vir a perder totalmente o cabelo.

São muitos os fatores que têm de ser levados em conta. Como todos reconhecem, a civilização moderna aumentou muito a tendência para a calvície.

As comidas modernas, também, têm sido alvo de crítica por parte dos cientistas que se dedicam ao assunto. Já se descobriu que certos alimentos são ricos em substâncias que promovem o crescimento do cabelo enquanto outros são deficientes.

Já se provou, por exemplo, que a substância química Lisina, felizmente presente em poucos alimentos, é forte causadora de cabelo branco prematuro. Como ainda não se conhece bem o efeito de outras substâncias químicas, os cientistas estão a pesquisar para ver se não haverá qualquer outra substância que seja a causa da queda prematura do cabelo.

PODEROSO REVITALIZADOR

O único elemento que se conhece e que garantidamente promove o crescimento do cabelo é o arsênico, um veneno mortal.

Esse veneno é tão potente que, ao proceder-se à exumação de cadáveres dos que tenham morrido por envenenamento de arsênico, verificou-se que o cabelo do cadáver continuou a crescer apesar de passado bastante tempo depois da morte.

Mas quem é que deseja arriscar-se assim só para ter farta cabeleira depois da morte?

As condições do clima, também afetam o crescimento do cabelo. Já se sabe que o homem do campo, pastores, agricultores, fazendeiros, conseguem manter o cabelo por muito mais tempo que o homem da cidade.

Os que vivem em climas úmidos pouquíssimas vezes sofrem da calvície. O cabelo humano é muito sensível à umidade e, como os pesquisadores provaram, cresce com maior profusão e rapidez em tempo úmido que em tempo seco.

CRENÇAS POPULARES

Após estudos verificou-se que o uso do chapéu não causa a calvície. Também verificou-se que deixando de se usar o chapéu o cabelo não fica mais forte nem evita a calvície.

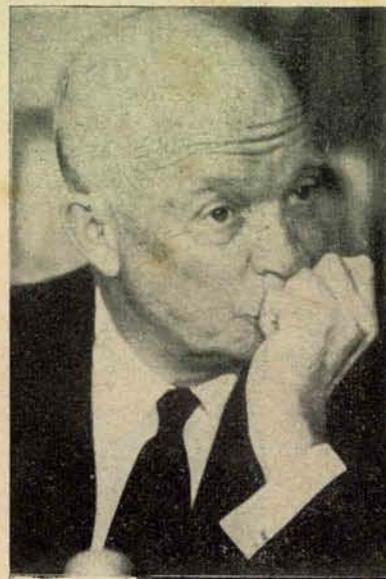
Realizou-se uma experiência numa praia com um grupo de homens que expôs suas cabeças descobertas diretamente aos fortíssimos raios solares durante uma estação (verão) toda. Depois, o cabelo de cada cabeça foi examinado através de microscópios poderosíssimos e, quando comparado com os exemplares retirados antes da experiência, verificou-se não haver diferença alguma.

As crenças populares sobre as causas da queda do cabelo estão sendo desfeitas uma por uma, pelas pesquisas científicas. Mas à medida que realizam tais pesquisas, o problema está sendo reduzido e não tarda que se descubra qualquer coisa sobre o assunto.

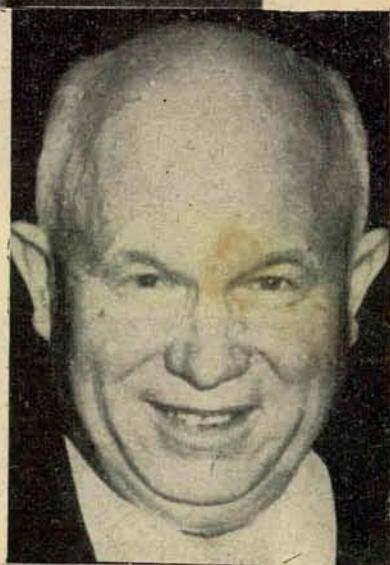
Com o emprêgo da cortisona e hormônios tem-se obtido algum sucesso no tratamento da calvície, mesmo em casos de longa duração.

CÂNCER

Atualmente na Inglaterra o problema tem prendido o interesse dos cientistas ingleses, mais por motivos muito mais importantes do que a mera vaidade masculina, nomeadamente para combater o câncer.



ike



kruchtchev



nehru

lott



CARECAS

Um grupo de pesquisadores, depois de exaustivos estudos, afirma que a calvície em seres humanos deriva de um inibidor, uma substância que tem o poder específico de paralisar o maquinismo produtor do couro cabeludo. A confirmação dessa teoria implicaria o primeiro passo dado para descobrir essa substância a fim de isolá-la, para depois utilizá-la em determinadas experiências para verificar se, na realidade, tem alguma influência no crescimento de tecidos cancerosos.

Estes trabalhos, que estão sendo realizados no Instituto de Pesquisas Chester Beatty, têm a finalidade de observar o atual progresso de crescimento do cabelo da cabeça através de microscópios eletrônicos. Por essa observação verificou-se que certas moléculas alinharam-se para formarem a substância que constitui o cabelo. Outras pesquisas, dirigidas pelo Dr. William Bullough, do Colégio Birkoek, são dedicadas para determinar o que, na realidade, contribui para o crescimento do cabelo. O Dr. Bullough declarou que quaisquer informações que lancem luz sobre o assunto terão grande valor nos estudos que ora se processam sobre o crescimento de outros tecidos, tais como, por exemplo, os cancerosos. Este cientista declarou, também, que já conseguiu produzir cabelo em experiências realizadas em pedacinhos de pele viva, mas, acrescentou, que tais experiências pouco ou nenhum benefício têm para os calvos, pelo menos por enquanto.

Portanto, até que se conheça com segurança a causa da queda do cabelo, a cura não será nada fácil.

No Brasil, um dos que se tem dedicado ao assunto é o Dr. Lutero Vargas, gastando seu precioso tempo e arriscando, até, sua reputação profissional. Embora haja quem afirme que seu método não cura, é sempre mais um recurso para os carecas.

HEREDITARIEDADE

A perda de cabelo é raríssima nos povos primitivos, embora nos países civilizados sua perda gradual comece aos dezoito anos. O cabelo desapa-



tancredo



rece progressivamente e nada consegue estacionar a marcha para a calvície.

A hereditariedade tem um papel importante no assunto. Os cientistas descobriram que um homem careca gera filhos que acabarão por ser calvos.

Uma outra descoberta importante é a de que os homens viris ficam carecas mais cedo do que os homens «fracos». De um modo geral, os carecas são compensados pela natureza com maior profusão de cabelo no peito, braços, pernas, etc...

Uma cabeça normal contém 120.000 fios de cabelo por polegada quadrada; os cientistas querem descobrir porque razão a natureza, tão liberal no começo, de repente se torna avara. Alguns médicos acreditam que o estado emocional da pessoa afeta o crescimento do cabelo. Os homens que se preocupam muito tornam-se prematuramente calvos.

Devem-se evitar pensamentos deprimentes sobre a calvície, dizem êles. Um deles aconselha que se deve descansar já que o descanso «dissipa a tensão e dá ao cabelo uma oportunidade».

Esse cientista diz que o pensamento negativo «Estarei careca aos 40», que domina a maioria dos homens quanto ao seu próprio cabelo, pode e deve ser vencido por pensamentos positivos e otimistas.

MULHERES

A mulher raiissima vez se torna calva, embora se conheçam alguns casos.

A chave desse mistério talvez esteja na deficiência hormônica ou glandular, já que raríssimas vezes a mulher se torna calva, e sabemos que elas foram dotadas pela natureza com mais liberalidade que os homens em certas secreções glandulares.

Tem-se perguntado se o corte constante do cabelo produz a calvície. Num teste realizado nos Estados Unidos, durante nove meses, verificou-se que, rapando-se ou cortando-se o cabelo com freqüência, não se verificava nenhum efeito anormal no seu crescimento.

Recentemente, os cientistas resolveram utilizar a energia nuclear para tentarem descobrir a causa da calvície ou uma cura.

Com tudo isso, e apesar desses super-humanos esforços, há muito homem que nem se importa com a descoberta da cura. E' que há muita moça por aí que prefere homens com careca lisa e luzidia.

CARECAS FAMOSAS

Yul Brynner, o popular astro do cinema americano, faz-nos ver que as moças acham uma abóbada sem cabelo, muito atraente... e em grande número assistiram os filmes em que êsse careca aparecia, como sejam *O Rei e Eu*, *Anastasia*, *Os Irmãos Karamansov*, etc. Ele próprio deve sua fama à careca.

Os carecas na Hungria têm uma fonte de renda quando permitem que se pintem anúncios no couro... depilado.

Na Itália é escolhido anualmente um «Mr. Careca» e o vencedor recebe um prêmio de cerca de cinqüenta mil cruzeiros.

Mas, apesar de tudo isto, tantos os cientistas como os médicos de todo o mundo, jamais deixarão de tratar do problema da calvície e, apesar também do que as mulheres tenham a dizer, não desistirão das pesquisas.

Exceção feita aos habitantes da velha Roma, que tinham na calvície o símbolo de um cidadão distinto, a maioria dos homens do mundo prefere e continuará a preferir uma cabeça coberta de farta cabeleira.



lott

CARECAS

Um grupo de pesquisadores, depois de exaustivos estudos, afirma que a calvície em seres humanos deriva de um inibidor, uma substância que tem o poder específico de paralisar o maquinismo produtor do couro cabeludo. A confirmação dessa teoria implicaria o primeiro passo dado para descobrir essa substância a fim de isolá-la, para depois utilizá-la em determinadas experiências para verificar se, na realidade, tem alguma influência no crescimento de tecidos cancerosos.

Estes trabalhos, que estão sendo realizados no Instituto de Pesquisas Chester Beatty, têm a finalidade de observar o atual progresso de crescimento do cabelo da cabeça através de microscópios eletrônicos. Por essa observação verificou-se que certas moléculas alinharam-se para formarem a substância que constitui o cabelo. Outras pesquisas, dirigidas pelo Dr. William Bullough, do Colégio Birkoek, são dedicadas para determinar o que, na realidade, contribui para o crescimento do cabelo. O Dr. Bullough declarou que quaisquer informações que lancem luz sobre o assunto terão grande valor nos estudos que ora se processam sobre o crescimento de outros tecidos, tais como, por exemplo, os cancerosos. Este cientista declarou, também, que já conseguiu produzir cabelo em experiências realizadas em pedacinhos de pele viva, mas, acrescentou, que tais experiências pouco ou nenhum benefício têm para os calvos, pelo menos por enquanto.

Portanto, até que se conheça com segurança a causa da queda do cabelo, a cura não será nada fácil.

No Brasil, um dos que se tem dedicado ao assunto é o Dr. Lutero Vargas, gastando seu precioso tempo e arriscando, até, sua reputação profissional. Embora haja quem afirme que seu método não cura, é sempre mais um recurso para os carecas.

HEREDITARIEDADE

A perda de cabelo é raríssima nos povos primitivos, embora nos países civilizados sua perda gradual comece aos dezoito anos. O cabelo desapa-

rece progressivamente e nada consegue estacionar a marcha para a calvície.

A hereditariedade tem um papel importante no assunto. Os cientistas descobriram que um homem careca gera filhos que acabarão por ser calvos.

Uma outra descoberta importante é a de que os homens viris ficam carecas mais cedo do que os homens «fracos». De um modo geral, os carecas são compensados pela natureza com maior profusão de cabelo no peito, braços, pernas, etc...

Uma cabeça normal contém 120.000 fios de cabelo por polegada quadrada; os cientistas querem descobrir porque razão a natureza, tão liberal no começo, de repente se torna avara. Alguns médicos acreditam que o estado emocional da pessoa afeta o crescimento do cabelo. Os homens que se preocupam muito tornam-se prematuramente calvos.

Devem-se evitar pensamentos deprimentes sobre a calvície, dizem êles. Um deles aconselha que se deve descansar já que o descanso «dissipa a tensão e dá ao cabelo uma oportunidade».

Esse cientista diz que o pensamento negativo «Estarei careca aos 40», que domina a maioria dos homens quanto ao seu próprio cabelo, pode e deve ser vencido por pensamentos positivos e otimistas.

MULHERES

A mulher rariamente se torna calva, embora se conheçam alguns casos.

A chave desse mistério talvez esteja na deficiência hormônica ou glandular, já que raras vezes a mulher se torna calva, e sabemos que elas foram dotadas pela natureza com mais liberalidade que os homens em certas secreções glandulares.

Tem-se perguntado se o corte constante do cabelo produz a calvície. Num teste realizado nos Estados Unidos, durante nove meses, verificou-se que, rapando-se ou cortando-se o cabelo com freqüência, não se verificava nenhum efeito anormal no seu crescimento.

Recentemente, os cientistas resolveram utilizar a energia nuclear para tentarem descobrir a causa da calvície ou uma cura.

Com tudo isso, e apesar desses super-humanos esforços, há muito homem que nem se importa com a descoberta da cura. E' que há muita moça por aí que prefere homens com careca lisa e luzidia.

CARECAS FAMOSAS

tancredo

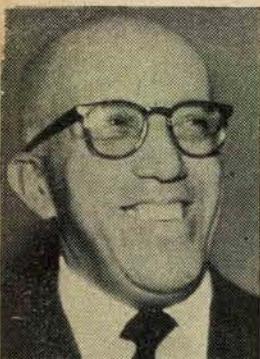
Yul Brynner, o popular astro do cinema americano, faz-nos ver que as moças acham uma abóbada sem cabelo, muito atraente... e em grande número assistiram os filmes em que esse careca aparecia, como sejam **O Rei e Eu**, **Anastasia**, **Os Irmãos Karamansov**, etc. Ele próprio deve sua fama à careca.

Os carecas na Hungria têm uma fonte de renda quando permitem que se pintem anúncios no couro... depilado.

Na Itália é escolhido anualmente um «Mr. Careca» e o vencedor recebe um prêmio de cerca de cinqüenta mil cruzeiros.

Mas, apesar de tudo isto, tantos os cientistas como os médicos de todo o mundo, jamais deixarão de tratar do problema da calvície e, apesar também do que as mulheres tenham a dizer, não desistirão das pesquisas.

Exceção feita aos habitantes da velha Roma, que tinham na calvície o símbolo de um cidadão distinto, a maioria dos homens do mundo prefere e continuará a preferir uma cabeça coberta de farta cabeleira.





Camponezes deixam seus lares recém-construídos para início do trabalho diário no campo. Nem todas as comunas têm habitações tão modernas como as da foto, mas os planos para o futuro indicam sensível melhoria de vida para todas as comunas.

A VIDA NUMA COMUNA CHINESA



As Comunas do Povo fundaram creches e jardins de infância onde as crianças permanecem enquanto os pais trabalham no campo. Vêmo-las, aqui, felizes, ouvindo histórias de uma das amas que trabalham na creche e são especialmente treinadas para a missão.

O MODO de vida do camponês chinês, imutável durante séculos e séculos, mudou certamente sob o comunismo. O fator principal desta mudança foi o aparecimento de novas estruturas sociais, consubstanciadas no que os comunistas chamam de «comunas». Atualmente noventa por cento da população camponesa da China está distribuída por...

25.000 comunas, tendo desaparecido todas as noções de vida pessoal, da maneira que a concebemos no Ocidente. Em qualquer de seus atos, a existência do chinês é regulada direta ou indiretamente pelo Estado. As comunas podem ter até 300.000 membros, e chegam, às vezes, a absorver a população inteira de um distrito. Camponeses, comerciantes,

estudantes, funcionários, enfim, os profissionais em geral, são arregimentados para uma vida comunitária de estilo um tanto militar. Uma vez formada a comunha, os trabalhadores deixam de exercer suas profissões regulares para se transformarem em verdadeiros «homens de sete instrumentos». Isto se faz em função dos períodos de maior ou menor trabalho



VIDA NA CHINA



Os sorrisos expressam a satisfação com que compram, no empório geral da comuna, a lã para o tricô, agora adquirida com dinheiro ganho no trabalho da colheita do ano passado, que foi excepcional.

Os comunistas convenceram-se de que as comunas estreitaram ainda mais os tradicionais laços da vida familiar chinesa. E estão incrementando a construção de apartamentos especiais em que as famílias possam viver juntas.

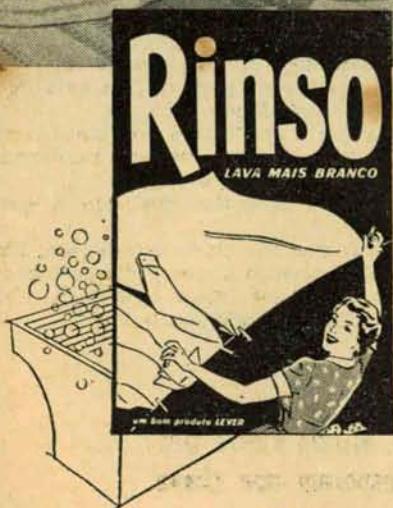
na agricultura, e é destinado a aproveitar ao máximo a capacidade de trabalho do indivíduo. Assim, no tempo da colheita todo mundo é mandado para os campos, mas, em tempos de menos trabalho ou em suas horas vagas, os homens são enviados para as construções de açudes e edifícios em geral ou, então, para as fábricas.

As fotos mostram alguns aspectos da vida numa comuna típica, onde famílias inteiras vivem em apartamentos recém-construídos e amas com treinamento especial cuidam das crianças, enquanto os pais trabalham nos campos durante o dia. Até os velhos têm os

(Conclui na pág. 88)

"Pensei que
minha toalha fosse
branca... mas a sua-
que beleza!"

"É porque
Rinso lava mais
branco!"



Veja!... como é mais branca a toalha lavada com Rinso! E mesmo as melhores donas-de-casa têm surpresas como essa... Mas é fácil compreender porque Rinso lava assim mais branco. ■ O Môlho Super Espumoso de Rinso penetra lá dentro do tecido, e lava fibra por fibra, desprendendo até o sujinho fino que deixa o branco cinzento e que o sabão comum não pode tirar. Só Rinso limpa de verdade! A prova disso é que a roupa lavada com Rinso fica com o branco mais branco que a Sra. já viu! ■ E nada de estragar a roupa no ralador do tanque, nada de alvejantes que corroem o tecido. É a pureza de Rinso que deixa a roupa assim mais branca... como se fosse sempre nova! ■ Comece a usar Rinso ainda essa semana. E, depois, que satisfação a Sra. terá, vendo na sua própria roupa que Rinso Lava Mais Branco!

Rinso lava mais branco!

Quitandinha

ESPECIALISTA...



À porta de um restaurante em São Paulo lia-se o seguinte : «Para qualquer reclamação, favor dirigir-se a meu filho. Atenção ! Ele é lutador de box...»

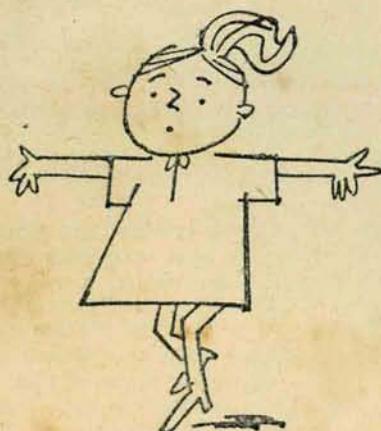
TERROR!

Ao assumir seu pôsto, o novo carteiro ficou horrorizado por saber que seu antecessor tinha sido mordido por cachorro nada menos de dez vezes.

— E o senhor não se importava ? — perguntou o rapazola, admirado.

— Isto não quer dizer nada — respondeu o velho. — Nossos mensageiros rurais são atacados por lobos !

DUAS HISTÓRIAS MACABRAS



— Papai, como o titio está pálido ! Que será que ele tem ? Nunca o vi tão pálido assim !

E o pai, aborrecido :

— Acabe com isto menino. Continue cavando e caladinho, hein !

A mocinha volta do trabalho para almoçar e encontra a avó na varanda.

— Oh, avôzinha, que temos hoje para o almôço ?

Mas a velha olha-a, sem dizer uma palavra. Na sala de visitas, a moça encontra seu irmãozinho estudando.

— Olá, Joãozinho, sabe o que é que temos hoje para o almôço ?

Também o irmão a olha de modo estranho, permanecendo silencioso. No corredor, a jovem encontra-se com o avô :

— Oh, avôzinho, garanto, que o senhor me dirá o que temos hoje para o almôço.

O velho a olha, abre a boca, mas não emite som algum. Finalmente, a moça chega à cozinha, onde encontra a mãe junto ao fogão.

— Mamãe, pode-se saber que é que temos hoje para o almôço ?

— Língua — responde a mãe, lacônica.

Existem duas espécies de automobilistas, afirma Pierre Dac : os que lavam seus veículos e os que esperam que chova.



VOCAÇÃO PARA VENDEDOR

O garoto foi ajudar sua tia na bombonière e observou que o grande estoque de chocolate, cujas barras eram vendidas a 20 cruzeiros, não tinha saída. Depois de pensar um pouco, dividiu cada barra em 12 pedaços e colocou-os na vitrina com o seguinte letreiro :

«Grande oportunidade ! 12 pedaços de chocolate por apenas 20 cruzeiros.»

Em menos de três horas, todo o chocolate em estoque foi vendido.

VENENOS

Um jovem recebe uma carta nos seguintes termos :

“Caro amigo, tenho provas de que o senhor passeou ontem durante duas horas com minha noiva e seu comportamento não foi dos mais corretos. Aconselho-o a deixar minha noiva em paz...”

O jovem tomou papel e lápis e escreveu :

“Prezado senhor, em resposta à sua circular...”

Aquêle violinista, que só sabia exagerar seus sucessos, contava a seu amigo pianista a respeito de seus triunfos na Europa :

— Foi uma sensação ! Imagine que em todos os lugares onde toquei, fui obrigado a bizar mais de 10 vezes !

— Então sua “tournée” foi um sucesso, heim ? — disse o pianista, delicadamente.

— Um sucesso ! Uma autêntica consagração ! E adivinhe quanto fiz nessa brincadeira, adivinhe !

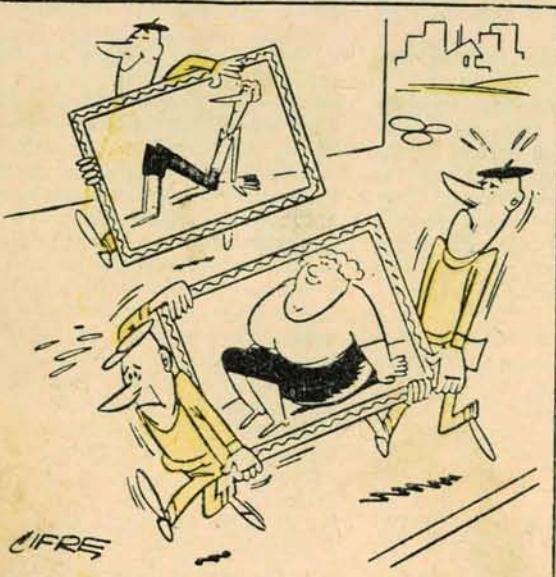
O pianista olhou calmamente para o amigo e respondeu :

— A metade, ora.

PSICOLOGIA NO COMÉRCIO

— Não sei como poderei evitar que as mulheres reclamem dos nossos preços e falem tanto nos preços baixos de antigamente — disse o balconista ao gerente da loja.

— Ora, isto é muito fácil — respondeu o gerente. — Basta que você, com a cara mais surpresa do mundo, diga-lhes que não pensava que elas fossem tão velhas assim, a ponto de se lembrarem daqueles tempos.



ASSOMBRAÇÃO



SENTAVAMOS à beira da cama ou acocorados ao chão, a ouvir as histórias fantásticas que ele conta-va. Naquele tempo de nos-sa meninice sua visita à nossa casa revestia-se de emoções e sentimentos que nossos olhos não escondiam: é que as palavras que davam forma e força às façanhas que descrevia, tinham sentido de autoridade e autenticidade. E como as sabia contar! Sua imaginação aticava nossa curiosidade; suas mãos magras gesticulavam figurando temor, força, cuidado e carinho. Muita vez, quando já estava cansado e pedíamos mais uma história (aquela da Fazenda de Santa Bárbara), baixava a cabeça alva e ia descrevendo as peripécias na sua voz grave e tibitade.

Era teimoso como ninguém. Após o jantar costumava disputar uma partida de bisca com meu pai; e nunca ficavam numa só... Seu adversário ganhava invariablymente, por sorte ou artimanha. Depois da vitória, seguiam-se a provocação e a zombaria às qualidades do parceiro, deixando-o furioso a ponto de retirar-se zangado, abruptamente. Pegava chapéu, guarda-chuva e sobretudo — que não abandonava nunca — e saía a caminho de casa, muitas vezes depois da meia-noite. Morava no bairro distante, mas recusava a companhia que lhe oferecíamos:

— Bobagem, não preciso que ninguém me acompanhe!

Quedávamos preocupados pelo fato de ir sózinho pela rua, àque-la hora. Mas suas pernas ainda conduziam com segurança aquêles 72 anos de vida atribulada. Não ligávamos, porém, à sua irritação quando perdia no jogo da bisca, pois sabíamos que aceitaria novo desafio no dia seguinte e que a cena se repetiria.

Sabia escolher a história ade-quada a cada momento. Se fazia noite chuvosa, com trovões e relâmpagos e éramos muitos a ouvir, contava a história da Fazenda de Santa Bárbara.

★ ★ ★

Certa vez recebeu uma propos-ta para conservar e afinar um piano antigo da casa dum fazen-

deiro. A oferta fez esquecer as dificuldades da viagem, os trans-tornos do transporte difícil, o can-saço e os incômodos que maltrata-riam qualquer homem na sua idade.

Cinco contos de réis era dinhei-ro naquele tempo. Após dias e dias de penosa andança, recorrendo ao trem-de-ferro, à carroça e ao ca-valo de aluguel, chegou à Fazenda. A casa era de construção se-cular: piso altíssimo; assoalha-da de taboas largas e compridi-as, que rangiam sob os passos; janelas envidraçadas e baixas, pintadas de branco com esquadrias em azul. Eucaliptos projetavam-se para o alto, protegendo a ca-sa como sombras de outros mun-dos no sortilégio da noite. Um quarto pequeno no andar térreo estava reservado ao visitante. De-pois de guardar a canastra, onde carregava as ferramentas de tra-balho, foi dar uma olhadela pela casa.

Contiguo ao quarto, que lhe fôra destinado, ficava a sala de jantar, exageradamente grande: móveis antigos de jacaran-dá, trabalhados com esmôro, em-prestavam-lhe um toque de in-cômoda austeridade. Um guarda-louça, que subia até o teto, es-tava repleto de louças antigas, pratarias e talheres do mais alto teor. Pregado à parede, bem no alto, encimando a cabeceira da mesa, um retrato ampliado re-produzia o rosto dum homem gordo, bigodes longos e ligei-ramente retorcidos, chapéu de abas largas, próprios do campo. A cara era de sujeito duro e de pa-lavra.

Aproximou-se do piano de cauda, abriu-o, examinou seu estado e correu os dedos sôbre o tecla-do: era trabalho para uma se-mana. No dia seguinte poria mãos à obra.

A hora do jantar sentaram-se à mesa, ele e a dona da casa. De luto fechado, circunspecta e calada, a mulher respondia e indagava estritamente o necessário. O as-sunto foi o conserto do piano an-tigo, reliquia de família, que os carunchos e as traças iam con-sumindo com o tempo. O tra-balho teria de ser feito ao dia, pois à noite o casarão se iluminava à luz do lampião de querosene.

DELSO RENAULT

Ilust. de
J A R B A S



Seu corpo estava batido pelo cansaço. Nem teve ânimo para retirar os objetos da mala. Em poucos segundos o sono veio sorrateiramente, tomou seus nervos de manso, como uma nuvem de fumo leve e entorpecedora. De repente, tremendo estrondo abalou o casarão. Teve a impressão de que o assalto da sala de jantar se havia rompido sob o peso do guarda-louça; a louçaria antiga e cara certamente espatifara-se ao chão. Trêmulo de susto, sentou-se na cama, acendeu a vela e olhou o velho relógio: meia-noite. Foi, pé ante pé, até a sala ver o que acontecera e avaliar o estrago. Não viu nada. Os móveis continuavam indiferentes, mudos. Nem sinal de louça quebrada. Passou o olhar por toda a sala: nenhum objeto fora do lugar. Lá fora a noite era solene e grave. Voltou ao quarto sobressaltado, mas decidiu dormir.

— Nunca tive medo de nada — rematava sempre ao chegar nesse momento da descrição.

Estirou-se na cama — prosseguiu — e deixou a vela acesa, bem junto à janela que dava para o terreiro. Que teria acontecido? Se algum objeto amanhecesse quebrado seria o responsável. Era o único estranho na casa.

Estava mergulhado nesta meditação, quando uma cara redonda, bigodes compridos, chapéu de abas largas, aproximou-se da janela, colou-se à vidraça e, num sopro forte e quente, apagou a vela!

A visão fantástica desapareceu num minuto. Tão violenta foi sua emoção, que não mais acendeu a vela. Deixou-se ficar esticado na cama até de madrugada. Quando amanheceu, levantou assustado e

temeroso, e foi olhar mais uma vez a sala de jantar. Tudo em ordem; todos os móveis no lugar em que os vira ao chegar. Foi nessa hora que seu corpo estremeceu, arrepiado. Na parede o retrato que vira na véspera: a cara era a mesma que havia apagado a vela através da janela fechada do seu quarto de dormir.

Quando a viúva sentou-se à mesa para o café da manhã eram sete horas. Sentou-se, também, ainda emocionado. Não falou no barulho que ouvira de madrugada; talvez estivesse acostumada, e ele passaria por homem medroso e covarde. Mas arriscou uma pergunta — a primeira e única que não se relacionava com o assunto do seu trabalho:

— Quem é aquela do retrato?
— É meu marido — explicou a dona da casa — que morreu aqui faz dois meses.

Apressou o trabalho da afiação e o conserto do velho piano o mais que pôde, e regressou à sua cidade.

Era assim nosso avô. Destemido e teimoso. Veraz e artificioso. Autêntico e inventivo. Irônico e engraçado. Não o conhecíamos bem, por isso sua personalidade fugidia significou tanto para nós. Sabemos apenas que, à medida que fomos depondo as ilusões, sua figura ressurgiu mais amorável e saudosa.

As histórias fantásticas de duendes e assombrasões que inventava, foram nosso encantamento por anos e anos. Ainda agora ouço sua voz grave, que vem levemente do nimbo do passado e vejo seu vulto recurvado — de chapéu de chuva e casaco — a subir a ladeira da rua onde morávamos.

CITO

Resolve o problema da limpeza



NO BANHEIRO,
COPA E
COZINHA!



Produtos da

COMP. QUÍMICA "DUAS ANCORAS"
CAIXA POSTAL 2143 - SÃO PAULO



Meu Automóvel.

Conto de ALTINO BONDESAN

Ilust. de MOURA

— Não enxerga, doido?

A voz me alcançou como uma chicotada. Nem me voltei para ver quem era. Aquilo já se ia tornando coisa corriqueira, mas mesmo assim não me acostumava. Afinal, qual o meu crime?

O meu aparecimento na rua, guiando desajeitadamente o fordeco 37, foi fato assinalado na crônica da cidade. Quanta risada! Ali surgira — segundo verifiquei abismado — não um cidadão comum, maior e vacinado, ao volante de um automóvel um tanto desgastado. Não. Ali surgira um palhaço, cavalgando um jumento e perguntando à molecada se ia ter goiabada...

Pessoas se cosiam à parede, fingindo perigo de vida. Ou levavam a dextra ao rosto, num gesto característico que dizia tudo: «Barbeiro!»

E os dichotes começaram. «Joga a lata no lixo». «Leva pro museu essa charanga».

No bar contavam-se piadas, recebidas entre sonoras gargalhadas. «Sabe da última? O Chico (é esse meu apelido) esqueceu o carro diante do ferro velho. Veio o homem, meio distraído e mandou meter na metralha, pensando que era uma tranqueira comprada na véspera...»

Bem, enquanto tudo estava na brincadeira, vá. Aqui entre nós, não sou nenhum velho ranzinza, desses que não admitem a menor pilharia. Se o gôsto do pessoal era rir, que risse.

Mas as coisas tomaram outro rumo. O Coronel Cazuza me apanhou pela gola do paletó, num gesto muito seu, empurrou-me para um canto do salão de bilhares e começou a arenga:

— Não lhe quero mal, mas sei que obrigado a tomar providências. Acho que vou andar armado, porque o senhor sabe, não todos desaforos...

Fiz a cara mais espantada desse mundo. Não comprehendia nada. E ele, continuando:

— Ontem o senhor quase me atropelou. Não pense que porque comprou um fordeco ordinário, tem o direito de tirar a vida do próximo...

Gaguejei uma explicação. E indaguei onde tal coisa aconteceria, porque, francamente, não me

*De tanto sofrer, o fordeco
cometeu suicídio...*



Usado.

CONTO PREMIADO NO
CONCURSO DA CIA. DE
SEGUROS «MINAS-BRASIL»

lembava de nada.
— Não seja cinico.
O senhor viu muito
bem este seu criado
na esquina da rua
Major Franco. E pa-
rece que fêz de pro-
pósito...

Desvencilhei-me do
Coronel, certo de que
o homem ensandece-
ra. Quem me conhece
sabe que sou capaz de
perder o automóvel,
atirando-o contra
uma árvore, para
não molestar uma ga-
linha ou um cachi-
ro, quanto mais uma
pessoa e, princi-
palmente, se tal pes-
soa fôsse o Coronel...



Em casa, à noite, ficava a meditar. Ligava os fatos como quem reúne os pedaços de um quebra-cabeça. E tirava minhas conclusões. Não havia dúvida. Estabelecer-se, na cidade, uma conspiração contra mim, desde que me viram de automóvel.

Verdade seja dita, fui promovido de pedestre a motorista por simples obra do acaso. Antes de adquirir o automóvel, jamais tiveira intenções de fazê-lo. Tudo resultou das loucuras do Camargo. Era, como todo mundo sabe, um estroína. Não fez outra coisa em vida senão malbaratar heranças. Primeiro foi a do pai. Alguns milhões que o sujeito torrou em Paris, nos áureos tempos do Moulin Rouge. Morreu-lhe em seguida a tia, fazendo-o seu herdeiro universal. Não havia parentes além dele. E Camargo, desta vez cheio de dólares, tomou o rumo de Nova Iorque. Isso aconteceu na época feliz dos «twenties», isto é, os anos que vão de 1920 ao «crack» da Bólsa. Voltou sem níquel.

Conheci pessoalmente tão ilustre personagem, quando devorava os derradeiros restos da herança materna. Trouxe-me o carro, deu-me em garantia de um empréstimo. Como não havia promissórias à mão, assinou-me um vale. E, de vale em vale, acabou entregando-me, em definitivo, o seu fordeco 37, de freios de varão e faróis comuns, legalizando o certificado de propriedade, a licença e tudo o mais.

Vi-me, assim, de uma hora para outra, inesperadamente, involuntariamente, dono de um carro de passeio. E, já que tal coisa sucedia, nada mais natural que eu aprendesse, com o auxílio de um mecânico amigo, em locais distantes, a arte de guiar — arte difícil, que nunca dominei completamente. Sabia, porém, o suficiente para rodar pelas ruas, sem pôr em risco a vida alheia.

Perguntarão vocês: E então, como se justifica essa história de gritos, admoestações, etc? Eu lhes direi, no entanto, que são coisas que não se justificam. Acontecem, apenas.

Pois bem, depois do Cazuza, outro que por pouco não me agrediu foi o Feliciano.

— Rapaz, um conselho lhe dou: venda a joça! Sem perda de tempo! Senão ainda acontece uma desgraça. O senhor pensa que porque comprou um artigo antediluviano daqueles, tem o direito de bancar o Pintacuda para cima de mim?

Pintacuda, vejam só. Mas a raça italiana me perseguia. Outros me intitulavam Casanova, só por-

que dei carona a umas meninas, à saída do Colégio, em dia de chuva...

Dava um desconto, pensando que, em cidade pequena, os assuntos são poucos. E qualquer fato novo faria o povo esquecer meu automóvel.

O povo é assim mesmo — segredava-me o Pafúnico. — Não gosta da prosperidade alheia. Acha que você está podre de rico...

— Eu? Por que?



— Ora, de Cadillac, aí pela rua, pra baixo e pra cima...

— Vá ilusão, meu caro. Ando mais pobre que Jó. Devo a gasolina que estou queimando e os reparos que fiz no motor a semana passada.

Pafúnico tinha lá suas razões.

— Mesmo que você escreva no parabrisa «sou pobre», ninguém lhe perdoa o automóvel. Prove que é pobre mesmo, vendendo o bicho e voltando a ser pedestre como tôda gente...

O diabo do prêto era mesmo experiente do mundo... E quando lhe fiz ver que não era o único proprietário de carro particular na terra, o safado me esclareceu que os outros já eram aceitos, tolerados, eu não.

— Você é novo-rico, não tem direito que os outros têm... Seu automóvel é uma afronta... Pode estar certo disso.

Acabei concordando e tomando uma resolução: dari por diante só sairia aos sábados ou domingos, bem de manhãzinha, regressando à noite. Iria desfrutar meu carro na estrada, larga e asfaltada, longe dos olhares invejosos dos outros.

Nem bem comecei tal uso, fui chamado à Delegacia.

— E? As queixas são muitas. O senhor perturba o sossego da vizinhança, quando esquenta o motor de madrugada. E' um desrespeito ao sono alheio. Assim não pode continuar...

Fiz sentir ao doutor que um cidadão tem direito de movimentar o motor de seu veículo, quando bem entende. Afinal, automóvel não é canhão, que faça tanto barulho. Depois, seis horas da manhã já é dia...

— Admito. Mas há outras queixas. Dizem que o senhor quase matou um padeiro sábado passado.

— Um padeiro? Onde?

— No largo da Matriz...

— Mas se nem passei por lá, sai de casa direto para a via Dutra...

Não havia jeito mesmo. Dois meses se passaram desde minha estréia como dono do 37 e ninguém se acostumava. Meu carro dormia fora, sob a mangueira do quintal, pois minha casa não tinha garagem. E sabem o que aconteceu na noite de Sábado de Aleluia? Simplesmente isto: fizeram meu carro de Judas. Arrancaram os limpadores do parabrisa, sumiram com a tampa do tanque, esvaziaram os pneus, retiraram as guarnições dos vidros, riscaram a canivete as portas...

Por que havia de ser assim? Por que?

Esta pergunta me faço até hoje, porque tudo na vida tem um fim e meu carro também teve. Absteve-me de usá-lo por algum tempo, até que um dia recebi recado da grave moléstia que acometeu minha comadre Rosa. Morava longe, na descida do Cemitério. Achei que tinha o direito de ir vê-la de carro. E fui. Deixei meu 37 com a direção voltada para o meio-fio, os freios manuais travados, a marcha-a-ré engatada. Tomei tôdas as precauções para que ele não fosse ladeira abaixo.

As cautelas, entretanto, de nada adiantaram. Ao retirar-me, lá pela meia noite, tive a surpresa de não encontrar meu carro. Guiado por mão estranha ou impelido por qualquer outra força, meu pobre automóvel havia despencado, como um bólido, na direção do Paraíba. Estábamos na enchente de abril, a maior dos últimos sessenta anos. Segui o rastro dos pneus, até o local onde, marcando profundamente o solo úmido, o fordeco mergulhou nas águas.

Não me interessei pelas buscas. A massa líquida o levou. Nunca mais lhe pus os olhos. Voltei a

pé para casa, reduzido, novamente, à condição de pedestre, de novo integrado no meu mundo de sempre.

Disso tive prova, quando fui acolhido no bar e no bilhar, entre abraços e demonstrações de carinho.

Respeitaram minha dor e meu prejuízo: ninguém falou no acidente.

E agora, quando relembro o episódio, tenho a impressão de que, enojado de tudo o que havia ocorrido, o meu 37 — meu bravo, meu heróico fordeco — animado de súbita autodeterminação, largou-se ao Paraíba, pondo fim aos seus dias, ou, como dizem os americanos, «cometendo suicídio...»

CARTAS

Continuação da pág. 5

também alemão (Heinkel He-178, que voou em 27 de agosto de 1939) voando antes que o turbo-jato inglês. O motor a jato, entretanto, não é invenção alemã, como se supõe, mas de um inglês, Sir Frank Whittle, que tirou patente de um motor a jato em 1930. Este motor só foi construído em 1937, tendo sido posto a funcionar pela primeira vez em 12 de abril de 1937. Convém notar que o primeiro avião a jato inglês (Gloster E28/39) estava equipado com um motor W-1, desenhado por Sir F. Whittle.

RODRIGO DE SOUZA E SILVA — BELO HORIZONTE — MG

• Gratos pela exposição, revelando o honroso interesse do amigo pela verdade dos fatos.

Enderêço Ignorado

Na edição de janeiro de ALTEROSA, li um artigo que me despertou particular interesse: «Os dramas de minha vida de clarividente», assinado pelo Sr. Frederick Marion. Gostaria de saber se o autor ainda é vivo e onde reside.

ELSON FIGUEIREDO DE MELO — SALVADOR — BA

• Adquirimos os direitos de publicação do referido artigo de uma agência europeia, das julgarmos difícil obter o endereço do autor, que não sabemos se ainda vive.

Opinião do Leitor

Escrevendo-lhe esta missiva, realizei um sonho de criança que despertava para realização de coi-

(Continua na pág. 40)



rádio anhanguera

ZYW 21 e 22

LHE
OFERECE
DIARIAMENTE

nas freqüências

1.370 (Média) — 5.035 (Tropical)

Amplio Noticiário — Programas Musicais — Palpitantes transmissões esportivas.

A EMISSORA MAIS OUVIDA NO BRASIL CENTRAL

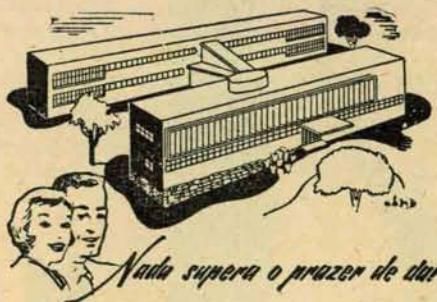
GOIÂNIA — GOIÁS

indo ao Rio...

HOTEL TROCADERO

- mais novo e moderno hotel de Copacabana
- ar refrigerado
- todos os apartamentos de frente

Av. Atlântica, 2064
Tel. 57-1834 - Posto 3
End. Teleg.: TROCADERO

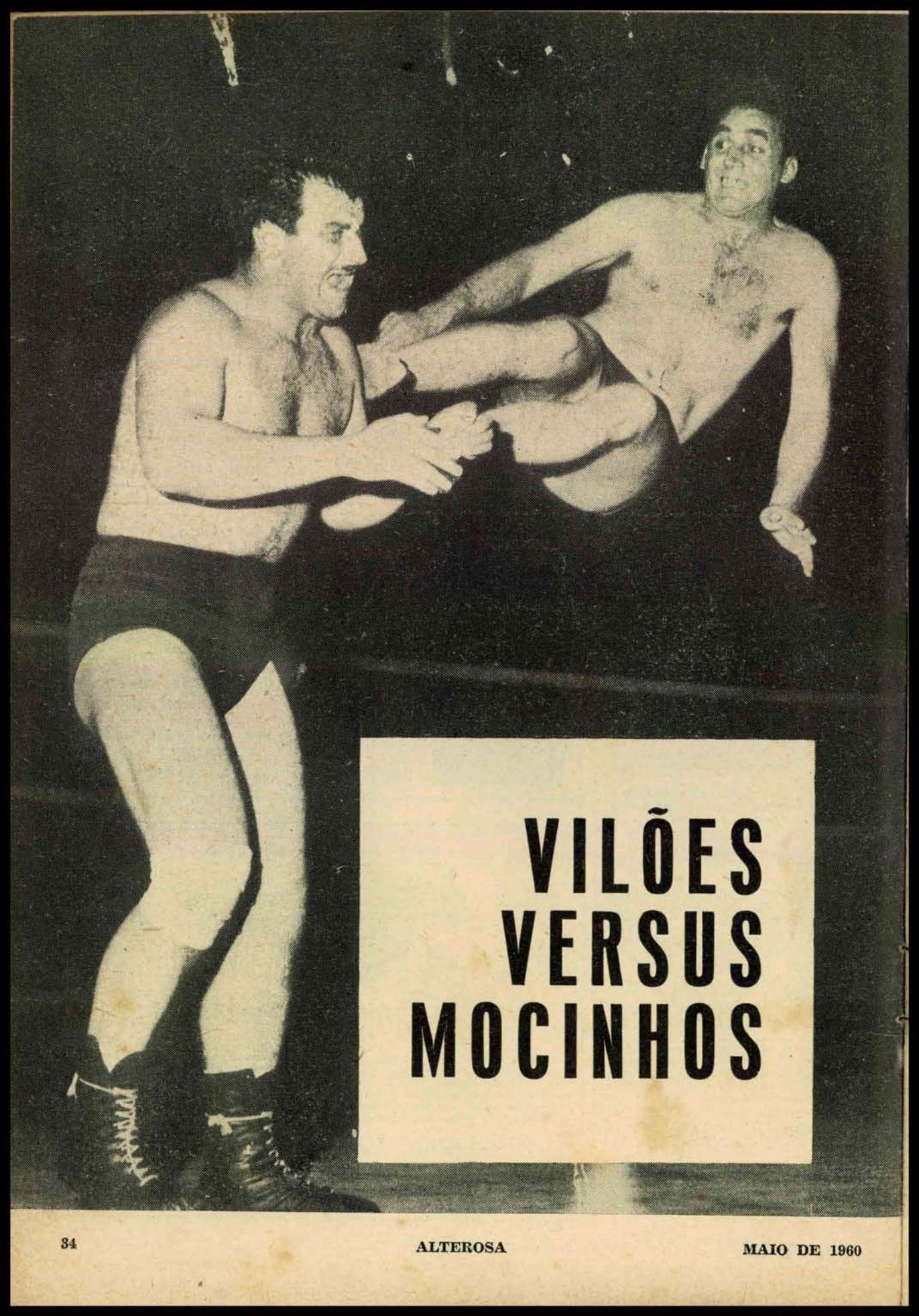


Nada supera o prazer de dar

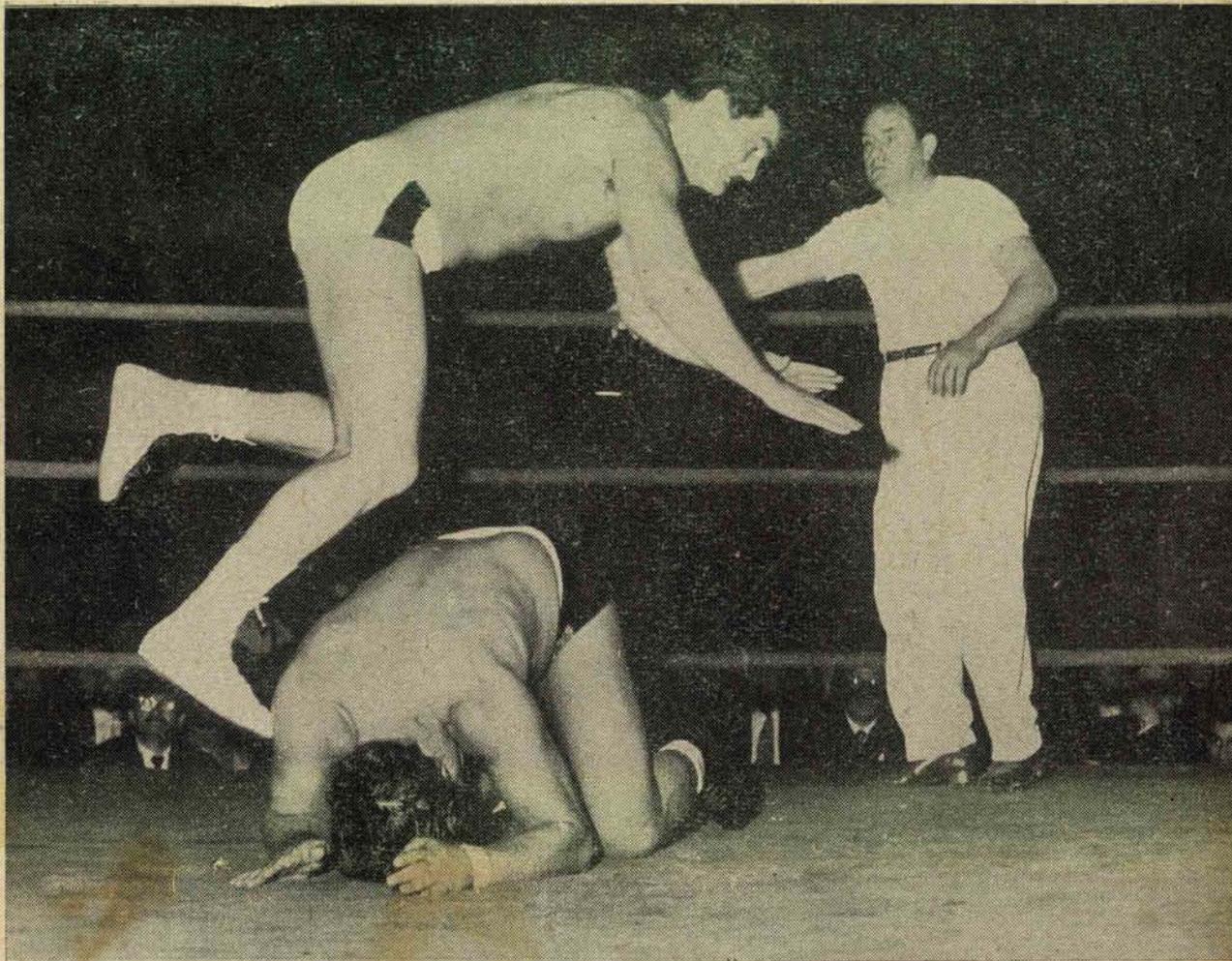
A nossa capital será dotada agora de uma moderna organização hospitalar para a recuperação dos doentes mentais pobres, pelos processos mais modernos da ciência médica, aliados à aplicação da assistência espiritual recomendada pelos ensinamentos do Mestre. Iniciando essa obra de amor cristão, apelamos para os corações que sabem sentir o amor ao próximo, esperando que enviem os seus donativos ao

HOSPITAL ESPÍRITA «ANDRÉ LUIZ»

SECRETARIA : Rua Rio de Janeiro, 358 — Sala 34 — Fone : 2-8360
— Caixa Postal 1718 — Belo Horizonte



VILÕES VERSUS MOCINHOS



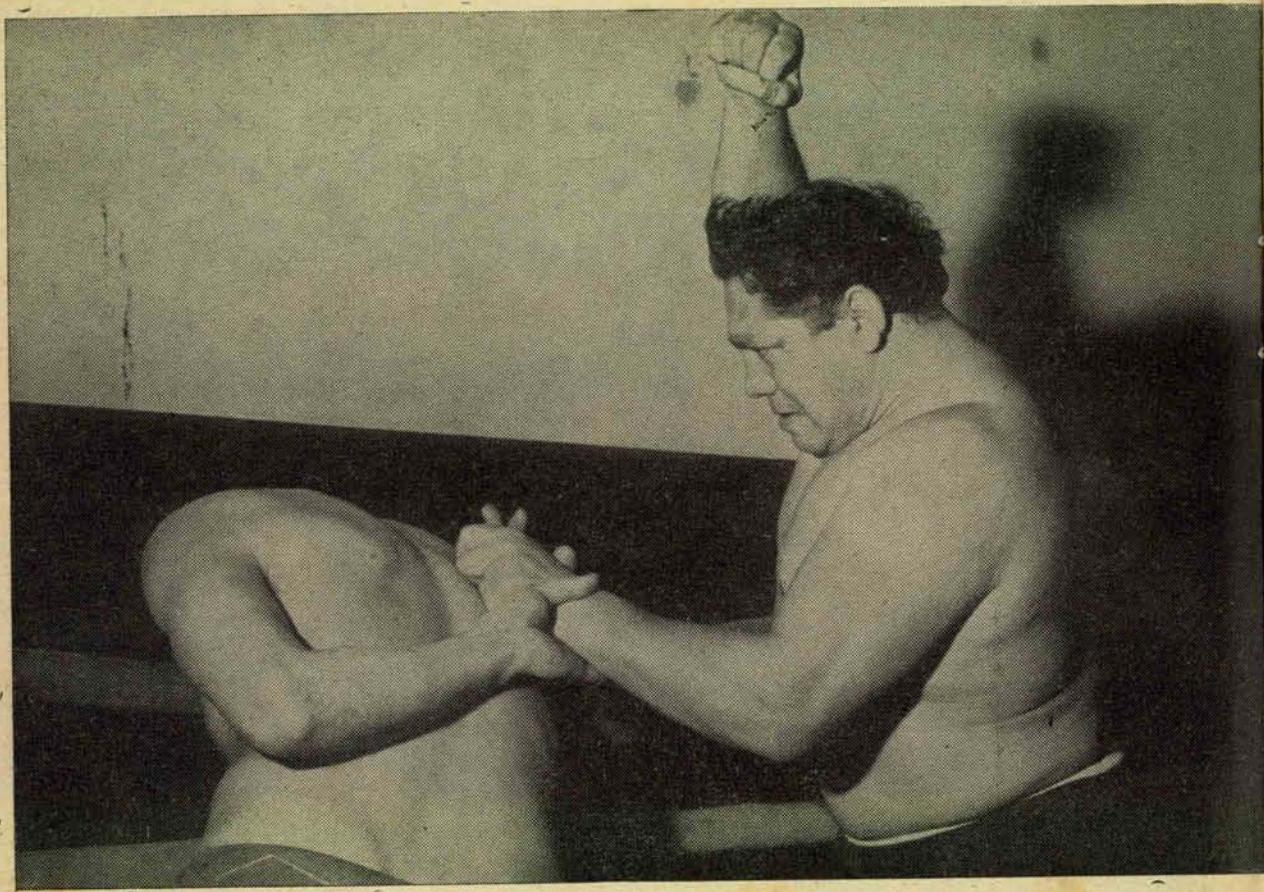
Lance espetacular de Goithia contra José Luís. O juiz é também muito conhecido dentro de São Paulo: Benjamin Ruta, ex-lutador e agora treinador dos lutadores.

Bavereze é castigado duramente, com um salto espetacular de seu oponente Arnaldo, rapaz que é bem recebido pela platéia e acaba sempre vencendo a luta, porque faz o papel de **mocinho** castigador dos desalmados.

DESDE sexta, até domingo, milhares de pessoas vão ao Pacaembu ou ficam plantadas diante dos aparelhos de televisão, para apreciar as lutas livres. O espetáculo, na verdade, está empolgando o grande público desde que foi iniciado. O que muitos não acreditam, contudo, é que se trata de uma verdadeira marmelada, embora muito bem bolada. Antes de mais nada, devemos considerar que os grandes «rivais» do tablado são amigos íntimos, lá fora. Tenho-os visto juntos, em pontos discretos. Muitos, com o tempo, vão se tornando verdadeiros ídolos do público telespectador: El Toro, José Romano, Domingos de Cicca, Bavereze, Camberó, Medina, e tantos outros, são hoje nomes populares dentro de São Paulo. São verdadeiros profissio-

nais da luta-livre e têm fisionomias especiais. Vargas parece uma montanha de carne indestrutível e, se levado mesmo a sério, nenhum homem resistiria ao segundo soco dado por aquela **direita**, que mais parece um moinho de vento em plena rotação. Vejamos êsses homens na intimidade: treinam juntos, ceiam juntos e, não raro, moram no mesmo hotel. São íntimos, portanto, e juntos treinam os lances espetaculares que fazem vibrar a multidão. Em toda luta há o **vilão** e o **mocinho**: o **vilão** já entra no tablado desafiando o público, e faz cara de poucos amigos. E vaiado, insultado e maltratado, mas recebe tudo com resignação: isso faz parte do plano diretor, pré-traçado e combinado, lá fora, com o rival. O **mocinho**, em geral, entra gentilmente, cumprimenta cordialmente a platéia, e

Reportagem de M. A. Camacho



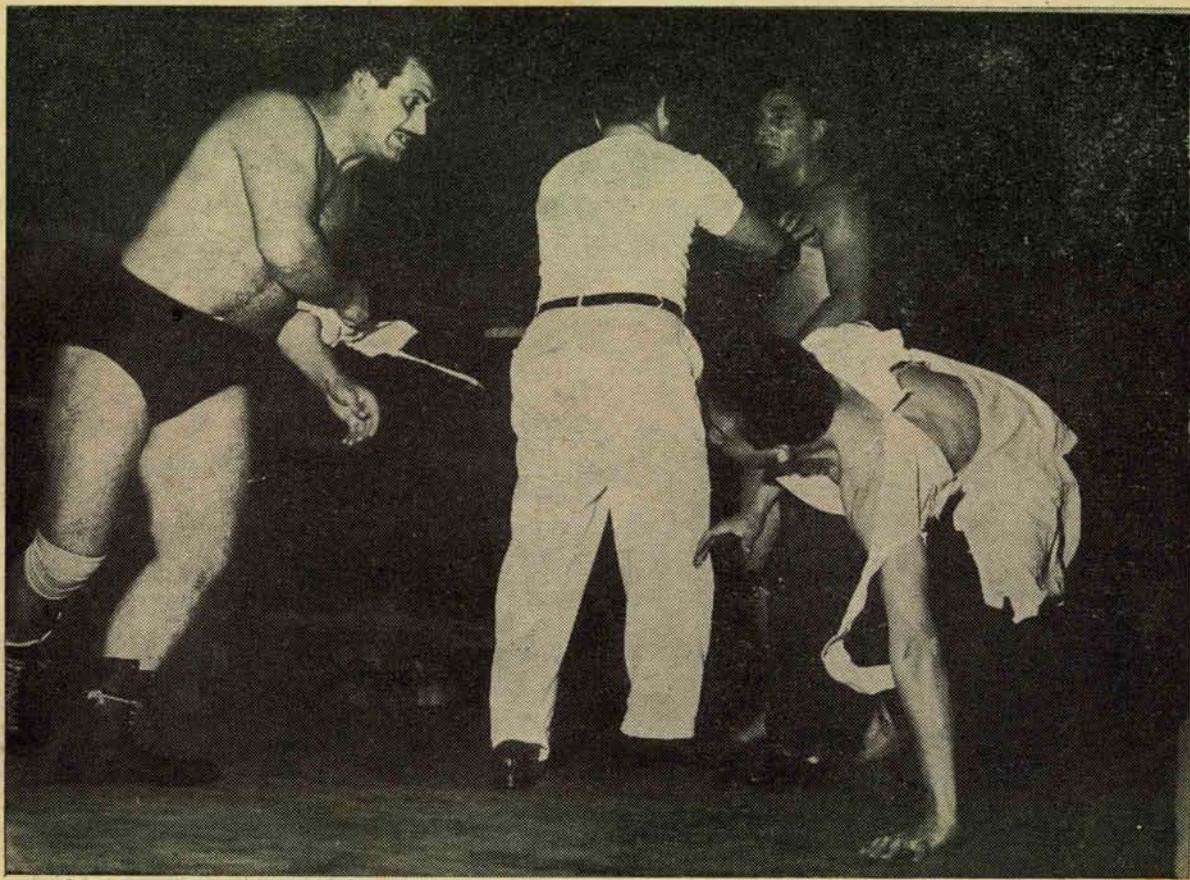
Eis o Índio Paraguaio esmurrando impiedosamente o seu rival. Sua história é de que foi pego nu e em estado selvagem, quando na realidade é um moço como outro qualquer.

VILÕES VERSUS MOCINHOS

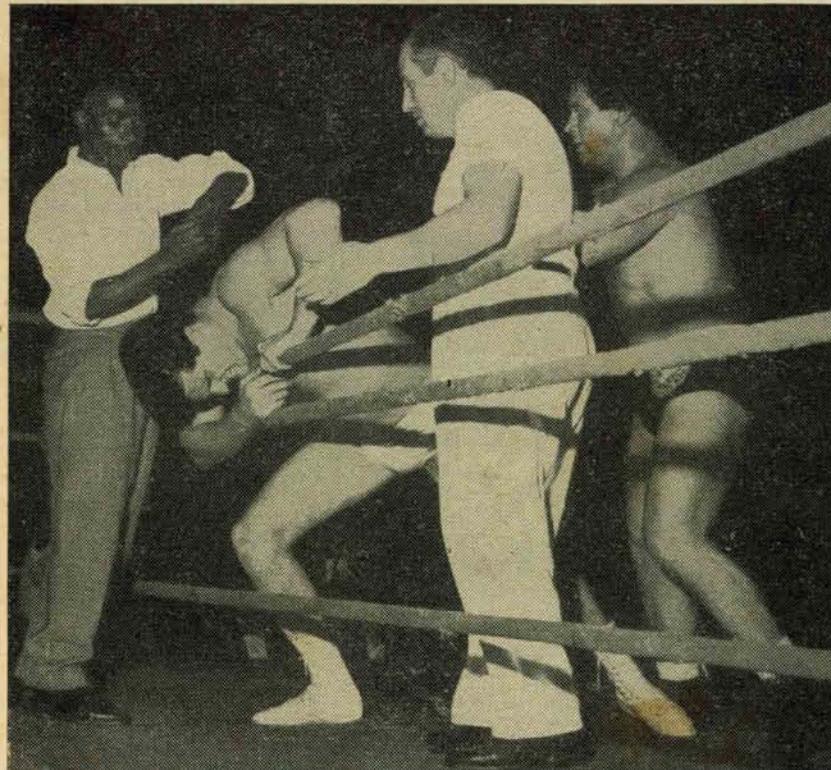
recebe incentivo. Já na saída, enquanto o juiz faz as recomendações (note-se que essas recomendações não são ouvidas pelo público e nada mais são de que frases convencionais como «não deixem perceber nada, façam cenas que pareçam verdadeiras») o vilão olha para os lados e mostra inteira indiferença pelo que o juiz está dizendo. Quando o mocinho apresenta a mão para o cumprimento cordial, o vilão faz que não o percebe e dá, de saída, traiçoeiro safanão no companheiro, o que leva a platéia a rugir de indignação. Em geral, o vilão usa truques muito seus, como máscaras horrentas, cintos pregueados (tirados a tempo pelo juiz) e ainda traz, escondido, navalhas e canivetes. Usando de lances traízoeiros, torna-se imediatamente impopular, fazendo a torcida dar vaias e jogar pedaços de coisas dentro do tablado. Ponta-pés no baixo-ventre, mordidas, puxões nos

cabelos e tudo o que é proibido, usa o vilão contra o mocinho, a fim de irritar a platéia. Nos intervalos, e enquanto a pausa de descanso prossegue, o vilão desce do tablado e desafia os que o vaim, levantando o braço em forma de injúria. O mocinho, não. O mocinho fica discretamente no seu canto, e procura usufruir o mais possível dos benefícios do que lhe assiste, lavando o rosto e fazendo massagens. Os truques usados para impressionar o público são vários: levam dentro da boca uma ampola de plástico com tinta vermelha, e no momento psicológico, partem a ampola com os dentes, deixando que a tinta escorra pelos lábios parecendo sangue. Outras vezes, um dos lutadores é atirado fora da lona e vai cair nos braços de pessoas previamente contratadas, bem perto, que estão justamente ali para ampará-lo. Também as rixas, fora do ringue, são estudadas. Saem lutando pa-

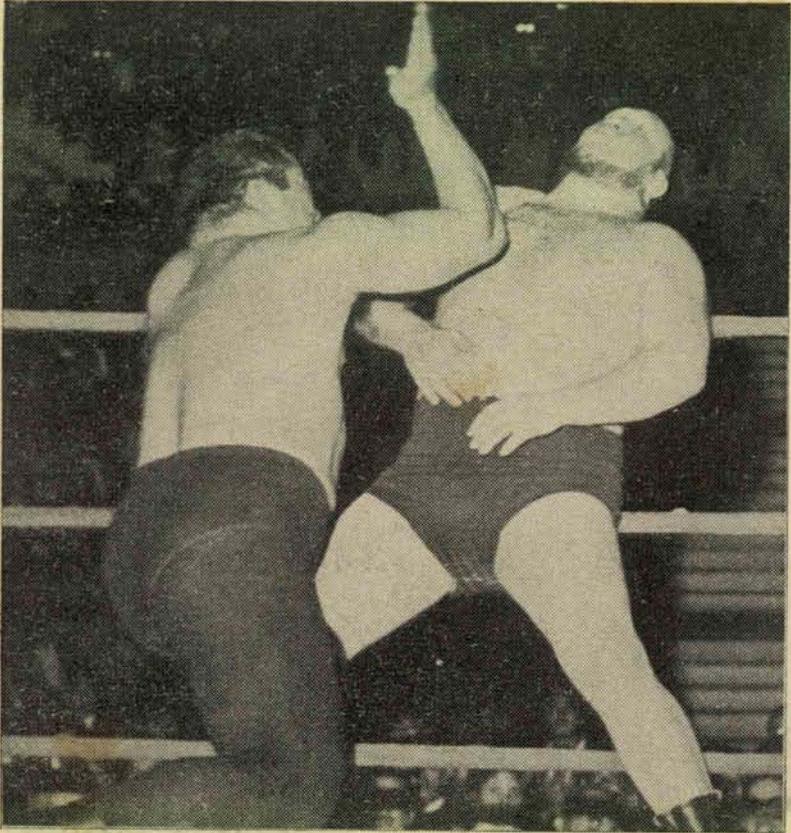
ra fora do ringue e chegam a entrar no meio do público, embolados como mariscos, com grande violência. Aquêles tombos espetaculares que sofrem dentro do ringue são previamente estudados e combinados: ora, é um; ora, é o outro, a fim de equilibrar bem as cenas, e não dar a entender que há combinação. Os que não treinam bem com o companheiro, costumam falar, pois que vêm desprotegidos para o lado do outro, com a posição favorável para uma tesoura ou um nó. Nesse momento, o público quase percebe, mas eles mudam rapidamente de tática e equilibram a luta novamente, e tudo volta à confusão. No geral, quem sempre ganha é o mocinho. Como recebem uma importância fixa, a vitória não importa muito, a não ser para a popularidade, mas, como o vilão quer mesmo ser impopular, tudo está bem. Treinadores engenhosos co-



Cena real: um assistente entra em cena, disposto a castigar Bavereze, mas este leva a coisa a sério e rasga-lhe a camisa, pondo-o a correr. O juiz procura tranqüilizar o rival do pitoresco Bavereze, que tem truques muito seus.

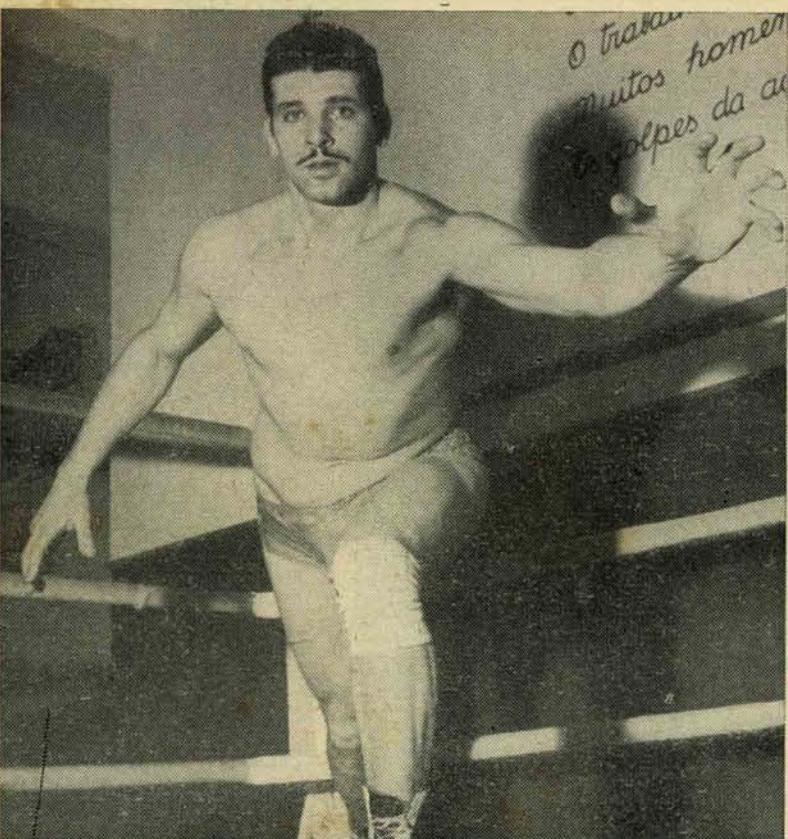


O famoso Goithia é jogado violentamente às cordas e recebe imediata atenção do seu assistente: todos sabem fingir. Seu rival é José Luis.



Golpe de mão bem bolado na luta entre Pirota x Rikidosan. Estes dois são patrícios e oferecem os espetáculos mais violentos, tudo na velha base da marmelada.

VILÕES VERSUS MOCINHOS



locam perto do ringue cadeiras desconjuntadas, facilmente quebráveis, que o vilão apanha no momento de maior **furo**r e atira no ringue ou na própria platéia, em pessoas contratadas para recebê-las no ar, sem causar danos. Acontece, entretanto, que uma platéia enfezada pode pôr tudo a perder. Mocinhos exaltados costumam desafiar os **vilões**, e então dá mesmo confusão. Tenho visto senhoras graves se descabelarem de raiva diante de uma cena que parte do vilão. Após as lutas, saem os lutadores rumo ao camarim e vão beber folgadamente suas cervejas, num discreto barzinho do Brás ou da Conselheiro Nébias. A verdade é que milhares e milhares de pessoas estão tão entusiasmadas com luta-livre que não perdem nenhuma, o que é excelente para os anunciantes. Todos os três canais paulistas televisionam tais espetáculos, em geral aos sábados. Narradores especializados em crônicas esportivas, adocicando a voz, vão dando aquél tom de sensação tão necessário para manter a platéia entusiasmada. Conhecem os lutadores pelo nome e pelo peso, e criam para seus heróis histórias fantásticas: o Índio Paraguaio foi pégo nu e selvagem; Goithia foi obrigado a abandonar a pátria porque matou um homem

Domingos de Cica, de físico grego, é campeão italiano e pesa 106 quilos. É um dos ídolos dos espetáculos de luta-livre em São Paulo.

com um sôco, num festival; Bavarze já matou cinco homens dentro do ringue; El Toro levou o pai à falência, devido sua alimentação exagerada; Felipe Cambero e Hugo Medina são inimigos de morte, desde a infância; e assim por diante. O pêso dos lutadores profissionais varia de 90 a 130 quilos. «Domingos de Cica, campeão italiano, com 106 quilos, era galã de cinema na Itália». Todos têm uma história as-

sim incomum, história criada pelos seus agentes, que negociam suas lutas. As lutas são combinadas num escritório especializado, pelos agentes dos lutadores e o empresário. Esses homens correm o País, em busca de fama e fortuna, viajando também para o exterior. Campeões italianos, franceses e alemães se revezam de país a país, forjando lutas hipotéticas de grande rancor e animosidade. Escolhem nomes espe-

ciais como «Homem Montanha», «Demolidor», «El Toro» e outros. Muitos continuarão acreditando que a coisa é séria e verdadeira, mesmo após lerem esta reportagem, mas isso não importa: importa é que tais espetáculos tomaram conta do grande público, e o povo, no fim, está sempre com a razão. Eu mesmo não perco uma luta, só que prefiro assisti-las pela tevisão, já que o Pacaembu oferece perigo nesses dias,

A platéia fica irritada e vaia o vilão. Este revida e diz injúrias, a fim de manter a impopularidade que, por paradoxo, o torna bem conhecido e popular.



CARTAS

Continuação da pág. 33

PAI COMPLETO

CRIANÇAS

A BENCOADA a criança que possui pai compreensivo, sociável e amável.

De modo geral, o pai que possui essas qualidades é também espôso compreensivo, sociável e amável, pois, afinal de contas, as relações mais importantes se processam entre espôso e espôsa. Ela prepara o clima para as relações entre pais e filhos, e o ideal é que seja estabelecida bastante tempo antes do nascimento da criança.

Assim como esta criança cresce ou outras crianças chegam, o modo pelo qual cada cônjuge trata o outro como uma pessoa é um exemplo de como cada um deles se sentirá e agirá para com cada criança. Do mesmo modo como os casais felizes imprimem um no outro o melhor que têm, assim também eles tendem a imprimir o melhor que têm em suas crianças. É claro que isto não vem por acidente, mas sim pelo esforço desinteressado de cada cônjuge.

O pai ideal é aquêle capaz de brincar com o bebê ou com a criança já maiorzinha; capaz de compreender seu filho de 3, 7 ou 16 anos; capaz de levá-lo a passeios, de brincar com elas, de explicar-lhes as coisas; é aquêle que cresce com o seu filho e jamaos o trata como se ele fosse mais novo do que é na realidade. Consegue sempre a afeição e a estima de seus filhos.

Este pai, esforçando-se sempre no sentido de «ser um» com a mãe, procura ser compatível na disciplina e na direção de cada criança. E cada criança, ao ficar mais velha, aprende que pode confiar na palavra e nos exemplos de seu pai, pois vê nele uma pessoa de integridade.

E' realmente maravilhoso verem-se adolescentes orgulhosos de seus pais e pais orgulhosos de seus filhos quase homens! Animador é terem-se notícias de perfeitas relações de amizade entre pais e filhos, sejam estes de 5, 10 ou 14 anos! Para cada um, de acordo com sua idade, conforme seu gosto e temperamento, o pai é capaz de dar-se em amor, compreensão e amabilidade.

Naturalmente, existem pais não tão achegados aos filhos, mas como seria maravilhoso se todo pai soubesse quanto grande potência de bondade seria, imprimindo nos filhos aquilo que nenhum dinheiro jamais poderá comprar! — Dr. Garry C. Myers.



sas nobres — pois foi lendo pela primeira vez ALTEROSA, que nasceu em mim o desejo de ser bom leitor e, consequentemente, ver mais longe. Porque ALTEROSA satisfaz plenamente.

JOÃO NAVES —
SÃO FRANCISCO — BA

Muito boa ALTEROSA da primeira quinzena de março, sobressaindo-se as seções Bazar Feminino, a reportagem sobre Juiz de Fora, e o conto Mestre Augusto. Parabéns.

MARIA APARECIDA B. DE OLIVEIRA — BARBACENA — MG

Sirvo-me da presente para cumprimentá-los pela crescente melhoria da revista ALTEROSA, através dos mais elevados assuntos do nosso país e do mundo. ALTEROSA é, sem dúvida, uma das melhores revistas que possuímos atualmente.

GILSON M. CORDEIRO —
PONTA GROSSA — PR

A Sucessão no Estado e no País

Apoiando a campanha do nacionalismo, que visa um Brasil forte e soberano, livre e democrático, em que a fraude e a corrupção sejam varridas, apóio Jânio Quadros para presidente, visando o engrandecimento de nossa querida Pátria.

PASCOAL AMOROSO —
PENÁPOLIS — SP

Por que a vida está se tornando cada vez mais difícil, insuportável mesmo, especialmente para a classe média, essa «pobreza envergonhada» de que nos falam os vicentinos e que aumenta assustadoramente nestes últimos anos? Não há de ser porque tenhamos tido bons governos, posto que governar é promover o bem estar e a felicidade do povo em geral. Por isso, votarei em Jânio Quadros, para presidente, e em Magalhães Pinto, para governador. Não que eu os considere super-homens, capazes de virar pelo avesso tudo que está errado no País, sómente porque são homens da Oposição. Meu voto terá, assim, o sentido de um protesto.

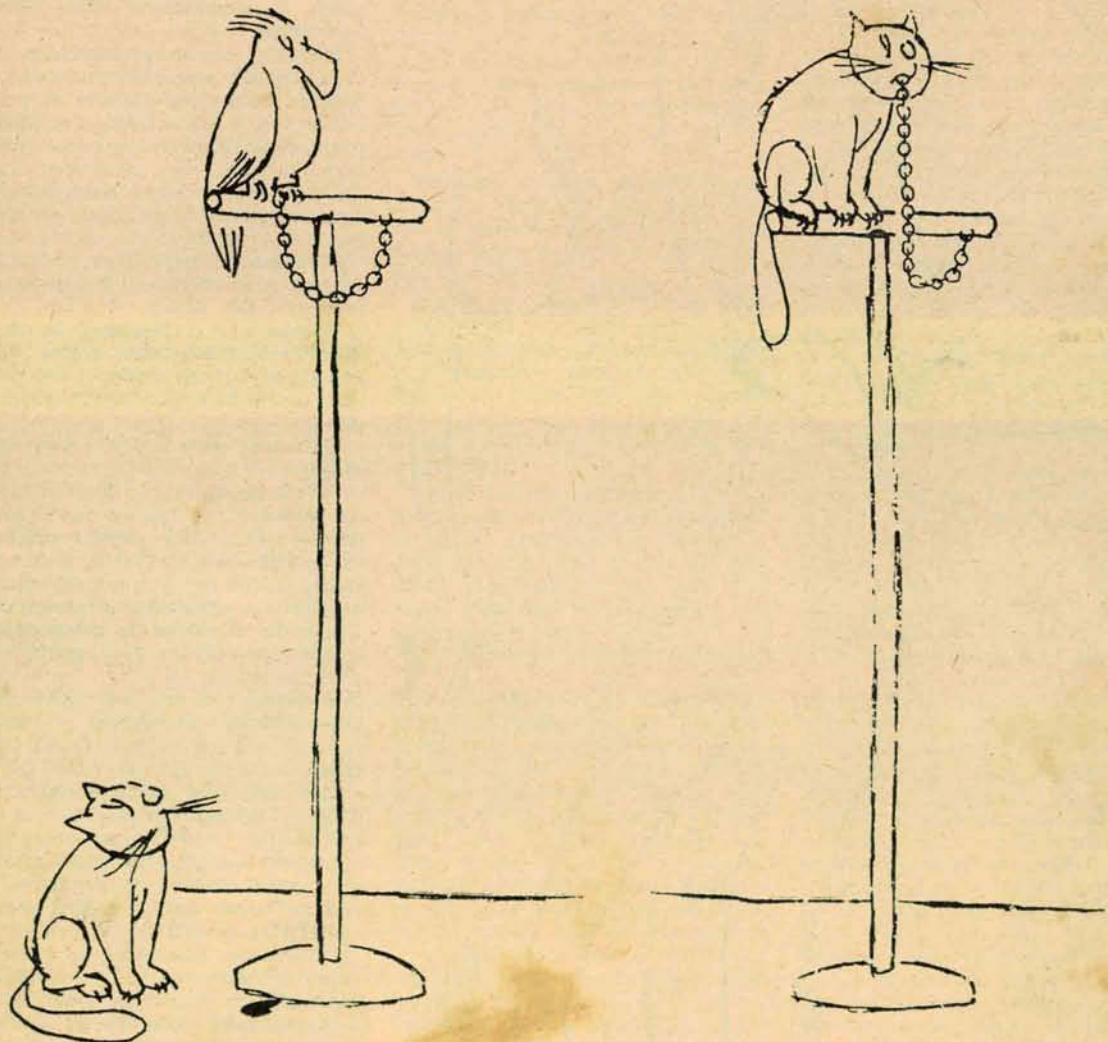
WANDERLEY S. VIEIRA —
CONS. LAFAIETE — MG

Acho que o redator de «Picadeiro» conhece mal os homens da cúpula perrista, do contrário

(Conclui na pág. 81)

HUMOR

ely



**Menção Honrosa
no Concurso
«Cia. de Seguros
Minas-Brasil»**

Os



Wladimir

BEM pouco sabíamos uma da outra. Amizade feita em consultório médico, que freqüentávamos a grandes intervalos, fôra se radicando pela convivência forçada das longas esperas, pelas conversas fortuitas, recíproco interesse pelo estado de saúde e comentários sôbre nossas filhas.

Naquela tarde prenunciava-se uma demora maior que de costume. Havia muitos clientes de primeira vez, e êstes tinham sempre preferênciâ para entrada na sala de consultas.

Luisa, que chegara cedo, suspirou, resignada; e voltando-se para mim, propôs:

— Conto-te hoje uma história. Queres? Passará mais rápido o tempo.

Fomos até o pequeno balcão, debruçamo-nos a olhar a rua. Lá em baixo, corriam velozes os carros, como formiguinhas assustadas.

Baixando mais a voz, Luisa começou:

— «Beijoqueira»... Eu era ainda bem criança quando me apelidaram assim. Fui menina alegre, de coração vivaz. Amava muito a Deus, a seus anjos e santos, como me haviam ensinado as noções de catecismo. Estremecia meus pais, irmãos, parentes e tôda gente — principalmente os pobres, que me apreciavam muito, em razão da generosidade impulsiva e derramada que me caracterizava então.

Gostava dos animais, especialmente pássaros e borboletas; e até mesmo os grilos me enterneciam com seu cricrilar desafinado, que tanto irritava meu pai — e muitas vêzes salvei-os das suas chineladas certeiras.

Queria um bem enorme às árvores e beijava-as, às escondidas, receando me julgassem louca; enlaçava-as com meus bracinhos magros, e encostava às cascas rugosas minha face aquecida pela carreira em perseguição a algum gatinho arisco, que me escapava

A ternura

ARGENTINA

Melhores Beijos

DE ARARIPE AIGNER
ilust. de Wilma Martins

sempre, entrando rápido pelas grades estreitas da janelinha do porão.

A noite, após as orações (que eu recitava em voz alta, para que Deus as ouvisse, com tôda a certeza, e eram ouvidas pelos vizinhos do outro lado da parede), acomodava a filharada de celulóide e corria a beijar meus pais, já recolhidos, para que me ficasse bem recente no coração, ao adormecer, a docura dêssse beijo filial.

Realmente, eu não sabia de melhor expressão para o amor que extravasava de meu ser, do que o beijo. Não podia atinar com a esquivança e frieza com que meus parentes recebiam minhas manifestações de carinho. E como se não bastasse, ainda me apelidaram «beijoqueira»...

Impliquei com a palavra, achei-a ridícula e ofensiva, tantas vêzes foi pronunciada com desdém, cortando meu impeto irresistível de ternura.

Lembro-me que, por uma noite de Natal, em que eu reclamara para mim a tarefa de distribuir presentes nos sapatos de tôda a família, velei insone até meia-noite, meditando:

«Que me reservaria o destino, que esperaria Deus de mim, ao formar-me assim tão sensível? Para que essa abundância, êsses extremos de afeto, se a meu redor ninguém parecia interessado nisso?»

Eu era então, quase uma mocinha, e meu amor provinha exclusivamente do pensamento. Não me perturbava ainda a curiosidade do amor carnal, tão comum na adolescência... Não despertara em sua plenitude, o poderoso instinto de reprodução, que incita a mulher a cogitar, inconscientemente ou não, no homem que encontrará na vida e a fará mãe.

As bonecas de celulóide não me interessavam mais; e sonhava, de vez em quando, com meu lar e meus filhos. Mas meu espírito inocente, como que saltara

a ponte enorme que liga a maezinha de bonecas à mãe de seres vivos — ponte que é o amor do homem, com seu cortejo de sedução e deslumbramento, embriaguez de sentidos e abandono de vontade.

Nessa noite de Natal, sentia-me tranquila e feliz como uma criança, de quem a mãe amiga houvesse escondido o brinquedo perigoso, que a pudesse ferir mais tarde... A vida escondia-me ainda o brinquedo do amor do homem.

Soaram, solenes, as doze bataladas no relógio da sala. Levanteime e comecei a distribuição dos mimos pelos sapatos deixados aos pés das camas.

Havia um colar e brincos para a negrinha, — ama de meu irmão mais moço. Fui até seu quarto. Ressonava alto, era tão profundo seu sono, que não se alterou quando, por um instante, iluminiei o quarto para procurar seu sapatinho.

Olhei-a, e comoveu-me o pensamento dessa criança de apenas sete anos, afastada da família e comendo tão cedo o pão do trabalho. Verdade que era bem tratada. Mas não sentiria falta dos carinhos paternos?

Os presentes caíram, silenciosos, no calçado gasto, de palmilhas encardidas. Silencioso, também, foi o beijo que dei, cautelosa, na face morna e suada da negrinha. — Ah! se meus irmãos me tivessem visto! Mas eu não pudera evitar êsse impulso e guardaria para sempre a lembrança dêssse beijo de confraternização, humilde e desinteressado, dado no escuro, mas que lançava uma rés-ta de luz no meu entendimento.

— «Não seria êsse o destino do tesouro de que era dotada minha natureza? Dar-me aos outros, amá-los, mesmo àqueles que não me retribuiriam. Mas que, no entanto, necessitavam de amor e o reclamariam egoisticamente, como reclama água o sedento, sem

um pensamento sequer para a fonte...»

Luisa silenciou, pensativa, memorando antes de prosseguir:

— Muitos anos se passaram dos quais nada te contarei. Levar-te-ei à história que me propus contar-te, tão brevemente quanto possível.

Na saleta de espera de consultório modesto, eu aguardava minha vez. Sacudia-me a tosse, de vez em quando, e eu abafava-a no lencinho limpo, que guardava depois, conscientemente, dentro de um envelope, na carteira.

— Pode entrar, senhora.

Entrei. Lá dentro, a repetição da terrível sentença que já ouvira do primeiro médico consultado no Rio, e que me recomendava a êste outro, da cidadezinha serrana.

— Sobretudo higiene, muita higiene! Não beije nem afague a menina. Veja-a de longe; isto já lhe será um grande consolo, não é verdade?

Como se precisasse prevenir-me... Não havia sido eu mesma a primeira a desconfiar do meu mal, e não tomara sem conselho algum, tôdas as precauções ao meu alcance? E com pronúncia zélo, que me valeu um novo apelido: «Mme. Profilaxia»...

O «Beijoqueira» fôra esquecido havia muito, dispersada a família tronco, constituídas novas. E a verdade é que eu chegara a deixar de ser beijoqueira. Casara-me com um bom rapaz, porém disciplinante e egoísta. E embora dêle houvesse provado meu primeiro beijo de amor — não haviam sido muito repetidas as provas.

Sômente ao criar minha filha, que crescia linda e fresca como uma flor, eu dera plena expansão a meu temperamento. Bejava-a a todo instante, nos pênisinhos rosados, na cabeça coberta de anêzinhos louros, na nuca macia e cheirosa a alfazema...

Mas a tosse me viera, a princípio discreta, depois mais e mais persistente — e eu logo me retrai-

que existia entre mãe e filha viu-se subitamente ameaçada.

ra muito assustada, privando-me voluntariamente de achegar-me à pequena, debatendo-me entre a angustiosa intuição da verdade e a ténue esperança de que «talvez não fôsse nada...»

Eu sabia, melhor que ninguém, que era preciso higiene. Quanto a ser consôlo, olhar minha filha de longe — só mesmo aquêle médico (que nem sequer era pai) poderia pensar assim.

Era tortura, e tortura constante, enxotá-la quando se aproximava de mim :

— Vai-te embora, filhinha. Não aborreças mamãe ! Não chegues tão perto de mim, que me pões nervosa !

A garotinha hesitava na retida, acostumada que fôra sempre a meu lado. E eu desatava em pranto, e logo voltava minha filhinha a consolar-me, compassiva e inocente :

— Mamãezinha...

Outro grito meu, irritado e aflito, porque ela justamente pegava o lenço do meu colo, para enxugar minhas lágrimas, como fazia antes, ao me ver chorar. O lenço perigoso, ameaça terrível de contágio ! E isto era consôlo... Preferiria tê-la longe, bem longe, não vê-la senão com os olhos da imaginação, do que sorrer constantemente, tomada do pavor de contaminar a menina.

Dois longos anos se escoaram, em que me acostumei a não beijar ninguém, cerrando meus lábios aos de meu marido — o qual passara absurdamente a fazer questão dos meus beijos, desde que não eram mais convenientes.

E, novamente na sala de espera do especialista do Rio, que diversa era minha impressão ! Nem sentia a demora em ser atendida, e tamanha era minha alegria, que eu buscava escondê-la, por caridade, dos outros doentes ainda na «ativa». Sentia-me libertada, leve e eufórica... Já estava certa da confirmação, por este médico, da alta que me dera o outro, do interior. Havia pouco a enfermeira dirigira-se a mim, soridente :

— A senhora pode falar ao telefone, se quiser.

Isto era bom sinal. Só o faziam os clientes livres de contagiar alguém, e que prosseguiam o tratamento apenas para estabilidade de cura.

Quando meus exames terminaram, o doutor abraçou-me paternalmente e, ante meu olhar interrogativo, que entendeu muito bem, declarou-me :

— Já poderá cuidar de sua filhinha.

Deus meu ! Desapareceram

esses dois anos cruéis da minha lembrança, de repente. Meu coração voltava à vida ! Em minha imaginação exaltada, meus beijos tanto tempo reprimidos, revoluteavam como libélulas em manhã de sol, tontas de luz e de azul. Revoluteavam, prontos para pousar nas facezinhas frescas, nos pênis rosados e bem feitos, multiplicar-se nos anéis dourados da cabecinha querida...

Não enxotaria mais minha filhinha, antes a chamaria para perto de mim a cada instante. E ela poderia, livremente, enxugarme as lágrimas — que seriam agora de felicidade e gratidão a Deus. E meus afagos seriam como frutos bem sazonados, colhidos em tempo justo. Valera a pena esperar. A consciência tranquila por haver suportado o enorme sacrifício, eu somava o deleite de saber minha menina sã e robusta. Eu não desmereceria o seu amor; mais tarde ela me agradeceria por eu ter sabido reprimir minha ternura.

O doutor marcou nova consulta, a prazo bem distante e, ao despedir-me, notou meus olhos marejados, sentiu minhas mãos muito frias.

— É a emoção, doutor, a grande emoção...

— Veja lá, controle-se, minha senhora. Ainda haverá perigo, se a senhora se exceder. Terá que levar uma vida calma, não se cansar e suportar um longo período de observação. Ou porá tudo a perder.

Cheguei à casa trêmula e impaciente. Tardara muito a condução e eu não agüentava mais as saudades da pequena, eu que soubera esperar tanto tempo pelo seu carinho.

Encontrei recado de minha irmã, que ficara com a menina :

«Havia um aniversário de criança, na casa vizinha, e minha filha estava se divertindo muito com o cineminha. Voltariam à noite».

Começava a esboçar-se uma nuvenzinha no meu coração inquieto, ia esmorecendo meu entusiasmo, e senti-me, de súbito, muito cansada.

Mudei a roupa e deitei-me, enquanto esperava o marido para jantar. Correu-me um arrepiado pela espinha, atribuí-o ao frio da caída da tarde; mas o arrepiado se repetiu, mesmo depois de me haver abrigado com o cobertor. Então assustei-me e pensei nas palavras prudentes do médico. Já agora, parecia-me que doíam as costas, ao virar-me na cama.

«Nervoso, deve ser nervoso», pensei.

Mas estava desfeito o encanto. A alegria cedera à preocupação.

«Quem sabe, não estava tudo ainda definitivamente seguro ? O doutor não se pronunciara de modo muito positivo... E se houvesse ainda perigo para a menina, caso viesse uma recaída ? Falava-se tanto na extrema receptividade da infância a infecções dessa natureza...»

Meu marido jantou sózinho. Estranhou meu mutismo — não lhe quis nada dizer das minhas esperanças e alegrias, já toldadas do receio da deceção. Mas não



estranhou meu recolhimento à cama, tão afeito estava aos meus freqüentes abalos de saúde.

— Mamãezinha !

Chegava alegre e turbulenta a garota, com as mãos cheias de balas envoltas em papel colorido, a boquinha meio lambuzada de açúcar cristal.

Por um breve instante animei-me; ergui-me rápida na cama, estendi meus braços e gritei, já esquecida de arrepios e preocupações :

— Vem cá, filhinha ! Aqui, na cama da mamãe !

E de novo revolutearam os beijos, alvorocados... Mas minha menina parara à entrada do quarto, como de costume. E minha irmã, iluminando a peça, reparou em minha agitação e perguntou, tomando meu pulso :

— Que tens ? Estás doente ? Teu marido me disse que chegaste rabugenta, hoje.

— Pelo contrário. Há muito não me sinto tão contente. E tenho uma novidade para contar. Imagina que já posso...

— Mas estás com febre!

E minha irmã gritou ao meu marido, na sala, e começou a azáfama. Emoção, gripe, ou lá o que fosse (na minha opinião foi azar mesmo), eu estava realmente com muita febre. E imediatamente, por associação de idéias tristes, pus-me a tossir e queixava-me de pontadas nas costas.

Minha filha já correra para seu quarto, de onde pedia-me, com sua voz meiga:

— A bênção, mamãe!

Não agüentei mais. Chorei desconsoladamente, parecia-me que um mundo de ilusões desabava sobre mim. Ninguém podia entender-me, nem eu me explicava, até que adormeci exausta, sacudida de soluços.

Acordei no dia seguinte muito tarde, com o sol riscando o assoalho de listas brilhantes e desenhando feixes de luz oblíquos, em que bailavam partículas de poeira, doidamente.

Meu marido entrou, cauteloso, no quarto:

— Já falei com o doutor agora de manhã, Luisa. Ele disse que deves continuar de cama, é com certeza uma gripe. E que precisas também te acalmar, parecias ontem muito excitada, debaixo de forte comoção, com a notícia de tua melhora.

— Ah, então era «melhora»? Não era cura? E eu que já fantasiava a respeito da cura, que já acreditava nela!

— Mas é cura mesmo, Luisa. Estás praticamente curada. Porém, precisas cuidar-te, para evitares uma recaída, que não será impossível se não tiveres paciência de continuar uma vida de repouso. Isto foi o que disse o médico.

— E a menina? Será que não há mais perigo?

— Perde esta mania, Luisa, de que ainda a poderás contagiar.

— Posso, então, beijá-la, como dantes? — perguntei timidamente.

— Não agora, que estás gripada.

Estava mesmo desfeito o encanto. Nada mais perguntei a esse respeito. Fui deixando passar o tempo, arriscando hoje uma caricia, amanhã um beijinho apressado na nuca macia (cheirando agora a água de Colônia fina) — mas experimentava um pouco de susto ao fazer esses carinhos à menina, elas não haviam sido «oficialmente» autorizados pelo dou-

(Conclui na pág. 64)

Brigando outra vez!



CREME DENTAL **COLGATE**

limpa e embeleza os dentes - combate o mau hálito e ajuda a evitar a cárie!

COLGATE é o Creme Dental da mais pura qualidade que existe. Sua espuma ativa e penetrante, destrói as bactérias e ácidos causadores da cárie e do mau hálito. Pelos resultados positivos que oferece para a saúde dos dentes e a higiene da boca, COLGATE é o creme dental preferido por milhões de pessoas no mundo inteiro!

Que sabor gostoso tem COLGATE!

CREME DENTAL
COLGATE

CREME DENTAL
COLGATE

Os mais belos sorrisos são SORRISOS COLGATE

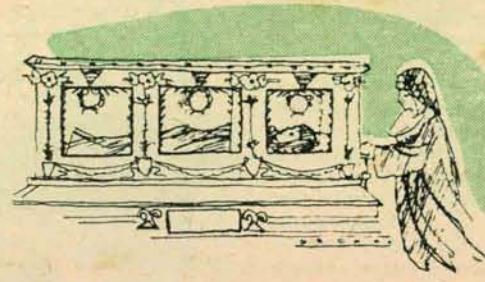
EM aviões especiais, em trens pletos, em automóveis, em caravanas vindas da outra extremidade do mundo, os peregrinos do centenário de Lourdes afluiram, durante o ano inteiro, para a gruta miraculosa. A recordação das aparições exalta os fiéis. E a catedral gigantesca mal consegue conter as multidões que se comprimem no lugar onde Bernadette, outrora, tirou suas sandálias para atravessar o riacho.

Foi a Nevers que me dirigi, para encontrar, longe do tumulto, a pequena camponesa que ela era, que nunca deixou de ser, apagada, solitária, tímida, mas cheia, até o fim de sua vida tão breve, de uma imensa e tranquila certeza.

— Acredite-me, não sou impressionável — começo meu interlocutor — mas naquele dia...

Pára, hesita, como se acabasse de evocar alguma lembrança interditada. Ludovic Delavault, que me fala, tem 71 anos. Associado a seu irmão Fernand, de 68 anos, é, desde a infância, marceneiro na rua Gambetta, em Nevers. Dois homens pequenos, magros, de cabelos grisalhos, o bigode áspero. Dois camaradas afastados de todo sobrenatural e que viram muitos mortos no decurso de sua carreira. Mas naquele dia...

— «Aquele dia — continua Ludovic — não foi um dia comum. Estava-se a 3 de abril de 1919. Lembro-me como se fosse on-



NEVERS, santuário de Bernadette

tem. Ainda não desmobilizado, conservava meu uniforme militar. As irmãs do convento de Saint-Gildard mandaram chamar-nos, a meu irmão e a mim. Tratava-se de abrir o túmulo e depois o ataúde de Bernadette. Bernadette? Na época, não se falava muito dela e aquela operação não me emocionava... A madre superiora pediu-nos que prestássemos juramento sobre um ponto:

«Os senhores dirão sempre o que viram. E sómente isto...»

Um pouco perturbado, prometi. O sorriso incrédulo de meu irmão tinha desaparecido. Olhei Montaigut, nosso contramestre, enquanto cortava ele o chumbo do caixão. Suas mãos tremiam. Seus golpes de martelo sobre o buri pareciam amplificados pela densidade do silêncio que enchia a pequena peça em que a madre superiora, única religiosa presente, estava cercada pelo prefeito, magistrados da cidade, médico-legista e doutores.

«O senhor verá — disse-me uma irmã de Nevers, muito idosa, que conhecera Bernadette, antes de velá-la no seu leito de morte — o olho esquerdo dela ficou meio aberto».

Já levantavam a tampa. Bernadette apareceu, com o olho esquerdo efetivamente entreaberto ligeiramente. Na penumbra, pálido, desenhava-se um rosto extraordinariamente intacto, sob uma coroa mortuária de rosas brancas. Quarenta anos de túmulo tinham reduzido as vestes a farrapos e as meias em poeira. Mas as unhas, os cílios, os supercílios da jovem

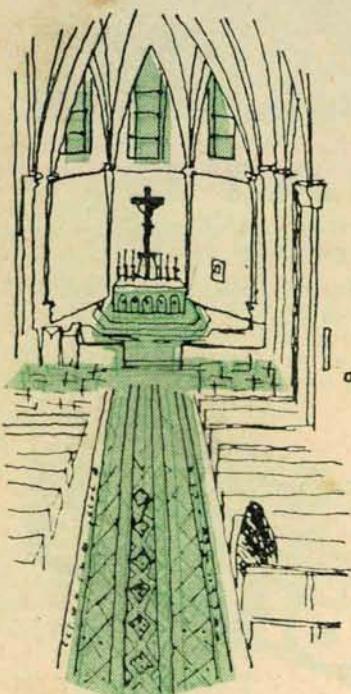
pareciam vivos. Seu rosto, suas mãos que mantinha juntas sobre o peito, não estavam nem descarnados nem mumificados — um pouco apergaminhados apenas, porque, dez anos antes, por ocasião duma primeira exumação, tinham-nos imprudentemente lavado com esponja.

Jamais, creio, tinha-se encontrado um corpo em tal estado de conservação. E era preciso que o estivesse para que o Dr. Lehmann, o médico-legista, apesar de habituado a tais espetáculos, hesitasse tanto antes de aproximar-se do caixão. Vimo-lo dar um passo, um segundo, inclinar-se sobre o ataúde e, timidamente, como estudante no dia da primeira dissecação, pousar um dedo sobre a mão de Bernadette. Quando o retirou, a pele retomou sua elasticidade. O corpo da miraculada permanecera tão flexível como se tivesse ela morrido na véspera.

Únicas testemunhas vivas dessa exumação que precedeu a beatificação de Bernadette, os irmãos Delavault fazem questão de que eu não conserve nenhuma dúvida:

— Fiéis ao juramento que prestamos — repetem eles — contamos o que vimos, e sómente isto...

Os irmãos Delavault deveram, aliás, à sua profissão o terem sido testemunhas, em julho de 1925, da derradeira exumação do corpo de Bernadette. Desta vez, em Nevers, a atmosfera era bem diferente. Toda a cidade se aglomerava por trás dos muros do convento. Depois do processo canônico que se desenrolara em Roma, com um



fausto, um esplendor inigualáveis, Bernadette ia ser proclamada santa. Antes da colocação no relicário, Roma e Lourdes reclamavam relíquias. Mas as ordens do Papa Pio XI eram rigorosíssimas: proibição absoluta de tocar no corpo!

Hoje, o rosto e as mãos recobertos duma pelicula de cera, repousa a santa num relicário de vidro e de ouro, obra dos ourives Armand Cailliat e Amédée Cateiland, na ala direita da capela do convento de Saint-Gildard. E a celebreidade de Lourdes alcançou Nevers! Agora, aos milhares, os peregrinos do Centenário detêm-se às margens do Loire. Sobre as estradas da fé que conduzem à gruta de Massabielle, onde dezoito vêzes a Dama Branca apareceu à jovem bearnesa, tornou-se Nevers a capital da devoção. Todos os que vão rezar em Lourdes querem aproximar-se, querem ver a miraculada. E a velha mulher belga que estava a meu lado, naquele dia, enquanto benziam seu rosário de buxo pousando-o sobre o relicário de Bernadette, não ces-

Porque esta derradeira parte da vida da santa não é a menos significativa. Foi em 1866, oito anos depois das aparições, que Bernadette chegou a Nevers. Em 1879, aos 36 anos, ali morreu, sentada numa poltrona de veludo vermelho e gasto, sem jamais ter revisto Lourdes. Era, no entanto, muito ligada a seu pai, a seus sete irmãos e irmãs, à sua terra natal. Mas não queria rever a água do ribeiro que conhecera deserto, a gruta onde, na solidão quente do verão, lhe aparecera a Dama Branca. Temia, naquele lugar davante público, não mais tornar a encontrar a inocência original do milagre. Pouco tempo antes de sua morte, viu mesmo Bernadette todo o seu convento partir para as festas da consagração da basílica de Lourdes. Insistiram com ela para que fizesse parte da viagem. «Não quero voltar lá — respondeu ela. — Estou bem aqui. Vi coisa mais bela. A Santa Virgem, revê-la-ei no céu...» E como instassem, confessou: «Gostaria, sem dúvida, de rever a gruta, uma vez, uma só vez. Mas seria preciso que fosse de noite. Quando ninguém o soubesse. Por ocasião de uma cerimônia? Jamais. As pessoas correriam atrás de mim e deixariam a Santa Virgem».

— Foi para respeitar esse espírito — explica-me Irmã Maria Teresa — que vivemos na sombra. Somos um convento. E Santa Bernadette pode ser célebre, mas, a nossos olhos, não passa de uma irmã igual a todas as outras.

Igual a todas as outras? Durante seus treze anos de convento, a jovem bearnesa tentou em vão tornar-se isso, quebrando sua timidez, seu orgulho, martirizando sua alma tanto quanto seu corpo.

O convento de Saint-Gildard é a casa-mãe duma das mais poderosas congregações do mundo católico: a Congregação das Irmãs da Caridade e da Instrução Cristã de Nevers. Quando o beneditino Dom de Laveyne criou essa ordem em 1680, suas monjas eram chamadas «as irmãs da marmita», porque forneciam sopa aos pobres. Cem anos mais tarde, a primeira de suas missões era a educação. Tornaram-se as «Damas de Nevers»... E era preciso ser aristocrata ou duma família muito rica para usar aquele hábito conhecido em todos os colégios em que se cultivava a inteligência. Hoje, 160 estabelecimentos e 200 obras pertencentes a essa congregação tecem sobre o mundo inteiro uma teia de fé e de saber.

sava de repetir: «Como era pequenina! Meu Deus, como era pequenina...» Porque Bernadette, com efeito, media apenas um metro e quarenta, o tamanho de uma menina de doze anos.

Ninguém esperava aquela invasão mística. As autoridades municipais, o sindicato de iniciativa estão assoberbados de pedidos de estada.

Nevers carece de hotéis, de restaurantes e seria bem incapaz de abrigar a centésima parte dos peregrinos que se precipitam para Lourdes. Também, a maior parte dos que se anunciam, vindos do Alasca, das Filipinas e do Japão só farão passar.

— E é bem melhor assim — disse-me Irmã Maria Teresa, minha guia no convento de Saint-Gildard. — Bernadette morreu aqui, longe de Lourdes, no silêncio. E' no silêncio que desejava aqui repousar.

Para que uma Bernadette Soubiros fosse admitida naquele escolhido, fôrça precisa a intervenção da Virgem para abater muitos preconceitos!

Mas houve risos cruéis entre as noviças de Saint-Gildard quando a pequena Bernadette transpondo o portal de madeira, com seu grande guarda-chuva pardo debaixo do braço e levando, como dote para seu casamento com o Cristo, num balao colorido, um enorme pote de rapé, única medicação capaz, na época, de aliviar os asmáticos...

— Desde a idade de 16 anos — explicou-me uma irmã de Nevers, — Bernadette era tratada no asilo de Lourdes que pertence à nossa Fundação. Quando quis entrar nas ordens, numerosas congregações a solicitaram, entre outras a da Cruz de São Vicente de Paula. Ela, porém, escolheu a nossa. O hábito lhe agradava. Preferia nosso véu preto à touca de pontas arrebitadas: «Teria a impressão de viver num túnel, embaixo dela», dizia. E D. Forcade, então bispo de Nevers, apoiou sua candidatura...

Esse sustentáculo era, necessário: a superiora do momento, Madre Maria Teresa Vauzou, oriunda da alta burguesia do século que findava, fizera objeções à sua entrada para o convento. Parecia chocada com o aspecto camponês, o exterior um tanto rústico de Bernadette.

— Madre Maria Teresa — disse-me com um sorriso minha guia — teria achado Joana d'Arc mal educada!

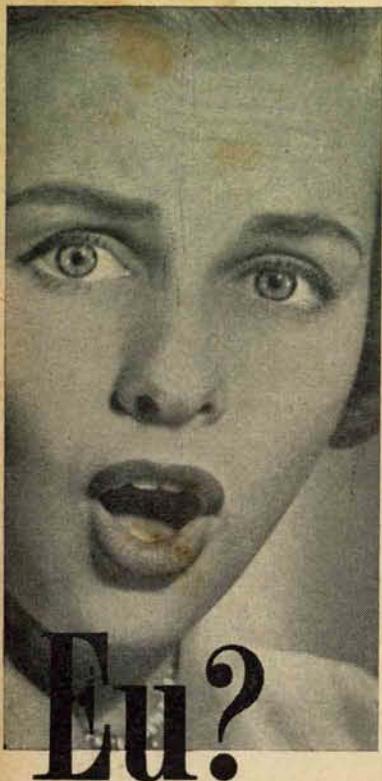
Quando a miraculada tomou lugar entre as noviças, acolheu-a a Superiora com estas palavras: «Pois bem! Vamos entrar no período das provas!» Não era uma ameaça vã. Desde a aurora até bem tarde da noite, eram as noviças submetidas a regras terríveis resumidas em seis pontos: Saber amar bem a Deus — Instruir bem — Assistir bem os doentes — Obedecer bem e submeter-se — Saber contentar-se com o apenas necessário — Saber viver junto sem propriedades, nem questões. E a Madre Superiora Vauzou acrescentava:

— Uma irmã de Nevers tem necessidade de espírito tanto ou mais do que uma carmelita! Vós deveis, minhas filhas, obrigar-vos, castigar-vos, esquecer-vos, gastar-vos...

Esse regime dum rigor extremo, ao qual tentava ela submeter-se como as outras, iria matar Bernadette. «Mais instruída e menos doente, teria amado o apostolado do ensino», escreveu ela à



MAIO DE 1960



Eu?

Ao sentir o desagradável cheiro de suor, não lhe ocorre que pode partir de você? Todo mundo transpira, mas você jamais correrá o risco de tornar sua presença incômoda, se usar Odo-ro-no. O cheiro desagradável da transpiração é eliminado instantaneamente — e você permanece com mais frescor e segura de si o dia todo. Odo-ro-no não mancha a roupa, não irrita a pele — e a proteção com Odo-ro-no é duradoura e completa.



sua família. Em Nevers, descascava as cenouras e as batatas da comunidade e passava mais tempo na enfermaria como doente do que nos oratórios com suas companheiras. Suas longas permanências no hospital permitiram-lhe, contudo, adquirir uma experiência suficiente para tornar-se enfermeira-ajudante. Mas quando era obrigada, por este ofício, a falar à Madre Superiora Vauzou, via-se despedida muitas vezes com uma palavra seca: «Não é o momento de apresentar-se. Beije o chão, e retire-se!» Mais tarde, esta dirá: «Não comprehendo como a Santa Virgem tenha-se mostrado a Bernadette. Há tantas outras tão delicadas, tão educadas... Enfim!».

Quer o costume que um emprêgo numa casa da Congregação de Nevers seja atribuído a cada noviça quando pronuncia seus votos solenes. Quando Bernadette pronunciou os seus, Dom Forcade, seu protetor, perguntou-lhe o que ia ela fazer. A Madre Superiora Vauzou respondeu em lugar dela: «Essa menina não é capaz de nada. Seria uma carga para a casa aonde a enviássemos...» Voltando-se então para Bernadette, o bispo de Nevers disse: «Dou-lhe o emprêgo de rezar!»

Já não era ela capaz de fazer mais outra coisa. Na quarta-feira, 16 de abril de 1879, às três horas da tarde, estava ela sentada na sua grande poltrona vermelha, curvada por violenta crise de asma, com o joelho paralisado por um abcesso, devorada pela tísica e invadida pela febre. Deu a entender que tinha sede. Deram-lhe de beber. Disse ela: «Santa Maria, rogai por mim». Como um disco rachado, acrescentou duas ou três vezes: «Pobre pecadora... pobre pecadora...» Depois, cercada pelas irmãs de Nevers que se comprimiam na sua cela, deu o derradeiro suspiro.

Hoje — disse-me Irmã Maria Teresa — todos os peregrinos podem vir rezar sobre o re-

licário de Bernadette. Mas mesmo neste ano excepcional para nós, não previmos nenhuma cerimônia especial. Ela não o teria querido!

Assim, Saint-Gildard participa, à sua maneira, íntima, secreta, do grande entusiasmo do Centenário. O cenário é o mesmo do tempo de Bernadette. Os choupos que lhe lembravam os que orlavam o ribeiro, em Lourdes, continuam ali, sempre. E os jardins dos claustros, onde as noviças passeavam, uma atrás da outra, a alguns metros, a fim de não infringirem a lei do silêncio, não mudaram. Aqui, a serenidade é natural. E se a vida das irmãs de Nevers foi consideravelmente suavizada, se as terríveis disciplinas que aplicavam a si mesmas, outrora, a grandes golpes nos ombros e nos rins desapareceram, o espírito e o amor ao trabalho permanecem. Esse convento que não quisera Bernadette é hoje, graças a ela, venerado até os confins do globo. Lourdes quereria ter o corpo da santa para tornar mais completa ainda a sua apoteose, mas Nevers não o entregará. Pela encíclica publicada por ocasião do Centenário, Pio XII cortou qualquer polêmica: «Nevers — disse Sua Santidade — honra-se doravante de guardar o precioso relicário».

Como o receia ela, quando viva — concluiu a irmã que me recebera — se fosse para Lourdes, as pessoas correriam para vê-la e negligenciariam a Santa Virgem.

Agora, está tranqüila. Os muros de Saint-Gildard, onde ela tanto sofreu voluntariamente, defendem-na contra qualquer curiosidade e avidez intempestivas. Esse santuário é uma praça forte. Plantado no alto dum colina, dominando toda a cidade, o convento e seus anexos estão protegidos por uma dupla barreira: o parque municipal de Saint Gildard e os quartéis residenciais. De olhos fechados, Bernadette permanece sózinha com sua Dama Branca. — Michel Garante.

KRUSCHTCHEV NÃO SABE DANÇAR

Pela primeira vez na história da União Soviética, o aniversário da revolução de outubro foi celebrado com grande baile, realizado nos salões do Kremlin. Cabendo-lhe a incumbência de iniciar a dança, o primeiro ministro, Nikita Kruschtchev, declinou da honra que lhe conferiram, declarando: «Há muitos anos minha irmã tentou ensinarme a dançar; mas, infelizmente, minhas pernas não conseguem mais movimentar-se ao compasso da música».

Diante disto, o baile foi iniciado pelo presidente da URSS, Klement Vorosilov que, apesar de seus 78 anos, dançou admiravelmente, tendo por dama Ekaterina Furtseva, a única mulher que fazia parte do «presidium».



Sua primeira lembrança: consultar a

CARTEIRA DE CRÉDITO PROFISSIONAL

DO

A freguesia aumentou. Seu "atelier" já não chega para as encomendas. Há a necessidade de ampliá-lo. Novas máquinas de costura... manequins... tudo é tão caro! Mas se a senhora se lembrou de procurar a Carteira de Crédito Profissional do Banco Nacional de Minas Gerais, as dificuldades, por certo, desaparecerão. Justamente para atender a casos como o seu é que foi criada essa nova e especializada carteira do Banco Nacional de Minas Gerais. Através dela, cerca de 50 categorias profissionais... artesãos ou possuidores de títulos universitários... também podem obter os recursos necessários para a aquisição de sua aparelhagem profissional. É de sua conveniência visitar-nos. Procure-nos nos endereços abaixo.



BANCO NACIONAL
DE MINAS GERAIS S.A.

JAM 2.101

RIO: AV. PRES. VARGAS, 509 - 10.º ANDAR • S. PAULO: AV. IPIRANGA, 871 • BELO HORIZONTE: R. DOS CARIJÓS, 218 - 3.º ANDAR • E BREVEMENTE EM TODO O PAÍS

EM maio de 1943, esfarapada coluna de soldados britânicos emergiu das selvas de Burma e, então foi levantado o véu de um dos segredos mais escondidos da 2ª Grande Guerra. Durante três meses êsses audaciosos lutadores vagaram por trás das linhas japonesas, destruindo pontes e aeroportos, explodindo depósitos de munições, espalhando a confusão e o pânico entre o inimigo. Haviam superado obstáculos incríveis, a ponto de terem de subsistir — quando seus fornecimentos aéreos fracassavam — com carne fervida da serpente piton, bifes de elefante e sopa de capim. A divulgação de suas façanhas, feita apenas quando já estavam a salvo em sua base na Índia, eletrizou o mundo aliado. Desde Pearl Harbor os japonêses estavam levando as coisas, à sua maneira e com pleno sucesso, através da Ásia e do Pacífico oeste. Agora, estavam sendo forçados a engolir um pouco de seu próprio remédio. Isso marcou um ponto importante da reviravolta na guerra.

O homem que planejou e dirigiu essa estocada audaz em Burma foi Orde Charles Wingate, uma das personalidades mais pitorescas e controversas da história militar britânica. Foi para a guerra usando barba comprida e um capacete de estôpa, sobrancendo a Bíblia e balançando um despertador no dedo mínimo. Comia cebolas em quantidades prodigiosas, alegando que tinham propriedades especiais para dar boa saúde.

Nos raros momentos em que descansava, gostava de ficar deitado nu na enxerga, lendo Platão, e se esfregando com áspera escova de dentes. Desdenhava a maioria de seus companheiros do oficiais, chamando-os de «macacos militares». Wingate chegava a conservar uniforme especial, sujo de graxa, para usar quando ia encontrá-los, demonstrando, assim, sua indiferença...

Era um homem tenso, de estrutura física leve, imprevisível em seus sentimentos, de cabelos grossos e compridos, e penetrantes olhos azuis. Nascido na Índia, em 1903, cresceu num ambiente dominado pela Bíblia. Seu pai, coronel reformado do exército, pertencia a austero ramo puritano do Protestantismo inglês. O jovem Orde Wingate guardava trechos enormes da Bíblia na memória. E, anos depois, na quietude das noites selváticas, era ouvido recitando versículos em sua tenda. Gostava também de usar a linguagem bíblica nas batalhas. Certa vez, em Burma, ordenou pelo rádio a seus comandantes subordinados: «O que estiver fazendo a tua mão, faze-o com o teu poder».

Deram-lhe uma educação militar e, depois da graduação, entrou para o Exército. Sua primeira comissão importante, em 1928, foi no Sudão, no noroeste da África. Aborrecido com a calmaria da paz, empreendeu uma expedição de um só homem em busca de legendário oásis perdido. Economizando dinheiro para essa caçada, deixou de fumar. Não encontrou o oásis perdido, mas, num navio que o levava de volta para a Inglaterra, logo depois, encontrou uma noiva, Lorna Patterson, filha bonita de um plantador de chá do Ceilão. E uma história — possivelmente apócrifa — diz que ela apresentou-se a si própria dizendo: — Você é o homem com quem vou-me casar. — Ao que Wingate teria respondido: — O.K. Quando? — Dois anos mais tarde (continua a história) ela lhe escreveu uma carta com uma só palavra: Agora.

Wingate foi enviado depois para a Palestina. E foi aí que o padrão rebelde de sua carreira começou a tomar forma. As autoridades britânicas eram pro-árabes. Mas Wingate simpatizava com os judeus. Na sua incansável luta para moldar

Este brigadeiro, citador da Bíblia, leitor de Platão, apreciador de cebolas e que odiava a disciplina, foi um dos líderes mais excêntricos — e de maior sucesso — de todos os tempos.

uma pátria, viu o cumprimento de uma profecia bíblica.

Wingate era apenas um capitão. Mas, foi com seu arrôjo típico que escreveu a Winston Churchill, insistindo em que os judeus fossem armados. Os ingleses, finalmente, deixaram-no organizar «Esquadrões Especiais Noturnos» de soldados judeus e ingleses para uma campanha de guerrilhas contra os assaltantes árabes, que haviam sido financiados por fundos do Eixo.

Wingate via a si próprio como um moderno Gedeão, ordenado por Deus — como Gedeão antes dele — a ir «em teu poder, e tu terás salvado Israel». Até as suas táticas eram semelhantes às de



WINGATE

ESTRANHO GÊNIO GUERREIRO DAS SELVAS

Gedeão. Gedeão lutava durante a noite e Wingate, também. Gedeão dispensou 22.000 homens por serem covardes, e lutava com 300 guerreiros escolhidos. Similarmente, Wingate, em vez de usar uma grande força, dirigiu 300 homens cuidadosamente treinados contra os insurretos árabes.

Em pouco tempo a revolta árabe era dominada. O capitão Wingate foi promovido — e depois chamado de volta à pátria pelo fato de ser amistoso demais para com os judeus...

* * *

Em 1940 foi-lhe confiada outra missão importante. Era retomar a Etiópia dos italianos, que haviam bombardeado os pobres nativos e derrubado o Imperador Haile Selassie do trono. Outra vez comandou uma «fôrça de Gedeão», compreendendo cerca de 1.800 sudaneses, patriotas etíopes, oficiais britânicos e prazas palestinos. E outra vez usou a tática de Gedeão: dividir seus homens em pequenas unidades para rápidos ataques noturnos de guerra.

Embora enormemente inferiorizado, o exércitozinho de Wingate logo pôs os italianos em louca retirada. Fugiam tão velozmente que ele capturou um posto de comando inimigo enquanto seu telefone ainda funcionava.

— Você fala italiano! — Wingate gritou para um correspondente de jornal. — Chame-os e avise que uma divisão britânica, de 10.000 homens, está a caminho. O correspondente pegou o fone e transmitiu a mensagem.

— Que faremos? Que faremos? — lamentava-se o italiano que atendera.

— Se você quer um conselho — disse o correspondente — desapareçam o mais rapidamente possível!

Os italianos então evacuaram uma posição inexpugnável às margens do ponto vital de cruzamento de um rio, e Wingate capturou-o com um pequeno destacamento. Levou apenas seis meses para derrotar os procônsules africanos de Mussolini. Quando requisitaram guarda de honra para a rendição, teve de recusar, porque não tinha bastante homens. Relutava em humilhar o inimigo batido, revelando o tamanho real de sua fôrça. Mais tarde, num cavalo branco, escoltou Haile Selassie pelas ruas de Addis Abeba de volta ao trono.

Mas Wingate pagou certo preço por sua vitória etíope. Tinha incorrido no desfavor de seus oficiais superiores ao ignorar algumas mensagens e ao obedecer sómente ordens com que concordava. Chegou ao Quartel-General do Cairo para encontrar — não as boas-vindas a um herói — mas a indiferença fria e até hostil. Certa noite, no quarto do hotel, gasto pelos meses passados no matagal africano e profundamente deprimido, deu um corte na

garganta com enferrujada faca etíope. Mas, eventualmente, restabeleceu-se do ferimento e da depressão.

Em 1942, o Marechal-de-campo Sir Archibald Wavell intimou Wingate a vir para a Índia. Os japoneses haviam expulsado os ingleses de Burma e estavam-se aprontando para invadir a Índia. Fizeram Wingate um brigadeiro e lhe deram a missão de organizar uma fôrça guerrilheira destinada a passar para trás das linhas inimigas e sabotar seus preparos de invasão. Suas fôrças guerrilheiras, que chamou de «Chindits» segundo um mitológico dragão burmês conhecido como «chinthax», tinham apenas 3.000 soldados de pouca experiência real de luta. Mas, em poucos meses de treinamento, já estavam bem afiados.

No dia 7 de fevereiro de 1943, usando o familiar capacete de estôpa, Wingate liderou-os na incursão selva a dentro. Sabia que a sua única segurança residia na velocidade, e ordenou que todas as horas de vigília fossem passadas em marchas e lutas. Proibiu até barbearem-se, pois desperdiçariam dez minutos diários.

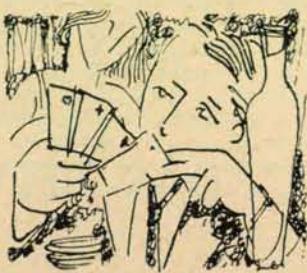
Com fornecimentos aéreos, coordenados por Wingate com rádio montado sobre uma mula, as guerrilhas penetraram 450 quilômetros atrás das linhas do inimigo. Foi uma campanha cozinhada lentamente. Wingate não tinha hospital ambulante e assim tinha de abandonar seus doentes e feridos. Mas, efetivamente, atrapalhou os japoneses, provavelmente impedindo uma invasão da Índia e, no fim, trazendo dois terços de sua fôrça para fora da selva.

Isto marcou a primeira vez que o leão britânico, dolorosamente incomodado, tinha-se voltado contra seus atormentadores japoneses. Orde Wingate se tornou herói inglês — homem saudado em toda parte como o «Lawrence de Burma».

Winston Churchill mandou buscar Wingate para acompanhá-lo à conferência de Quebec com Franklin D. Roosevelt e outros líderes aliados. Ai Wingate foi feito major-general, sendo-lhe dada a tarefa de abrir a estrada do norte de Burma até a fronteira chinesa, de modo que as fôrças americanas e chinesas pudessem penetrar no território inimigo para enfrentar os japoneses.

A Fôrça Aérea do Exército dos EUA devia apoiar os lutadores da selva de Wingate. O comando do ar foi dado a Philip Cochran, coronel de boa aparência de Erie, Penssylvania. Cochran já havia ganho renome considerável por ter inspirado o personagem de Flip Corkin em «Terry e os Piratas», uma história em quadrinhos desenhada pelo seu amigo Milton Caniff.

Wingate a princípio pensara usar aeroplanos no transporte dos suprimentos para o seu novo exército de «Chindits», e retirar os doentes e feridos. Mas



FILHOS PRÓDIGOS

“E caindo em si, disse: — Quantos jornaleiros de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pergo de fome!” (Lucas, 15:17).

EXAMINANDO-SE a figura do filho pródigo, toda gente idealiza um homem rico, dissipando possibilidades materiais nos festins do mundo. O quadro, todavia, deve ser ampliado, abrangendo as modalidades diferentes.

Os filhos pródigos não respiram sómente onde se encontra o dinheiro em abundância. Acomodam-se em todos os campos da atividade humana, resvalando de posições diversas.

Grandes cientistas da Terra são perdulários da inteligência, destilando venenos intelectuais, indignos das concessões de que foram aquinhoados. Artistas preciosos gastam, por vezes, inutilmente, a imaginação e a sensibilidade, através de aventuras mesquínhas, caindo, afinal, nos desvãos do relaxamento e do crime.

Em toda parte, vemos os dissipadores de bens, de saber, de tempo, de saúde, de oportunidades... São eles que, contemplando os corações simples e humildes, em marcha para Deus, possuídos de verdadeira confiança, experimentam a enorme angústia da inutilidade e, distantes da paz íntima, exclamam desalentados:

— Quantos trabalhadores pequeninos guardam o pão da tranquilidade, enquanto a fome de paz me tortura o espírito!

O mundo permanece repleto de filhos pródigos e, de hora a hora, milhares de vozes proferem aflitivas exclamações iguais a esta.
— Emanuel (Do livro «Pão Noso»).

EXPERIÊNCIAS DIFÍCEIS

* Excessivo dinheiro é porta para a indigência, se o detentor da fortuna não consolidou o próprio equilíbrio.

* Considerável autoridade estraga a alegria de viver, se a mente ainda não cultiva o senso das proporções.

* Enorme cabedal de conhecimento, em meio de inúmeras pessoas ignorantes, vulgares ou insensatas, é fruto venenoso e amargo, se o espírito ainda não se resignou à solidão. (Da «Agenda Cristã», de André Luiz).

Cochran apareceu com uma idéia muito mais ouvida: usar planadores, não sómente para transportar suprimentos, mas os «chindits» também. Wingate ficou deleitado, embora algumas de suas tropas nativas tivessem certo receio.

— Nós não estamos com medo de ir — disse um soldado «gurkha» a um capitão inglês — e não temos medo de morrer. Mas pensamos que vocês deviam saber que... aqueles aviões não têm motores.

Finalmente, ao crepúsculo, a onda inicial de aviões e planadores decolou e voou para uma clareira na selva, a 265 quilômetros atrás das linhas japonêses. Wingate, nervosamente passando a mão pela barba, esperava ao lado do rádio para saber como iam. Pela primeira vez não estava à frente de suas tropas.

As 4 horas da madrugada uma única palavra estalou no alto falante: «Soyalink!». Era um código pre-combinado significando desastre. (Soyalink na verdade era uma salsicha «erzatz» do tempo da guerra que os ingleses detestavam). Depois, quatro horas mais tarde, vieram outras palavras cifradas «Salsichas de Porco!». Isto significava que tudo estava legal — continuar com a operação.

Logo Wingate soube o que acontecera. A clareira, que parecera lisa nas fotos tiradas de avião de reconhecimento, realmente estava cheia de buracos. Inúmeros planadores da primeira onda tinham-se chocado contra o solo e 30 homens morreram. Mas os destroços foram retirados e os aviões e planadores começaram a vir em ondas sucessivas até que tropas de 10.000 homens fossem colocadas no coração do território inimigo.

A segunda operação Burma de Wingate teve um sucesso acima de todas as expectativas. As linhas de suprimento inimigas foram cortadas e os japoneses murcharam como folha cortada. Um quinto da força aérea deles em Burma foi destruído. Finalmente, todo o norte de Burma caiu ante os Aliados invasores.

Orde Wingate viveu bastante para saber que a vitória estava prestes a chegar nesta sua maior aventura militar. No dia 24 de março de 1944, decolou num bombardeiro B-25 para uma viagem de inspeção. O tempo estava mau e exigia demais do avião. No dia seguinte o desastre foi descoberto na selva de Burma.

Durante dias a morte de Wingate foi conservada como segredo militar, por temor de que a notícia desencorajasse seus homens. Depois foi anunciada.

— Com ele — declarou Winston Churchill — uma flama brilhante extinguiu-se!

A ambição de Wingate era voltar à Palestina depois da guerra e ajudar seus amigos judeus a conquistarem a independência. Conquistaram-na sem ele, mas com o encorajamento que lhes dera, com as táticas que lhes ensinara e com os comandantes militares que havia treinado. Assim, pelo menos em espírito, esse Gedeão do século XX — homem que está entre os guerreiros mais românticos que atuaram neste palco que é o mundo — finalmente liderou as forças de Israel para a vitória. — Joseph Stocker.

Considerado em relação à tiragem e à classe de leitores, o anúncio em ALTEROSA é dos mais baratos da grande imprensa periódica brasileira.



CORAÇÃO MATERNO

MÃE, que te recolhes no lar, atendendo à Divina Vontade, não fujas à renúncia que o mundo te reclama ao coração.

Recebeste no templo familiar o sublime mandado da vida. Muitas vezes, ergues-te cada manhã, com o suor do trabalho, e confias-te à noite, lendo a página branca das lágrimas que te emanam da alma ferida. Quase sempre, a tua voz passa desprezada, com vazio rumor no alarido das discussões domésticas; e as tuas mãos diligentes servem, com sacrifício, sem que ninguém lhes assinale o cansaço...

Lá fora, os homens guerreiam, entre si, disputando a posse efêmera do ouro ou da fama, da evidência ou da autoridade... Além, a mocidade, em muitas ocasiões, grita festivamente, buscando o mentiroso prazer do momento rápido...

Enquanto isso, meditas e esperas, na solidão da prece, com que te elevas ao Alto, rogando a felicidade daqueles de quem te fizeste o gênio guardião.

Quando o santo sobe às eminências do altar, ninguém te vê nas amarguras da base, e quando o herói passa, na rua, coroado de louros, ninguém se lembra de ti, na retaguarda de aflição. Deste tudo e tudo oferecestes, entretanto, raros se recordam de que teus olhos jazem nevoados de pranto e de que padeces angustiosa fome de compreensão e carinho.

No entanto, continuas amando e ajudando, perdoando e servindo...

Se a ingratidão te relega à sombra na Terra, o Criador de tua milagrosa abnegação vela por ti do Céu, através do olhar cintilante de milhões de estrelas. Lembra-te de que Deus, a fonte de todo o amor e de toda a sabedoria, é também o Grande Anônimo e o Grande Esquecido entre as criaturas.

Tudo passa no mundo...

Ajuda e espera sempre.

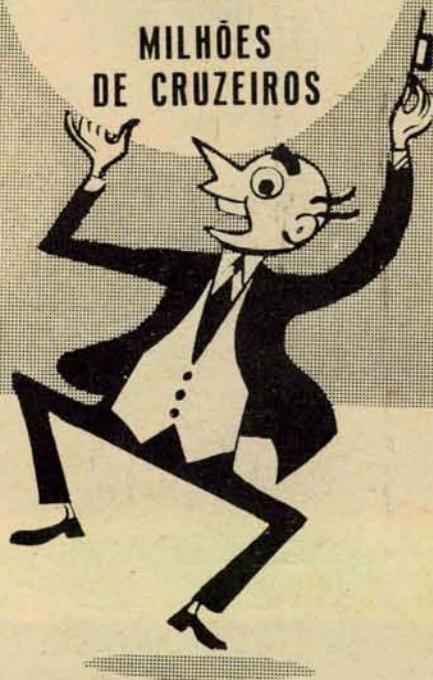
Dia virá em que o Senhor, convertendo os braços da cruz de teus padecimentos em grandes asas de luz, transformará tua alma em astro divino a iluminar para sempre a rota daqueles que te prometem socorrer.

MEIMEI

ALTEROSA

2

MILHÕES
DE CRUZEIROS

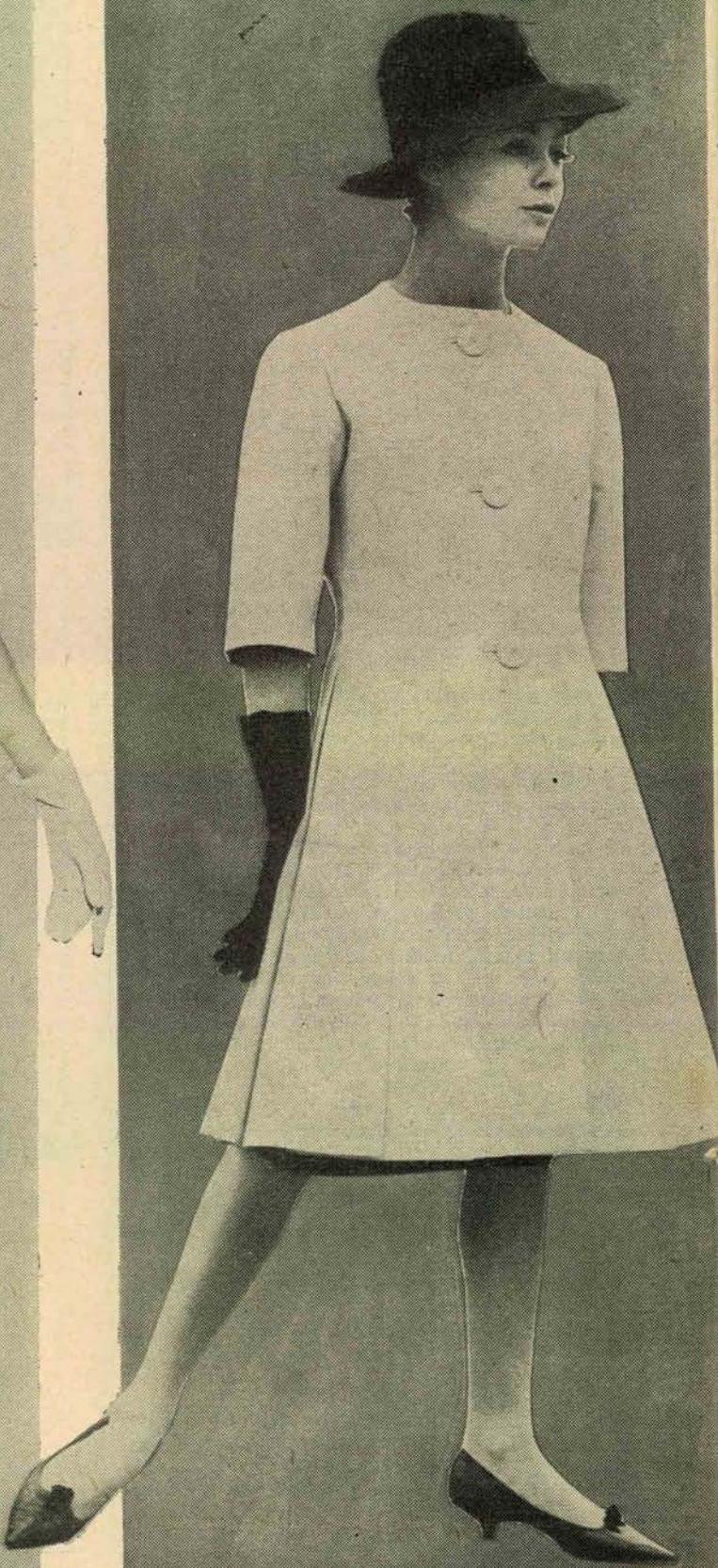


**A Loteria do Estado
faz novos milionários
toda semana**

ÀS SEXTAS-FEIRAS

**Loteria do Estado
de Minas Gerais**

a nossa loteria





Siluetas 1960

A ESQUERDA

Conjunto duas-peças de JACQUES HEIM, na silhueta "Tôrre Eiffel", em sêda roxa, todo plissado. Chapéu de palha amarela de HEIM-SVEND.

AO CENTRO

Amplidão controlada na casa JEAN DES SÈS : Casaco de gorgurão branco, com pregas abrindo para baixo. Chapéu, luvas e sapatos pretos.

A DIREITA

Conjunto de tarde de CHRISTIAN DIOR com silhueta "abacaxi": vestido e casaco em surah preto de pintas brancas, com botões brancos.

OLGA OBRY

Paris

A silhueta egípcia de CARVEN : vestido de shantung estampado com padrão quadriculado cinza, preto e branco; gola em pé de pelica preta.

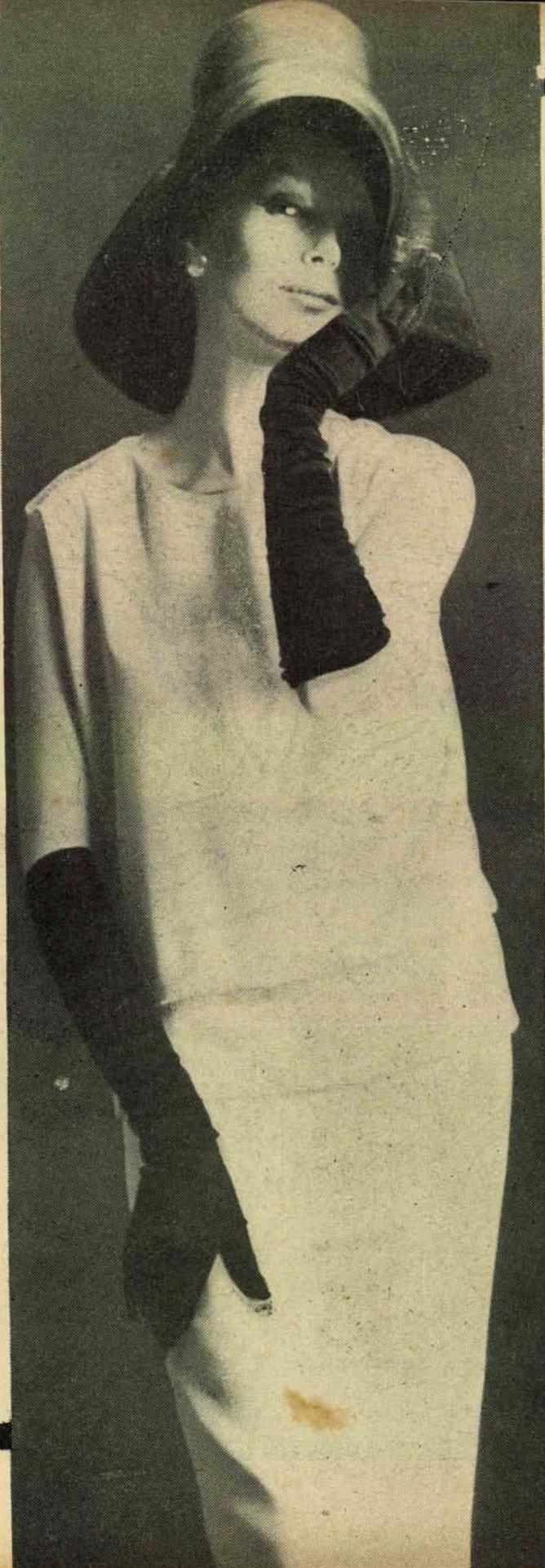
A cintura de vespa aparece na coleção de JACQUES GRIFFE : vestido de shantung cor de marfim, estampado com pequenos corações negros. Cinto de couro envernizado e chapéu de celofane negra.

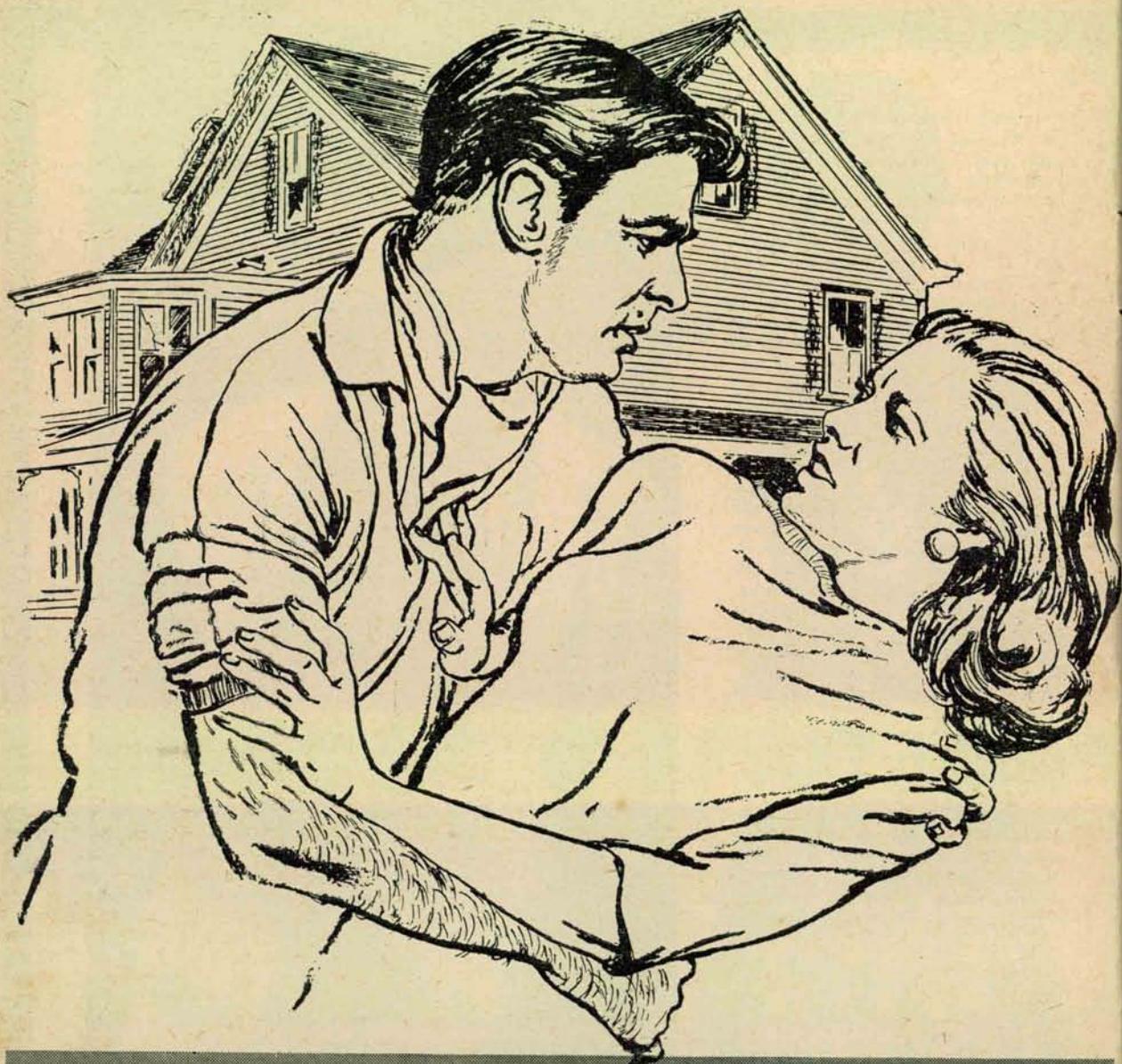
SILHUETAS 1960

PARIS (Via Panair) — Todas as siluetas desta temporada têm amplidão controlada e seguem, com certo afastamento e discreção, as linhas do corpo. No salão principal de Christian Dior, há um enorme «bouquet» de abacaxis — a palavra «abacaxi» não tem sentido pejorativo na Europa, onde o «ananás» é fruta de luxo, sendo cortada em fatias fininhas como papel de sêda. O ananás simboliza a silhueta da coleção, bombeada nas ancas e desabrochando acima da cintura, porém, sem chegar à mesma largura (como as fôlhas verdes no cume do abacaxi). Na casa Jacques Heim, a Tôrre Eiffel, esguia e alargando-se para baixo, até à bainha, foi madrinha da nova silhueta. Jean Dessès apresenta linha semelhante, com saias em forma de sino pregueadas ou plissadas. Carven deixou-se inspirar pelas estátuas e pinturas do Egito antigo, com silhueta alargando-se também da cintura para baixo. O modelista Castillo, na casa Jeanne-Lavin, preconiza a silhueta em vários «andares» — túnica e babados, chatos e retos ou afastando-se do corpo, de cima para baixo. Quanto à cintura, quase sempre fica apenas marcada pelo feitio ou por um cinto, e só na casa Jacques Griffé, encontramos novamente a «cintura de vespa», apertada por largo cinto de couro.



Silhueta em três andares de LANVIN-CASTILLO: Vestido em crepe de sêda café com leite, chapéu e luvas de camurça marrom.





UM HOMEM DE BOM CORAÇÃO

NORMAN ABBOTT

• Do "New York Mirror Magazine". Distribuído pelo King Features Syndicate.

Por amor e dinheiro, o criminoso fêz o que ninguém esperava.

ADÉCADA iniciada em 1920, década alegre de «melindrosas» que dançavam o «Charleston», teve um fim melancólico, causado pelo «crack» de 29, que levou à depressão tantos países do mundo, a começar pelos Estados Unidos. Foi justamente quando se prolongava a grande crise que, no bairro nova-iorqueño chamado Bowery, dois homens se encontraram. Eram homens que, apesar da diferença de quinze anos na idade, tinham muita coisa em comum. Ambos eram morenos, mediam 1,75 m, e pesavam cerca de 55 quilos. Além disso, eram vítimas da depressão, e tinham desesperada necessidade de arranjar dinheiro. O mais moço chegara, havia pouco a Nova Iorque, onde pretendia conseguir emprégo. Não o conseguira ainda. O dinheiro que levara acabara-se, e havia dois dias que estava sem comer. O mais velho tinha esposa e dois filhos, casa quase paga e enorme série de outras dívidas que não via jeito de pagar. Ademais, estava profundamente apaixonado por uma jovem que tinha a metade de sua idade.

Foi o mais moço que, naquela tarde de 10 de julho de 1931, abordou o mais velho, dizendo-lhe palavras que se haviam transformado num símbolo da depressão:

— Meu irmão, tem aí um níquel sobrando?

Naquela mesma noite, uma figura — corpo humano transformado numa tocha enorme — saiu correndo e gritando de uma casa do Bronx, tomada pelas chamas. Correndo, percorreu uns mil e quinhentos metros, para afinal cair, diante de uma bomba de gasolina.

Quem tivesse observado o encontro verificado no Bowery, naquela tarde, não poderia nem mesmo imaginar qual dos dois seria o homem que, naquele momento, entrava em agonia, vitimado pelas chamas.

* * *

QUANDO, meia hora depois da meia-noite, a Sr^a Luigi Raffia voltou à sua casa no Bronx — tinha visitado parentes, com os quais deixara os filhos — encontrou-a tomada por policiais e bombeiros. Pelos vizinhos, ficou sabendo que um homem em chamas havia escapado da casa, e, imaginando tratar-se de seu marido, de 36 anos, desmaiou.

E' verdade que Luigi Raffia estava sumido. Todavia, o tenente-detetive John Dinan e o comandante-adjunto do corpo de bombeiros, John J. Cashman, não tinham muita certeza de que o homem agora às portas da morte no Hospital Fordham, fosse ele.

A chegada imediata de dois grupos de bombeiros permitira que o fogo ficasse confinado a um quarto dos fundos e à cozinha da casa. E não tiveram os policiais de realizar exame muito aprofundado, para ter certeza de que o fogo fôra ateado propositalmente, numa tentativa de homicídio. E' que o quarto de onde escapara a vítima em chamas, conseguindo fugir por uma janela, estava trancado. As roupas de cama, o tapete e as cortinas tinham sido ensopados com gasolina, e incendiados. Também noutras partes da casa, havia considerável quantidade de gasolina entornada. As janelas do quarto tinham sido fechadas e cobertas com travesseiros, e estes haviam impedido que o fogo se propagasse.

Ainda sem saber se Raffia era o homem que estava no hospital ou o incendiário e quase assassino, os detetives passaram a investigar suas coisas. A Sr^a Raffia informou que o marido lhe sugerira levar as crianças a visitar os parentes. Deveria, depois, encontrar-se com ela, mas não aparecera, obrigando-a a voltar sózinha para casa, encontrando-a em chamas.

Investigações entre as companhias de seguros revelaram que ele adquirira uma apólice de 4.000 dólares — com dupla indenização em caso de morte acidental — sobre a sua própria vida, e outra de 3.500 sobre a casa. Fizera, também, empréstimo de 300 dólares, garantido pela sua mobília, e havia comprado duas latas de gasolina, de cinco galões.

Descobriram também uma mocinha de 18 anos, há tempos assediada por Raffia, que pretendia acompanhá-la. Repelido, o homem dissera, cheio de empáfia, que, em breve, teria «muito dinheiro», e que, então, iria convencê-la.

Esses detalhes reunidos constituíram os subsídios para os detetives estudarem o caso: Raffia planejara incendiar a casa e, nela, alguém cujo corpo, carbonizado, deveria passar pelo seu. Depois, quando já tivesse sido pago o seguro, daria jeito de entrar em contato com a «viúva» e arrancar-lhe o dinheiro — embora fôsse perfeitamente certo que a Sr^a Raffia nada sabia dessa história tóda.

Mas, quem era a vítima? Quem havia, fugindo no momento trágico, pôsto a perder tóda a trama? No Hospital Fordham, a «tocha humana» recuperou a consciência e respondeu à pergunta. Tratava-se do jovem Earl Fox, de 21 anos, natural de Syracuse (N. Y.), e fôra para Nova Iorque à procura de emprégo, ficando quebrado e sem ter o que comer, até que encontrara, no Bowery, um indivíduo de mais idade. Raffia fôra generoso para com ele, pagando-lhe mesmo um jantar e algumas doses de bebidas, além de prometer arranjar-lhe emprégo. Depois, levara o moço a sua casa, dera-lhe mais alguns tragos e fizera-o dormir. Fox lembrava-se mesmo de ter visto Raffia entrar no quarto, despejar certo líquido «para refrescar o ambiente», e acordara já transformado numa chama viva, fugindo através da janela.

Depois de contar essa história, Earl Fox morreu. Mas, ao morrer a vítima, Luigi Raffia já estava sendo procurado, como assassino.

* * *

A confirmação do depoimento de Fox não tardou a aparecer. A moça que fôra assediada por Raffia voltou à polícia para dizer que seu indesejável perseguidor lhe havia telefonado, dois dias depois do incêndio, confessando-lhe, na ocasião, tóda a trama.

Duas semanas após o crime e uma depois da morte de Fox, um policial estava a patrulhar a Ponte de Manhattan, quando encontrou, num canto, um chapéu e uma carteira pertencentes a Raffia. Junto, havia também um bilhete, endereçado à Sr^a Raffia, no qual o marido anunciava ter decidido «acabar com tudo aquilo», saltando da ponte.

A vista daquele achado, a polícia anunciou aos

(Conclui na pág. 80)



Os meninos, que não aprendem a ler e escrever, aprendem cedo porém a manejar uma viola.

MENDONÇA QUER DIZER POVOADO DE NEGROS

— Reportagem de ROBERTO DRUMMOND
Fotos de Jean de Carteaux



O homem de cabelos brancos conta ao neto a história do Mendonça : — "Diz que era uma vez..."

D. FRANCISCA (Chiquinha) Procópio de Alvarenga perdera o único filho : era uma viúva sem saber para quem, em particular, iria deixar a sua imensidão de terras. Naquela tarde, estava sentada na varanda, tendo ao lado um dos sobrinhos, Paulo Procópio. Toda semana, ele viajava cinco horas a cavalo, para tomar-lhe a bênção e conversar. Contava ser o futuro herdeiro. Por isso ficara surpreendido e irritado ao ouvir a tia dizer :

— Para quem devo deixar o que tenho ?

Paulo Procópio, nervoso, desviou os olhos para a estrada, que passava em frente à varanda : — à direita, ao longe, viu o vulto de uma negrinha escrava. Daí a pouco ela passaria ali. Levantou-se, irritado, e apontou para ela :

— Deixe tudo para aquela negrinha...

— Ótima idéia — falou a tia.

O coração de Paulo Procópio batia mais forte à medida que a negrinha se aproximava : — «iria a tia aceitar a sugestão de verdade ?» Com o andar de quem dança, os pés descalços, a escrava ia-se aproximando. Ao passar em baixo, D. Chiquinha chamou-a : a escrava acabava de se tornar milionária. O testamento só estabelecia uma condição : a terra não podia ser vendida.

Começa assim a história de um dos poucos povoados onde seus moradores são, além de homens de côr, os donos da terra em que moram. Seu nome : Mendonça. Localização : — fica perto de Ferros, Minas. Um dos aspectos interessantes : só existe um homem branco que mora ali, assim mesmo porque é casado com mulher

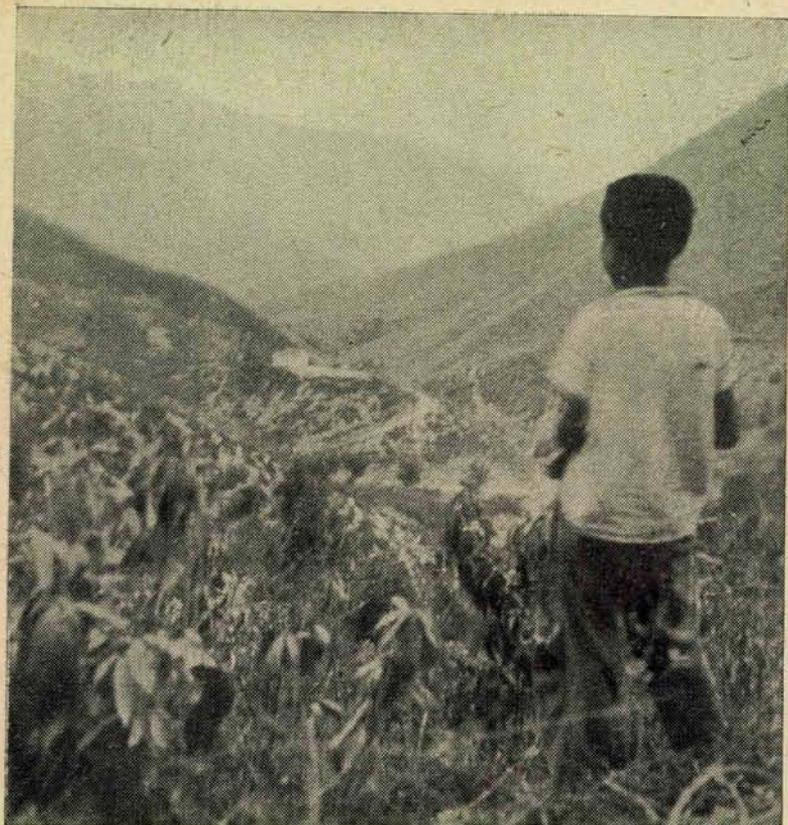
de côr. Ainda que sejam «proprietários» os homens que tocam viola e cantam à noite para viver têm que trabalhar para outros, recebendo um salário que surpreende a quem vive numa cidade grande : Cr\$ 50 por dia.

☆ ☆ ☆

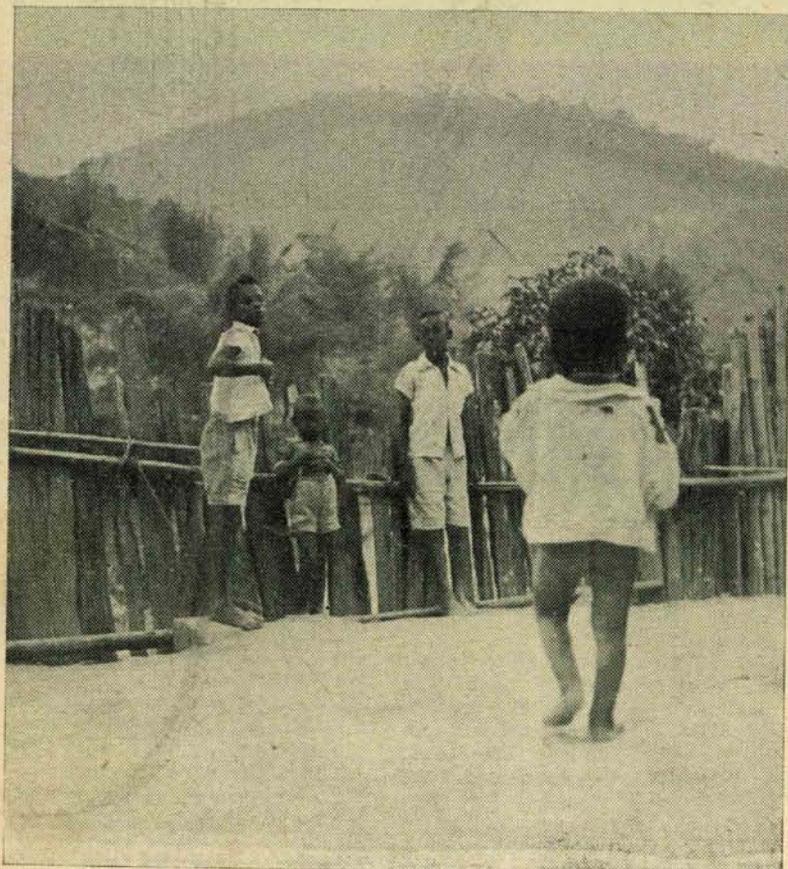
Uma igrejinha que fica num alto e cento e cinquenta casas dispostas irregularmente, formam o Mendonça. Quando chega a noite, os sons de uma viola e de uma voz cantando se fazem ouvir. São músicas simples, mas algumas de grande lirismo :

— «Não pensei da rosa branca
Dentro do lírio murchá
Não pensei de meu amor
Tão depressa me deixá...»

De manhãzinha janelas e portas começam a ser abertas, e os homens e mulheres negros saem para trabalhar em outras fa-



O menino olha para a frente : um dia deixará a terra que os pais herdaram, trocando-a por um lugar de operário.



zendas. A tarde estarão de volta... A escrava que herdou a terra de D. Chiquinha, uma fazendeira tão poderosa que foi comadre de D. Pedro II, casou, teve filhos, e geração para geração, foram aumentando os donos do Mendonça. Atualmente, cento e cinqüenta famílias fazem morada ali.

Visitando várias casas os repórteres viam, bem de perto, a situação de todos. Mesmo tendo o seu pedaço de terra eles não podem plantar e viver com independência. Um deles nos disse :

— Plantar, como ? Não temos dinheiro...

Por isso, tanto os homens como as mulheres vão trabalhar, ganhando Cr\$ 50 por dia, para os fazendeiros que moram perto. No Mendonça, o que há é o seguinte : cada um é o legítimo proprietário de sua própria miséria. Nunca tiveram um auxílio que partisse do governo. E se alguém lhes perguntar o que é o governo, poucos deles saberão responder. As casas, de pau-a-pique, têm dentro um quadro estragado de algum santo, um tamborete, e o girau, que eles chamam de «tarimba». Mas se alguém perguntar a algum deles «como vai» recebe uma resposta soridente :

— Vou temperando...

☆ ☆ ☆

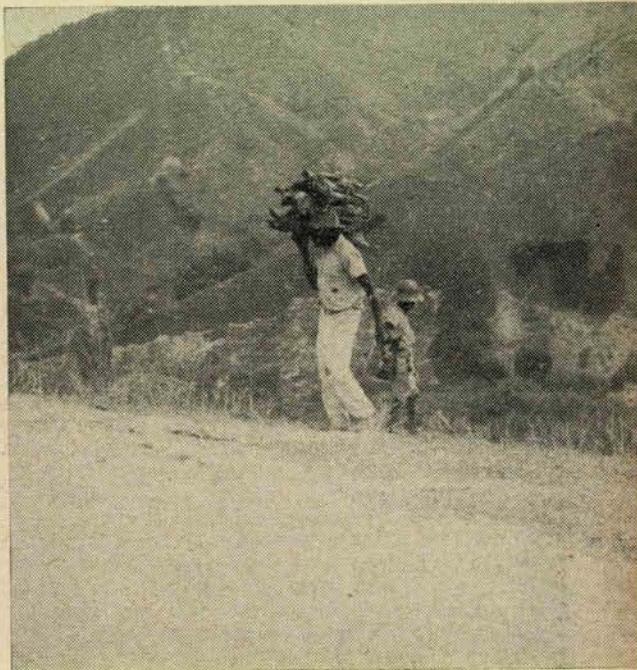
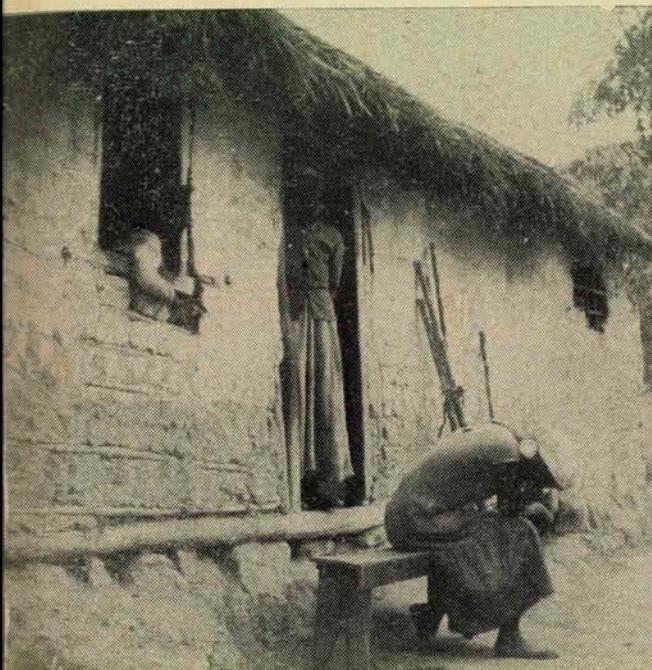
Ainda que longínquo, todos os que vivem no Mendonça têm um parentesco com a escrava que foi contemplada por D. Chiquinha. Ali vive uma grande família, mas as casas são distantes umas das outras. Tempos atrás, nenhum branco vivia ali. Atualmente existe um. E' tratado por Zé Branco, seu sobrenome, porém, é Monteiro. Os repórteres perguntam-lhe como conseguiu morar no Mendonça.

— Minha mulher é de côn... — responde ele. — Se não fosse assim Zé Branco não estaria vivendo entre os «donos» do Mendonça.

Qualquer um deles, se perguntado, dirá que é católico. Como prova a igrejinha, só de vez em quando aberta, recebe todos eles para uma missa. Não há outras religiões entre eles. Seu catoli-

Os meninos vivem em abandono, como a fotografia retrata bem.

Mendonça quer dizer povoado de negros



*Visão do que é a vida no Mendonça : — casas de pau-a-pique. * A idade não aposenta os homens do Mendonça : — mesmo o vovô que aparece na fotografia tem que trabalhar.*

cismo é, no entanto, supersticioso. As credentes têm entre elas campo fértil. Quando uma pessoa adoece, e não consegue cura rápida, dizem em voz baixa e temerosa :

— Foi feitiço...

Porque nenhum deles conseguiu ao menos fazer curso primário, acreditam em todas as lendas correntes. Os repórteres anotaram : crêem firmemente na mula sem cabeça, nos lobisomens que surgem na quaresma e nas várias espécies de «assombrações».

Acima de tudo, o Mendonça é um povoado marcado pela tradição negra. Numa noite quem passar por ali pode ouvir os sons surdos de uma «caixa de guerra» (zabumba), de uma viola tocando e de vozes cantando. E' o batuque, a dança negra oficial de todos eles. Consiste num sapateado, seguindo o ritmo, na «venia» (espécie de «umbigada», que não chega a se concretizar). O homem dança com a mulher, mas não lhe dá a mão.

Todos os batuques se realizam ao ar livre. Um dos negros batuqueiros, chamado José do Carmo, nos disse que é capaz de dançar três dias e três noites. Sempre

os batuques duram uma noite. Enquanto se divertem vão bebendo cachaça. As cantigas (assim são chamadas) de batuque possuem muitas vezes forte lirismo. Um homem canta sózinho uma parte, as outras são cantadas em côro.

Dante dos repórteres, numa noite, elas batucaram sem cessar. Justamente o negro José do Carmo, é que cantava e dizia :

«Mas o nome de Maria
E' um nome abençoado...»

De vez em quando alguém (como os repórteres) aparece para assistir algum batuque, que se realiza também nos casamentos de filhas de alguns fazendeiros : enquanto os outros dançam nas salas, os empregados batucam no terreiro. Ocorre também que um ou outro fazendeiro convida os homens do Mendonça para fazer um batuque em suas fazendas. Todos vão.

☆ ☆ ☆

Quando os repórteres conversavam, ouviram alguém dizer : «ele é o prefeito daqui». Na realidade, era apenas uma «maneira de dizer», porque o Mendonça pertence a Ferros. A designação

«prefeito», no caso, quer dizer o homem mais rico de lá. E' justamente um dos que, quando das festas, é sempre lembrado. Chamam-no de «Manoelzinho Paulista». No quadro geral do Mendonça ele é uma exceção, porque ganhou dinheiro, é independente. Os outros são pobres, alguns até paupérrimos.

Os meninos, acostumados a pedir a bênção aos mais velhos (mesmo aos desconhecidos) têm uma escola rural para freqüentar, onde D. Júlia, que só fêz o curso primário, lhes ministra seus ensinamentos numa salinha, onde mal cabem dez garotos. Eles não estudam com constância. D. Júlia não se lembra de um só menino que chegasse até o fim de seu curso. Alguns vão a pé freqüentar o grupo da cidade, mas abandonam logo, porque precisam ajudar aos pais.

Por causa de sua própria situação, os homens e mulheres que vivem num povoado onde só há negros não se empolgam muito com a possibilidade de alguém lhes dar terra. Já sabem que sem os meios nada poderão fazer. E' triste a miséria de muitos que moram naquelas casas. Assim os filhos

Mãos Úmidas e Timidez

SAÚDE

EM condições normais de temperatura e de trabalho muscular moderado, o suor emitido pelo corpo humano varia de 300 a 800 centímetros cúbicos diários, que não se ajuntam sobre a superfície cutânea em forma de gotículas, mas evaporam imediatamente. A secreção aumenta com o avançar da estação quente, chegando a atingir até um valor máximo de 10 a 12 litros em vinte e quatro horas, nos indivíduos que trabalham em clima desértico. A composição química, todavia, permanece quase constante: a água forma a parte principal, mas não falta uma pequena parte de substâncias sólidas (cerca de 1 por cento), entre as quais prevalece o cloreto de sódio, que é o responsável pelo característico sabor salgado do suor.

A secreção sudorípara contribui para regular a temperatura corporal, resfriando a superfície cutânea, através da evaporação da água, que constitui o seu elemento principal. Além disso, o suor pode representar um mecanismo subsidiário de eliminação dos produtos tóxicos, como acontece, por exemplo, quando a diminuta atividade dos rins é acompanhada por uma redução da secreção urinária. Além das circunstâncias externas, existem outros fatores, como as alterações do sistema nervoso e do sistema circulatório, as alterações da pele, determinadas condições constitucionais ou estados emotivos que podem determinar as variações na transpiração. A essas variações dá-se o nome de hiperidrose, quando a transpiração é excessiva, e de anidrose, quando, ao contrário, há falta de suor.

Além de apresentar-se por motivos climáticos e nos estados febris, a hiperidrose pode verificar-se também no histerismo, na idade crítica, nas doenças das glândulas endócrinas, nos estados de fraqueza, em certas doenças do coração e do sistema circulatório, ou também como consequência do uso de certos medicamentos, como a aspirina e os salicilatos.

Existe uma forma emotiva na qual é característica uma abundante transpiração fria das mãos, que provoca no paciente um complexo de timidez, impedindo-o de apertar a mão dos outros. O desagradável distúrbio é devido a uma alteração do sistema nervoso vegetativo, que age também sobre o aparelho circulatório; em geral, o paciente é nervoso, timido, cora-se e pega fogo de calor à mínima contrariedade. Entretanto, a mesma forma de hiperidrose localizada pode apresentar-se, às vezes, em pessoas perfeitamente normais: neste caso, é devida a uma alteração no número e na atividade das glândulas sudoríparas. Muitas pessoas têm um aumento anormal da transpiração nos pés, independentes da estação, o que é causado por fatores nervosos.

Não existe um tratamento direto para o excesso de transpiração causado pelo aumento da temperatura externa: deve-se limitar a combater o estado de fraqueza provocado pela abundante perda de líquido e, sobretudo, de sal. Tomando bebidas salgadas, ou simplesmente água com sal (duas gramas de sal para cada litro dágua), evita-se o desagradável inconveniente, que pode ser acompanhado também de cãibras musculares. A transpiração nos estados nervosos e na idade crítica desaparece com o tratamento da doença que a origina e a hiperidrose localizada nos pés pode ser combatida mediante a lavagem com álcool canforado, salicílico, naftolato, ácido crônico a 5 por cento, mediante pedilívum com permanganato de potássio a 1 por cento e ainda mediante a limpeza com um pó à base de albumina de leite, que protege a pele contra as irritações.

A anidrose, isto é, a falta de suor, pode ter como causa, algumas doenças da pele (eczemas), do sistema nervoso vegetativo, das glândulas ou ainda pode ser devida a medicamentos ou a estados tóxicos derivados de doença infecciosa, como o tifo.

logo que crescem, ou começam a crescer, passam a sonhar com outra vida. Disse aos repórteres um menino de sete anos:

— No dia que eu crescer, caio no mundo...

Para cair no mundo bastará que saia e só volte para passear, indo ser operário de qualquer indústria. A força de todos é sempre encontrada na alegria de enfrentar tudo, e esquecer tudo, desde que uma viola toque, e tenha início um batuque. Herdaram de D. Chiquinha um pedaço de terra, isso lhes dá certa felicidade.

☆ ☆ ☆

Os Melhores Beijos

Conclusão da pág. 45

tor. Apenas, eu concluía que já tinha o direito de fazê-los. E, temendo que, mais uma vez tudo se desvanecesse, como naquela noite, guardava segredo da minha temeridade.

Não sei bem porque — mas, todos aqueles beijos que revolutearam em meu coração como libélulas tontas de sol e de azul, haviam voado para longe... Nunca mais eu pude reuni-los assim, tal qual... E, foi pena! Eram meus melhores beijos.

☆ ☆ ☆

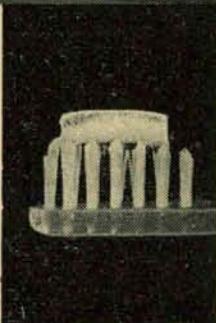
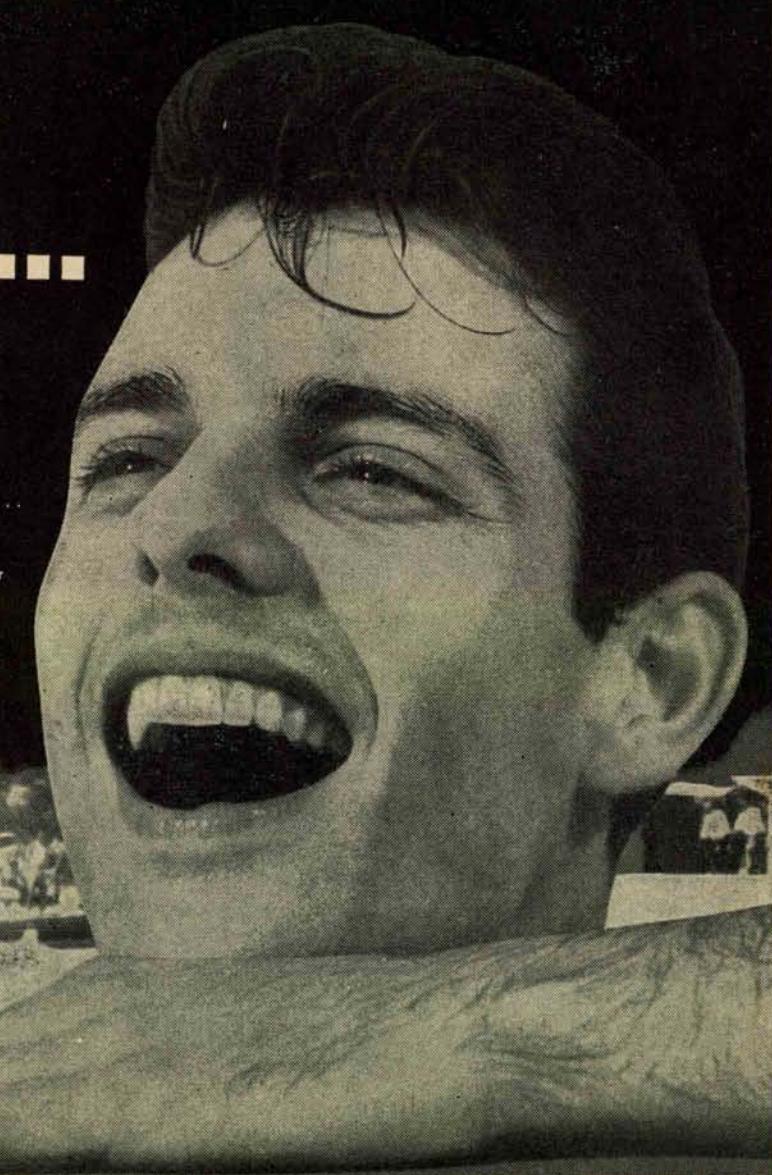
VIDA MAIS LONGA

Interessado em descobrir se o homem intelectual, em virtude de suas atividades mentais, era mais facilmente atacado por tumores ou hemorragias cerebrais, o professor Erik Ask-Upmark, da Universidade de Uppsala, Suécia, comparou casos de mais mil universitários com igual número de casos de motoristas e tipógrafos, todos falecidos em 1957. Depois de cuidadoso estudo, o professor concluiu que não só os «intelectuais» tinham morrido em consequência das mesmas causas responsáveis pela morte daqueles cujo trabalho era menos intelectual, mas tinham desfrutado de vida mais longa.

Mais de dois terços dos professores alcançaram a idade dos 65 anos, ao passo que menos de um terço de motoristas e tipógrafos contaram número semelhante de janeiros. Enquanto a média de vida do professor sueco é de 68 anos, a do motorista atinge a casa dos 61 e a dos tipógrafos não chega à dos 60, já que foi estimada em 58 anos.

Ah...

QUE REFRESCANTE SENSAÇÃO
DE BEM-ESTAR, NA ESPUMA
PROTETORA DE KOLYNOS!
Gente de espírito mōço, que precisa
causar boa impressão, prefere Kolynos...
porque Kolynos contém
elementos antienzimáticos que agem
quase milagrosamente para evitar
a cárrie e o mau hálito!



gente D|NÂM|CA prefere



- sensação extra de frescor !



ESTA' sendo de grande atuação na Alemanha curiosa polêmica. Será preferível que marido e mulher passem férias juntos ou separados?

O Dr. Henders, de Amburgo, sustenta que são aconselháveis as «férias separadas», mas o professor Hielhoff, de Francfort, é contrário a esse parecer. Ambos fundamentam suas afirmações em dados estatísticos e sondagens da opinião pública, tendo a polêmica estourado violentamente, uma vez que iam ser divulgadas as conclusões da última experiência realizada pelo professor Hielhoff.

De acordo com suas instruções, cinqüenta casais entre os vinte e sessenta anos dividiram suas férias e transcorreram quinze dias juntos e outros quinze separados. A pergunta a que tiveram de responder, no término da experiência, foi a seguinte: «Em que período divertiram-se e descansaram mais?»

Segundo o parecer dos partidários do professor Henders, em cada cem casamentos, apenas cinco podem se considerar bem sucedidos e, baseando-se nos resultados obtidos em suas experiências,

BOM TOM

REUNIÕES

Em renda branca, este vestido foi criado especialmente para a futura mamãe comparecer às reuniões de gala. A faixa colocada acima da linha da cintura e a amplitude da saia garantem-lhe a elegância. (Foto Apla).

FÉRIAS SEPARADAS SALVAM O MATRIMÔNIO?



disseram êles que o sistema de «férias separadas» poderá elevar esta porcentagem para dez. Por outro lado, os defensores da tese do professor Hielhoff, também de posse de dados e cifras, apresentam um quadro bastante claro a respeito da situação. Na Alemanha, sobre um total de 470 mil casamentos realizados em 1958, foram consumados cerca de 40 mil divórcios legais e igual número de separações sem intervenção da lei. Céreca de 67% dos divórcios foram provocados pela existência de «uma terceira pessoa», conhecida — na maioria das vezes — durante as famosas «férias separadas». O sistema, como se vê, aumentará os riscos já existentes para cada casal.

A questão, que vem apaixonando a tantos alemães, em outros países como Suíça e Estados Unidos, está praticamente resolvida. No primeiro, calcula-se que a porcentagem de maridos e esposas que preferem passar férias em dois locais diversos eleva-se a céreca de 70%, e no segundo, mais de 50% dos casais aplicam de modo parcial ou total o famoso sistema.

A pessoa que, em última análise,

é responsável por todo o barulho suscitado nos Estados Unidos há alguns anos e atualmente na Alemanha, a propósito das «férias separadas», é um estudioso americano, professor Richard F. Morrison, titular da cátedra de «psicologia conjugal» na Universidade privada de Los Angeles. Elaborou seu sistema, partindo de um problema bastante simples, apresentado por clientes e alunos: como proceder, quando o marido preferir passar férias na montanha, e a esposa, no mar? A resposta do professor Morrison foi imediata e categórica: marido e mulher vivem por conta própria, livres, portanto, de escolherem a viagem que preferirem.

O estudioso americano é de opinião que, em cada casamento, mesmo nos mais bem sucedidos, sempre se verifica uma crise de «saturação». O fato de estar imerso diariamente nos mesmos problemas, de ver sempre as mesmas pessoas, de fazer sempre as mesmas coisas, acaba por atrapalhar o mais perfeito acôrdo. E então, eis a salvação: quatro semanas de férias para serem gozadas não juntos, mas separadamente. O marido de um lado, sem responsa-

bilidades, sem limitações às suas iniciativas; a mulher de outro, finalmente livre do peso do lufa-lufa familiar.

Depois de haver formulado essa teoria, Morrison tratou de aplicá-la, usando desconcertante expediente. Em Long Beach, não muito distante de Los Angeles, criou dois vilarejos igualmente equipados com bares, salões de baile, cinema, hotel etc. e chamou-os «Paraíso A» e «Paraíso B». Feito isto, convidou casais de todas as idades a escolherem seu «paraíso» dentro de uma única condição: marido e mulher não poderiam habitar no mesmo vilarejo e deviam prometer que não se comunicariam, durante todo o período das férias, nem por meio de cartas, nem de telefone. No fim da experiência, Morrison verificou que foram pouquíssimos os maridos e as mulheres que chegaram a distrair-se durante as «férias separadas». A distância havia recriado o desejo de se encontrarem, o prazer da companhia recíproca. Segundo Morrison, «férias separadas» não favorecem unicamente separações, mas em certos casos, salvam de maneira decisiva casamentos periclitantes.

UMA das obrigações mais importantes da dona de casa, durante uma reunião, é a de atender, pessoalmente e com muita atenção, às senhoras que, por razões óbvias, não tomam parte nas danças.

Quando um convidado chega atrasado a uma reunião qualquer e vai ser apresentado a certo grupo de pessoas presentes, convém primeiro mencionar o nome do recém-chegado e, em seguida, os das demais pessoas.

Todo homem deve, por simples cortezia, prestar atenção à senhora que se achar ao seu lado. A

dama, por sua vez, deve agradecer essa atenção cordialmente e não considerá-la apenas como uma homenagem imposta por sua condição de mulher, êrro, aliás, em que muitas incorrem.

Se quiser que suas reuniões sejam bem sucedidas e apreciadas por todos os que nela tomarem parte, não convide mais pessoas do que sua casa pode conter, pois, do contrário, não se livrará de um fracasso.

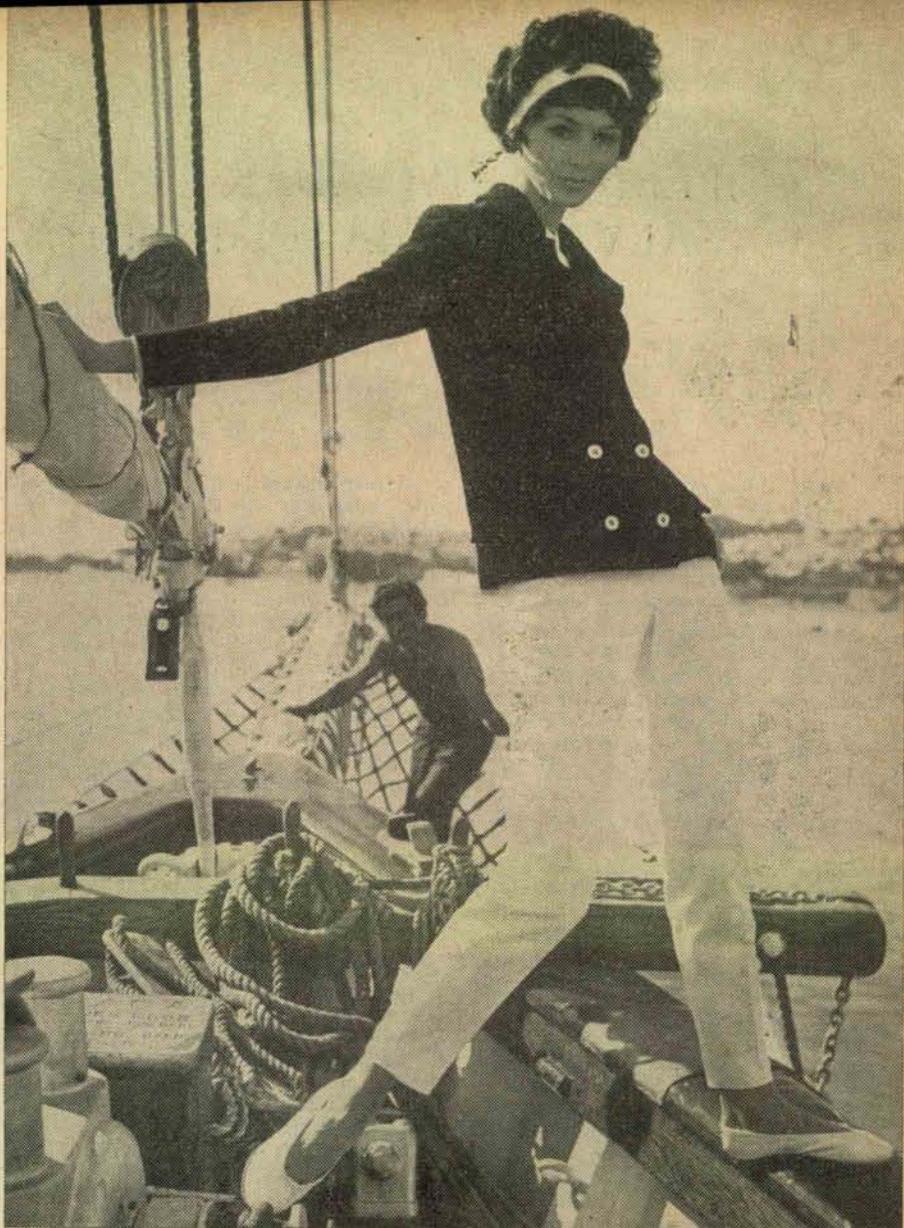
A ceia fria é muito indicada em uma reunião seguida de baile. Cada dia essa moda se torna mais aceita, porque resolve uma in-

finidade de problemas, como o das empregadas, da louça, etc. além de ser ela completamente destituída de etiquêta.

As pessoas que têm por hábito oferecer reuniões, nunca se devem esquecer de que os donos da casa não podem falar baixo com nenhum dos convidados, para que os outros não tomem tal fato como acintoso. A maledicência convém seja sempre banida, principalmente em sociedade. Os comentários sobre terceiros, nunca devem ser feitos e os assuntos ventilados deverão ser leves, agradáveis e ao alcance de todos.

BAZAR Feminino

Conjunto para passeios de iate, em jérsei azul-marinho e branco, com botões dourados de TRICOSA, Paris.



Assado com aipo e amêndoas

INGREDIENTES

"puré" de batatas
salsa picadinha
cebola
suco de limão
banana
manteiga

1 pedaço de filet
sal, pimenta e colorau
aipo cortado em pedacinhos
1 colher de amêndoas sem casca
2 tomates
1 pedaço de casca de pão

Depois de esfregar a carne com sal, pimenta e colorau, leve-a ao fogo em gordura bem quente e salpique-lhe cebola picada. Quando a carne estiver bem torrada, adicione-lhe o aipo, as amêndoas, rodelas de tomates e a casca de pão.

Quando o assado estiver bem macio, corte-o em fatias e coloque-as em uma travessa, sobre o «puré» de batatas. Sobre a carne, coloque amêndoas douradas na manteiga.

Tempere o molho da carne com suco de limão, extrato de tomate e salsa picadinha e, depois de coá-lo, sirva-o na molheira.

COMO SE DESCOBREM OS "FALSOS"

NAS vitrinas dos antiquários, móveis, vasos, tapetes e quadros atraem diariamente nossa atenção. As pitorescas feiras permanentes ou temporárias oferecem a todos a ilusão de haverem descoberto, sobre modestas bancas, peças autênticas ou quadros de autores famosos. Mas, como não é fácil encontrar tais objetos preciosos a preços de reclame, pode acontecer que se ponha a mão numa peça hábilmente falsificada. Como proceder para se distinguir um objeto ou um quadro verdadeiro de uma falsificação?

Interpelamos alguns especialistas no assunto, em busca de indicações gerais que nos sirvam de guia. Naturalmente, é indispensável um mínimo de preparação e cultura artística para se evitarem pelo menos as confusões mais comuns. Nos casos mais complicados, entretanto, quando entram em jogo cifras muito altas, é sempre e absolutamente indispensável que se recorra a um especialista.

QUADROS ANTIGOS

É necessário, neste campo, que

se tenha aquêle sentido particular responsável pela sorte dos que negociam com obras de arte. De qualquer modo, damos aqui quatro conselhos empíricos, que servirão para evitar enganos.

1 — Observar se a técnica com que foi executado o quadro corresponde realmente à da época a que ele é atribuído.

2 — Controlar as fendas da pintura com uma boa lente. Se se apresentam regulares e com desenho geométrico, é provável que se trate de fendas artificiais, não provocadas pelo tempo.

3 — Observar as costas do quadro para ver as condições da tela.

4 — Para verificar se um quadro é realmente antigo, ilustrar delicadamente uma parte de sua superfície com algodão embebido em uma fraca solução de aguardarás: se as cores se tornam brilhantes e não saem sob o efeito da operação, nem mesmo depois de um ou dois dias, trata-se certamente de um quadro que não foi pintado recentemente.



CONVÉM SABER

☆ Não há nada que engane mais no que diz respeito à idade do que um rosto feminino bem maquiado, ornado por cabelos bem penteados.

☆ Um dos maiores atrativos de que a mulher pode orgulhar-se é o de saber manter uma conversação inteligente e discreta.

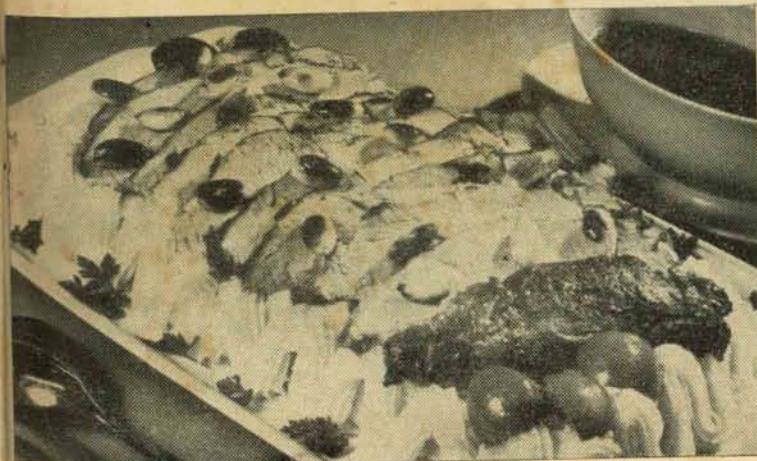
☆ Com o emprego do pincel, especialmente no ângulo interno, e com grande discreção no externo, podem-se tornar grandes uns olhos pequenos, isto é, ligeiramente amendoados.

☆ Balançar o corpo constantemente enquanto se conversa é tão fora de propósito quanto mantê-lo exageradamente rígido. O meio-térmo é justamente o mais aconselhado.

☆ A beleza dos olhos depende, em grande parte, de uma boa noite de sono.

☆ Nunca se deve limpar as unhas em público, pois, além de ser um gesto deplorável, é uma exibição de péssimo gosto.

☆ Nenhuma jovem que se preza de sua correção, e que deseja ser simpática a todos pela sua elegante forma de expressar-se, recorre a termos de gíria, que desonam e desmerecem.





BAZAR FEMININO

AS MÃOS REVELAM SUA PERSONALIDADE

ICUIDADO das mãos não se resume, como acreditam muitas mulheres, na simples aplicação do esmalte nas unhas. Não são muitas as mãos que possuem forma elegante e unhas impecáveis, mas muitas mãos, embora não sejam naturalmente belas, podem ser melhoradas de maneira notável, mediante uma série de cuidados inteligentes, aplicados de modo constante. Nossas mãos estão sempre expostas ao exame crítico dos que nos rodeiam e, quando mal cuidadas, dão sempre má impressão.

Mãos de bela forma e elegantes são um presente da natureza. Entretanto, quem não as possui assim não deve desanistar, pois muito se pode fazer para se tornarem belas as mãos muito gordas e de dedos grossos ou aquelas muito magras, de pele ressecada. Bastam poucos minutos diários para se obter rapidamente resultados encorajadores.

A GINASTICA é o remédio mais eficaz para mãos pesadas, desajeitadas, embaraçosas nos gestos, inexpressivas, mãos cujos dedos parecem estar ligados. Os movimentos devem ser feitos diariamente, o que não será difícil, já que muitos deles podem ser executados até enquanto se lê. As rotações do pulso, por exemplo, são executadas apoiando-se os cotovelos sobre a mesa e girando as mãos num e outro sentido. Sempre com os cotovelos apoiados, abra e feche as mãos, formando o punho e alargando os dedos o mais que puder. Una em

seguida as duas mãos e, com os dedos abertos, empurre com força o dedo de u'a mão em direção à outra. Outro exercício fácil consiste em apoiar os dedos na borda da mesa e dobrar o pulso quanto for possível. Termine a série de exercícios movendo rapidamente os dedos, como se tocasse piano. Outros movimentos poderão ser inventados por você, uma vez compreendido que se trata de soltar o máximo os dedos e o pulso.

AS MÃOS DEVEM SER BRANCAS. Muitas mulheres lamentam-se de tê-las avermelhadas, apesar de aplicarem creme alvejante. Naturalmente, a simples aplicação do creme não é o bastante. É preciso um tratamento mais profundo. A imersão das mãos em água bem quente constitui a solução deste problema. Coloque as mãos numa vasilha com água quente, substituindo-a por outra mais quente, assim que a primeira esfriar. Faça isto durante uns dez minutos, repetindo a operação pela manhã e à noite. E cada vez que sua mão se avermelhar, levante os braços e move rapidamente os dedos, de modo a descongestioná-la. Após a operação, aplique-lhe um creme nutritivo.

As pessoas que possuem mãos muito magras, com pele seca, sabem a espécie de calamidade que isto significa. Os dermatólogos afirmam que em nossa época tem havido um notável aumento de peles secas, talvez devido aos diversos regimens alimentares geralmente pobres de gorduras ou

então por causa das nossas condições de vida, diferentes daquelas de outros tempos. As mãos envelhecem primeiro do que o rosto, e esse envelhecimento é tanto mais rápido quanto mais magras e secas forem elas. Neste caso, a aplicação de um creme nutritivo, à base de lanolina, se impõe. A escolha do sabão também tem sua importância, pois deve-se dar preferência a um que seja gorduroso. O uso de uma escovinha, não sólamente nas unhas, mas em toda a mão, é aconselhável, pois serve para ativar a circulação e retardar o aparecimento das rugas.

Não se contente em apenas aplicar o creme, mas, sempre que lhe for possível, faça uma boa massagem nas mãos, usando o movimento idêntico ao que a gente faz quando calça luvas apertadas. Comece na ponta dos dedos e vá até o pulso, empregando um pouco de força. Faça essa massagem à noite, antes de deitar-se, se não tiver tempo pela manhã. Passe creme nas mãos e calce amplas luvas de algodão.

A BELEZA DAS UNHAS
Quem já se serviu pelo menos uma vez dos serviços da manicure conhece perfeitamente o mecanismo a seguir, e pode, se o desejar, tratar das mãos valendo-se de profissionais. Mas há muitas mulheres que preferem cuidar das unhas por si mesmas e, neste caso, é bom que conheçam essa rotina com exatidão.

Coloque numa tigela um pouco de água quente e flocos de sabão,

imerso nela a ponta dos dedos, durante uns cinco minutos. Isto permitirá o amolecimento da pele a ser removida com o auxílio de um palito de espinhos de laranjeira ou de uma lixa de osso. Não use coisa alguma de metal. Para facilitar a operação, unte um pouco de vaselina no contorno das unhas. Em caso algum corte a pele que forma a cutícula. Afaste-a pouco a pouco e verá que no fim aparecerá a meia-lua branca.

Lembre-se, também, de que unhas devem ser lixadas, e não cortadas. Sómente deste modo se consegue dar-lhes a forma desejada, já que a lixa pode ser facilmente guiada por nossa mão. Sobre o comprimento das unhas, não há muito que se dizer: cada uma escolherá aquela que sua ocupação lhe permite adotar. As unhas devem ter forma alongada, mas não excessivamente ponteaguda, e esta forma é obtida limando-se ligeira e diariamente as unhas. É bom untar as unhas e seu contorno todas as noites com vaselina, para que tenham mais elasticidade tornando-se menos frágeis.

As unhas quebram-se ou lascam-se com freqüência, muitas vezes devido a um estado orgânico deficiente. Podem tornar-se frágeis em consequência de forte esgotamento nervoso ou ainda por causa de dieta alimentar muito monótona e pobre de elementos essenciais ao perfeito funcionamento do nosso organismo. Injeções endovenosas de cálcio (bastam seis) constituem às vezes o melhor tratamento, servindo ainda para enriquecer o próprio regime de alimentos ricos em cálcio.

ULTIMO TOQUE — O esmalte sobre as unhas representa a pinçada final para a estética das mãos e a sua escolha é determinada pelo gosto e pela moda.

Não há nada mais feio do que unhas pintadas com esmalte vivo, quando este aparece lascado. Renove-o pelo menos uma vez por semana e evite cores muito vivas, esmaltes dourados e prateados, se suas mãos forem gordas. Toda vantagem será sua, se não atrair olhares sobre essa parte de sua pessoa.

Com a observância destes cuidados, com as mãos e as unhas, a querida leitora terá contribuído para melhorar sensivelmente o seu «charme», pois tratam-se de detalhes, que, embora de aparente insignificância contribuirão para complementar notavelmente os seus encantos pessoais.



Uma jóia para o guarda-roupa da mulher elegante, este modelo feito em algodão delicadamente quadriculado. A saia é bem ampla, com quatro pregas na frente. O decote é arrematado com rolotê, que termina por um laço. Pequenos botões fecham o vestido.
(Foto United Overseas Press).

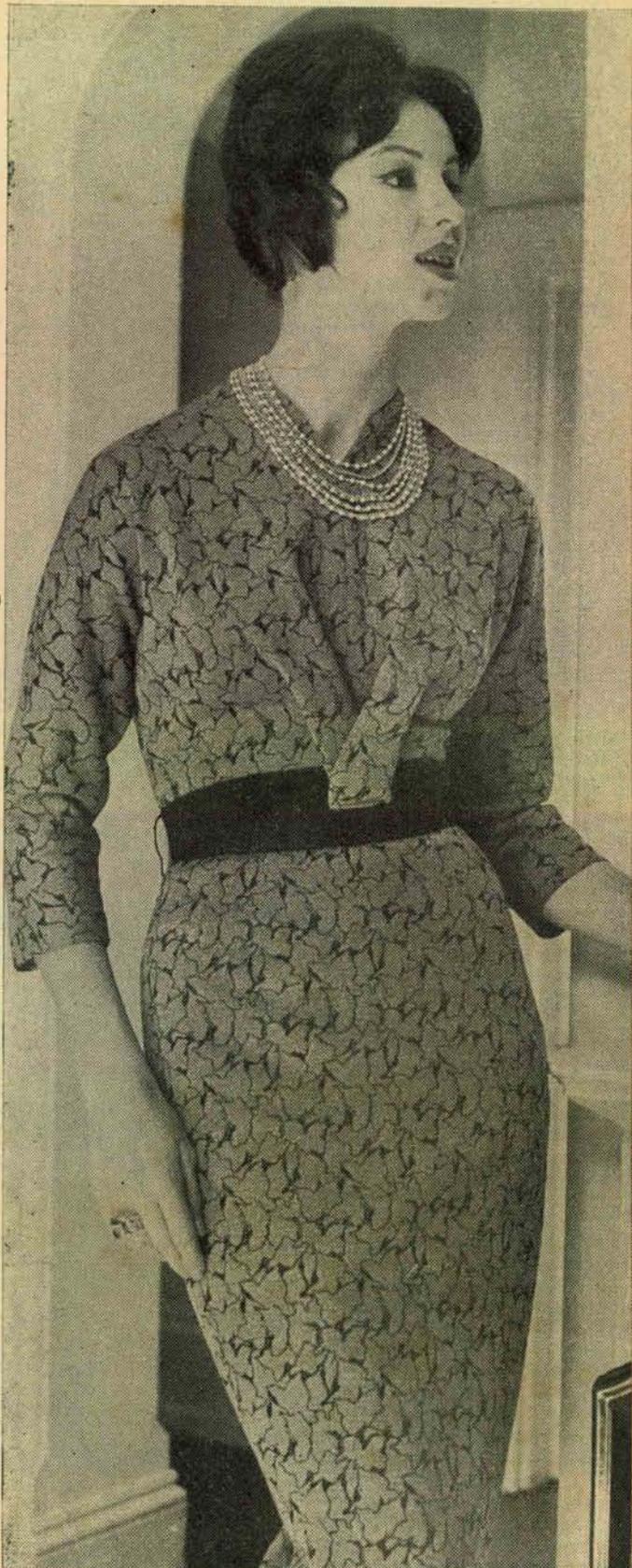
ASPARGOS- BASE PARA UMA BOA REFEIÇÃO

O aspargos podem ser preparados de diversas maneiras, segundo a fantasia das cozinheiras. Muitas delas têm maneiras particulares para isso, mas sempre partem destes princípios: os aspargos devem ser cuidadosamente lavados; em seguida, devem ser cortadas as suas raízes, a partir do ponto em que começam a ficar verdes; depois disso, deve ser tirada a pelúcia externa, para só então começar o cozimento.

Para cozinhar os aspargos, coloque-os numa panela funda de 2 litros; despeje nela água fervente, até a altura de 8 cm; adicione 1 colher de chá de sal e 1/2 colher de chá de bicarbonato; tampe a panela e deixe ao fogo durante 20 minutos ou até que a parte verde esteja bem macia.

Esse método é o melhor, porque apenas a parte mais dura fica mergulhada nágua; a parte mais verde e mais tenra cozinhar-se ao vapor, sem ficar desmanchando.

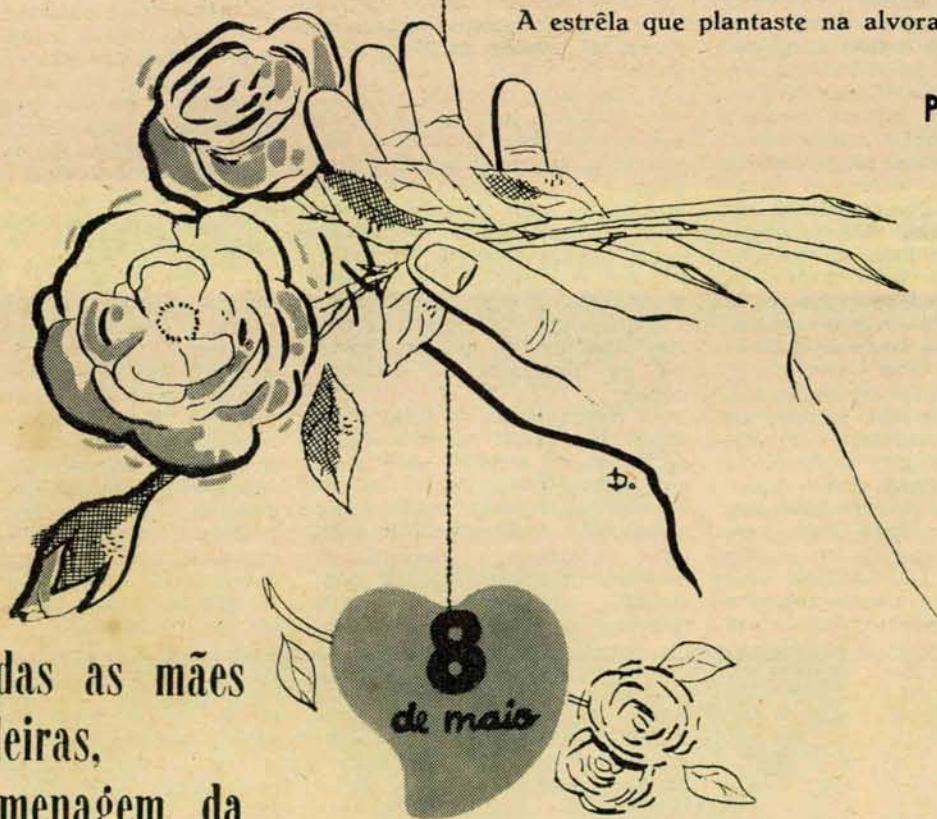
Modelo simples em jérsei de lã estampado com fôlhas de hera, chamando a atenção para o recorte na blusa e para o cinto. Saia lisa e manga três quartos.



Poema para minha mãe

Estréla das primeiras alvoradas,
Guiando o berço entre canções antigas;
As rendas são de espuma côn do tempo,
E a voz é pura como a voz das ondas.
Roseira mansa desfolhando sonhos
Na grande estrada que conduz ao mundo;
Teus gestos são mais verdes que a esperança,
Tuas palavras são botões de rosa.
Flor do infinito, música dos astros,
Destino conduzindo outro destino,
Entre manhãs de sol e noites frias:
Pousa teus olhos sobre o meu caminho,
Para que em mim renasça no crepúsculo,
A estréla que plantaste na alvorada...

Paulo Bonfim



A tôdas as mães
brasileiras,
a homenagem da





Masmorras que lembram a Inquisição

LIBELO CONDENATÓRIO

Labéu que macula o apregoado espírito cristão dos dirigentes voltados apenas para a política.

A VOZ do judiciário mineiro ressoou, recentemente, através de candentes palavras de um magistrado — o juiz Rogoberto Ferreira, titular da Quarta Vara Criminal — num libelo dramático contra a desumana desidie do governo quanto à miserabilidade dos presídios de Minas Gerais. O anátema provocou impacto violento na opinião pública, confirmando, sob certos aspectos fundamentais, a firmação das correntes oposicionistas sobre a ausência do homem na sinfonia das metas governamentais. Porque, na realidade, a denúncia condenatória do ilustre magistrado, sucedida pelos depoimentos de juristas credenciados, reflete o lamentável atraso em nosso setor correcional, ainda primitivo, desumano mesmo.

Eis, numa rápida síntese, os trechos mais expressivos da denúncia do juiz Rogoberto Ferreira:

— É tão alarmante e calamitosa a situação dos presídios mineiros que a própria Justiça se vê impossibilitada de funcionar normalmente. Os xadrezes são infectos, reina a promiscuidade e impera o desconforto, não só nas

velhas cadeias do interior como também nos diversos Distritos de Belo Horizonte, incluindo-se a Casa de Correção. Para a capital de um Estado como Minas Gerais, acho verdadeiramente estarrecedoras as prisões de Belo Horizonte.

E, desolado, lamenta:

— Sempre julguei que, pelo menos em Belo Horizonte, este problema não existisse. Puro engano: é uma vergonha e, ao mesmo tempo, uma tristeza, o que se vê nos xadrezes das Delegacias e na própria Casa de Correção, isto sem falarmos no que se passa no chamado Depósito de Presos...

Ratificando, dias depois, os termos candentes do juiz, três juristas se pronunciaram incisivamente:

— Infelizmente, — disse o dr. Mauro Gouveia, sub-procurador do Estado — o mal é geral, com os xadrezes superlotados infectos de doenças. Desde 1935 venho observando o sério problema da falta de higiene e conforto nos presídios do Estado. — E concluindo: — Não temos verba para reformar ou construir presídios.

O dr. Marcelo Linhares, membro do Conselho Penitenciário, declarou:

— As nossas prisões, próximas às delegacias distritais e aos nossos postos, não atendem às mínimas condições de higiene, de saúde e, sobretudo, de conforto indispensável à permanência da pessoa humana num cárcere, ainda que por espaço de tempo limitado. As cadeias de Minas lembram masmorras da Inquisição.

O juiz Jarbas de Carvalho Ladeira confirmou:

— Vim de Muriaé, há pouco mais de um ano; estávamos sem cadeia e tivemos de paralisar os processos criminais por falta de acomodação para presos. Mandamos alguns déles para cidades vizinhas. Mas, também aquelas comarcas apresentavam o mesmo problema: Eugenópolis, Palma, Cataguases, Miradouro, etc. O governo tem que enfrentar este problema imediatamente, pois, do contrário, terá como repercussão o desprestígio da Justiça, porque ela não tem meios para agir contra os criminosos.

WALITA: novidade em liquidificador

NO salão de festas do Normandy Hotel, em abril último, reuniram-se, em convenção regional, os revendedores Walita de Belo Horizonte, espe-

cialmente convocados para conhecerem o mais novo lançamento da Família Walita. Trata-se do liquidificador Walita Perfeição Absoluta, cuja qualidade rivaliza com o que de melhor se fabrica em todo o mundo. O moderníssimo aparelho se destaca por inúmeras inovações, entre as quais a beleza de seu formato funcional, o copo Pyrex que resiste a qualquer temperatura sem trincar e a nova regulagem de velocidade, denominada Toque-Pluma. A convenção (foto) transcorreu num ambiente de rara e entusiástica cordialidade, usando da palavra o Sr. Hans Werner Weserow, Diretor Comercial e de

Vendas da Eletro Indústria Walita S. A., que expôs as características do novo lançamento, dando a seguir a palavra, para maiores detalhes, ao Sr. José Eduardo Ferreira, chefe do Departamento de Promoção de Vendas. A seguir, falou o Sr. Francisco Filizola, (foto), representante da J. Walter Thompson, a agência encarregada da publicidade da Walita, que fez completa exposição, ilustrada de projeções cinematográficas do plano de propaganda idealizado para o grande lançamento. Finalizando, falou o Sr. José Gervásio Neto, representante da Walita em Belo Horizonte.

AQUAROLA



DR. OZILIO & IVANILDA
A telepatia interestadual a serviço
da saudade...

NO salão paroquial da Matriz de São José, em Belo Horizonte, o dr. Ozilio Marques França, cirurgião-dentista, realizou uma sessão telepática curiosa após submeter algumas pessoas presentes a transes hipnóticos: comunicou-se, por intermédio de sua própria filha, em transe magnético, com a srta. Ivanilda Fonseca Matos, passeando no Rio, noiva do dr. Geraldo de Souza Amado, ali presente. Na ocasião, solicitou aos presentes que anotassem a hora da experiência para posterior confirmação.

A srta. Ivanilda Fonseca Matos, ouvida pela imprensa, declarou:

— Estive no Rio, em férias mas de lá segui para Niterói, hospedando-me em casa de meus tios. Naquela noite, ignorando evidentemente a experiência de comunicação telepática, — eram 21 horas de 19 de janeiro — senti imperioso desejo de deixar a copa e subir ao meu quarto, no primeiro andar.

No quarto, sentei-me na penteadeira frente ao espelho, tomada repentinamente de estranho pavor e sob a impressão de que, olhando para qualquer parte do espelho, viria uma outra pessoa. Naquele transe, a única pessoa de que me lembrei foi o dr. Ozilio. Fiquei naquela posição cerca de quarenta minutos. Após o transe, cujo transcurso se me afigurara de um minuto apenas, senti cólicas que perduraram até alta noite. Mas, no dia seguinte, senti-me leve, bem disposta, feliz mesmo, como se tivesse dormido profundamente por longas horas. No encontro com o meu noivo, ocorrido dias depois, recebi, surpresa, sua primeira pergunta: «Que se passou com você no dia 19?» A pergunta, sem resposta, pois de nada me lembrava, foi repetida várias vezes, até que... lhe contei tudo.

O dr. Ozilio Marques França — o telepata — declarou:

A força vibratória do pensamento

— Este fenômeno, já o efetuei por diversas vezes, inclusive irradiando minha voz, para várias cidades distantes. Aliás, o senhor bispo de Uberaba, que é estudioso da matéria, também efetuou comunicações idênticas. Trata-se de fenômeno telepático que consiste em emitir ondas vibratórias mentais, ou ondas eletromagnéticas nevróticas. Este processo é de uma sutileza fora do comum, porém, físico: por meio de concentração consciente, para uma outra mente inconsciente, que recolhe a minha mensagem.

E respondendo a uma pergunta:

— Não, no meu tratamento, por hipnose ou magnetismo, não se requerem drogas. É assunto puramente psicológico, com o fim de remover a causa e nunca o sintoma. Ademais, não sou médico, e não poderia receitar se fosse o caso. Sou dentista e, na minha profissão, há muito tempo emprego o sistema de hipnose para tratamento.



FAMÍLIA WALITA
A união gera a força para um bom lançamento.



ALTEROSA

Intriga Internacional

PARECE filme de cinema em tecnicolor, com personagens estranhos à crônica diária policial, e começou logo com um episódio violento: balas estilhaçando vidros do automóvel do barão Leon Van Der Elst, a quem o norte-americano E. G. Frawley já denunciara à polícia, solicitando que prendesse o barão e seu companheiro chileno Jorge



O FILME DE AVENTURAS DO ANO
Confirma-se a sentença wildeana de que a vida copia a arte: eis os personagens à procura de um autor.

VINHETAS

- Visitando Brasília, recentemente, o dr. Gilberto Faria, diretor do Banco da Lavoura de Minas Gerais, declarou: «Brasília impressionou-me, sobretudo, pelo acento de permanência. Vê-se que a cidade surgiu com o impeto e o esplendor das construções definitivas. Tudo ali foi cuidadosamente previsto e esquematizado: o trânsito, o regime de águas, a iluminação, o crescimento futuro, o conforto dos habitantes, o traçado das ruas, as linhas arquitetônicas. A cidade nasceu como um fruto de cultura e civilização.»

- Foi reconhecido pelo Ministro do Trabalho o Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas de Belo Horizonte, órgão que congrega a imprensa na categoria patronal.

- Considerando-se desprestigiado pela paralisação de um inquérito que visava coibir uma rifa ilegal, o delegado Antônio Assis de Lucena, da Delegacia de Jogos e Diversões, renunciou ao cargo.

- A poeta Ana Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça tomou posse, em abril último, no Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, sendo saudada pelo acadêmico Martins de Oliveira.

- O GEIA aprovou a proposta da firma Deutz, estando, portanto, decidida a construção de uma fábrica

Cabrera. A briga, que vai tomando, dia a dia, aspectos sérios, é entre E. G. Frawley, presidente da empresa Acaíaca — Emac S.A. — proprietária da mina de diamantes de Campo Sampaio, em Diamantina, subsidiária da Interamerican Mining Co., e os belgas Thierry Cornick e o barão Leon Van Der Elst, que acusam o norte-americano de perdidário, não estando gerindo os negócios da firma com o necessário equilíbrio, mas, ao contrário, esbanjando o dinheiro.

Dias depois, numa assembleia geral de acionistas da Emac, dela participando o Sr. E. G. Frawley, presidente, Heitor Borgheze, superintendente geral, Joaquim Servera, procurador da Interamerican, José Roberto Carvalho Mendonça e Antônio de Pádua Brito, acionistas, e ainda a senhorita Ariadines Silva, intérprete de Mr. Frawley, foi destituído, por unanimidade, o belga Sr. Thierry Cornick, que, aliás, tentou anular, judicialmente, a referida assembleia. Acusando o norte-americano de estar dilapidando o patrimônio da empresa, o ex-vice-presidente belga afirma que, entre 5 de outubro e 15 de novembro de 1959, o Sr. Frawley pagou contas no Copacabana-Hotel no valor de Cr\$ 1.019.960,90. E bateu o pé: continuaria como vice-presidente da empresa...

Segundo Thierry, os credores cariocas e mineiros da Emac já solicitaram a falência da firma, que se acha em precaríssima situação financeira, assertiva logo contestada pelo norte-americano, que afirmou:

— Pessoalmente, nada tenho contra o barão Leon Van Der Elst ou contra Thierry de Cornick. A única coisa que sinto é não terem eles idoneidade de homens de negócios.

Mas surgiu depois a carta em inglês, assinada por Edward George Frawley, na qual o americano, dirigindo-se a um amigo não revelado, faz pesadas acusações ao barão, ameaçando-o, ainda, de morte. Caso seja autêntica a carta, a versão de que o atentado talvez fosse uma farsa fica sem efeito. Tendo como cenários três lindos locais para seu desfecho, — Diamantina, Belo Horizonte e Rio — o filme de aventuras em tecnicolor continua empolgando. O barão recuperará o posto perdido? O americano vencerá a parada? E o chileno? O mecânico será o pistoleiro, traíndo, ignobilmente, o amigo barão, que o defendeu na polícia? Mas, a pergunta mais séria é esta — tão séria que até faz sorrir: o filme será uma tragédia ou uma reles comédia do cinema nacional com caríssimos astros estrangeiros?

de tratores em Minas Gerais. Entre as cidades em que se instalará a fábrica, estão mais cotadas Lafaiete e Alfenas.

- O Prof. Hilton Rocha regressou, recentemente, da Venezuela, onde participou do 4º Congresso Pan-American de Oftalmologia, realizado em Puerto Azul. O ilustre médico levou ao certame contribuição do mais alto valor científico no campo da pesquisa: utilização da córnea da galinha para substituir a humana. Antes da viagem, o dr. Hilton Rocha já havia feito, com êxito, o referido enxerto em dois pacientes.

- Os depósitos do Banco da Lavoura já ultrapassaram a marca dos 23 bilhões, consolidando a posição de liderança do «maior banco particular da América Latina», que acaba de fazer a encampação de outro estabelecimento bancário: Banco Real Brasileiro.



PARA AS PERNAS PARA PERNAS ÁSPERAS, IRRITADAS PELO FRIO INTENSO OU QUEIMADAS PELO SOL, MASSAGENS COM ANTISARDINA N. 3 RESTITUIRÃO O PRIMITIVO FRESCOR DA PELE.



PARA O COLO E PESCOÇO: PARA EVITAR A FLACIDEZ DOS TECIDOS DO PESCOÇO E EMBELHAR A PELE DO COLO, UTILIZE ANTISARDINA N. 2. DURANTE O DIA PROTEJA-SE COM ANTISARDINA N. 1.



PARA OS OMBROS: NA CORREÇÃO DAS IMPERFEIÇÕES DA PELE DOS OMBROS, FAÇA LEVE MASSAGEM COM ANTISARDINA N. 3, ATÉ SER O CREME TOTALMENTE ABSORVIDO.

troque um minuto diário por beleza e saúde!

Apenas um minuto diário... e ANTISARDINA transforma seus encantos naturais em motivos de inveja e admiração! ANTISARDINA é um creme de beleza cientificamente preparado com 3 fórmulas distintas. ANTISARDINA nutre as células, limpa e clareia a epiderme! É uma garantia de beleza e saúde da pele!



PARA AS MÃOS: ANTISARDINA N. 1, À NOITE OU AO SAIR, PROTEGE AS MÃOS EVITANDO QUE FIQUEM ÁSPERAS OU VERMELHAS. APLIQUE ANTISARDINA N. 3 PARA REMOVER MANCHAS E ASPEREZAS.



PARA O ROSTO: ANTISARDINA N. 1, EXCELENTE BASE PARA PÓ, PROTEGE A PELE SÁ CONTRA O APARECIMENTO DE IMPERFEIÇÕES. PARA ELIMINAR SARDAS, MANCHAS, ESPINHAS, ETC, APLIQUE ANTISARDINA N. 2.



PARA OS BRAÇOS: AS VERMELHIDÓES E ASPEREZAS, TÃO COMUNS E QUE ENFIAM TANTO A PELE DOS BRAÇOS, COM ANTISARDINA N. 3 DESAPARECEM FÁCILMENTE.

Antisardina

O SEGREDO
DA BELEZA
FEMININA



VOCÊ PODERÁ SENTIR UMA LEVE REAÇÃO INICIAL AS PRIMEIRAS APlicações DE ANTISARDINA NAS FÓRMULAS 2 E 3. ESSA REAÇÃO, NATURAL E BENÉFICA, DESAPARECERÁ COM O USO DIÁRIO DO MODERNO CREME REVITALIZADOR DAS CÉLULAS DA EPIDERME.

LIVROS
e LETRAS

EUCLIDES M. DE ANDRADE

SEMENTEIRA NAS PEDRAS

A GRIPA Vasconcelos está de novo diante de nós com «Sementeira nas Pedras». Poesia. Com engenho e arte. For-

ma depurada, desencanto, anseio de reacender as louçanias do passado — o sonho a cantar no sangue do adolescente — são os caminhos de seus versos.

«O Menino que Via a Iara de Olhos Verdes», «Ciclo», «Calada Ovelha de Olhos Baixos», «A Lavra», «Mãe Preta», em tódas essas peças o criador de «Silêncio» acorda ritmos inferiores que ficam vibrando. «Menino que Via a Iara» pulsa sem desfalecimentos, as interpretações se multiplicando.

ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Cadeira N.º 4

ALPHONSUS GUIMARAENS FILHO



Em homenagem ao cinquentenário da Academia Mineira de Letras, transcorrido este mês, estamos publicando, por ordem numérica, pequena biografia de todos os imortais de Minas. Hoje, falamos sobre o ocupante da cadeira n.º 4, Alphonsus de Guimaraens Filho. Esta cadeira tem como patrono Conceição Veloso (1742-1811) e como fundador Álvaro da Silveira (1867-1945).

PRIMEIRO sucessor da cadeira n.º 4. Filho do grande poeta Alphonsus de Guimaraens, nasceu em Maria na no dia 3 de junho de 1918. Faz os estudos primários no Grupo Escolar «Barão do Rio Branco», em Belo Horizonte, e o curso secundário no Colégio Estadual. Diplomou-se em 1940 pela Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais. Apesar de prestar serviços à Rádio Inconfidência, de que chegou a ser diretor, foi chamado a participar do gabinete do então governador do Estado, sr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, que, eleito Presidente da República, o convidou para Oficial de Gabinete da Presidência. Passou por este motivo a residir na Capital Federal. Alphonsus de Guimaraens não chegou a conhecer o seu glorioso pai, pois dele ficou órfão quando tinha três anos de idade. Ao publicar seu primeiro livro, «Lume de Estrélas», em 1940, obteve o Prêmio «Olavo

Bilac», da Academia Brasileira de Letras, e o Prêmio de Literatura da Fundação Graça Aranha. Publicou a seguir: em 1946, Antologia da Poesia Mineira (fase modernista), na qual expôs a atualidade da poesia mineira; ainda em 1946, «Poesias», incluindo «Sonetos da Ausência» e «Nostalgia dos Anjos»; em 1948, «A Cidade do Sul»; em 1950, «O Irmão», que conquistou o Prêmio Manuel Bandeira, do «Jornal de Letras»; em 1954, «O Mito e o Criador», Prêmio de Poesia Cidade de Belo Horizonte, da Prefeitura; em 1956, «Sonetos com dedicatória», lançado pelos Cadernos de Cultura, do Serviço de Documentação do Ministério da Educação. Eleito para a Academia Mineira de Letras em 1946, dela foi vice-presidente no biênio 1955-1956. Organizou a segunda edição das «Poesias» de Alphonsus de Guimaraens, — lançada em dois volumes, em 1955. — Martins de Oliveira.

O Poema de Brasília

HENRI de Lanteuil, professor, escritor e poeta, publicou «O Poema de Brasília e sua tradução» em vinte idiomas.

O autor compôs em francês o poema, onde se percebem tóidas as belezas que a língua de Chateaubriand oferece, e nomes famosos o traduziram para mais dezenove idiomas.

Francês de nascimento, Lanteuil já se radicou no Brasil onde, além do magistério, tem criado muita coisa no plano da literatura. O livro, muito bem impresso, é dedicado ao presidente Juscelino Kubitschek.



HENRI DE LANTEUIL

Agripa Vasconcelos é, antes de tudo, poeta. Em dois versos, o diabo do homem consegue resumir longas histórias de sofrimento e esperanças. Em «Ciclo», curto como o próprio homem, Agripa pergunta: «Quem fôste? O que és? O que serás? Tão só — pô: Ontem, criança; hoje, mulher; amanhã — pô».

Parece um Omar Kayam brasileiro, com versos que doem e consolam como chicotadas mansas.

Ricos de interpretação são seus poemas «A Lavra» e «Mãe Preta».

Ele termina «A Lavra» assim: «Uma tristeza vaga o coração me corta./Hoje desta riqueza o que mais resta? Nada/ Glória passada; Terra espoliada/Lavra morta...»

E em «Mãe Preta»: «Por isso é que minha alma pouco aspira:/ Quando precisa soluçar, suspira,/ Mas se precisa assassinar — perdoa». O desencanto em frases, parece ser a poesia de Agripa nesses passos.

O leitor muitas vezes se identifica com o poeta, porque ele levanta com seus poemas as he-

sitações e a dor de cada um. Pelo milagre da arte, o que seria em palavras de todos os dias simples lamentação, se transforma num poema. Esta, aliás, é a missão do poeta: desentocar, do fundo invisível, a dor e a alegria do humano ser. Agripa Vasconcelos penetra na alma do homem e de lá extrai o que de mais fundo há. As vezes, saem também simples esgares tristes, porque o fôlego do poeta se cansa e ele apenas nos dá um queixume. Mas na grande maioria das vezes sua poesia tem grandeza e arte.



MENEGETTI

Memórias de Meneghetti

7 Lagoas e 7 Mares = Livro

MUITO conhecido na política brasileira — deputado federal em várias legislaturas — Vasconcelos Costa, quando esta edição estiver circulando, já deverá estar, em livro, nas mãos dos leitores. Para o autor desta seção é um prazer registrar o acontecimento, pois o escriba como o moço escritor, ambos somos da mesma cidade. Cidade «dos lagos e das luzes» e que ele não

A CABO de ser publicado, pela Editora Cleópatra, o livro com o título acima, onde se conta a vida do famoso «out-law» Meneghetti. O homem que movimentou, algumas décadas atrás, toda a polícia paulista, ocupando páginas e páginas dos jornais brasileiros, contou sua vida a M. A. Camacho e este a colocou no livro que ora temos em mãos.

Os editores, na capa do volume, dizem: «Nota aos srs. críticos: Pela primeira vez, no Brasil, um livro é lançado para tentar a recuperação de um delinquente. Solicitamos olhá-lo com o máximo carinho e dar todo apoio possível. Este exemplar está sem boa revisão gráfica e também literária, devido à urgência com que necessitava ser lançado.»

Pretendemos voltar a este trabalho com mais vagar.

esqueceu nem no título de sua primeira obra: «De Sete Lagoas aos Sete Mares».

Viajando em vários continentes, conhecendo de perto a face ansiosa do sul-americano como o rosto tranquilo do inglês, Vasconcelos Costa tem feito, repetidas vezes, várias incursões pelo vasto mundo. Estudioso e observador seguro dos pequenos fatos da vida (de onde costumam nascer os maiores acontecimentos) o novo autor recolheu muito material para o livro que ora apresenta.

Vasconcelos Costa só é estreante em livro, porque já tem colaborado em nossa imprensa, com artigos versando os mais variados temas. Seu «De Sete Lagoas aos Sete Mares» vem sendo, de há muito, ansiosamente esperado. Além desse volume, Vasconcelos Costa promete mais um outro livro de viagem, estando disposto também a estrear na ficção.

As Cinco Palavras Mais Belas

E — Quais as cinco palavras mais belas da Língua Portuguesa? — recebemos mais duas respostas. Desta vez, de Recife, Pernambuco. Maria da Consolação Costa Araújo, escolheu as seguintes palavras: Felicidade, Mãe, Ternura, Solidão e Natureza.

Terezinha Jucá, do mesmo endereço, alinhou: Amor, Saudade, Azul, Mãe e Deus.

Nossa pergunta continua endereçada aos leitores. No final da «enquête», sortearemos as respostas, a fim de que sejam premiados três missivistas, com livros oferecidos pela Livraria Oscar Nicolai.



VASCONCELOS COSTA

Um Homem de Bom Coração

Conclusão da pág. 59

jornalistas e ao público que, embora não tivesse sido encontrado ainda o corpo do suicida, o caso estava encerrado. Mas, não estava. Uma semana depois, Raffia mandava um recado para sua mulher, que continuava sendo seguida, dia e noite (assim como a moça importunada por ele). Acompanhando-a, discretamente, ao Jardim Botânico de Nova Iorque, o detetive Joseph Gannon não teve dificuldade em capturar Raffia, prendendo-o como autor da morte de Earl Fox.

Levado a julgamento, em janeiro de 1932, Luiggi Raffia foi considerado autor de homicídio doloso

e condenado à morte. Depois da condenação, alguém lhe perguntou:

— Por que não deu uma pancada na cabeça de Fox, antes de atear fogo no quarto?

— Eu pensei nisso — respondeu Raffia. — Mas achei que seria muita maldade.

Em julho de 1932, depois de apelar diversas vezes, o «magnânimo» criminoso encontrou a morte que, por certo, em termos de maldade, ficava muito aquém da que provocara na pessoa de Earl Fox. Morreu na cadeira elétrica, na penitenciária de Sing Sing.

★ ★ ★

Pioneiros Entre Indígenas

Continuação da pág. 14

assassinatos entre mulheres da tribo. Certa vez, encontrei os «javáés» (que é o mesmo «carajá» com o nome do rio que banha a aldeia), na expectativa de um ataque-vingança da tribo Carajá, para cobrar a morte de duas indias que o índio Xicão matara. Disse-me o Xicão: «Cunhá bináca au correté, pá rorou», que se traduz: «Mulher ruim demais, meti o pau, morreu». Tentei aplacar os ânimos dos carajás e fui feliz: a vingança não se deu. O caráter do índio é inflexível na manutenção de suas tradições. Há quase um século em contato com os civilizados, e não se deixa influir com os fascínios da civilização. Crê em Deus (Binetcan), mas não lhe rende culto. Admite a liberdade que assiste ao civilizado de adorar a Deus da forma que lhe convier, isto, porém, de forma instintiva sob a inspiração de uma democracia congênita, pois ele, de fato, não sabe o que é Democracia. Em todo caso o conteúdo ético da democracia autóctone não comporta o ateísmo. Todas as tribos que conheci crêem em Deus.

— Como conheceu Rondon e quando surgiu a idéia de ser missionário entre os índios?

— Conheci o marechal Rondon em março de 1910, quando ele era ainda tenente. Foi no Ministério da Agricultura, Praia Vermelha. Nomeou-me, então, Delegado dos índios do norte de Goiás, dando-me oportunidade de apresentar-lhe queixa contra latifundiários de Conceição do Araguaia, que cercaram de arame uma grande área pertencente aos carajás. Desde essa época nasceu-me o desejo de ser missionário entre eles, o que se realizou em 1923/1924 às expensas da Junta de Missões Nacionais, da Convenção Batista Brasileira, graças à qual escrevi o meu «O Indígena Brasileiro».

— Soubemos de uns ossos pré-históricos que o senhor achou, e

com que presenteou o Museu Nacional. Pode nos falar a respeito? Como surgiu seu interesse pela Arqueologia?

— Perfeitamente. O meu interesse pela Arqueologia surgiu através de leituras sobre a matéria. Em 1930, tendo notícia de que se encontravam na Lagoa de Santana, Lage do Gavião, município de Conquista, ossadas de animais descomunais, dirigi-me para lá em companhia do Sr. João de Almeida, fazendeiro em Conquista, que voltou daquela cidade deixando-me só na empresa. Da Lagoa de Santana exumei quarenta e três quilos de ossos que enviei para o Museu Nacional, após ter exibido esse material no salão nobre da Prefeitura de Salvador, sob os auspícios do Dr. Francisco Souza, o prefeito daquela capital na ocasião. Convidei os entendidos para classificarem os fósseis, inclusive o Dr. Cardoso de Menezes e o sábio jesuíta Padre Dr. Camilo Torren, e somente este opinou pela existência de «algum homodonte antediluviano». O Dr. Getúlio Vargas, sabendo do meu esforço e da oferta que fiz ao Museu, mandou indenizar-me com um conto e seiscentos mil réis, despesa que fiz na expedição.

— Qual a figura histórica que mais o impressiona no Brasil? E que nos diz de Rui Barbosa?

— A sua primeira pergunta, respondo que é D. Pedro II a figura do Brasil que mais me impressionou, desde os meus estudos primários. E o juízo que faço de Rui, é que se trata de um fenômeno anormal da etnologia brasileira, provando com esta assertiva o fato de até o presente não ter surgido, ainda, outro igual a ele no Brasil.

— Sabemos que o senhor é um dos «imortais» no Estado da Bahia. Que nos diz?

— De fato fui eleito para uma cadeira na Academia Baiana de Letras, mas não me empossei, porque me avisaram errado o dia da posse, e eu não era homem de burocracia. Deixei a cadeira vazia e fui tratar do meu ensino no interior, que era mais importante. Não sou muito dado a essas manifestações.

— Qual o escritor de sua preferência?

— José Martiniano de Alencar.

— Qual o poeta?

— O poeta antigo de minha predileção foi Antônio de Castro Alves; o moderno, Olavo Bilac. Quanto ao moderníssimo, não tenho preferências.

— Tem saudade do magistério? Que pode nos informar do ensino de ontem e de hoje?

— A respeito do meu magistério não posso dizer que tenha saudade, porque comecei a ensinar aos nove anos de idade, e ainda hoje o meu único vício é esse: ensinar. O meu primeiro aluno foi um negociante analfabeto, na vila de Cépa Forte, Bahia, atual cidade de Jandaira. Chamava-se Pedro de Virginia, que pediu a meu pai para mandar-me sempre à sua casa a fim de dar-lhe algumas lições. As aulas eram transmitidas no fundo da casa, onde nos escondíamos porque o aluno, de trinta e tantos anos, tinha vergonha de ser visto aprendendo com uma criança. Quando eu saía da sua casa, era carregado de frutas: laranjas, bananas, abacates, cajús, etc. Convém notar aqui, que os meus métodos de ensino sempre foram muito eficientes, embora naquele sistema antigo. Usavam-se os livros de Abilio César Borges, Barão de Macaúbas, o maior educador brasileiro, que até o momento não encontrou similar. É verdade que sobrecregava a memória, mas o aluno aprendia mesmo. Um sinal da eficácia didá-

tica de Macaúbas vê-se claro nos inúmeros plágios de certos ensinadores que se não pejam de reproduzir-lhe os ensinamentos ainda que truncados.

Assim é Benedito Odilon Profeta, brasileiro de boa fibra e indianista dos mais ilustres cujo romance «Igapitanga» — uma linda estória de amor nas selvas de Goiás — esta Revista vai apresentar aos seus leitores, a partir da edição de junho.

* * *

DIAMANTES ARTIFICIAIS

Os cortadores de diamantes da Bélgica e da Holanda estão bastante preocupados de uns tempos para cá, e com muita razão, pois, pela primeira vez, os cientistas conseguiram obter diamantes artificiais que apresentam quase todas características peculiares aos verdadeiros, inclusive a dureza. Em virtude disto, eles podem ser perfeitamente usados no campo da joalheria, sem que as senhoras se apercebem da diferença. As substâncias usadas na obtenção das pedras artificiais são exclusivamente duas: a fabulite, obtida pelos franceses com o titanato de estrôncio, e a diamantite, cuja forma os americanos conservam até hoje em segredo.

* * *

CARTAS

Conclusão da pág. 40

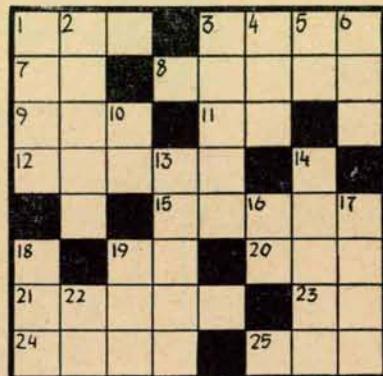
daria tanta importância a os arreganhos e ameaças que andam fazendo ao Palácio da Liberdade. Essa gente não quer nada com a Oposição, que para elas significa apenas ostracismo e afastamento dos cargos públicos que usufruem há quase dez anos, à sombra do poder estadual. Estão jogando com o honrado nome do Sr. Magalhães Pinto, tão sómente para intimidar os donos da situação e, dêste modo, dêles arrancar maiores vantagens em novo protocolo.

ADELINO L. TIRÓRCIO —
Belo Horizonte

PALAVRAS CRUZADAS

ERNESTO ROSA NETO

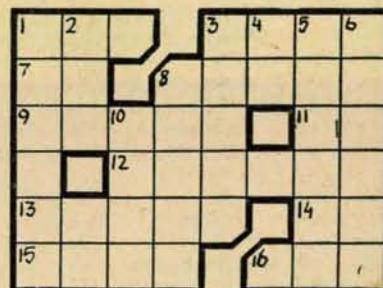
VETERANOS



Horizontais: 1 Bico de Verruma. 3 Nome comum a todos os pequenos columbiformes. 7 Cidade da Caldéia. 8 Embaçar. 9 Botequim. 11 Nota musical. 12 Represa. 15 Nata, fina flor. 19 Antiga nota musical. 20 Renque. 21 Estado; norma. 23 Símbolo químico do Erbio. 24 Amarra. 25 Eixo.

Verticais: 1 Faceirice. 2 Gavião real. 3 Inidôneo. 4 Feitiço dos candomblês que consta de uma faixa ornada de contas e conchas. 5 Ali. 6 Anel. 10 Rutênio. 13 Sustar. 14 Pólice. 16 Aqui. 17 Pessoa que dança mal. 18 Antropônimo feminino. 19 (gir) mulher muito bonita, tentadora. 22 Encanto pessoal.

NOVATOS



Horizontais: 1 Sr. Amintas, dá um geito de tapar os buracos. 3 Rei brasileiro. 7 Amazonas. 8 Explorar. 9 Sustenta os estudantes. 11 O carneiro faz. 12 A que falta moral. 13 Sujerir. 14 Tório. 15 Primeiro Homem, para os cristãos. 16 Designação genérica dos vegetais.

Verticais: 1 Cortada cerce. 2 Flexão fem. de um. 3 Juscelino. 4 Rio da Rússia. 5 Funcionário protegido. 6 Quando falam mal da gente ela esquenta. 8 Burro de um ano. 10 Própria para dar coices.

SOLUÇÕES ANTERIORES

VETERANOS

Horizontais: — Catarata, usar, cem, paturi, irerê, rim, japi, oratória.

Verticais: — Cueiro, as, tapema, arar, acusar, ter, amimia, tejo, rir, pi.

NOVATOS

Horizontal: — Pelé, aca, alado, ut, rabi, aba, atacar, pirata, elo, Omar, ah, clama, mar, aras.

Verticais: — Par, ela, lábaro, edita, cuba, altar, camar, atola, peam, ilha, ama, ras.

CRESCEI E MULTIPLICAI-VOS

Pois Brasília está crescendo, e como está se **MULTIPLICANDO!** Em três anos a população duplicou, mais ainda, dobrou doze vezes. Nunca um povo, numa cidade, multiplicou-se tanto, em tão pouco tempo. São de pasmar os resultados dos três recenseamentos feitos pelo I.B.G.E. na nova capital:

POPULAÇÃO

julho de 57 : 12.283	maio de 59 : 64.314
março de 58 : 28.804	julho de 60 : 147.922

BRASILIA não é apenas a mais jovem cidade do mundo; Brasilia é sobretudo a cidade do mundo onde há mais jovens. Vejam esse quadro:

IDADE DO POVO

0 a 9 anos :	22,8%	40 a 49 anos :	7,4%
10 a 19 » :	18,3%	50 a 59 » :	2,9%
20 a 29 » :	31,7%	60 a 69 » :	0,8%
30 a 39 » :	15,5%	70 e mais :	0,3%

Como se vê, Brasilia não é apenas a menos velha cidade do mundo; Brasilia é principalmente a cidade do mundo onde há menos velhos.

QUAL A COLÔNIA que predomina em Brasilia? Todos pensam que é a nordestina. Pois não é. É a goiana. E em segundo lugar a mineira. Eis a tabela:

CONTINGENTE NACIONAL

Goiás	23,3%	Pernambuco	6,3%
Minas	20,3%	Paraíba	6,1%
Bahia	13,5%	S. Paulo	5,3%
Ceará	7,4%	Piauí	4,6%

QUANTO A ESTRANGEIROS, a situação é a seguinte, com uma surpresa (aliás, três) a alta percentagem de japonês, a ausência de sírios e a presença de gregos:

Espanha	15,8%	Japão	14,1%
Itália	15,5%	Grécia	8,5%
Portugal	14,3%	Outros	31,8%

E, FINALMENTE, QUANTO A RACAS:

Brancos	55,0%	Pretos	8,6%
Mulatos	34,9%	Amarelos	0,9%

O PONTO CULMINANTE de Brasilia está a 1.172 metros de altitude: é o local onde foi rezada a 1.^a missa e onde se encontra o marco de fundação da cidade. Mas, como Brasilia está toda ela situada num planalto, ponto mais baixo da cidade, não é um ponto, é o lago inteiro do PARANOÁ, que enforquilha a metrópole a mil metros de altitude. O lago, (quarenta quilômetros quadrados de massa líquida) não vai ter navio, apenas. Vai ter peixe também. Duzentos e quarenta mil peixes serão lançados ás águas, anualmente, pela Divisão de Caça e Pesca, de tal sorte que em quatro anos, com a desova, a população do lago será de 20 milhões de peixes, haja pescadores. A pesca, aliás daqui a um ano e meio, não será apenas permitida. Será aconselhada, estimulada e regulamentada.

OLHA O PERIGO !

Apesar de haver chovido no Nordeste como jamais em tempo algum havia chovido desde os tempos de Noé e apesar do rio Jaguaribe, o maior rio seco do mundo (tão seco que, nos períodos de estiagem, viaja-se de automóvel dentro do leito dêle) haver, não obstante, transbordado a ponto de transformar uma

Teat

Gibso

tranquila reprêsa numa galopante cachoeira — a cachoeira de Orós — apesar de tão insólitas cajamidades andarem agora a devastar o nosso território, outrora tão sossegado — o cientista prof. Alpheu Diniz Gonçalves, ouvido pela reportagem sobre o perigo de vir a ser o Brasil sacudido por outros fenômenos geológicos piores e mais sérios (como terremotos, por exemplo) garantiu que não, garantiu que terremotos no Brasil não haverá jamais, não há perigo, embora, na verdade, sob o ponto de vista geológico, estejamos na faixa dêles... OLHA !

BATERAM A PISTOLA de Fidel Castro no banheiro da Embaixada do Brasil em Havana, pistola de estimação que tinha o nome do herói cubano gravado em ouro na culatra, e o acompanhava desde os dias memoráveis da **Sierra Maestra**.

A coisa aconteceu num intervalo do encontro entre o Sr. Jânio Quadros e o Primeiro Ministro. Uma hora depois de haver a entrevista terminado, já de regresso a Palácio, deu o barbudo pela falta da arma. Voltou à Embaixada brasileira voando, correu ao banheiro: lá estava ainda o cinto pendurado, porém, murcho, sem a pistola. Duas horas levou Fidel vasculhando o prédio da nossa representação.

Debalde. Da pistola, nem sombra. Fidel Castro, cabisbaixo (dizem que cabisbaixíssimo) retirou-se, mas antes deu um berro com um sujeito que à porta da Embaixada procurava consolá-lo ponderando :

— Quem sabe, Excelência, não teria sido um fan que a carregou à guisa de *souvenir* ?

REQUINTE ARQUITETONICO

Cornel Wilde, aquél ator que, com Merle Oberon nas calças de George Sand, fêz o papel tuberculoso de Chopin em «A Noite Sonhamos» (não esqueço daquele pingão de sangue tossido nas teclas brancas do piano) mandou construir no alto de uma das colinas de Hollywood uma casa transparente, tôda de vidro, tendo por dentro uma piscina em forma de peixe, com água perfumada.

O IMORTAL CARYL CHESSMAN

Vai-se consumar ou não, desta vez, a monstruosa aberração judiciária que ora escandaliza o mundo?

Caryl Chessman — mártir do mais bárbaro e prolongado sadismo penitenciário jamais inflingido por qualquer país do mundo a qualquer condenado em qualquer tempo da História (na Idade Média, inclusive) — vai ou não vai ser agora «legalmente» assassinado, depois de doze anos de prisão?

— «Mais de 90 detentos já foram levados á câmara de gás, durante os 12 anos em que me encontro na galeria dos condenados á morte», disse o homem que já morreu nove vezes. E, num suspiro:

— Mas não há de ser nada. Continuarei lutando até o fim. Inalação de gás é muito ruim para a saúde. O pior, porém, o pior de tudo é perder a esperança, vê-la ressurgir, e depois perdê-la de novo.

— Se você fosse libertado, que faria? — perguntaram-lhe.

Iria olhar o céu; para ver como é o céu, fora daqui... Iria também jejuar um bocado. Estou farto de banquetes...

A JUSTIÇA LÁ EM SAN QUENTIN é assim: leva doze anos matando um sujeito, mas em compensação, durante êsses doze anos trata-o a mel, suflê suíço e torrada à francesa. Eis o cardápio dos presos, anotado por um reporter, num dia como outro qualquer:

Pequeno almôço : Laranja da Califórnia, «cornflakes», leite, açúcar, torrada à francesa, suco de maçã, pão, mel e café. Almôço: Sopa Minestrone, cebolinhas verdes, sanduíche de carne moída, biscoitos, maçã, pão e chá. Jantar: bife de grelha com legumes, batatas cozidas, salada verde, suflê suíço, pudim de arroz, pão e café.

GRANDE E BELA SEPULTURA!

Vocês sabiam que o Dr. Peter Lund (o sábio dinamarquês que celebrou Lagoa Santa) não pôde ser enterrado no cemitério local, por não ter sido católico, razão pela qual trouxeram-lhe o corpo para o centro da cidade e o sepultaram á sombra de uma grande e bela árvore ?

rinho

Lessa

HENRY FO

JANE tem os lábios grossos e os compridos braços de pulsos ossudos de seu pai, Henry Fonda.

CINEMA



DURANTE dois meses consecutivos do ano de 1959 apareceu na maioria das revistas de maior importância nos EE.UU. um mesmo rosto jovem e irradiando vitalidade que, das capas coloridas e luzidias, olhava para o imenso público norte-americano.

Mas esse mesmo público, que olhava com expressões de aprovação para o rosto repetido em tantas publicações, nem por sombra sonhava que o mesmo pertencia a Jane Fonda, filha de um dos mais notáveis artistas do cinema : Henry Fonda. Não que os olhos esbugalhados, os lábios grossos e os compridos braços de pulsos ossudos não lembrassem o astro da velha guarda. Lembravam, mas ninguém pensava em parentesco entre aquela carinha desconhecida e o mais do que conhecido Henry Fonda. O caso é que essa menina de espessos cabelos dourados e olhos imensamente azuis não queria usar a influência do pai como uma espécie de trampolim de onde pularia para o estrelato e a fama.

Ela, apesar de jovenzinha, já havia estudado em Paris, onde se interessara pela pintura e fizera amizade com uma sua compatriota, Susan. Em Paris mesmo as duas combinaram comparti-

Fotos da Warner Brother's

NDA LTDA.

lhar de um mesmo apartamento em Nova Iorque e tentar a sorte como modelo. «Sem ajuda do papai!...» determinou Jane resoluta. Afinal em Manhattan, Jane passou a viver como milhares de outras mocinhas esbeltas e magrinhas vivem, posando como manequim e sustentando-se com um mingauado salário. Possuindo um alto senso de independência, não queria aceitar a ajuda do pai.

Foi trabalhando como modelo para fotógrafos famosos em todo o país que Jane Fonda foi afinal «descoberta» por Joshua Logan (responsável por filmes da qualidade de «South Pacific», «Pic-Nic») que lhe propôs um teste cinematográfico. O teste obteve um resultado tão excepcional que Logan a colocou imediatamente sob um contrato que previa a realização de cinco filmes com ela!

O primeiro da série chama-se «Tall Story» e é uma produção da Warner, na qual Jane está trabalhando no momento. Apesar do regime de trabalho muito apertado, Jane ainda encontra tempo para ler seus autores favoritos. Suas leituras preferidas são as do poeta norte-americano E. E. Cummings e estudos sobre psicologia.

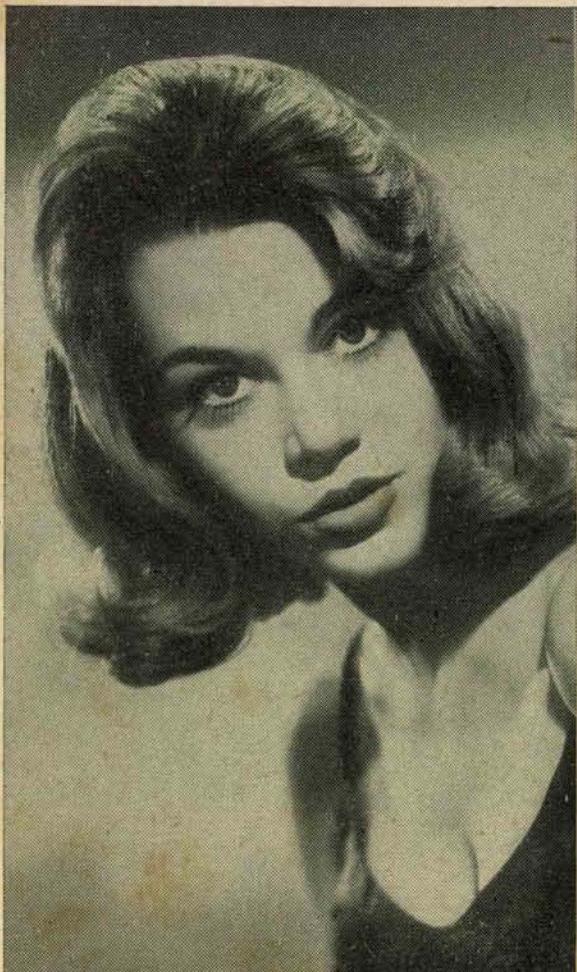
Jane é jovem, cheia de vitalidade e entusiasmo.

Reportagem de ORLANI CAVALCANTI, Hollywood



JANE Fonda, a moça da capa de ALTEROSA, ocupou durante dois meses consecutivos as capas das principais revistas americanas.

HENRY FONDA LTDA.



JANE Fonda tem os cabelos espessos e dourados e seus olhos são imensamente azuis.



JANE é esse brotinho bacana que veremos em «Tall Story», filme em que trabalha ao lado de Tony Perkins.



O nome famoso do pai servirá sem dúvida de complemento ao seu possível sucesso. Mas, se virá a ser boa atriz, sómente o futuro nos dirá.

Qualidades físicas e artísticas não faltam a Jane Fonda, que herdou, parece, do pai famoso, o talento que o fez tão admirado e aquela simpatia que ilumina a personalidade máscula do grande artista. Jane confia em si mesma — decisão que a identifica ainda mais com o pai — artista que ascendeu à fama por suas próprias forças. Eis por que Henry Fonda se orgulha da filhinha que, revelando possuir personalidade, prescinde do pistolão paterno para deixar atrás muitos cartazes femininos já superados...





JANE, dotada de um alto senso de independência, nunca quis usar da influência de seu pai no início de sua carreira. E' com ele que a vemos nesta foto.

A Vida Numa Comuna Chinesa

Conclusão da pág. 24

CONCURSO DE CONTOS

No sentido de incentivar os valores novos de nossas letras, a Companhia de Seguros "Minas-Brasil" patrocina o "Concurso Permanente de Contos" desta revista, nas seguintes bases:

1º — O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espago nº 2, com o máximo de 8 e o mínimo de 3 laudas.

2º — Motivo e ambiente nacionais.

3º — Observância dos princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira.

4º — Argumento isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos, fixando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e os dramas de fundo moral sadio e honesto.

5º — Os trabalhos devem ser inéditos e, uma vez premiados, terão os seus direitos autorais reservados por ALTEROSA.

6º — É permitido ao concorrente assinar o trabalho com pseudônimo. Neste caso, deverá mencionar também o seu nome e endereço completos para a remessa eventual do prêmio que lhe couber.

7º — Os dois melhores trabalhos recebidos em cada mês serão divulgados nas páginas de ALTEROSA e contemplados, cada um, com o prêmio de mil cruzeiros.

8º — Os trabalhos considerados publicáveis, embora não reúnam qualidades suficientes para que sejam premiados, receberão menção honrosa e poderão ser eventualmente divulgados.

Os prêmios deste Concurso são enviados pela Companhia de Seguros "Minas-Brasil", diretamente aos autores premiados, sessenta dias após a publicação.

Não se devolvem originais, ainda que não sejam aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos. A revista noticiará, mensalmente, o resultado do julgamento, relacionando os trabalhos aprovados.

COLABORAÇÃO DE LEITORES

PARA conhecimento de nossos leitores que concorrem com trabalhos para o concurso "Minas-Brasil" e com outras colaborações espontâneas para esta revista, mencionamos a seguir as produções recebidas na 2ª quinzena de março, que mereceram aprovação da Comissão Julgadora:

CONTOS — "Um Cientista", de J. F. da Costa Filho; "Ainda Resta Alguma Coisa", de Luz G. Péres; e "Sombra de Uma Culpa" de Eucépio Müller.

CRÔNICAS — "O Jôgo do Contente", de M. Cunha.

POESIAS — 1 trova de Wanda Ramos de Rezende.

seus deveres — tais como dar comida às galinhas. Vê-se, assim que até em seus menores detalhes a vida chinesa foi modificada. Antes, os ocidentais se queixavam da imundice das cidades chinesas; hoje, sempre descontentes, queixam-se de excesso de asseio! Diz a agência londrina distribuidora destas fotos: «A aldeia de Thunghsiyi faz parte da Comuna do Povo Bandeira Vermelha, do distrito de Chincheng, província de Shansi. As ruas são imaculadamente limpas — na verdade, têm um aspecto um pouco asseado demais».

Não há dúvida de que as comunas introduziram na sociedade chinesa um elemento dinâmico responsável pela industrialização extremamente rápida da China. Mas era preciso fazer com que o povo chinês as aceitasse. Para isso, o governo chinês organizou um sistema de propaganda maciça em âmbito nacional. Não há um só muro, visível ao chinês que passa pelas ruas, em que não esteja pregado um cartaz exortando-o a se esforçar no trabalho para aumentar a produção total da Nação. A própria cultura foi orientada neste sentido, isto é, no sentido de uma cultura socialista. Ficção, poesia, teatro, até a dança, estão impregnadas do social. Há pouco tempo, a Comuna do Povo Wutai aplaudiu um grupo artístico da comuna que dançou a história de dez irmãs que se distinguiram por seu trabalho esforçado no ano do «Grande Salto para a Frente» — 1958. E as últi-

mas resistências estão sendo vencidas com o aumento do poder aquisitivo do trabalhador chinês e consequente aparecimento de um mercado interno. Com o desenvolvimento das comunas, os centros locais de comércio floresceram e foram abertas mais lojas, para fornecerem artigos de primeira necessidade e também, artigos de luxo.

Diz-se que os russos não tiveram coragem de pôr em prática o sistema de comunas. Porque o camponês e o trabalhador em geral são submetidos à violência de uma passagem brusca, rude, de regime de vida individualista para regime de vida comunitário, extremamente rígido e num estilo quase ditatorial. A pessoa que entra na comuna, entregando todos seus bens privados, — casa, terras, instrumentos da profissão — deve necessariamente sofrer um impacto emocional tremendo, sentindo que todos os alicerces em que estava baseada sua vida antiga se esboroam a seus pés. Mas Mao Tsé-tung convenceu-se de que o estabelecimento de comunas trará o verdadeiro comunismo para a China num futuro próximo — algo que, após 41 anos, os russos ainda não conseguiram. Que influência as comunas terão nas relações sino-russas, não se sabe; mas observadores bem informados dizem que os russos não estão muito contentes com o «grande salto para a frente» da China, numa revolução industrial na qual muitas das comunas começam a ter papel importante.

* * * *Sobre o bim.*

TRADIÇÃO É A FÔRCA DO NOBEL

A cerimônia de entrega do Prêmio Nobel, que se realiza anualmente em Estocolmo, no dia 10 de novembro, aniversário da morte de seu criador Alfredo Nobel, permanece a mesma, desde 1901 até os nossos dias: o mesmo cerimonial, o uso obrigatório do fraque, sem distinções (inclusive cinegrafistas e fotógrafos), uniformes de grande gala da época gustaviana para os oficiais, vestidos de noite para as senhoras, trompas de prata, que ecoam para cada premiado. Conserva-se, também, o mesmo ponto de encontro da cultura, o Konservthuset, templo deste Nobel cujo prestígio não foi desgastado pelo tempo.

Talvez não fosse exagero dizer que até os homens que participam da cerimônia são os mesmos. O rei Gustavo Adolfo VI, que antes comparecia na qualidade de príncipe herdeiro, tem estado presente às solenidades desde a sua instituição. Muitos dignatários da corte, damas e gentis-homens, tornaram-se personagens legendárias, movendo-se com precisão cronometrada e repetindo os mesmos gestos, ano após ano, nesse mesmo dia. Qualquer outra manifestação tornasse-se monótona, tediosa, banal. O Nobel, ao contrário, resiste ao tempo: é provável mesmo que a fôrça esteja exatamente na tradição.

Jamais foi levantada qualquer polêmica em torno da escolha do prêmio para a medicina, a química, a paz, a física, etc., e estes prêmios comportam sempre a mesma medalha de ouro, o mesmo diploma e o mesmo cheque que, naturalmente, agiganta-se a cada ano, com o aumento das taxas de renda da fundação.

PARA SEMPRE

Por que Deus permite
que as mães vão se embora?
Mãe não tem limite,
é tempo sem hora,
luz que não apaga
quando sopra o vento
e a chuva desaba,
veludo escondido
na pele enrugada,
água pura, ar puro,
puro pensamento.
Morrer acontece
com o que é breve e passa
sem deixar vestígio.
Mãe, na sua graça,
é eternidade.
Por que Deus se lembra
— mistério profundo —
de tirá-la um dia?
Fôsse eu Rei do Mundo,
baixava uma lei:
Mãe não morre nunca,
mãe ficará sempre
junto de seu filho
e ele, velho embora,
com a mãe ao lado,
será pequenino
feito um grão de milho.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

GLÓRIA MATERNA

Para a glória das mães, ser mãe não basta.
No cadiño do lar é que se apura
Tôda a beleza luminosa e casta,
Dessas santas do Bem e da Ternura.
Jamais da imagem filial se afasta
O olhar das mães, flor de imortal candura.
E a própria dor, que o peito lhes devasta,
Em desvelos de amor se transfigura.
Ao sacrifício, pelo céu, eleitas,
São elas, sobre a térra imensidão,
As roseiras mais altas e perfeitas.
Dão braçadas de rosas e carinhos,
E quanta vez definham de saudade,
A sombra solitária dos espinhos!

CORRÊA JUNIOR

CÂNTIGAS

Não choro a minha cegueira,
choro a falta do meu guia:
minha mãe quando era viva
eu era um cego que via!

Tito de Barros

Pra quem é mãe não existe
bem de mais funda raiz
que o de viver sempre triste
mas ver seu filho feliz.

Lilinha Fernandes

Pelo filho a mãe piedosa
sofre e se humilha, feliz:
— para requinte da rosa
vive na lama a raiz.

Orlando Brito



DUAS ESTRÉLAS

Minha Mãezinha: hoje é que me atrevo
A mandar-lhe esta carta. Você vê:
Já estou na escola, já sei ler, escrevo.
Quero saber notícias de você.

Em casa tudo é diferente agora.
Ninguém se atreve a levantar a voz.
O papai vive trabalhando fora
E a mulher loura que conosco mora
Tem para mim um ar quase feroz!

Tenho-lhe medo. Sinto-me isolado.
Numa noite você me respondeu
Apontando no céu iluminado
Duas estrélas juntas lado a lado:
— «A menor é você... a outra sou eu».

Assim cresci. Você se foi embora,
Foi dormindo... E eu chorei, nem sei porque!
E à noite, olhando o céu: - «Nossa Senhora!
Minha mamãe lá está... mas eu agora...
Mamãe! Como eu preciso de você!»

CHICAGO: POLICIA PODRE



PANORAMA

NÃO mais se trata, declarou Richard J. Daley, prefeito de Chicago, de se separar o «mel azedo» do bom. Antes, trata-se de conhecer até que ponto o «mel bom» foi atacado pelo verme da corrupção.

O prefeito de Chicago fazia recentemente estas declarações a um grupo de enviados e correspondentes estrangeiros, a fim de, conforme suas palavras, «restabelecer a verdade», depois da campanha escandalosa da imprensa americana sobre os incríveis casos de corrupção e delinqüência descobertos na polícia daquela cidade. No calor da entrevista e sob a penosa impressão dos acontecimentos, o primeiro cidadão daquela capital revelou detalhes verdadeiramente impressionantes acerca da influência exercida por criminosos sobre a polícia local. «O procurador do Estado, prosseguiu o prefeito, submeterá todos os componentes da polícia,

desde o seu chefe até o guarda mais humilde, ao detetor de mentiras, para certificar-se de quantos se encontram da parte da lei e quantos passaram para a delinqüência.»

O «escândalo da polícia» de Chicago estourou, com violência, há poucas semanas, quando um ladrão, preso por pequeno furto, pediu para falar com o «comissário de polícia» (ou seja, o comandante dos dez mil homens que constituem a polícia urbana de Chicago) Thimothy O'Connor, e lhe revelou que muitos dos furtos cometidos na cidade, desde 1959, haviam sido organizados, dirigidos e «protegidos» por funcionários da polícia, de sete dos quais forneceu os nomes. O'Connor agiu com decisão e energia: apelou para a polícia federal, e obteve o número necessário de policiais para realizar investigações de surpresa nas residências dos agentes

Prefeito de Chicago põe «pingos nos i's».

denunciados pelo ladrão. A visita domiciliar teve resultados positivos, embora com efeitos contrários para o nome da sua polícia. O'Connor, de fato, não esperava tanto: ao fim das buscas, foram necessários quatro caminhões para transportar todos os produtos dos furtos: peles, prataria, aparelhos de rádio, jóias, objetos de arte, que os exames vieram revelar terem sido roubados, nos últimos meses, em diversas residências e em estabelecimentos comerciais. Os sete policiais foram imediatamente presos. Em suas declarações, comprometeram outros trinta e três agentes e funcionários da polícia. O depoimento inicial de um ladrão vingativo punha assim a perder toda a polícia de Chicago.

Um dos mais conhecidos «scrocs» da cidade, campeão do crime, William Morrison, fornecia até uma remuneração fixa mensal aos investigadores a fim de

NOIVADO DE MARGARET

NOS últimos dias de fevereiro foi anunciado na Corte Circular de «Clarence House» o contrato oficial de casamento

da princesa Margaret com o sr. Antony Armstrong-Jones, conde de Rosse, ocasião em que o noivo ofereceu à princesa bonito anel de brilhantes e rubis.

O sr. Armstrong-Jones, que é fotógrafo da sociedade londrina e como tal já teve oportunidade de fotografar vários membros da família real, bem como personalidades de destaque, possui um elegante e estúdio fotográfico em Pimlico, Londres, e é grande apreciador de corridas de botes. Logo após a divulgação da grata notícia, os noivos foram passar um fim de semana na casa de campo real, em Windsor, em companhia da rainha-mãe. O flagrante que publicamos fixa o seu retorno ao palácio de Buckingham.



não ser molestado. «Mas, desde os tempos em que Chicago era a capital do crime e o quartel-general de Al Capone, a nossa polícia ficou assim corrompida», disse o prefeito Daley. E continuou: «Há anos que a opinião pública duvida da honestidade dos tutores da ordem. Foi necessário a denúncia de um ladrão para que as autoridades se movessem. Por quê?»

A resposta é simples, embora desoladora: porque provavelmente, ninguém na polícia da cidade estava acima de suspeitas, e todos tinham interesse no silêncio. «Quando — disse também o procurador Adamowski — simples investigadores possuíam casas de campo e dois automóveis, e mandavam as esposas à Flórida passar o Inverno, como não pensar que havia coisa podre?» O inquérito realizado pela polícia federal e pela procuradoria do Estado trouxe à luz diversos episódios de corrupção, de que se pode formar uma pequena antologia.

Por exemplo: o investigador Nathaniel Goldmeyer, de serviço na procuradoria distrital de Chicago, provocou a condenação, com seu falso testemunho, de um jovem de vinte e três anos, por furto com arrombamento. Ora, o furto havia sido cometido por outro, cúmplice do investigador, em cuja casa foi encontrado parte do material roubado. E assim por diante, uma série de exemplos assombrosos de fraude e delinquência coletiva na polícia poderiam ser alinhados. O escândalo na polícia de Chicago assumiu proporções tão graves que o seu chefe, Timothy O'Connor, solicitou demissão, que foi aceita, embora tivesse sido definido como o policial mais honesto da cidade.

DETETIVE EM QUATRO PATAS.



Dox von Coburger Land, prodígio cão da polícia de Roma, mostrado na foto ao lado de seu substituto, ocupou novamente o noticiário da imprensa italiana. Desta vez, Dox, que já adquiriu fama internacional, não capturou ladrão nem constrangiu assassino a se render. Conseguiu descobrir, em circunstâncias sensacionais, o paradeiro de um cachorrinho de estimação que havia escapado das vistas de seu dono.

Dox, que tem ocupado, por suas façanhas, páginas de revistas e interessado à televisão francesa, assim como a semanários americanos, é o «Rin-tin-tin» italiano, o Sherlock Holmes dos detetives de quatro patas, o comissário Maigret da raça canina. Tem uma fôlha de serviços digna de glorioso veterano, e uma infinidade de condecorações: 146 operações de polícia levadas a término com pleno sucesso, 4 medalhas de ouro e 27 de prata, por mérito investigativo, mais de sete ferimentos recebidos em serviço, e um número enorme de horas noturnas passadas na caça a ladrões.

Antes de ir para Roma, seu campo de ação, Dox estivera auxiliando na Sicília, a perseguição levada a efeito contra os restos do bando do malfeitor Giuliano Giovanni Maimone, um policial que estava se recuperando, num hospital, de um choque contra bandidos, viu o cão e tornou-se seu proprietário e instrutor. Em Alexandria, Dox foi admirado pela população, por haver guiado a polícia na captura de um criminoso, do qual apenas se possuía um lenço perdido pelos menos quinze dias antes. Em Turim, foi citado nos jornais por haver encontrado um anel de brilhante perdido pela

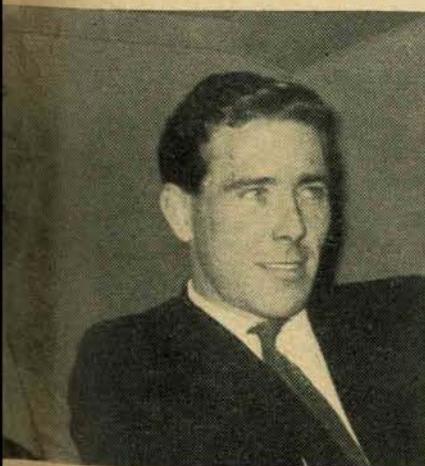
proprietária, num bosque. Em Milão, por haver descoberto um «fora da lei».

Em Roma, Dox tornou-se logo elemento imprescindível para a polícia. Uma pistola reencontrada por Dox, num campo que havia sido batido em vão pelos investigadores, bastou para que o autor de um gravíssimo rapto confessasse o crime. Numa outra ocasião, farejando um pedaço de pau ensanguentado, Dox partiu à procura e, entrando num bar, investiu contra o responsável pela agressão, individualizando-o com precisão entre as trinta pessoas que ali se reuniam. E estas tarefas ele as vem cumprindo há muito tempo, razão pela qual resolvem compensar-lhe, concedendo-lhe recentemente mais uma medalha. Aliás Dox já está velho e poderia aposentar-se. Fala-se, a propósito, em dar-se-lhe uma pensão, como a um bravo funcionário do Estado.

«Estas e outras que se conhecem», disse o instrutor Maimone, «são apenas uma parte das façanhas de Dox. A vida deste cão é um autêntico romance, que, um dia, talvez, me decidirei a escrever».

Em honra do cão policial Dox, certo compositor italiano criou uma canção, cuja letra diz: «Dox, Dox, Dox — quero dizer-lhe esta coisa só — não é verdade que te falta a palavra — tua vida é surpreendente».

Hoje, Dox, que aparece na foto ao posar junto da gravação que tocava a música em sua honra, tem uma idade correspondente a noventa e oito anos de vida humana. Maimone foi obrigado a procurar um substituto: Dox Júnior, um pastor alemão de dois anos, que aparece a seu lado.





PANORAMA

MATOU POR AMOR

O industrial La Neve e esposa.

O ALARME da rádio-patrulha da polícia foi dirigido às dezenas horas de sexta-feira, 8 de janeiro: «Atenção — comunicaram à equipagem — dirigam-se à auto-estrada de Turim e tratem de deter um automóvel «Aurélia», de placa MI 282267. Leva dentro um indivíduo de estatura média, já de idade, procurado por homicídio».

Menos de meia hora depois, da viatura vinha uma primeira comunicação: «Alcançámo-lo. Quando, porém, nos avistou, acelerou o carro, inverteu a marcha e agora está voltando a toda velocidade para Milão. Estamos seguindo-o. Corre como um raio.»

A dramática carreira não durou muito tempo. Por duas vezes a viatura da polícia dificultou a passagem do veículo. A certa altura, então, os policiais viram o homem dar um golpe perigoso, atravessando na estrada. Um instante depois o «Aurélia» se arrebentava contra uma árvore. Dos bagaços do automóvel extraíram

com o corpo cheio de ferimentos, um indivíduo privado dos sentidos, tendo encontrado também uma garrafa de conhaque e um revólver com balas.

Terminou assim, há alguns dias, com este dramático epílogo, uma das tragédias mais comentadas em Milão e em toda a Itália. O homicida, que se encontrava dentro do «Aurélia», o industrial Giovanni La Neve, de sessenta anos, havia de fato assassinado, havia poucas horas, a esposa adormecida, e dirigira-se logo para a estrada com o firme propósito de morrer também.

Não é possível, a poucos dias do drama e enquanto Giovanni La Neve jaz inconsciente num leito de hospital, saber-se exatamente em que momento explodiu no cérebro atribulado do industrial a loucura homicida. Graças à reconstituição da polícia, pode-se, entretanto, relembrar os acontecimentos que truncaram o grande amor que Giovanni devotava à esposa. O

industrial, natural de Trieste, havia antes brilhantemente se firmado no setor do comércio petrofíero, quando, em 1935, conheceu a mulher destinada a tornar-se sua esposa: Maria Elsa Steffanini, de 23 anos. Casaram-se enquanto Giovanni era um próspero diretor de refinaria. Os filhos, todavia, não vieram. Depois, estourou a guerra, e a região onde Giovanni exercia suas atividades caiu em mãos inimigas. Muito provavelmente foram estes acontecimentos que, há catorze anos, começaram a atarantar o velho industrial. Giovanni, de fato, viu-se obrigado a reconstruir sua existência justamente no período em que sempre havia imaginado poder colher os frutos de seu trabalho. Não foi capaz de reagir com decisão ao golpe do destino. Mesmo assim, não abandonou negócios rendosos. Por outro lado, e para acentuar o mistério, constatou-se que à sua esposa não coube nenhuma parcela de responsabilidade. «Elsa», contam os amigos do



GEMEAS SO POR FORA

ESTAS duas graciosas gêmeas tornaram-se conhecidas na França graças a um pequeno engano. São elas Gisèle

casal — «tudo fez para sustentar moralmente o marido». Nos últimos anos, contudo, também ela parece ter-se deixado vencer pelo desencorajamento. Isto, coincidindo com uma piora na situação financeira de Giovanni, certamente abreviou a tragédia. Talvez, segundo supõem os que estudam o caso, ela mesma tenha pedido ao marido para matá-la, no dia em que todas as esperanças num amanhã melhor se desfizessem». Sob este aspecto, todavia, sóbre como se desenvolveu realmente o drama, a polícia está investigando. É certo que Giovanni La Neve organizou tudo com um cuidado meticuloso. Preparou três cartas para pessoas de suas relações. Depois avizinhou-se do leito onde se encontrava a esposa e disparou quatro vezes contra a sua testa. Estava acordada, ou dormia? Eis a pergunta de todos. Pode-se, entretanto, afirmar que entre os cônjuges devia seguramente existir um terrível pacto de amor e de morte: a promessa de permanecerem unidos até o fim, não se abandonarem por nenhuma razão. Se este pacto impressionante não tivesse existido, Giovanni La Neve não teria nunca assassinado a esposa: amava-a muito. E a discussão na crônica policial italiana continua.

Afinal, Giovanni beijou pela última vez o rosto de Elsa e saiu para a auto-estrada a fim de também pôr termo à vida. Mas a morte não o quis, e Giovanni permaneceu vivo. Agora deverá contar que desespero armou sua mão contra a criatura que mais amava no mundo: e os homens, talvez, terão pena dele.

(à esquerda) e Marie-Pierre Sandre. Ambas campeãs de esqui (fazem parte da seleção nacional francesa), cinco meses atrás se encontraram frente a grave dilema: Gisèle, acometida de ictericia, não podia aparecer no filme para o qual um produtor a havia contratado. Sem hesitar resolvem reparar a dificuldade valendo-se da sua extraordinária semelhança: Marie-Pierre apresentou-se ao diretor disposta a substituir a irmã diante das câmeras. Ninguém, a princípio, percebeu o truque, que foi descoberto sómente quando Marie-Pierre foi assediada pelos caçadores de autógrafos. As gêmeas têm dezenove anos e caracteres opostos: enquanto Gisèle estuda declamação, Marie-Pierre estuda filosofia.

Mais beleza em sua cozinha! Melhor resguardo para os seus mantimentos!



COMPOSIÇÃO PARA MANTIMENTOS

FULGOR
Luxo
SOLDA ELETRÔNICA



5 boiões de várias capacidades em alumínio polido, visor inquebrável, tampas anodizadas em ouro ou azul-metálico.

- Mostrando o conteúdo, o visor indica o momento exato de se proceder a novos suprimentos.



ALUMINIO FULGOR S.A.
CAIXA POSTAL 4238 — SÃO PAULO

FABRICANTE
DE
DESASTRE

Frances, a esposa do Dr. Robert Spears acha que seu marido teria hipnotizado o amigo.

NUMA dessas manhãs, dois automóveis do FBI se detiveram em frente a um pequeno hotel solitário situado às margens do deserto de Arizona, a cinqüenta quilômetros da cidade de Phoenix, nos Estados Unidos. Da viatura desceram investigadores que, de armas em punho, circundaram a hospedaria, avizinhando-se cautelosamente. No jardim, encontraram quem estavam procurando: um senhor já de idade e corpulento, com os olhos enigmáticos semi-encobertos por um par de lentes escuras.

— Doutor Robert Vernon Spears? — perguntaram os policiais ao homem que estava conversando tranquilamente com duas crianças.

— Vocês se enganaram — res-

pondeu, empalidecendo. — Chamome George Rhodes, e não sou médico».

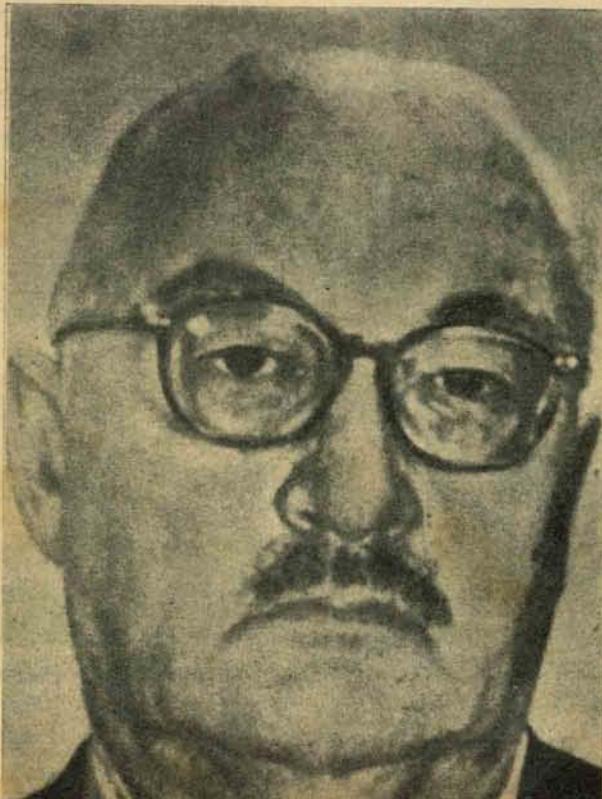
Dai a pouco, porém, em vista das contestações dos investigadores, acabou concordando ser verdadeiramente Robert Vernon Spears, de 65 anos, morador em Dallas, tendo sido levado preso, sob a acusação de haver roubado o automóvel de um seu amigo, William Taylor.

No quarto ocupado por Spears, foi encontrada uma valise contendo uma quantidade de dinamite suficiente para fazer desaparecer nos ares uma inteira esquadilha de aviões. E naquela momento os policiais acabavam de dar um notável passo à frente na solução do mistério que circundava dois graves desastres aéreos



que, em apenas dois meses, haviam custado a vida de 76 pessoas. E agora, a pergunta que persegue todos os americanos é esta: será verdadeiramente responsável o doutor Spears por um, ou por ambos os desastres aéreos, como afirmam os investigadores e como também fazem crer os numerosos indícios? Só quando for dada uma resposta satisfatória a esta pergunta, desvanecerá a dúvida que atormenta autoridades e cidadãos estadunidenses. E também o temor de que a lista de aviões comerciais explodidos por razões incompreensíveis, em pleno vôo, continui a crescer com a série de cadáveres carbonizados de tantos pobres viajantes.

A trágica aventura de Robert V. Spears — que é acusado de



Doutor Robert Spears responde pela explosão de dois aparelhos.

haver provocado a queda dos aviões com o fim, primeiro, de roubar o carro de um conhecido, segundo, para obter as vantagens do pagamento de seguro — começou na manhã do dia 16 de novembro no aeroporto de Tampa, na Flórida. Naquele dia, o seu nome foi incluído na lista dos passageiros de um Douglas da «National Airlines», em serviço entre Miami e Nova Orleans. Ao meio da viagem, de repente, o avião explodiu e mergulhou nas águas do golfo do México, com a sua carga de vidas humanas: 42 pessoas. O desastre provocou nos Estados Unidos um profundo pesar, e o início de um inquérito do FBI, pelo modo estranho como ocorreu: o piloto, de fato, não tivera nem mesmo tempo de advertir o aeroporto de que se encontrava em dificuldades. Devido às suspeitas de sabotagem, o grupo de passageiros foi acuradamente examinado, a vida de cada uma das 42 pessoas perecidas submetida a um exame pormenorizado, a procura do primeiro indicio útil para esclarecer o mistério. Enquanto isso, com auxílio de um submarino e mergulhadores, tratava-se de recuperar pelo menos algumas partes do Douglas para a perícia. Ao fim das primeiras semanas de investigações, as atenções dos policiais se concentraram no nome de Robert V. Spears.

O caso se reveste de feições intrincadas, e o doutor Spears foi acusado inclusive de haver hipnotizado (arte em que é perito) um tal William Allen Taylor, que, em lugar do próprio Spears, teria sido forçado a tomar o avião em que desapareceria horas depois. O automóvel de Taylor foi também encontrado em poder de Spears.

Enquanto o doutor Spears aguarda o desenrolar do processo, um não menor mistério paira sobre o outro desastre verificado em circunstâncias análogas ao primeiro. Um outro Douglas da «National Airlines», em serviço de Nova York para Miami, explodiu repentinamente em vôo sobre a Carolina do Norte, despedaçando-se ao solo com 34 vítimas. Entre estas, estava o advogado Andrew Frank, amigo de Spears, e casado com o modelo Janet, em favor da qual havia contraído anteriormente algumas apólices de seguro de alto valor. O FBI suspeita que o acidente tenha sido provocado por ordem do advogado, presumível suicida. Existirá uma relação entre os dois desastres? Spears e Frank terão projetado juntos o seu diabólico plano?

BONITA DEMAIS

ESTA moça de cabelos castanhos e olhos azuis, é Barbara Smith, jovem modelo londrina que, sendo considerada demasiadamente bela, viu-se proibida de participar de um concurso de beleza levado a efeito na localidade de Oldham. Segundo os organizadores, de fato, a participação de Barbara no concurso teria tirado às concorrentes qualquer possibilidade de vitória. Em compensação, a aspirante a rainha foi logo convidada a fazer parte do júri.



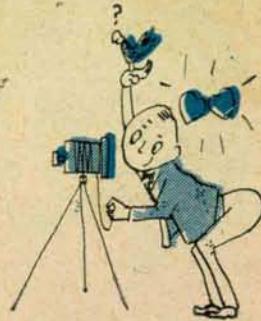
ACABOU NA PRISÃO

HANNI Ehrenstrasser, a jovem vienense que em 1958 foi eleita «Miss Europa», em Istambul, (foto) encontra-se agora recolhida a uma prisão londrina, sob a acusação de haver roubado numa joalheria de Bond Street, uma das mais elegantes da capital inglesa, um anel de brilhantes de alto valor. Ao mesmo tempo, um joalheiro de Frankfurt denunciava o desaparecimento de algumas peças preciosas depois da visita feita à sua loja pela ex-«Miss Europa». Hanni tem atualmente vinte e um anos, e até há pouco era casada com um seu patrício que a abandonou devido a sua mania de participar de concursos de beleza.





A PRINCESA E O FOTÓGRAFO



TALVEZ estejam rotundamente enganados aqueles, e são numerosos, que julgam já ter passado de há muito o tempo dos contos de fada ou das histórias da carochinha, com que se regalavam outrora as crianças, que ouviam, e os adultos, que contavam. Tudo continua, já que, em verdade, nada deixa de continuar. Só o que tem é que as coisas que continuam agora não continuam como continuavam dantes, sofrendo as modificações exigidas pelas circunstâncias. Digam lá o que disserem, ou o que não disserem, são mesmo as circunstâncias que nos governam.

Nos antigos contos de fada ou nas antigas histórias da carochinha, casavam-se os príncipes com as pastoras, se não eram os pastores que se casavam com as princesas.

— Era uma vez uma princesa...

Pois hoje, se as princesas, por força das circunstâncias, não se casam mais com os pastores, casam-se com os fotógrafos. Se não é a mesma coisa na forma, é a mesmíssima coisa no fundo.

Maio é, como se sabe, aqui pelas nossas bandas, o poético mês dos casamentos e mais ainda dos idilios que ao casamento conduzem. E agora neste maio, precisamente no primeiro dia da sua segunda semana, uma princesa da Inglaterra, a mesma que estêve a pique de casar-se com um capitão ou coronel aviador, casar-se-á com o seu fotógrafo ou com o fotógrafo do seu coração, nisto

segundo o exemplo do tio, que era rei e renunciou o trono para poder unir-se a uma plebeia, e plebeia, ainda por cima, divorciada.

Haverá quem diga não confiar muito na autenticidade desta segunda paixão da princesa, em vista da rapidez com que ela esqueceu ou enterrou a primeira. El de fato bem pode ser que o fotógrafo não leve no caso grande vantagem ao capitão ou coronel, salvo a vantagem, que este não logrou, de ir até os pés do altar.

Mas estas são considerações que em nada invalidam a tese de que os contos de fada ainda existem, embora diferentes na forma. Na forma tudo muda, como o comprovam as mudanças a que assistimos todos os dias, feito esta da capital brasileira, que há pouco se levou a efeito com tantas e tamanhas festas e sobretudo com tantas e tamanhas despesas. No fundo, todavia, tudo continua sem maiores diferenças, que o homem de hoje é o mesmo de ontem, como o de amanhã será o mesmo de hoje, até segunda ordem.

Haverá, ainda, quem pense que os amores dos príncipes e das princesas, maiormente os destas, deviam permanecer na intimidade, ao invés de virem, como têm vindo, para a praça pública ou seja para a boca do povo. Não me custa nada compartilhar esta opinião. Mas a culpa é da imprensa escrita, que se apodera do assunto para com ele encher as suas colunas e as suas páginas, e da imprensa falada e tele-

visionada, que não fica atrás e gosta de pôr na rua o que convinha permanecer em casa. E como no caso há um fotógrafo, nada mais natural que abundem e até superabundem as fotografias que o ilustram, tal anda acontecendo.

E bem verdade que os interessados poderiam, senão evitar, pelo menos diminuir de muito toda essa bisbilhotice. Os interessados, porém, tenham ou não tenham sangue azul nas veias, parece que são os primeiros a desejar e a remunerar o mexerico. Nem de outro modo se poderia explicar o prestígio e a prosperidade dos chamados columistas sociais, letreados ou iletrados, que com tanto proveito exploram, hoje em dia, por toda parte, o inesgotável filão da vaidade alheia.

Voltando, porém, aos contos da carochinha, ou aos contos de fada, a verdade é que a corte inglesa, com o que por lá vem acontecendo no terreno sentimental ou romanesco, nos fornece a prova irreforquível de que elas, os contos, ainda são possíveis na era atômica. O amor é o mesmo em todos os tempos e as mesmas hão de ser sempre as suas consequências, ainda que com as alterações impostas pelo momento.

O romance da princesa e do fotógrafo lembra muito os velhos romances dos príncipes e das guardadoras de cabras. E em todo caso, quando mais não seja, serve de motivo para a crônica que a gente precisa de mandar sem falta para a revista, no dia certo. Serviu ou não serviu?

GILBERTO DE ALENCAR

FILHOS DE ISRAEL

Onde ninguém esperaria encontrar coisa semelhante, na cidade de Bombaim, vive há 2 mil anos uma comunidade judia! 20 séculos atrás mais ou menos um navio egípcio naufragou na costa ocidental da Índia. Sete homens e sete mulheres sobreviveram para dar início à mais estranha comunidade judia do mundo, por elas chamada **Bene Israel** (Filhos de Israel).

Perdendo as escrituras da fé no naufrágio, os Bene Israel foram se esquecendo ao longo dos séculos dos rituais e práticas de sua religião. Relata a tradição que no séc. 12 um judeu, David Rahabi, os descobriu. Observando que não trabalhavam no Sabbath, que circuncisavam os filhos e que se recusavam a comer peixe sem barbatanas e escamas, concluiu logo que eram judeus. Rahabi então enfrentou o difícil trabalho de lhes reensinar sua religião em sua pureza primitiva. E foi observando os ritos sefárdicos que aprenderam dele, que missionários ingleses os descobriram para o Ocidente no século passado, quando o imperialismo inglês dominava a Índia.



Vai
viajar?

leve
Cheques para Viajantes
First National City Bank

Viaje como quiser e para onde quiser! Com cheques para viajantes First National City Bank seu dinheiro estará em absoluta segurança.

- Reembolsáveis em caso de roubo, perda ou destruição
- Negociáveis como moeda corrente
- Válidos por tempo indeterminado
- Fornecidos nos valores de 10, 20, 50 e 100 dólares

The FIRST
NATIONAL CITY BANK
of New York



FILIAIS NO BRASIL:

Belo Horizonte - Curitiba - Porto Alegre - Recife - Rio de Janeiro - Salvador - Santos - São Paulo: Av. Ipiranga, 855 Pça. Antônio Prado, 48

Fundado em 1812
83 Filiais em 27 países
85 Filiais em Nova York



PUXA!

como são
resistentes...



Lupo

espuma de nylon,
tipo derby



Lobo

algodão lisas

EUREKA

algodão lisas

- os primeiros nomes em meias para homens e crianças

PRODUTOS DA FÁBRICA LUPO - ARARAQUARA - EST. SÃO PAULO

VIVA A RAPÓSA!

CRUZEIRO

CAMPEÃO DE 59

AVITÓRIA do Cruzeiro Esporte Clube, no campeonato mineiro de 1959, que fêz vibrar intensamente a alma cruzeirense da cidade, foi, sem dúvida, o resultado do harmonioso trabalho de uma equipe de homens devotados à gloriosa agremiação esportiva do Barro Preto. Porque na verdade, não basta, no futebol, o entrosamento da equipe integrada pelos jogadores que se desdobram, em campo, para vencer o adversário, mas é necessária também a coesão da grande equipe representada por todos quantos, nos setores administrativos, técnicos e esportivos, contribuem com sincero esforço através de entusiástico espírito de luta para a grandeza do clube.

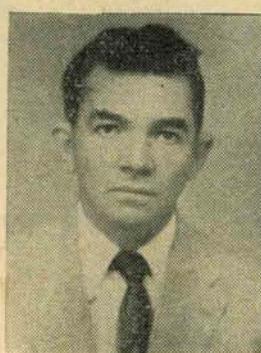
A grande vitória cruzeirense de 1959 resultou dessa harmonia total, constituindo-se num feito tão expressivo que, numa reportagem ligeira, como homenagem ao campeão do ano, não poderíamos deixar de evocar a gloriosa história dêsse grêmio cujas atuações vêm empolgando, desde o longínquo 1921, os aficionados do futebol em Minas. O Cruzeiro Esporte Clube é a esplêndida continuação da Societá

Sportiva Palestra Itália que, sob o patrocínio da colônia italiana de Belo Horizonte, surgiu em janeiro de 1921, para honra e glória dos esportes nacionais. Teve, depois, o clube recém-fundado, outras denominações: Sociedade Esportiva Palestra Itália, Sociedade Esportiva Palestra Mineiro e, por fim, Ipiranga. Foi por ocasião da grande guerra mundial em 1941, que surgiu a substituição da palavra **Itália** por **Mineiro**, modificada, novamente, no ano seguinte, por força de decreto-lei para Ipiranga, nome que não resistiu uma semana, vindo a ser substituído pelo belo nome que hoje tem.

Durante os trinta e nove anos de sua existência, marcada por várias vitórias inesquecíveis, que ficaram memoráveis na crônica futebolística de Minas Gerais, a **raposa** do Barro Preto conseguiu, com a camisa palestrina, o tri-campeonato (28-29-30) o campeonato de 40 e, já no regime do profissionalismo, ostentando a camisa cruzeirense, alcançou novo tri-campeonato (43-44-45) que consolidou o prestígio da querida agremiação. Na sua existência, teve o clube do Barro Preto vinte e dois



A. Harry Leite, vice-presidente social do campeão.



Antonino Braz Lopes Pontes, o presidente do Cruzeiro Esporte Clube.



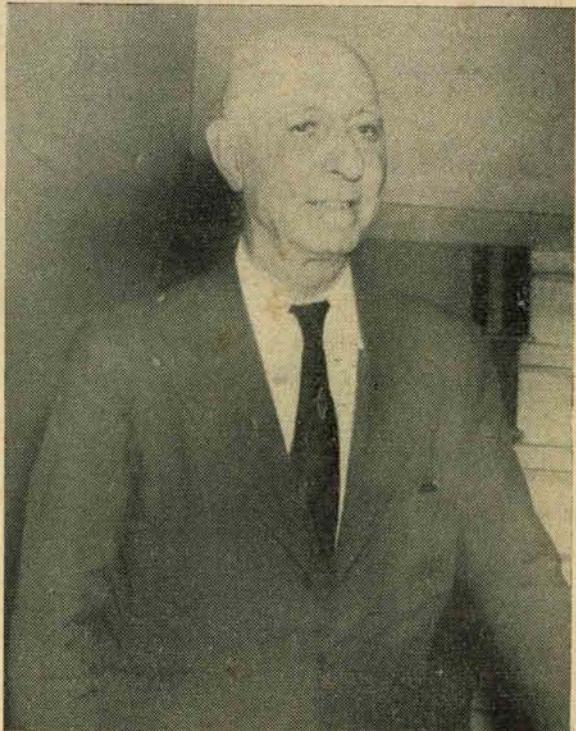
Nicola Costa, presidente da Sede Campestre em construção na Pamplona.



Eis o grande campeão de 1959 — Cruzeiro Esporte Clube — com seus heróis : Genivaldo, Massinha e Procópio, Nilsinho, Amauri e Clever; Emerson, Abelardo, Dirceu, Nelsinho e Raimundinho.

Reportagem de
OSCAR DE OLIVEIRA

Aurélio Noce fundador do Cruzeiro Esporte Clube (Palestra Itália) e seu primeiro presidente.



**TYRESOLES
DE MINAS GERAIS S. A.**
SÍMBOLO DE TRADIÇÃO E GARANTIA
NO COMÉRCIO DE PNEUS
Rua Carijós, 836 - 840
FILIAL : Avenida Amazonas, 1953
BELO HORIZONTE

PASTIFÍCIO VILMA

Domingos Costa Indústrias Alimentícias, S. A.
Escritório e Depósito : RUA CARIJÓS, 871
Telefone 2-5971
Fábrica : CIDADE INDUSTRIAL
End. Teleg. PASTIVILMA
BELO HORIZONTE

Distribuidora de Vidros
NACIONAL LTDA.

DIVINAL

Espelhos e Cristais — Molduras e Quadros
Avenida Olegário Maciel, 417-429
BELO HORIZONTE

Miguel Morici

AUREA

JOIAS — RELÓGIOS

RUA CAETÉS, 578 — BELO HORIZONTE

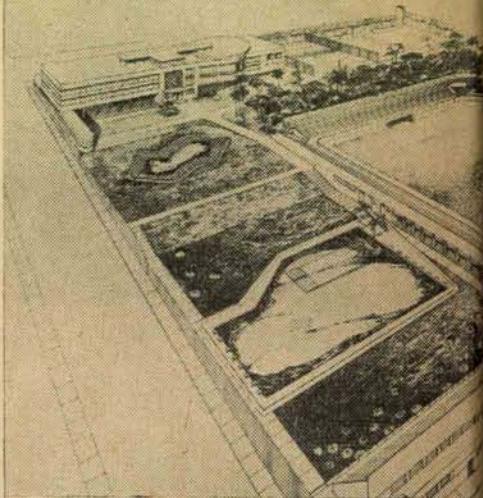
QUEM GOSTA DO QUE É BOM, EXIGE SEMPRE

MASSAS ORION

**MASSAS ALIMENTÍCIAS
ORION**

Rua Bonfim, 280 — Belo Horizonte

Sede Campestre do Cruzeiro Esporte Clube



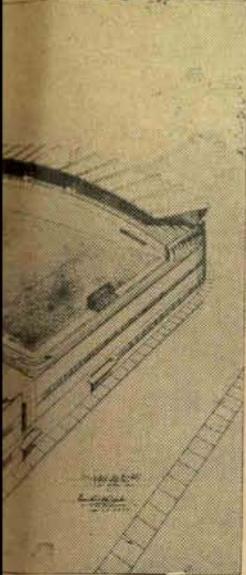
CRUZEIRO, CAMPEÃO

presidentes, que foram os seguintes: Aurélio Noce, Alberto Noce, Braz Pellegrini, Antônio Falci, Américo Gasparini, Lídio Lunardi, José Viana de Sousa, Miguel Perrella, Romeu De Paoli, Osvaldo Pinto Coelho, Enes Ciro Poni, Mário Grosso, Antônio da Cunha Lobo, Divino Ramos, Manuel França Campos, Fernando Tamietti, Antônio Alves Limões, José Greco, Wellington Armanelli, Eduardo Bambirra, Manuel Carvalho e Antônio Braz Lopes Pontes.

Na memorável campanha de 1959, três nomes se destacam, sem dúvida, dentro do grande e louvável esforço da totalidade dos cruzeirenses: Antonino Pontes, o presidente, Carmine Furletti, vice-presidente dos assuntos profissionais, e Felicio Brandi, diretor de futebol. E, pode-se afirmar, os esforços desses três elementos, que a imprensa já cognomina de **Três Mosqueteiros**, obtiveram, no setor esportivo, absoluta ressonância em Leonisio Fantoni, o popular **Niginho**, que conduziu o **team** à vitória. Outros desportistas merecem, também, citação, pela dedicação com que agiram sempre: Hélio Volpini, Joaquim Gramiscelli, Fábio Miranda, Celso Lovalho, Geraldo Faria e tantos outros cuja enumeração seria longa. Na administração do clube, devem ser citados os desportistas José Francisco Lemos Filho, Eduardo Bambirra, Nicola Costa, Harry Leite, Isac

DIRETORIA

Presidente — Antonino Braz Lopes Pontes
Vice-Presidente — José Francisco Lemos Filho
Vice-Presidente de Futebol — Carmine Furletti
Vice-Presidente Social — Antônio Harry Leite
Vice-Presidente dos Especializados — Italo Becatini
Diretor de Futebol Profissional — Felicio Brandi
Diretor do Dep. Futebol Amador — Edson Crepaldi
Diretor do Dep. de Finanças — Claro Flóres Pinto
Diretor de Patrimônio — Nicola Costa
Diretor do Dep. Médico — Dr. José Greco



O magnífico projeto do arquiteto Vicente Búfalo para a Sede Campestre do Cruzeiro, na Pampulha, considerado, no gênero, jóia da arquitetura moderna. Salões de jogos, danças, leitura, quadras, piscinas e campo de futebol constituirão o grande empreendimento que está empolgando os cruzeirenses. O novo estádio terá capacidade para 20 mil espectadores.

Federman, Miguel Morici, Geraldo Heleno, Adil de Oliveira, Américo Búfalo, José Azevedo e muitos outros que, por dedicação ao clube das cinco estrelas, fizeram da sede do Barro Preto, um segundo lar.

A vitória que atualmente os cruzeirenses festejam, propiciou, neste início de ano, excelente clima para o prosseguimento da grande realização do Cruzeiro Esporte Clube: a Sede Campestre. Por desejo do saudoso homem público, René Giannetti, sua família doou ao Cruzeiro Esporte Clube uma área de quatro mil metros quadrados, no Jardim Santa Branca, na Pampulha. Nicola Costa, expressivo nome cruzeirense, idealizou o plano e as obras já estão em pleno funcionamento, sob sua direção, sendo seus colaboradores vários paredros que constituem a diretoria da Sede Campestre: Nicola Costa, presidente; Adil Expedito de Oliveira, vice; Sebastião Morégula Campos, diretor de publicidade; Nicola Galicchio e Geraldo Moreira dos Santos, tesoureiros; e César Lovalho, secretário. Teremos, portanto, muito breve, na Pampulha, magnífico estádio de futebol, piscina olímpica, piscina para crianças, quadras de basquete, vôlei e tênis.

Essa realização será o grande campeonato que o glorioso Cruzeiro Esporte Clube vencerá muito breve.

CAMPEÃ

Diretor do Dep. Jurídico — Luiz Carlos Rodrigues

Diretor do Dep. Administrativo — Natalino Trigineli

Diretores de Natação — Wellington Armanelli e Miguel Lovalho

Tesoureiro — Américo Búfalo

Secretário — Caetano de Oliveira Piló

Diretores da sede social: Durval Serafim, Isaac Federman, Rui Grossi, Gelson Aureliano Netgker, Sebastião Tostes e Nicola Galicchio (tesoureiro).

PADARIA BOSCHI

A PREFERIDA PELAS FAMILIAS
MINEIRAS

Confeitaria e Sorveteria

Tradição e honestidade

Rua Rio de Janeiro, 667 — Belo Horizonte

Acessórios para automóveis

A. PONTES & CIA. LTDA.

Peças Ford legítimas

Avenida Olegário Maciel, 355

BELO HORIZONTE

LUIZ DE MARCO

JÓIAS, RELOGIOS, ÓPTICA E
CONSERTOS

Av. Afonso Pena, 545 — Fone 2-5617
Belo Horizonte

CAMA «FAIXA AZUL»

Indústrias «Cama Patente - L. Liscio» S/A
Belo Horizonte

Rua Espírito Santo, 310 — Telefone 2-3668

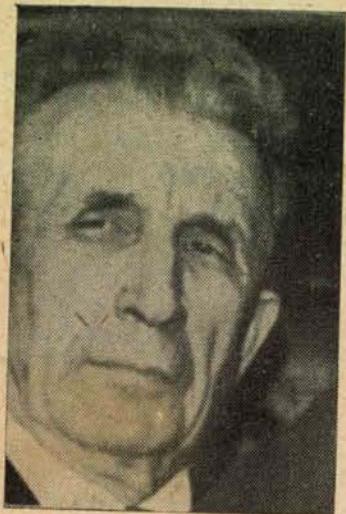
Matriz: São Paulo — Rua Rodolfo Miranda, 97

Antônio H. Leite

LOJA DAS CANETAS

CANETAS — TINTAS — CONSERTOS
GRAVAÇÕES

Rua Rio de Janeiro, 385 — Belo Horizonte



Prof. Sá Lessa, presidente da CVRD.

sendo construída pela Companhia Vale do Rio Doce, para a ligação Itabira-Belo Horizonte, através da BR - 31 (Belo Horizonte-Vitória).

Já com todos os serviços de terraplenagem e obras de arte concluídos entrou a estrada, agora, na fase de asfaltamento, devendo estar muito breve totalmente concluída.

A realização dessa obra admirável abre novos e mais amplos horizontes à economia de todo o Vale do Rio Doce. E, com ela, ficará apenas a pouco mais de uma hora de Belo Horizonte, fato que constitui, por si só, considerável benefício para o município.

O inicio dos trabalhos de asfaltamento — louvável iniciativa da Companhia Vale do Rio Doce — revestiu-se do brilhantismo de uma solenidade em que o Prof. Francisco Sá Lessa recebeu o go-

firma encarregada das obras de pavimentação, outras altas autoridades, figuras de relevo em todos os círculos sociais e políticos do município e grande massa popular.

O governador Bias Fortes, acompanhado pelo Engº Francisco Sá Lessa, e todas as autoridades presentes, deu inicio simbólica às obras de pavimentação asfáltica da rodovia, assistindo, em seguida, às diversas fases dos trabalhos das máquinas e dos operários presentes.

A recepção, na cidade de Itabira, foi expressiva: o governador Bias Fortes e o Prof. Sá Lessa foram alvos de calorosas manifestações de apreço e simpatia por parte da população itabirana. Dirigiram-se diretamente ao Pico do Cauê, onde o Engº Daltro Barbosa Leite, superintendente do Departamento de Obras da CVRD,

Asfaltamento da MG - 3

RODOVIA DE GRANDE EXPRESSÃO ECONÔMICA

NUMA solenidade presidida pelo governador Bias Fortes, foram iniciados, em março último, os trabalhos de asfaltamento da rodovia MG - 3, projetada pelo Departamento de Estradas de Rodagem, por determinação do chefe do executivo mineiro. Trata-se de moderna e importante via de comunicações, que beneficiará extensa zona do território mineiro e, por isso mesmo, de alto sentido econômico que está

vernador Bias Fortes. A comitiva do governador do Estado constituía-se dos Srs. Tancredo Neves, secretário das Finanças, Cel. Adolfo Drubsky, chefe da Casa Militar, João Araújo Ferraz, Eugênio Klein Dutra e Francisco Henriques, do gabinete governamental. A comissão de recepção estava constituída de toda a diretoria da Companhia Vale do Rio Doce, tendo à frente o seu presidente, Prof. Sá Lessa, altos funcionários da empresa; Sr. Daniel Grisolia, prefeito de Itabira, e demais representantes do mundo oficial itabirano; Engº Felipe Moreira Caldas, chefe do 6.º Distrito Rodoviário Federal do DNER; Engº Vicente Assunção, presidente da Sociedade Mineira de Engenheiros; Engºs Hélio Salun e Gerardo Guerra, representante do DER; suplente de deputado, Sr. Cláudio Pinheiro de Lima; Sr. Eloy Ramos Ferreira, representante do Conselho Rodoviário; Ajax Rabelo, presidente da Tratex,

fêz uma exposição sobre os trabalhos ali desenvolvidos. Assistiram os ilustres visitantes, acompanhados de suas comitivas e figuras da sociedade local, ao desmonte de 160 mil toneladas de minério, através da compressão de doze mil quilos de explosivos.

Num feliz improviso, o Sr. Daniel Grisolia, prefeito de Itabira, exaltou o significado do trabalho da Cia. Vale do Rio Doce em benefício da região e agradeceu, em nome do município, o apoio incondicional dos Srs. Bias Fortes e Prof. Sá Lessa às causas e causas de Itabira. Discursou, a seguir, o Sr. Cláudio Pinheiro Lima, que discorreu sobre a obra monumental do Vale do Rio Doce, e enalteceu as figuras dos seus dirigentes — Israel Pinheiro, Dermerval Pimenta, Juraci Magalhães e, agora, Prof. Francisco de Sá Lessa.

Discursando, o governador Bias Fortes começou por agradecer a carinhosa recepção que lhe fôr-



Dr. Joubert Guerra, diretor comercial da CVRD.

Aspecto dos trabalhos finais para o asfaltamento da MG-3.

tributada pelas autoridades e povo e, em particular, pelos dirigentes da Companhia do Vale do Rio Doce. Passou a analisar a monumental realização da emprêsa, exaltando a figura desse eminent mineiro, figura singular de homem público, que está à frente de seus destinos. Pôs em destaque o notável trabalho do Prof. Sá Lessa nos vários e altos cargos por ele ocupados, acentuando que, nesses quatro anos de sua administração, como governador do Estado, sempre contou com o esforço e a dedicação do atual presidente da Companhia Vale do Rio Doce, para levar avante empreendimentos naquela região. Focalizando a obra da emprêsa naquele zona, disse o gov. Bias Fortes que o Prof. Sá Lessa, valorizando ainda mais a expansão das atividades da Cia, vem dando um novo e alto sentido ao programa de amparo aos trabalhadores, propiciando-lhes completa assistência, ensino e os elementos necessários a um bem estar digno, para que ajudem a Pátria a crescer mais. Suas últimas palavras foram de congratulações com o povo de Itabira e com a Companhia Vale do Rio Doce, pelos melhoramentos iniciados.

Após rápida visita às instalações da Companhia, a direção da emprêsa ofereceu ao governador Bias Fortes e comitiva, um almoço, na Fazenda da Conceição. Fazendo

o oferecimento, discursou o presidente Prof. Francisco Sá Lessa, que fez ampla exposição sobre as atividades da Companhia Vale do Rio Doce, e focalizou suas iniciativas em favor do desenvolvimento econômico da zona do Rio Doce. Discorreu sobre os estudos destinados à implantação de uma indústria de redução direta do minério de Itabira (fabricação de ferro esponja) que dispensará a importação de carvões especiais coqueificáveis, enumerando os benefícios que advirão dessa iniciativa. Para sua efetivação, a Companhia resolveu fundar uma emprêsa nacional, sob a forma de sociedade anônima, congregando a Vale do Rio Doce e os grupos particulares interessados no progresso de Minas Gerais e, especialmente, de Itabira. A emprêsa subsidiária idealizada, denominar-se-á Companhia Siderúrgica Vatu. Terá por objetivo imediato a redução direta do minério de ferro e a fabricação de carbureto de silício, e, logo depois, a transformação do ferro esponja em aços especiais, forjando ou laminando esses aços, para atender às condições de demanda que venham justificar a expansão do empreendimento. «A iniciativa — salientou o orador — de significação nacional, projetará o nome de Itabira, não mais como simples produtora de minério para exportação, mas como centro de uma indústria pioneira.»

Após outras considerações, de ordem técnica, passou o orador a afirmar que o Vale do Rio Doce caminha para a exportação de quantidades sempre crescentes, até atingir os vinte milhões de toneladas anuais. Discorreu sobre outras iniciativas da emprêsa, como o Serviço de Abastecimento e Tratamento de água, calçamento das ruas centrais de Itabira e construção do Matadouro Moderno, do Mercado Municipal e da Estação Rodoviária, estes últimos já na fase inicial de construção: Hospital Nossa Senhora das Dores, que tem recebido ajuda financeira da CVRD. Citou outras realizações da emprêsa, em vários setores, que tantos benefícios têm trazido à toda região do Rio Doce, para destacar o apoio do governador Bias Fortes a esses importantes empreendimentos. Referiu-se, com entusiasmo, à MG - 3, para encerrar a sua exposição com as seguintes palavras: «Pensei não exagerar dizendo consideradas, em conjunto, os marcos de uma nova e brilhante etapa de desenvolvimento, cujos sucessos constituirão farta recompensa para os dias de intensa labuta, assim como para as velhas aspirações, tantas vezes desenganadas, dos habitantes desta esplêndida região, que chegou a ser o berço da primeira indústria siderúrgica, arquitetada e instalada no Brasil pelo gênio do intendente Alves Câmara».





ESPORTISTAS

Tudo para esportes pelo Reembolso Postal — Compre pelos preços do balcão.

Pedam catálogos de preços de artigos para futebol, voleibol, basquetebol, natação, etc.

CASA

RANIERI
LTDA.

Rua Caetés, 317 —
B. Horizonte



OPERAÇÕES BANCÁRIAS
EM GERAL
INCLUSIVE CÂMBIO

Considerado em relação à tiragem e à classe de leitores, o anúncio em ALTEROSA é dos mais baratos da grande imprensa periódica brasileira.

PICADEIRO

Conclusão da pág. H

MANGA: SEM...

nos e pessedistas fizeram desencadear naquela cidade uma luta de morte, de que já demos circunstanciada notícia em edições anteriores, inclusive da transferência da sede da comarca local para a cidade de Januária, medida tomada pelo Juiz Dr. Carlos Porfírio dos Santos devido à falta de garantias à sua integridade física e ao exercício da magistratura.

Agora, chegou a vez do Prefeito, Sr. Antônio Lopo Montalvão, eleito sob a legenda do PR, que vem de transferir a sede da municipalidade de Manga para Montalvânia, para onde, ademais, se projeta transferir, também, a Câmara Municipal. Falando à imprensa de Belo Horizonte o prefeito Antônio Lopo Montalvão afirmou que assim procedeu "depois de esgotar todos os meios suasórios para convencer ao Governo do Estado de sua obrigação de colaborar com o Prefeito, que é o lídimo representante do município".

"Nem mesmo garantias pessoais consegui — acrescentou o Prefeito — ficando o Governo responsável pelo que ali acontecer em decorrência dessa incúria, que aliás traduz a conivência do Estado com as anormalidades que ocorrem em Manga".

O prefeito Lopo Montalvão anunciou ainda que já reuniu a documentação necessária para a ação de indenização que vai mover contra o governo do Sr. Bias Fortes, pelos prejuízos materiais que sofreu com a omissão do Estado na manutenção da ordem pública no seu município.

O nosso glorioso Estado tem, assim, a triste e lamentável singularidade de possuir uma sede de município sem Prefeitura e sem Câmara de Vereadores, e uma sede de comarca sem Juiz de Direito, tudo em consequência de processos políticos que de há muito deveriam ter sido banidos de nossas práticas democráticas, tendo em vista o nível de cultura e civilização que dizem, já possuímos. E o fundamento dessa anomalia reside exatamente na luta entre o PR e o PSD, cujas cúpulas teimam em se manter unidas com vistas exclusivamente aos interesses pessoais de seus dirigentes, esquecidos de que o bem-estar, a paz e a tranquilidade coletiva dos mineiros devem constituir a preocupação fundamental dos responsáveis pelo funcionamento efetivo do regime político que adotamos.

VARIZES

Tratamento sem operação e sem injeções

Após longos estudos foi descoberto um ótimo remédio para tratamento das varizes (nas pernas). Use na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia em água açucarada e fricione a pomada no local. As pernas readquirem seu estado normal e a beleza estética. USE DURANTE 3 MESES. Para hemorroidas (mamilos externos e internos) inclusive os que sangram use-se a pomada no local. Toma-se juntamente o líquido. Com este tratamento em pouco tempo poderão ser debelados tais males.

NAS FARMACIAS E DROGARIAS

HEMO-VIRTUS

POMADA E LIQUIDO

Limpeza da pele em casa

Agora em sua casa num minuto apenas, antes de deitar-se faça a mais completa limpeza de pele com CRAVOSAN! Penetrando profundamente nos poros, Cravosan dissolve as impurezas e manchas da pele; remove pó, gorduras, e elimina rugas, cravos, sardas e espinhas. Cravosan - limpa - suaviza e amacia.

CRAVOSAN

remove a maquilagem

Fórmula original do Instituto de beleza "Guillot" de Paris.

NAS FARMACIAS E PERFUMARIAS

para seu cinema...

POLTRONAS KASTRUP

- garantidas por toda a vida

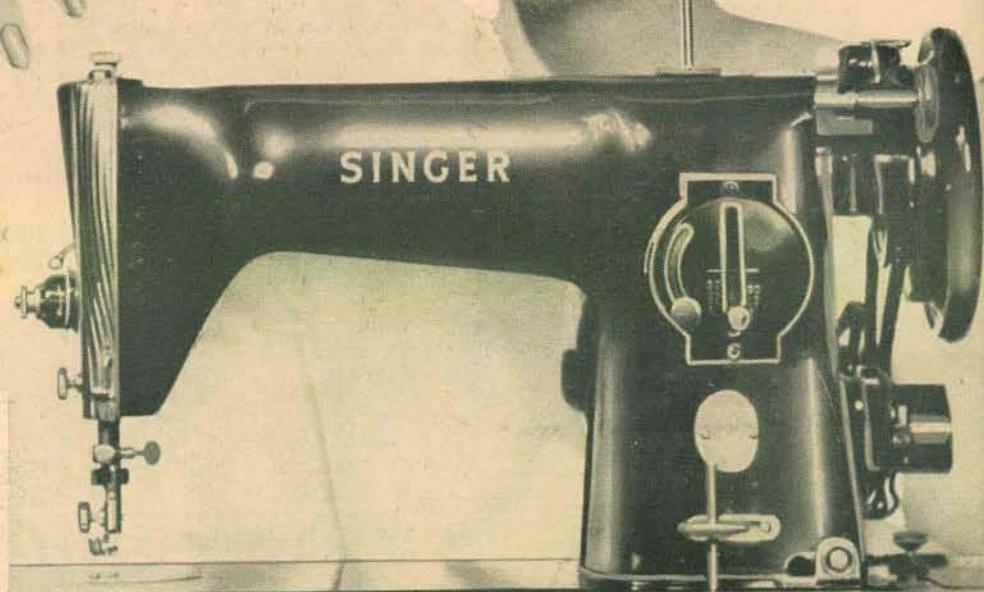
CIA. P. KASTRUP - COM. E IND.

Rua Espírito Santo, 225 - Belo Horizonte

No próximo pleito eleitoral o povo será chamado a decidir, pelo voto livre e consciente sobre os destinos da Pátria. Não deixe para a última hora o seu alistamento. Providencie, desde já, seu título e os de seus parentes e amigos ainda não alistados.

A Noiva

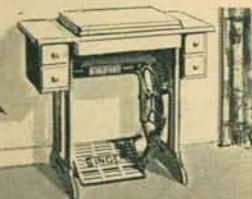
CÓM OS NOSSOS VOTOS
DE FELICIDADES



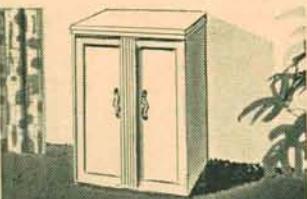
O nome garante o seu presente!

Uma tradição de mais de 100 anos e a preferência de 150 milhões de compradores - eis as principais razões que fazem de uma Singer o presente útil e de classe. Um presente que oferece mais ainda: assistência técnica para um funcionamento perfeito, continuamente.

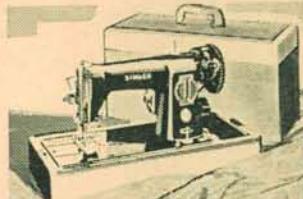
Há uma **SINGER** para cada gosto... para cada orçamento!



Meio Gabinete N.º 404 — A melhor máquina de pedal que existe. Cabeça 15 C 75, que costura para frente e para trás, instantaneamente.



Gabinete N.º 451 — Um móvel de dupla utilidade, uma linda peça que se harmoniza com sua mobília. Elétrica ou de pedal.



Portátil N.º 280 — Permite trabalho cômodo em qualquer lugar. Motor, farol e controle de pé. Maleta moderna e elegante.



...O NOME
GARANTE
O PRODUTO

-e
compramos
em cuaves
prestações!





**MAIS PERFUME...
MAIS ESPUMA...
MAIS BELEZA
PARA VOCÊ !**

Há uma nova beleza para você na espuma e no perfume do SABONETE GESSY. A delicada fragrância que fica em você após o banho com GESSY é uma combinação das mais finas essências - e a espuma, cremosa, torna sua pele aveludada... num verdadeiro tratamento de beleza! Experimente o perfumado, durável e econômico

SABONETE

Gessy

